



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

KETILIN KELI DA SILVA

**CULTURA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL E SUA
INSERÇÃO NA CULTURA ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO INOVADOR DA REDE
PÚBLICA DE LAGUNA – SC**

Tubarão

2016

KETILIN KELI DA SILVA

**CULTURA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL E SUA
INSERÇÃO NA CULTURA ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO INOVADOR DA REDE
PÚBLICA DE LAGUNA – SC**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem da Universidade
do Sul de Santa Catarina como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Ciências da Linguagem.

Orientador: Deisi Scunderlick Eloy de Farias

Tubarão

2016

Silva, Ketilin Keli da, 1988-
S59 Cultura, identidade e patrimônio material e imaterial e sua
inserção na cultura escolar do ensino médio inovador da rede
pública de Laguna - SC / Ketilin Keli da Silva ; -- 2016.
271 f. il. color. ; 30 cm

Orientadora : Deisi Scunderlick Eloy de Farias.
Dissertação (mestrado)–Universidade do Sul de Santa
Catarina, Tubarão, 2016.
Inclui bibliografias.

1. Patrimônio cultural. 2. Cultura. 3. Ensino médio –
Laguna (SC). I. Farias, Deisi Scunderlick Eloy de. II.
Universidade do Sul de Santa Catarina – Mestrado em Ciências
da Linguagem. III. Título.

CDD (21. ed.) 363.69

KETILIN KELI DA SILVA

**CULTURA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL E SUA
INSERÇÃO NA CULTURA ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO INOVADOR DA
REDE PÚBLICA DE LAGUNA - SC**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 24 de junho de 2016.



Professora e orientadora Deisi Scunderbeck Eloy de Farias, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Márcia Fernandes Rosa Neu, Doutora
Universidade Federal do Paraná



Professora Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, Marli da Cruz da Silva e Jaime da Silva, e à minha irmã, Fabiana da Cruz da Silva, pela educação e valores ensinados, os quais carrego comigo. Ao meu noivo, Pedro Rosa, que é, além de tudo, um amigo. Obrigada por me apoiar durante a vida acadêmica.

Aos colegas de Laboratório e amigos que fiz durante os cinco anos de trabalho, entre eles Alexandro, Geovan, Guilherme, Bruna, Patrícia e Luana, e a todos os outros que estiverem juntos nesta caminhada. Agradeço também a Renata, Camila e Jéssica pela amizade, pela força nos momentos de dúvida e pela descontração nos momentos difíceis.

À professora Marcia Neu, que junto com a professora Deisi, me permitiu fazer parte do projeto Obeduc e confiou no meu trabalho. Aos colegas do projeto, que comigo fizeram parte do resultado deste trabalho, os professores Marli Melillo e Mauri Marutti, das escolas, graduandos, mestres e doutores. Aos diretores e secretários das escolas Saul Ulysséa e Almirante Lamego, que me receberam muito bem.

Aos professores de Mestrado, Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Dra. Jussara Bittencourt de Sá, Dra. Maria Isabel Rodrigues Orofino, Dra. Andréia da Silva Daltoé, Dra. Ramayana Lira de Sousa, Dra. Alessandra Brandão e Dr. Maurício Eugênio Maliska, os quais foram muito importantes para me guiar nas leituras e na pesquisa, por serem inspirações para mim.

À professora e orientadora pela segunda vez, que também considero uma amiga e uma segunda mãe, Deisi Scunderlick Eloy de Farias. Não existem palavras que possam externar o quão grata sou a você por toda a sua ajuda nestes anos de trabalho e por não ter permitido que eu desistisse. Obrigada por tudo. És um ser humano iluminado!

“A minha escola ensina que embaixo dos medos
habitam os desejos.
Que fazer conta é tão importante
quanto fazer de conta.
A minha escola ensina que eu
sou o que sempre quis ser:
sonhadora profissional,
leitora de entrelinhas.
Ela me mostra a emergência do conhecimento,
porque ele é mais que urgente
quando emerge
de águas profundas.
A química dos poetas.
A física das poetisas.”

*Auro Danny Lescher
e Demis Menéndez Sánchez*

RESUMO

A escola é uma instituição de ensino que se dedica a dar subsídios aos alunos na construção de conhecimento durante sua formação escolar e cidadã. Ela interage com os elementos essenciais, que compõem determinada cultura e estão inseridos em todas as relações humanas, como, por exemplo, linguagem, relações sociais e religiosidade. Essa pesquisa versa exatamente sobre essa relação entre escola e cultura local, que culmina com a formação de uma cultura escolar única e diversa. Teve como foco a análise da cultura escolar de duas escolas no município de Laguna, no Estado de Santa Catarina, a fim de compreender de que maneira a cultura escolar contribui para a formação cidadã. Para isso foi necessário avaliar os elementos culturais dessa cidade, cuja importância histórica possibilitou o levantamento de diversos elementos tanto do patrimônio material quanto imaterial. A pesquisa fez parte de um projeto maior, concretizado no Observatório da Educação (OBEDUC). Nessa dissertação são apresentados os resultados das pesquisas realizadas em duas delas, as Escolas Saul Ulysséa e Almirante Lamego, as quais adotaram desde 2011 o ProEmi. A metodologia utilizada envolveu saídas de campo a fim de avaliar o patrimônio do município, contato direto com as escolas investigadas onde foram avaliados os documentos pedagógicos e como eles inseriam os elementos da cultura local na sua prática pedagógica. Os resultados obtidos indicaram que cultura, identidade e patrimônio material e imaterial estão inseridos na cultura escolar das escolas de Ensino Médio Inovador pesquisadas conforme os planos curriculares e os projetos interdisciplinares analisados.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Laguna. Cultura escolar.

ABSTRACT

The school is an educational institution which provides grants to students in the construction of their knowledge during their school and civic education. It interacts with the essential elements that make up a particular culture and are embedded in all human relationships, for example, language, social relations and religion. This research deals exactly with this relation between the school and local culture, culminating in the formation of a unique and diverse school culture. We focused on the analysis of school culture of two schools in Laguna city, in Santa Catarina state in order to understand how the school culture contributes to civic education. For that, it was necessary to evaluate the cultural elements of the city, whose historical importance made possible the rise of various elements of both the material and immaterial heritage. The research was part of a larger project, implemented in the Centre of Education (OBEDUC). This dissertation presents the results of a research conducted in two schools: Saul Ulysea and Almirante Lamego, which adopted ProEmi since 2011. The methodology involved field trips in order to evaluate the heritage of these cities, establishing a direct contact with the schools investigated in which were evaluated the pedagogical documents and how they inserted the elements of the local culture in their pedagogical practice. The results indicated that culture, identity and material and immaterial heritage are embedded in school culture of Innovative High Schools, which were surveyed as the curricula and the interdisciplinary projects analyzed.

Keywords: Culture Heritage. Laguna. School culture.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Registro de tombamento	32
Quadro 2 – Elementos que devem constar no PPP de uma escola	60
Quadro 3 – Estrutura física da Escola Saul Ulysséa	64
Quadro 4 – Evolução das matrículas de 2008 a 2011 da Escola Saul Ulysséa	66
Quadro 5 – Dados de aprovação, reprovação, dependência e evasão dos alunos da Escola Saul Ulysséa dos anos 2007 a 2010.....	67
Quadro 6 – Grade curricular do ensino médio da Escola Saul Ulysséa – 2011	67
Quadro 7 – Currículo das turmas do ensino médio regular da Escola Saul Ulysséa – 2011 ...	68
Quadro 8 – Calendário escolar – Escola Saul Ulysséa 2011.....	69
Quadro 9 – Evolução das matrículas de 2011 a 2014 da Escola Saul Ulysséa	73
Quadro 10 – Dados de aprovação, reprovação e evasão dos alunos da Escola Saul Ulysséa dos anos 2011 a 2013	73
Quadro 11 – Calendário escolar – Escola Saul Ulysséa 2011.....	74
Quadro 12 – Estrutura física da Escola Almirante Lamego	77
Quadro 13 – Distribuição das turmas – Escola de Ensino Médio Almirante Lamego	79
Quadro 14 – Grade curricular do ensino médio regular.....	80
Quadro 15 – Calendário escolar – Escola Almirante Lamego 2011.....	82
Quadro 16 – Estrutura física da Escola Almirante Lamego – 2013	83
Quadro 17 – Distribuição de alunos no ensino médio regular e ensino médio inovador em 2010 e 2013	86
Quadro 18 – Matriz curricular dos ensino médio regular e ensino médio inovador da Escola Almirante Lamego.	88
Quadro 19 – Calendário escolar – Escola Almirante Lamego, 2013.....	90
Quadro 20 – Análise do Planejamento Língua Portuguesa e Literatura	92
Quadro 21 – Análise do Planejamento História	92
Quadro 22 – Análise do Planejamento Arte, Música e Artesanato	93
Quadro 23 – Análise do Planejamento Biologia	93
Quadro 24 – Análise do Planejamento Sociologia	94
Quadro 25 – Análise do Planejamento Língua Portuguesa e Literatura	98
Quadro 26 – Análise do Planejamento de Artes.....	98
Quadro 27 – Análise do Planejamento de Educação Física	99
Quadro 28 – Projetos desenvolvidos pelas disciplinas de Matemática, Biologia e Química.	100

Quadro 29 – Sítios arqueológicos em Laguna.....	151
---	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caminho de tropas	44
Figura 2 – Freguesias surgidas a partir de 1749	47
Figura 3 – Vista parcial de Laguna, com destaque para edificações construídas na década de 1890.....	50
Figura 4 – Escola de Educação Básica Saul Ulysséa.....	56
Figura 5 – Escola de Ensino Médio Almirante Lamego	57
Figura 6 – Área externa da Escola Almirante Lamego	58
Figura 7 – Biblioteca da Escola Almirante Lamego	59
Figura 8 – Laboratório de Química e Biologia da Escola Almirante Lamego	59
Figura 9 – Esquema do Ciclo da Pesquisa	106
Figura 10 – Fluxograma apresentando as etapas da produção do Inventário.....	111
Figura 11 – Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes em sua matriz.....	113
Figura 12 – Festa de Santo Antônio.....	115
Figura 13 – Festa do Divino Espírito Santo	117
Figura 14 – Solenidade de abertura do Carnaval 2016, com a escola do Rei Momo e musas.	120
Figura 15 – Boi de Mamão.....	123
Figura 16 – Antigo engenho da comunidade quilombola.	124
Figura 17 – Mestre Alcides Bosa.....	126
Figura 18 – Mestre Fábio da Silva.....	127
Figura 19 – Mestre Alberto Loristan da Silva	128
Figura 20 – Galpão de carpintaria naval do Sr. Salvador. Bote em madeira em fase de construção.....	129
Figura 21 – Grupo de artesãos da Casa das Artes	131
Figura 22 – Pesca com o auxílio de botos.....	133
Figura 23 – Butiazeiro na paisagem de Laguna	134
Figura 24 – Centro Histórico de Laguna.....	136
Figura 25 – Antiga Casa de Câmara e Cadeia	138
Figura 26 – Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos.....	139
Figura 27 – Casa Pinto D’Ulysséa.....	140
Figura 28 – Casa de Anita	141
Figura 29 – Teatro Cine Mussi	142

Figura 30 – Ponte Anita Garibaldi.....	144
Figura 31 – Praça República Juliana.....	145
Figura 32 – Praça Vidal Ramos	146
Figura 33 – Largo da Carioca.....	147
Figura 34 – Praça Dr. Paulo Carneiro (círculo vermelho)	148
Figura 35 – Molhes da Barra	149
Figura 36 – Farol de Santa Marta	150
Figura 37 – Sambaquis de Laguna.....	153
Figura 38 – Fluxograma das celebrações e suas fontes de pesquisa.....	154
Figura 39 – Fluxograma das formas de expressão e suas fontes de pesquisa	155
Figura 40 – Fluxograma dos ofícios e modos de fazer e suas fontes de pesquisa	156
Figura 41 – Fluxograma das edificações e suas fontes de pesquisa	157
Figura 42 – Fluxograma dos lugares de expressão e suas fontes de pesquisa.....	158

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	15
1.1.1 Objetivo Geral.....	15
1.1.2 Objetivos Específicos	15
2 REVISÃO TEÓRICA	16
2.1 CULTURA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO	16
2.2 CULTURA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS	35
3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE LAGUNA.....	40
3.1 A COLONIZAÇÃO AÇORIANA	44
3.2 CIDADE JULIANA DA LAGUNA.....	47
4 O ENSINO MÉDIO INOVADOR EM LAGUNA	52
4.1 PROEMI.....	52
4.2 AS ESCOLAS PESQUISADAS – HISTÓRIA E FORMAÇÃO	56
4.2.1 Histórico da Escola Saul Ulysséa	56
4.2.2 Histórico da Escola Almirante Lamego.....	57
4.3 ANÁLISE DOS PROJETOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS	60
4.3.1 O PPP da Escola de Educação Básica Saul Ulysséa Antes do EMI – Ano de 2011 62	
4.3.2 O PPP da Escola de Educação Básica Saul Ulysséa Após a Implantação do EMI – Ano de 2014.....	70
4.3.3 O PPP da Escola de Ensino Médio Almirante Lamego Antes do EMI – Ano de 2011 75	
4.3.4 O PPP da Escola de Ensino Médio Almirante Lamego Após a Implantação do EMI – Ano 2013	82
4.4 ANÁLISE DO PLANEJAMENTO CURRICULAR ANUAL.....	90
4.4.1 Análise dos Planejamentos Curriculares Anuais e Projetos Interdisciplinares – Saul Ulysséa.....	91
4.4.2 Análise dos Planejamentos Curriculares Anuais e Projetos Interdisciplinares – Escola Almirante Lamego.....	97
4.5 DISCUSSÃO DOS DADOS	101
5 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	104

5.1	A PESQUISA QUALI-QUANTITATIVA.....	104
5.2	A METODOLOGIA DE PRODUÇÃO DE INVENTÁRIO CULTURAL	106
5.3	LEVANTAMENTO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE LAGUNA.....	111
5.3.1	As Celebrações	112
5.3.2	Formas de Expressão	121
5.3.3	Ofícios e Modo de Fazer	124
5.3.4	Edificações.....	135
5.3.5	Lugares.....	144
5.3.6	Cruzamento e Discussão dos Dados	153
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
	REFERÊNCIAS.....	163
	APÊNDICES	170
	APÊNDICE A - Modelos de Fichas de Inventário de Bem Cultural do Patrimônio	
	Material e Imaterial	171
	APÊNDICE B - Fichas de Inventário de Bem Cultural - Celebrações	178
	APÊNDICE C - Fichas de Inventário de Bem Cultural – Formas de Expressão	198
	APÊNDICE D - Fichas de Inventário de Bem Cultural – Ofícios e Modos De Fazer ...	206
	APÊNDICE E - Fichas de Inventário de Bem Cultural – Edificações	223
	APÊNDICE F - Fichas de Inventário de Bem Cultural - Lugares	244
	ANEXOS	266
	ANEXO A - Currículo Lattes	267

1 INTRODUÇÃO

O conceito de Cultura possui uma ampla gama de definições, que vem sendo discutida desde que o homem sentiu a necessidade de entender suas relações em sociedade. Segundo Bauman (2012, p. 12), “na segunda metade do século XVIII, a ideia de cultura foi cunhada para distinguir as realizações humanas dos fatos ‘duros’ da natureza. ‘Cultura’ significava aquilo que os seres humanos podiam fazer; ‘natureza’, aquilo que deveriam obedecer”.

A cultura é uma característica humana, intrínseca à espécie, e os elementos culturais estão presentes na linguagem, nas relações sociais e políticas, nas escolhas dos locais para moradia, na religiosidade, na forma de ver e transformar o mundo, ou seja, em todas as relações que o homem traça entre seus pares e com o ambiente que o circunda. Bauman (2012, p. 43), explica que “a sociedade e a cultura, assim como a linguagem, mantêm sua distinção – sua ‘identidade’ –, mas ela nunca é a ‘mesma’ por muito tempo, ela permanece pela mudança”. Essa mudança ocorre conforme o sujeito se depara com elementos culturais diferentes ao longo da vida.

Do mesmo modo, o patrimônio é um elemento cultural que apresenta e representa determinada cultura, uma vez que é o conjunto de bens materiais e/ou imateriais que contam a história de um povo e sua relação com o ambiente em que habitam. Ainda podemos dizer que patrimônio é o legado que herdamos do passado e que transmitimos às gerações futuras.

O artigo 216 da Constituição Federal (1988) define com clareza quais os elementos do patrimônio cultural brasileiro:¹

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

¹ JUSBRASIL. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 23 mar. 2016.

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O conceito de patrimônio segundo a Constituição brasileira é bastante amplo e completo. Engloba bens materiais e imateriais que estão presentes nas mais variadas culturas existentes no território brasileiro.

No entanto, na prática essa definição se confunde com o conceito de herança, já que a palavra “patrimônio” está historicamente ligada à herança, a um bem material transferido de pai para filho, herdado, e talvez por essa razão, quando nos é questionado sobre o que consideramos o patrimônio da cidade, bairro ou país, a primeira imagem que venha a mente de muitos seja de uma edificação histórica, de uma praça ou até de uma paisagem natural. Muito raramente serão apontados elementos imateriais, poucos lembrarão do modo de fazer uma comida típica ou de uma festa tradicional da localidade, e isso se deve à forma como o patrimônio nos é apresentado desde a tenra idade, nas instituições de ensino.

O patrimônio necessita de preservação para manter-se vivo, seja fisicamente, no caso de um bem material, seja na memória, no caso de um bem imaterial. Assim sendo, quando se avaliam os elementos do patrimônio cultural material e imaterial, em suas várias faces, averiguamos que eles só são preservados quando difundidos de forma sistemática no âmbito da escola. Diante disso, indagamos: qual tipo de patrimônio é apresentado nas escolas?

A escola, como instituição de ensino, apresenta ao aluno informações que lhe permitem construir conhecimento ao longo de sua formação. Tais informações são apresentadas principalmente por meio do livro didático e dos planejamentos anuais dos professores. No entanto, se o livro didático e os planos anuais curriculares são de grande importância para o fornecimento de subsídios aos alunos, quem escolhe as informações que estão ali apresentadas? E, ainda, os conteúdos postos nos planejamentos anuais das disciplinas dão conta das particularidades culturais das diversas regiões do Brasil? Há preocupação em se difundir o conceito estabelecido pela Constituição de 1988? O que e quem escolhe o que vem sendo apresentado como patrimônio nas escolas?

A instituição de ensino possui uma série de regras, métodos de ensino e uma rotina de horários e calendários rígida, que está inserida no ambiente escolar, produzindo uma cultura escolar, onde se incluem não somente os alunos, mas também seus familiares, os professores, gestores e funcionários (CARVALHO, 2006; SILVA, 2006; BARROSO, 2004; JULIA, 2001).

A Escola possui graus e etapas de construção do conhecimento, que vão da Educação Infantil ao Ensino Médio. A última fase, é determinante para antever os rumos da vida de cada adolescente, e dois caminhos normalmente são escolhidos: abandonar ou seguir adiante e continuar os estudos, preparando-se para o vestibular e adentrar numa faculdade; ou optar por um curso técnico; ou até interromper os estudos e entrar diretamente no mercado de trabalho, ainda na adolescência.

Mostram dados obtidos pelo Ministério da Educação (MEC) que uma grande parcela opta pelo mercado de trabalho para contribuir com a renda familiar: “entre os 20% mais pobres, somente 32% dos jovens estão no Ensino Médio, enquanto entre os 20% mais ricos, são 77%” (BRASIL, 2009). A conclusão do ensino médio e o ingresso no Ensino Superior possibilitam aos jovens melhores condições de trabalho, melhores remunerações e, conseqüentemente, melhor padrão de vida. Entretanto, percebemos que há um grande número de jovens que se evade nessa fase escolar.

Outro dado preocupante, que vem tendo destaque nacional é o do crescimento da chamada “Geração Nem Nem”,² formada por jovens que nem estudam nem trabalham. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) baseados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2012, os jovens em idade escolar, de 15 a 29 anos, que não estudam e não trabalham somaram 19,6%, aproximadamente 9,6 milhões, e os que somente trabalham, 45,2%.³

Esses dados nos permitem sugerir que o número de jovens desinteressados pelos estudos vem crescendo a cada ano, juntamente com os que param de estudar e escolhem somente ingressar no mercado de trabalho. Então nos questionamos: o que leva a todo esse desinteresse nos estudos? O que o atual sistema educacional tem a ver com esse número que só vem crescendo?

Diante desses dados preocupantes, o Programa Ensino Médio Inovador foi lançado pelo governo para atender a uma nova demanda da educação brasileira que não estava sendo acolhida pelo ensino médio regular. O ProEmi, como é chamado, prevê mudanças no Projeto Político-Pedagógico e no currículo das escolas contempladas com o programa. Estas mudanças vão desde a carga horária do aluno efetivamente na escola e a inserção de atividades “culturais” na grade curricular até a estrutura física.

² JUSBRASIL. Geração Nem Nem. Disponível em: <http://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/113727367/geracao-nem-nem-uma-bomba-relogio>. Acesso em: 15 ago. 2015.

³ IBGE. Dados da pesquisa do PNAD. Disponível em: http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/sintese_defaultpdf.shtm. Acesso em: 15 ago. 2015.

Sendo assim, esta dissertação pauta sua pesquisa dentro de um projeto maior, o Observatório da Educação (OBEDUC),⁴ o qual se trata de um programa do governo que destina recursos da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes) para pesquisas no âmbito da educação. No OBEDUC, em 2012, foi aprovado o projeto “As práticas cotidianas do Ensino Médio Inovador na rede pública estadual da Microrregião de Tubarão/SC: A cultura escolar e a formação cidadã”, enviado por um grupo de pesquisadores da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), sob a coordenação da Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias.

Esse projeto desenvolvido na Unisul teve como objetivo maior investigar a cultura escolar e sua contribuição para a formação cidadã, discutindo as práticas cotidianas utilizadas do Ensino Médio Inovador, implantado em escolas da macrorregião de Tubarão. Participaram do projeto docentes e discentes dos diversos níveis de ensino, doutorandos, mestrandos, graduandos da UNISUL. Além disso, houve a participação de professores das seis escolas investigadas: Escola de Educação Básica Engenheiro Annes Gualberto, localizada no município de Imaruí; E. E. B. João XXIII e E. E. B. Dite Freitas, localizadas no município de Tubarão; E. E. B. Antônio Knabben, localizada no município de Gravatal; e E. E. B. Almirante Lamego e E. E. B. Saul Ulysséa, localizadas no município de Laguna. Estas duas últimas são o objeto de pesquisa desta dissertação.

Do mesmo modo, esta dissertação inseriu-se na linha de pesquisa “linguagem e cultura”, trazendo por meio dela, os autores e corrente teórica que a embasam, permitindo sustentar e encorpar os estudos das manifestações culturais, das linguagens verbais e também não verbais existentes no município de Laguna, SC.

A contribuição dessa pesquisa para o projeto OBEDUC acarretou o estudo e avaliação do Projeto Político-Pedagógico e dos planos anuais curriculares das duas escolas localizadas em Laguna, as quais implantaram o ProEmi em 2011. O objetivo desta dissertação foi analisar de que forma a implantação do ProEmi contribuiu para que ocorressem mudanças nas duas escolas, tanto em nível pedagógico epistemológico, envolvendo currículo, projetos pedagógicos e planos de ensino, passando por alterações físico-estruturais, como construção e/ou ampliação da estrutura física das escolas e, chegando nos alunos que recebem essa melhora quali-quantitativa no ambiente escolar.

⁴ CAPES. Observatório da Educação. O programa visa, principalmente, proporcionar a articulação entre pós-graduação, licenciaturas e escolas de educação básica e estimular a produção acadêmica e a formação de recursos pós-graduados, em nível de mestrado e doutorado. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/observatorio-da-educacao>. Acesso em: 22 mar. 2016.

Buscamos compreender ainda de que forma a cultura local vem sendo inserida no ambiente escolar e como ela está se relacionando com a cultura escolar. Dentro dessa perspectiva, de que maneira a cultura local interfere na cultura escolar? Como ela é reproduzida na escola? Quais os elementos determinantes da cultura material e imaterial de Laguna que estão inseridos na cultura escolar?

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O tema proposto para esta investigação envolveu pesquisar os elementos do patrimônio cultural material e imaterial de Laguna, buscando identificar seus traços culturais marcantes e a ligação com a cultura escolar. Nessa perspectiva, apresentamos o objetivo geral e os específicos da pesquisa.

1.1.1 Objetivo Geral

Identificar como a cultura, a identidade e o patrimônio material e imaterial estão inseridos na cultura escolar das escolas de Ensino Médio Inovador Saul Ulysséa e Almirante Lamego em Laguna, em Santa Catarina.

1.1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos da pesquisa são:

- a) identificar e caracterizar a cultura material e imaterial do município de Laguna;
- b) avaliar o projeto pedagógico das escolas pesquisadas, verificando a inserção do patrimônio cultural local em sua base epistemológica;
- c) verificar a cultura escolar produzida pelos corpos dirigente e docente, por meio da análise dos planos anuais das disciplinas e projetos interdisciplinares;
- d) sistematizar as categorias de patrimônio cultural material e imaterial, verificadas nos PPPs;
- e) produzir um inventário de bens culturais materiais e imateriais do município de Laguna; e
- f) realizar uma análise comparativa entre a cultura escolar preconizada pelo PPP, a cultura produzida pela comunidade envolvida e a difundida na cidade de Laguna, SC.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 CULTURA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO

Cultura, segundo Eagleton (2003, p. 9), é uma das palavras mais complexas de nossa língua. A complexidade da palavra “cultura” se deve à gama de diferentes definições defendidas por diversos cientistas sociais, ou seja, não há consenso nem mesmo entre eles. Nesse sentido, White (1978, p. 18) afirma que, “se o conceito e a definição de cultura fossem tão universalmente aceitos como o do cobre, do carbono, ou do ferro, então seria possível dizer que isto é cultura, e não comportamento”; tampouco faria sentido o estudo realizado neste trabalho. Bauman (2012) fala da ambiguidade do termo “cultura” e atribui isso às diversas linhas de pensamento existentes:

É conhecida a inexorável ambiguidade do conceito de cultura. Bem menos notória é a ideia de que essa ambiguidade provém nem tanto da maneira como as pessoas definem cultura quanto da incompatibilidade das numerosas linhas de pensamento que se reuniram historicamente sob o mesmo termo. (BAUMAN, 2012, p. 83).

Ainda segundo Bauman (2012), a palavra “cultura” por muitas vezes é confundida com “conhecimento”, quando se diz que um sujeito é possuidor de cultura ou é culto:

Nós reprovamos uma pessoa que não tenha conseguido corresponder aos padrões do grupo pela “falta de cultura”. Enfatizamos repetidas vezes que a “transmissão da cultura” como principal função das instituições educacionais. Tendemos a classificar aqueles com quem travamos contato segundo seu *nível* cultural. Se o distinguimos como uma “pessoa culta”, em geral queremos dizer que ele é muito instruído, educado, cortês, requintado acima de seu estado “natural”, nobre. Uma “pessoa que tem cultura” é o antônimo de “alguém inculto”. (BAUMAN, 2012, p. 90).

Talvez essa definição de cultura como “conhecimento” venha da França, quando muito antes de o conceito ser discutido, os reis franceses Francisco I e Luís XIV, que eram adeptos de grandes investimentos em artes, já o mencionavam:

O conceito francês de *culture* apareceu como um nome coletivo para os esforços do governo no sentido de promover o aprendizado, suavizar e melhorar as maneiras, refinar o gosto artístico e despertar necessidades espirituais que o público até então não possuía, ou não tinha consciência de possuir. [...] A “cultura” francesa na fase inicial, era uma noção um tanto messiânica – sinalizava intenções proselitistas: esclarecer, abrir os olhos, converter, refinar, aperfeiçoar. (BAUMAN, 2013, p. 90).

No entanto, sabemos que, ao falarmos de características humanas tão distintas e complexas, é praticamente impossível que cultura tenha um conceito universalmente aceito. Em uma definição descomplicada, se é que podemos dizer que existe um conceito descomplicado de cultura, trata-se de crenças, costumes, modo de pensar e agir que o homem aprende e apreende convivendo em sociedade.

Então, partindo do conceito de que cultura são os costumes de determinado povo, Hall defende que a cultura engloba algo além disso:

A cultura não é uma prática; nem apenas a soma descritiva dos costumes e “culturas populares” das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma de inter-relacionamento das mesmas. (HALL, 2011, p. 128).

Ao nos aprofundarmos mais sobre cultura, precisamos nos apoiar nos primeiros pensadores que levantaram discussões sobre o assunto. Um dos pioneiros a elaborar um conceito sobre cultura do ponto de vista antropológico foi Edward Tylor, no século XIX, que definiu cultura como “todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (LARAIA, 2001, p. 25). Contudo, em sua teoria, Tylor abordou a cultura como sendo subdividida em estágios de evolução e desenvolvimento (selvagem, bárbaro e civilizado), o que para a época era aceitável, uma vez que sua obra *Primitive Culture* (1871) tinha como contexto o padrão de vida e o desenvolvimento econômico da Europa da época, em forte ascensão:

Desta maneira era fácil estabelecer uma escala evolutiva que não deixava de ser um processo discriminatório, através do qual as diferentes sociedades humanas eram classificadas hierarquicamente, com nítida vantagem para as culturas europeias. Etnocentrismo e ciência marchavam então de mãos juntas. (LARAIA, 2001, p. 34).

Alfred Louis Kroeber (1917), em seu texto *O Superorgânico*, traz diversos exemplos sobre processos de evolução de espécies animais, para apresentar distinção quanto ao processo de evolução humana como civilização:

O crescimento de novas espécies de animais processa-se através de mudanças na sua constituição orgânica, e de fato nelas consiste. Por outro lado, no que respeita ao crescimento da civilização, o exemplo citado é suficiente para mostrar que a mudança e o progresso podem efetuar-se por meio de uma invenção sem qualquer alteração constitucional da espécie humana. (*apud* REDFIELD, 1949, p. 235).

Em outras palavras, só podemos falar em evolução humana se tratarmos das conquistas do homem em sociedade, das invenções, das descobertas, etc., não sendo adequado distinguir estágios diferentes de capacidade física, mental ou cultural.

No final do século XIX e início do XX, além das discussões sobre o conceito de cultura, passou-se a debater as diferenças culturais e o que as motivavam. É nesse momento que surgem as teorias do determinismo biológico e geográfico.⁵ A primeira defendia que os caracteres genéticos eram determinantes nas diferenças culturais; já a segunda considerava o ambiente físico como elemento preponderante para a produção dessas diferenças. Ambas as teorias caíram por terra ao ser comprovado por meio de pesquisas que “as diferenças existentes entre os homens, não podem ser explicadas em termos de limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente” (LARAIA, 2001, p. 24).

White também pôs abaixo essas teorias ao expor em sua obra que cultura não é determinada biológica ou geograficamente, e sim humanamente:

É o homem que possibilita a existência da cultura. A cultura em geral é o que é porque o homem assim o determina, sendo a espécie de animal que ele é. Fosse ele diferente, a cultura seria correspondentemente diversa. Ninguém diria que os chineses falam o idioma chinês e comem com pauzinhos por causa da estrutura biológica, ou da constituição genética. [...] O homem é necessário à existência de cultura, mas o homem não é necessário a uma explicação científica das variações da cultura. (WHITE, 1959b, p. 11 *apud* WHITE, 1978, p. 21).

Já no que diz respeito ao ponto de vista sociológico, Schwartzman⁶ alerta que não é confiável o uso da cultura como um meio de explicar os fenômenos sociais, uma vez que é preciso entender as diferenças que movem as culturas.

Dizer que cada povo tem sua cultura, e por isso são diferentes, é deixar de lado precisamente o que queremos entender, as diferenças. Dizer que culturas são únicas e irreduzíveis é aceitar como inevitável a desigualdade e recusar o princípio básico de que a humanidade é uma só. (SCHWARTZMAN, 1997, p. 45).

Muitos conceitos foram surgindo ao longo da história, alguns se completam e outros discordam entre si, mas um traço no conceito de cultura que se pode sustentar categoricamente é que “o homem é o único ser possuidor de cultura” (LARAIA, 2001, p. 28).

Também para Bauman (2012) cultura é algo exclusivamente humano, algo que faz com que o ser humano vá além do que está posto pela sociedade:

⁵ Teoria de Huntington, livro *Civilization and Climate*, 1915 (LARAIA, 2001).

⁶ Simon Schwartzman é presidente da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE) e professor do Departamento de Ciência Política da FFLCH-USP (SCHWARTZMAN, 1997).

A cultura é singularmente humana no sentido de que só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar sua realidade e reivindicar um significado mais profundo, a justiça, a liberdade e o bem – seja ele individual ou coletivo. Assim, normas e ideais não são relíquias de um pensamento metafísico pré-racional [sic] que deixa o homem cego às realidades de sua condição. Pelo contrário, elas oferecem a única perspectiva a partir da qual essa condição é vista como a realidade humana e adquire dimensões humanas. (BAUMAM, 2012, p. 302).

Conforme White, essa capacidade única de produzir cultura se atribui ao fato de o homem conseguir simbolizar tudo a seu redor. De acordo com o mesmo autor, “o homem é um animal singular. Só ele tem a capacidade de gerar, determinar e dar sentido às coisas e acontecimentos do mundo exterior” (WHITE, 1962; 1969, p. 38 *apud* WHITE, 1978, p. 17).

A capacidade do homem de lidar com seu meio é definida por Geertz (1989, p. 4) como uma trama: “o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias”.

A cultura, então, sempre contribuiu para o homem se entender em sociedade. Todavia, segundo Malinowski (1975), a cultura não somente dá sentido às coisas, mas também faz parte da necessidade humana.

[...] a cultura é um conjunto integral de instituições em parte autônomas, em parte coordenadas. Ela se integra à base em que uma série de princípios, tais como: a comunidade de sangue, por meio da procriação; a contiguidade espacial, relacionada à cooperação; a especialização de atividades; e, por fim, mas não menos importante, o uso do poder na organização política. (MALINOWSKI, 1975, p. 46).

Conforme o homem muda, as relações sociais mudam e as necessidades também. Um conceito relativamente novo, o de cultura contemporânea, também vem sendo discutido, principalmente em contraponto com a cultura tradicional ou popular, trazendo considerações em torno de novas formas de sociabilidade e construção de novas identidades. Podemos afirmar que isso se deve à globalização e ao acesso a uma indústria cultural, conforme indica França (2002, p. 1):

O advento dos processos eletrônico/digitais de produção de conhecimento, incluindo-se aí o conhecimento científico, o tecnológico, o artístico e o cultural, traz, entre outras, uma implicação da ordem da incorporação da cultura popular e de seus saberes, passando a lançar mão desses atributos para alimentar uma indústria cultural cada vez mais ávida para atingir a maior gama possível de indivíduos.

Essa indústria cultural e o avanço da tecnologia, de alguma forma, caracterizam a sociedade contemporânea e a modificação das relações sociais. Sobre esse assunto, Castro (2010) faz um questionamento:

Estaríamos, na cultura contemporânea, presenciando uma modificação nas relações sociais e nas formas de sociabilidade, uma vez que as tecnologias inserem novas plataformas e técnicas de comunicação, permitindo tanto a recepção, circulação e produção mais autônomas e aceleradas, ampliando as possibilidades de ação dos indivíduos e proporcionando novos instrumentos cognitivos? (CASTRO, 2010, p. 9).

As consequências dessa cultura contemporânea podem ser vistas no comportamento dos mais jovens, que cada vez menos demonstram interesses em atividades culturais, como festas, celebrações, prática de costumes, as quais vêm se perdendo aos poucos por não ter quem as perpetue. O que vem tomando esses espaços e a atenção dos jovens é o que a mídia dita:

A “cultura urbana” é reestruturada ao ceder o protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas. Como quase tudo na cidade “acontece” porque a mídia o diz, e como parece que ocorre como a mídia quer, acentua-se a mediatização social, o peso das encenações, as ações políticas se constituem enquanto imagens da política. (CANCLINI, 2013, p. 290).

Lemos traz em sua obra a discussão sobre a vida social na cultura contemporânea. Afirma que “as tecnologias marcam profundamente a totalidade do corpo social através dos modos de produção e de consumo, das formas de comunicação e da normalização da vida social” (LEMOS, 2004, p. 107).

A autora também fala em cibercultura, que surge em um mundo hiperquantificado, que tenta integrar e traduzir, e não mais representar a natureza através da tecnologia. São os ciberespaços que funcionam como instrumento de conexão das formas de sociabilidade da contemporaneidade (LEMOS, 2004).

Mathews (2002, p. 15), ao discutir cultura global, faz uma relação com “o modo de vida de um povo” e propõe um conceito mais contemporâneo de cultura. Para ele, cultura nos dias atuais representa “as informações e identidades disponíveis no supermercado cultural global”.

Nesse sentido, não podemos falar em cultura americana, cultura brasileira, entre outras, organizando tudo em “gavetas”, pois isso já não seria possível no mundo globalizado,

onde há interações e fluxos globais constantes entre as pessoas de várias culturas (MATHEWS, 2002).

Diante dessa perspectiva, Couceiro (2002) e Mathews (2002) atentam que é preciso estar atento à utilização do termo “cultura” empregado no singular, uma vez que dessa forma estaríamos generalizando as mais diversas formas de manifestações culturais existentes em todo o mundo. Segundo Couceiro:

Cultura deveria, portanto, ser um termo empregado no plural, já que não se constitui num complexo unificado coerente, mas sim, num conjunto de ‘significados, atitudes e valores, partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados’, que são construídos socialmente, variando, portanto, de grupo para grupo e de uma época a outra (BURKE, 1989, p. 15-26 *apud* COUCEIRO, 2002, p. 15).

Assim, percebe-se que o conceito de cultura está envolto em diferentes significados, construídos a partir de um tempo histórico e de um espaço social.

Esta dissertação enfoca o conceito na perspectiva de Bauman (2012, p. 8), que apresenta a cultura como uma estrutura: “a imagem da cultura como uma oficina em que o padrão estável de sociedade é consertado e mantido, harmonizava-se com a percepção de todas as coisas culturais – valores, normas comportamentais, artefatos – estruturadas num *sistema*”.

Nesse sentido, Bauman também afirma que a “cultura permanece pela mudança”, estando sempre em movimento; “além disso, na cultura não existe ‘agora’, ao menos no sentido postulado pelo preceito da sincronia, de um ponto no tempo separado de seu passado e autossustentado quando se ignoram suas aberturas para o futuro” (2012, p. 12).

O conceito, visto sob essa perspectiva, corrobora com nossa pesquisa, uma vez que vimos mostrar os aspectos da cultura do município de Laguna, já que entendemos que eles, materiais ou imateriais, estão sujeitos às alterações sociais e culturais de cada tempo histórico.

Para compreender as culturas, precisamos, além de discutir seus conceitos, discutir os sujeitos que fazem parte delas. Diante disso, identidade é outro conceito que abordamos a seguir e que está intimamente ligado ao de cultura, uma vez que identidade, enquanto consciência que cada pessoa tem de si mesma, está ligada à cultura da qual o sujeito faz parte, interferindo em seu modo de ver o mundo e também de ver a si próprio.

O interesse pela identidade, que vem a se somar ao filão classicamente definido pelo termo “cultura”, diz respeito à percepção dos atores de que seu lugar no mundo passa por investimentos simbólicos pelos quais eles se afirmam e negociam com outros sua forma de inserção na sociedade. (BURITY, 2002, p. 7).

Hall (2011) afirma que estamos vivendo um momento de “crise de identidade”. As velhas identidades que mantinham o mundo social estável estão em declínio, e no mundo moderno surgem novas identidades, fragmentando os indivíduos e os deixando sem referências. Trataremos disso adiante.

Mathews (2002) também discorre sobre a fragmentação de identidades. Para ele, de acordo com os recentes estudos da antropologia e estudos culturais, “estamos vivendo em um mundo de cultura como moda, no qual cada um de nós pode pegar e escolher identidades culturais da mesma forma que escolhemos roupas” (MATHEWS, 2002, p. 21).

No entanto, ainda segundo o autor, não devemos pensar que as escolhas que podem ser feitas nesse “supermercado cultural global” são livres. Elas são condicionadas por diversos fatores:

Até certo grau parece que nós pegamos e escolhemos culturalmente quem somos na música que ouvimos, na comida que comemos e, talvez, mesmo na religião que praticamos. Entretanto, nossas escolhas não são livres, mas condicionadas por nossa idade, classe, gênero e nível de riqueza, e pela cultura nacional à qual pertencemos, entre outros fatores. (MATHEWS, 2002, p. 25).

É sabido que identidade vem tendo cada vez mais foco nos estudos das mais diversas áreas, uma vez que o cenário atual de globalização permite não só o contato instantâneo com qualquer notícia do mundo, mas também o ir e vir a qualquer canto do planeta, o que tem despertado a curiosidade dos pesquisadores a respeito das consequências desses contatos culturais na formação da identidade de cada um e também da identidade nacional.

Geertz (2001, p. 156) observou essa mudança e reflete sobre ela: “alguma coisa, alguma coisa muito geral, está acontecendo com a maneira como as pessoas pensam em quem são, em quem são os outros, e em como querem ser retratadas, denominadas, compreendidas e situadas pelo mundo em geral”.

Mas, afinal, o que é identidade? O dicionário Michaelis⁷ *on-line* traz as definições de identidade, palavra originária do latim que quer dizer “qualidade daquilo que é idêntico”; para a Álgebra, é “espécie de equação ou de igualdade cujos membros são identicamente os

⁷ MICHAELIS. Dicionário online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 15 ago. 2015.

mesmos”; utilizada no Direito, é o “conjunto dos caracteres próprios de uma pessoa, tais como nome, profissão, sexo, impressões digitais, defeitos físicos etc., o qual é considerado exclusivo dela e, conseqüentemente, considerado, quando ela precisa ser reconhecida”; e no sentido pessoal, que cabe em nossa pesquisa, é a “consciência que uma pessoa tem de si mesma”.

Hall (2011) apresenta três concepções de identidade de sujeitos, vistas de tempos históricos diferentes, que apresentamos de forma resumida: o sujeito do Iluminismo, com uma concepção individualista, em que o centro do “eu” era a identidade da própria pessoa; o sujeito sociológico, que se reflete na complexidade do mundo moderno, havendo a consciência de que ele é formado não somente por seu “eu”, mas também por suas relações com outras pessoas, ou seja, sua “identidade é formada pela interação entre o eu e a sociedade” (p. 11); e, por último, o sujeito pós-moderno, que, segundo o autor, se depara sem identidade fixa, sujeito cuja identidade “torna-se uma celebração móvel” (p. 13), que é constantemente transformada pelas relações estabelecidas.

Partindo dessa definição de identidade, Agier (2001, p. 8) cita Leví-Strauss (1977, p. 10): “é o ‘mínimo de identidade’ que funda a unidade do humano, e faz com que as mais diversas experiências humanas sejam ‘ao menos em parte, mutuamente inteligíveis”.

Agier (2001, p. 7) discorre também sobre a ligação entre cultura e identidade. Para ele, a cultura está atualmente dominada pela problemática da identidade, a qual vem sendo “enunciada como uma identidade cultural”.

Essa identidade cultural que vem sendo discutida por diversos autores é algo mais amplo, se comparado ao sentido comum de identidade. Identidade cultural, podemos dizer, trata-se de um sentido macro, como uma identidade nacional. Definimos nós mesmos como pertencentes a uma identidade cultural ao dizermos que somos brasileiros, por exemplo. No entanto, Hall (2011, p. 47) alerta que essa afirmação é metafórica, uma vez que nos afirmamos brasileiros porque pensamos que faz parte de nossa natureza essencial, todavia “essas identidades não estão literalmente impressas nos nossos genes”.

A identidade cultural, quando vista sob a perspectiva da identificação de sujeitos como pertencentes a um país ou nação, é chamada de identidade nacional. Esta, por sua vez, não é algo que nasce conosco; é formada pela representação cultural estabelecida por um conjunto de significados de determinada cultura nacional. “A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e a à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional” (HALL, 2011, p. 49).

Portanto, no mundo moderno, essas especificidades culturais são conglomeradas, criam uma identidade nacional, comum a todos os pertencentes a um país, a qual é utilizada como forma de controle social:

A formação de uma cultura nacional contribui para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. (HALL, 2011, p. 50).

Ainda de acordo com o autor, a cultura nacional faz com os sujeitos construam uma identidade comum através da identificação com os sentidos produzidos sobre “a nação”. Essa identificação permite a ligação entre ambos, no entanto a nação, segundo Anderson (2008), é uma política imaginada, devido ao fato de as pessoas se imaginarem membros de uma nação e ainda assim desconhecerem todos os integrantes dela.

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (ANDERSON, 2008, p. 32).

Diante disso, Hall (2011) questiona de que maneira essa formação de pertencimento e identidade nacional é feita. E nos perguntamos também o que faz com que haja um sentimento comum de identidade nacional, já que, segundo o autor, esse fator não está presente em nossos genes. Hall então lista cinco elementos que nos auxiliam no entendimento da narrativa cultural utilizada para a criação da identidade nacional.

O primeiro elemento é a narrativa da nação, o conjunto de fatos presentes nas histórias, literaturas, na cultura popular e na mídia que são compartilhados por todos e dão sentido à nação. Segundo Hall (2011, p. 52), “ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte”.

De acordo com Chauí (2000), a palavra nação é bastante recente, e sua origem teria acontecido por volta de 1830:

A palavra “nação” vem de um verbo latino, *nascor* (nascer), e de um substantivo derivado desse verbo, *natio* ou nação, que significa o parto de animais, o parto de uma ninhada. Por significar “o parto de uma ninhada”, a palavra *natio*/nação passou a significar, por extensão, os indivíduos nascidos ao mesmo tempo de uma mesma mãe, e, depois, os indivíduos nascidos num mesmo lugar. (CHAUI, 2000, p. 14).

A ideia de nação permite que todos se sintam filhos de uma mesma mãe, independente das mais variadas culturas que existam dentro de uma sociedade. O fato de serem parte da “mesma ninhada” possibilita que haja algo em comum entre todos (CHAUI, 2000).

O segundo elemento exposto por Hall (2011, p. 53-54) é a identidade nacional, representada como primordial através das “origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade [...] os elementos essenciais de caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história”. Esses elementos de unidade, de nação, parecem por muitas vezes estar esquecidos pelo povo que os compartilha, no entanto percebemos que eles ressurgem em manifestações como a de 2013, denominada “O Gigante Acordou”,⁸ motivada pelo descontentamento com o cenário de corrupção. Apesar de a manifestação ter conflitos de interesses de partidos contrários ao governo federal, os maiores sentimentos que a motivaram (e outras seguidas a essa) foram o aumento da tarifa do transporte público, o descaso com a educação e a saúde, e os escândalos de corrupção, cada vez mais explorados pela mídia de massa. O sentimento de união entre os manifestantes os levou a ocupar as ruas das grandes capitais, com o intuito de chamar a atenção dos governantes e de mostrar que o povo não seria mais conivente com a situação do país. O termo “O Gigante Acordou”, segundo Silva e Fabriz (2013), se refere a uma alusão a trecho do hino nacional brasileiro, “Gigante pela própria natureza”,⁹ a acordar no sentido de não ser mais um povo que aceita o que lhe é imposto e que acordou depois de 500 anos de sua descoberta.

O terceiro elemento é a invenção da tradição, “tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas” (HALL, 2011, p. 54). Trazendo mais uma vez para nossa realidade, no Brasil, o Carnaval, festa popular bastante tradicional, que talvez seja a mais conhecida e cultuada por todos, teve suas influências trazidas da Europa no século XVII, no entanto ganhou popularidade no século XX.

O quarto elemento é o mito fundacional, ou seja, histórias que contam a fundação da nação, “uma história que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional” (HALL, 2011, p. 55). Diversos fatos históricos se encaixam neste elemento. Se perguntarmos

⁸ EXAME. O ano em que o Gigante Acordou. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/o-ano-em-que-o-gigante-acordou>. Acesso em: 21 mar. 2016.

⁹ PALÁCIO DO PLANALTO. Hino Nacional Brasileiro. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/hino.htm. Acesso em: 21 de mar. de 2016.

a qualquer pessoa nas ruas, por exemplo, “Quem descobriu o Brasil?”, a resposta virá rapidamente: “Pedro Álvares Cabral”. Mesmo que saibamos que o Brasil já havia sido descoberto e já estava ocupado por índios nativos, continuamos compartilhando a história oficial.

Chauí (2000) apresenta em sua obra uma discussão sobre o mito fundador. De acordo com ela, esse conceito está relacionado ao imaginário e ligado à origem da nação.

Se também dizemos mito *fundador* é porque, à maneira de toda *fundatio*, esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. (CHAUI, 2000, p. 9).

A autora também atenta para a diferença entre fundação – que se trata de um fato, um momento do passado, ligado ao imaginário do povo – e formação – que é a história, determinações econômicas, sociais e políticas. Sendo assim, as ideologias que compõem a formação alimentam as representações criadas pela fundação (CHAUI, 2000).

O quinto e último elemento é o da identidade nacional propriamente dita, que, segundo Hall (2011), é baseada no “povo puro ou original”, que raramente ocupa e exercita o poder do país. Se formos falar de povo original, em nosso caso, os índios, sabemos que isso se aplica perfeitamente.

Os elementos que compõem a cultura nacional e que constroem a identidade nacional vêm sendo questionados, o que se deve ao ressurgimento do etnicismo e da identidade étnica como uma forma de encontrar a identidade em meio à identidade nacional (MATHEWS, 2002).

Além disso, Mathews (2002) também cita as duas formas de mercado existentes atualmente, onde, conforme já falamos, podemos consumir identidades. São elas o supermercado material, movido pela exportação de produtos oriundos de todas as partes do mundo, juntamente com suas identidades embutidas, e o supermercado cultural, que é movido pela exportação de informações e identidades para todo o mundo. O supermercado material sempre existiu, através das trocas que viajantes pelo mundo realizavam, no entanto o supermercado cultural está em forte ascensão. Mathews (2002, p. 33) faz a seguinte crítica: “meu argumento é que as pessoas de todo o mundo afluente e ligado pelos meios de comunicação de massa de hoje podem ser moldadas tanto pelos supermercados materiais e culturais como pelo Estado”.

Essa manipulação é tão poderosa e bizarra como a manipulação pelo Estado: acreditar, pelo menos subliminarmente, que uma nova pasta de dente deixará uma pessoa “sexualmente atraente” é menos extraordinário que acreditar que alguém está disposto a morrer por seu país? (MATHEWS, 2002, p. 33).

De acordo com Hall (2011), esses fatores se devem à globalização, que implica um distanciamento da ideia de sociedade e que tem causado as consequências a seguir sobre as identidades culturais:

- As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.
- As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
- As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar. (HALL, 2011, p. 69).

Diante disso, justifica-se a teoria de Hall (2011) de que as identidades estão fragmentadas; o sujeito assume diversas identidades ao longo de sua vida, ele é brasileiro, ele é sul-brasileiro, ele é descendente de europeus, é homem ou mulher, é pai ou mãe, filho ou filha. Qual identidade é sua, afinal? Por fim, acaba por assumir fragmentos de cada uma, não se sentindo parte inteira de uma única, o que gera a “crise de identidade”.

Toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva (mesmo se, para um coletivo, é mais difícil admiti-lo), é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca do que como um fato. (AGIER, 2001, p. 10).

E na busca por essa identidade Hall (2011) utiliza as teorias da psicanálise para afirmar que aquela não é algo acabado e que podemos usar a palavra “identificação”, uma vez que é um processo em andamento. Ainda segundo ele, “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2011, p. 39).

Bauman (2005) também discorre sobre a falta de solidez no entendimento de identidade e pertencimento:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastantes negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 19).

Outro autor também contribui com nossa discussão ao dizer que “somos sempre o outro de alguém, o outro de um outro”, ou seja, no mundo em que vivemos e nas relações que mantemos com “os outros”, nos identificamos como o sujeito que entendemos que somos e também com base no que os outros nos dizem ser (AUGÉ, 1994 *apud* AGIER, 2001, p. 9). Para Agier (2001, p. 9), a cidade possibilita e multiplica o contato de indivíduos, que trazem consigo os elementos de suas identidades: “pertencimentos étnicos, suas origens regionais, ou suas redes de relações familiares ou extrafamiliares”.

Sobre o fato de sermos o outro de alguém, Bauman diz que as identidades “flutuam” a nossa volta; cabe a nós fazermos as escolhas: “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19).

Mas por que estamos sempre em busca da identidade? De onde vem esse anseio? Bauman (2005) afirma que ele vem do desejo de segurança. No entanto, como se sentir seguro assumindo diversas identidades ou possuindo uma identidade fixa, já que vivemos num mundo globalizado?

Diante do mundo globalizado, onde o *American Way of Life*, ou, como nos atrevemos a propor, o *World's Way of Life*, está cada vez mais presente no que consumimos (roupas, alimentos, tecnologia, música, etc.), a busca por referências locais passa a ser valorizada, já que é nelas que reconhecemos nossa identidade.

Sendo assim, patrimônio cultural é uma ferramenta de reconhecimento de identidade, uma vez que é fruto de um passado comum, uma memória coletiva, material ou imaterial. Mesmo que os patrimônios materiais, fortemente representados por edifícios (casas antigas, igrejas, etc.), sejam muito mais lembrados e historicamente mais valorizados, os imateriais, representados por aquilo que não é tangível, como o modo de fazer alguma receita, por exemplo, vêm ganhando cada vez mais notoriedade e valorização, e talvez isso tenha a ver com o crescimento da procura por identidades locais, das quais tratamos anteriormente.

A palavra “patrimônio” está etimologicamente ligada a herança paterna. Choay (2001) fala brevemente sobre a origem dessa palavra:

Esta bela e antiga palavra estava, na origem, ligada à estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito “nômade”, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante. (CHOAY, 2001, p. 11).

Já patrimônio no sentido de algo que pertence a um povo ou nação vem ganhando grande destaque nas discussões sobre o que é ou não patrimônio histórico e cultural.

Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituindo pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos. (CHOAY, 2001, p. 11).

O reconhecimento da existência dos patrimônios e da preservação nasce no século XIX, no entanto esse cuidado remete por um bom tempo apenas a edificações ou monumentos, o que se deve a diversos fatores, desde monumentos como casarões antigos, símbolos da elite, até igrejas antigas (muitas católicas), símbolos de uma hegemonia religiosa que hoje se encontra em declínio.

De acordo com Choay (2001), a palavra “monumento” se origina do latim e significa advertir, lembrar. Está intimamente ligada à memória. “Chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (CHOAY, 2001, p. 18).

No entanto, “monumento histórico” vai um pouco além disso; ele é constituído como patrimônio nacional, são bens que ultrapassam seu significado inicial, ou seja, o motivo pelo qual foi construído (CAMARGO, 2002). Se um monumento histórico tem um significado para um povo ou uma nação, por que muitas vezes são esses mesmos monumentos que são atacados, destruídos? Camargo traz, entre outros, o exemplo do “11 de Setembro”, nos Estados Unidos, para afirmar que “embates entre ideologias distintas podem produzir a necessidade de fazer desaparecer monumentos que simbolizam os opositores a que se quer combater” (CAMARGO, 2002, p. 13), uma vez que as Torres Gêmeas e o Pentágono eram os principais símbolos do poder econômico-financeiro e hegemonia militar americana respectivamente.

Diante dessa observação, o autor conclui que esses dois tipos de monumento são os lados opostos da mesma moeda:

Então, pode-se dizer que, na mesma forma que os monumentos são destruídos por motivos ideológicos, isto é, constituem-se símbolos que se quer apagar da memória, os monumentos históricos são a outra face da mesma moeda, são símbolos que se quer perpetuar. (CAMARGO, 2002, p. 25).

Voltando um pouco no tempo histórico, a consciência sobre o cuidado com o patrimônio e sua escolha como símbolo a ser perpetuado parecem ter ocorrido primeiramente na França, em 1837, quando foi formada a primeira Comissão dos Monumentos Históricos. Três categorias foram criadas: remanescentes da Antiguidade, edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos. Após a Segunda Guerra Mundial, o número de bens protegidos pela comissão aumentou em cerca de dez vezes. Somente algum tempo depois passaram a ser incluídas na lista não somente edificações individuais, mas também aglomerados de edificações de bairros, aldeias e até cidades inteiras, mediante a lista do Patrimônio Mundial estabelecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*) (CHOAY, 2001).

Fora do contexto europeu, em 1870 o Japão, que por uma questão cultural até então não reconhecia outra história além da dinástica, não tendo conservado seus monumentos, começou a abrir os olhos para a história universal, adotando museus e preservando monumentos que representavam testemunhos do passado. Nos Estados Unidos, o cenário era um pouco diferente. O interesse por preservar e reconhecer edificações naquela época era pequeno; somente mais tarde os olhos se abriram, no entanto com foco para as residências de personalidades nacionais. Até então, o país demonstrava maior interesse na proteção de bens naturais. E a China, que também ignorava muito de sua própria história, passou a demonstrar interesse por monumentos históricos em 1970 (CHOAY, 2001).

A participação do Brasil nesse cenário iniciou-se após a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, promovida pela Unesco em 1972. Entre os vários fatores que levaram a Unesco a promover essa convenção, destacamos:

Constatando que o patrimônio cultural e o patrimônio natural se encontram cada vez mais ameaçados de destruição não somente devido a causas naturais de degradação, mas também ao desenvolvimento social e econômico agravado por fenômenos de alteração ou de destruição ainda mais preocupantes,
Considerando que a degradação ou o desaparecimento de um bem cultural e natural acarreta o empobrecimento irreversível do patrimônio de todos os povos do mundo,
Considerando que a proteção desse patrimônio em âmbito nacional é muitas vezes insatisfatória devido à magnitude dos meios necessários e à insuficiência dos recursos financeiros, científicos e técnicos do país em cujo território se localiza o bem a ser salvaguardado. (UNESCO, 1972).

A Unesco, nesse documento, estabelece o que é considerado patrimônio cultural:

- os monumentos: obras arquitetônicas, esculturas ou pinturas monumentais, objetos ou estruturas arqueológicas, inscrições, grutas e conjuntos de valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência,
- os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas, que, por sua arquitetura, unidade ou integração à paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência,
- os sítios: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como áreas, que incluem os sítios arqueológicos, de valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico. (UNESCO, 1972).

E estabelece o que considera patrimônio natural:

- os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por conjuntos de formações de valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;
- as formações geológicas e fisiográficas, e as zonas estritamente delimitadas que constituam habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas de valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico,
- os sítios naturais ou as áreas naturais estritamente delimitadas detentoras de valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, da conservação ou da beleza natural. (UNESCO, 1972).

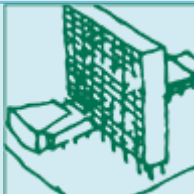
Diante de todas as definições, responsabilidades e apoio da organização, 20 nações aderiram à Convenção em 1975, quando entrou em vigor. O Brasil aderiu à Convenção apenas em 1977, e em 1980 teve seu primeiro bem cultural inscrito na Lista do Patrimônio Mundial, a cidade de Ouro Preto, MG, como “obra-prima da criação humana, um núcleo urbano excepcional e íntegro do período do Ciclo do Ouro do século XVIII” (TELLES, 2002, p. 24). O primeiro bem natural localizado na América do Sul a ser inscrito na Lista foi o Parque Nacional de Iguaçu, em Foz do Iguaçu, Paraná e Argentina, em 1986 (UNESCO, 2016).

No Brasil, algumas ações, ainda que tímidas, foram desenvolvidas antes disso, quando o governo de Getúlio Vargas, em 13 de janeiro de 1937 (Lei nº 378), criou o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), com o intuito de “proteger e promover os bens culturais do país, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras” (IPHAN, 2016a).

Nesse mesmo ano, o Tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, aplicado a bens materiais. Foi o primeiro instrumento legal de proteção do patrimônio cultural a ser criado no Brasil, e também nas Américas. A palavra “tombo” significa proteção, e é com base nela que a lei trabalha com o objetivo de manter o bem protegido e preservado para futuras gerações.

O tombamento do patrimônio cultural material é feito por meio de registro em quatro livros, divididos por categorias, e garante, entre outras coisas, a inalienação do bem, a preservação de suas características originais e a permanência em território brasileiro.

Quadro 1 – Registro de tombamento

	Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, onde são inscritos os bens culturais em função do valor arqueológico, que engloba sinais de lugares onde há indícios de atividades humanas, estruturas e vestígios abandonados na superfície, subsolo ou sob as águas, além do material a eles associados. Os bens de valor etnográfico, parques, jardins, e as paisagens naturais e culturais também estão nesse livro. O mesmo ocorre com os monumentos naturais constituídos por formações geológicas, fisiográficas e biológicas.
	Livro do Tombo Histórico, onde são inscritos os bens culturais em função de seu valor histórico. É formado pelo conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no Brasil e cuja conservação seja de interesse público por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil. Esse livro, para melhor condução das ações do Iphan, reúne especificamente os bens culturais em função de seu valor histórico, que se dividem em bens imóveis (edificações, fazendas, marcos, chafarizes, pontes, centros históricos, por exemplo) e móveis (imagens, mobiliário, quadros e xilogravuras, entre outras peças).
	Livro do Tombo das Belas Artes, onde são inscritos os bens culturais em função de seu valor artístico particular. O termo “belas-artes” é aplicado às artes de caráter não utilitário, opostas às artes aplicadas e às artes decorativas. Para a História da Arte, as belas-artes imitam a beleza natural e são consideradas diferentes daquelas que combinam beleza e utilidade.
	Livro do Tombo das Artes Aplicadas, onde são inscritos os bens culturais em função de seu valor artístico aplicado. Essa denominação (em oposição às belas-artes) se refere à produção artística que se orienta para a criação de objetos, peças e construções utilitárias: alguns setores da arquitetura, das artes decorativas, design, artes gráficas e mobiliário, por exemplo. Desde o século XVI, as artes aplicadas estão presentes em bens de diferentes estilos arquitetônicos.

Fonte: Iphan (2016b)

Mais tarde, a Constituição Federal brasileira de 1988, através do artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio cultural, passando a dar foco também para os patrimônios imateriais:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Além do tombamento, foi criado pelo Iphan, em 1999, o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), que se trata de uma metodologia de pesquisa que objetiva fazer um registro de bens culturais, possibilitando “produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social” (IPHAN, 2000). Diante disso, o INRC permite a identificação, a documentação e o registro das mais variadas formas de expressão cultural material e imaterial presentes na diversidade cultural brasileira, categorizando-as em saberes, celebrações, linguagem e espaço. Trataremos dessa metodologia mais adiante.

Conforme já mencionado, patrimônio cultural e identidade são conceitos extremamente ligados, uma vez que refletem a relação do sujeito com seu passado e com sua identidade. De acordo com Choay (2001, p. 205), “monumento e cidade histórica, patrimônio arquitetônico e urbano: estas noções e suas sucessivas figuras esclarecem de forma privilegiada o modo como as sociedades ocidentais assumiram sua relação com a temporalidade e construíram sua identidade”.

Para Camargo (2002), os monumentos refletem a identidade nacional de um povo ou nação, e é por meio deles que os sujeitos se reconhecem. Choay também explica de que forma essa relação acontece. Segundo ele, as antiguidades funcionam como um espelho que permite um afastamento e reflete para a sociedade uma imagem de si como alteridade, ou seja, sua identidade a partir do patrimônio (CHOAY, 2001).

Diante dessa ligação, é clara a importância da preservação do patrimônio, seja ele material ou imaterial, por refletir a identidade dos sujeitos. Sem eles, perde-se esse “elo” entre o sujeito e sua comunidade, sua cidade e até seu país.

O valor simbólico que atribuímos aos objetos ou artefatos é decorrente da importância que lhes atribuímos a memória coletiva. E é esta memória que nos impele a desvendar seu significado histórico-social, refazendo o passado em relação ao presente, e a inventar o patrimônio dentro de limites possíveis, estabelecidos pelo conhecimento. (CAMARGO, 2002, p. 31).

Ainda no artigo 216 da Constituição Federal, os parágrafos 1º ao 5º descrevem as responsabilidades da preservação do patrimônio cultural:

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

No entanto, atualmente, parece que há uma industrialização do patrimônio cultural material, de forma que ele deixe de ser apenas um bem para se contemplar; é preciso pagar por ele. Conforme Choay (2001, p. 211), “a cultura perde seu caráter de realização pessoal, torna-se empresa e logo indústria”.

Essa industrialização do patrimônio material acontece na forma de reutilização desses bens, seja como museus, casas de cultura, seja para usos privados. Esses usos têm consequências, que podem de alguma forma ser positivas. Por exemplo, o monumento é poupado de não ser conservado por estar em desuso, mas também pode sofrer os desgastes de um uso imprudente (CHOAY, 2011). É também o caso dos sítios arqueológicos, por exemplo, que vêm sendo fortemente ameaçados pela industrialização em nome do chamado “progresso” do país.

Marilena Chaui levanta uma discussão sobre esses patrimônios materiais e imateriais que nos fazem reconhecer como sujeitos pertencentes a uma nação. Elas os chama de semióforos. Segundo ela, semióforos “são coisas providas de significação ou de valor simbólico, capazes de relacionar o visível e o invisível” (CHAUI, 2000, p. 12), materiais ou imateriais, que podem ser um lugar santo, um feito heroico, um monumento, lugares ou coisas que são comuns a uma sociedade e produzem um sentimento de unidade.

Os semióforos têm o poder de se comportar como uma ferramenta de controle social, e as instituições que detêm o poder e o saber utilizam-se de semióforos para esse fim. Conhecido o poder destes objetos, há recentemente uma disputa pela posse e pela capacidade de produzir semióforos, o que a autora apresenta como estímulo a milagres, a propagandas políticas, como estímulo à necessidade de compra e até, no meio científico, como estímulo a pesquisas etnográficas, arqueológicas e de arte (CHAUI, 2000).

Dessa forma, os patrimônios artísticos, históricos e arqueológicos se tornam ferramentas de poder político, econômico, religioso e financeiro, que são criados para envolver o povo numa esfera nacional; e, “para realizar esta tarefa, o poder político precisa

construir um semióforo fundamental, aquele que será o lugar e o guardião dos semióforos públicos. Esse semióforo-matriz é a *nação*” (CHAUI, 2000, p. 14).

Até onde essa industrialização levará os patrimônios culturais materiais que possuíamos? As leis hoje existentes que garantem a preservação dos patrimônios culturais materiais ou imateriais não dão conta da fiscalização, tampouco da conservação desses bens. O investimento que precisa ser feito para preservar os bens culturais não é apenas financeiro; faz-se necessário um investimento educacional para que a criança que inicia na escola saia da instituição com o entendimento da importância da preservação para sua existência.

2.2 CULTURA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Partindo do pressuposto de que o conceito de cultura defendida por Bauman (2012) refere-se a um conjunto de elementos culturais estruturados em um sistema e entendendo a escola como parte desse sistema, podemos supor que a cultura escolar é parte desse conjunto estruturado, pois, da mesma forma que a cultura está presente no nosso dia a dia, também está presente no cotidiano escolar, perpassando e influenciando as ações, linguagem, gestão, ritos e até a constituição dos sistemas curriculares (SILVA, 2006).

As discussões sobre cultura escolar no Brasil são bastante recentes. Os primeiros trabalhos sobre o tema foram publicados nos anos 1980, vindo a se fortalecer na década seguinte (SILVA, 2006). Após 1980 surge a necessidade de a escola ser vista sob uma nova ótica, a cultural, passando a ser analisada como um espaço sociocultural, e não somente como uma macroestrutura. Esse novo olhar possibilitou à escola resgatar o papel dos sujeitos na instituição, uma vez que esse espaço cultural é formado por sujeitos possuidores de cultura (DAYRELL, 2001).

De acordo com Barroso (2004), o conceito de cultura escolar surge e confere responsabilidade à escola, que, antes vista apenas como transmissora de conhecimento, passa a ser responsável pela transmissão da cultura. Para Silva (2006), o papel da escola vai além de prestar serviços educativos; a escola tem uma função social.

O conceito de cultura escolar tem sido utilizado para pôr em evidência a função da escola como transmissora de uma cultura específica no quadro do processo de socialização e integração nacional das crianças e dos jovens. (BARROSO, 2004, p. 1).

Para Forquin (1993, p. 10), há uma relação muito próxima entre educação e cultura, proximidade que se deve à relação entre os sujeitos na educação:

Quer se tome a palavra “educação” no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se a restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação. [...] a que este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, pode-se perfeitamente dar-lhe o nome de cultura.

Carvalho (2006, p. 3) destaca a importância do sistema educativo como formador de um cidadão portador da herança cultural:

Se considerarmos a educação como um processo contínuo que acompanha, assiste e marca o desenvolvimento do indivíduo, e que envolve a preservação e a transmissão da herança cultural, rapidamente se deduz a importância que o sistema educativo, em geral, e a escola, em particular, assumem na socialização e perpetuação da cultura.

Dayrell (2001, p. 141) também fala sobre a proximidade entre cultura e educação, e destaca o papel das macroestruturas que irão possibilitar “um leque mais ou menos definido de opções em relação a um destino social, seus padrões de comportamento, seu nível de acesso aos bens culturais etc.”.

Barroso (2004) defende que uma escola não pode ignorar a dimensão cultural da qual ela faz parte, global ou regionalmente. Diante disso, o autor sugere analisar a cultura escolar em diferentes dimensões, levando em conta as abordagens teóricas funcionalista, estruturalista e interacionista.

No que diz respeito à perspectiva funcionalista, o autor afirma que a cultura escolar, nesse caso, é simples transmissora da cultura produzida pela sociedade onde ela se insere:

A instituição educativa é vista como um simples transmissor de uma Cultura que é, definida e produzida exteriormente e que se traduz nos princípios, finalidades e normas que o poder político (social, econômico, religioso) determina como constituindo o substrato do processo educativo e da aculturação das crianças e dos jovens. (BARROSO, 2004, p. 182).

Julia (2001, p. 10) defende a cultura escolar nessa mesma perspectiva funcionalista ao afirmar ser um conjunto de normas e práticas que guiarão a instituição:

Poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses

comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

A escola é, portanto, uma instituição cultural que reflete a sociedade e a política em um contexto macro, tornando-se uma ferramenta de reprodução social. No entanto, não podemos pensar a cultura escolar como uma subcultura da sociedade em que está inserida, uma vez que há a influência da cultura macro na instituição, mas também há as grandes contribuições das influências internas trazidas pelos sujeitos que fazem parte da instituição (CARVALHO, 2006; BARROSO, 2004 *apud* CARVALHO, 2006).

E por refletir a cultura da sociedade, a cultura escolar não pode ser estudada sem estar inserida no contexto histórico do qual faz parte:

Cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. (JULIA, 2001, p. 10).

Na perspectiva estruturalista, segundo Barroso, a cultura escolar se reflete, como o próprio nome sugere, na estrutura escolar na escola, ou seja, na forma de organização da instituição:

É a cultura produzida pela forma escolar de educação, principalmente através da modelização das suas formas e estruturas, seja o plano de estudos, as disciplinas, o modo de organização pedagógica, os meios auxiliares de ensino, etc. (BARROSO, 2004, p. 182).

Ainda de acordo com o autor, dentro dessa perspectiva estruturalista, muitos estudiosos defendem que a escola não se limita a reproduzir a cultura exterior, como ocorre na perspectiva funcionalista, e sim produzir sua própria cultura (BARROSO, 2004).

A perspectiva estruturalista parece ignorar a existência dos sujeitos na escola, sejam eles alunos, professores, gestores, familiares, funcionários, etc., os quais têm grande contribuição na formação da cultura de uma escola. Isso não ocorre na perspectiva interacionista, em que a cultura escolar é única em cada instituição, uma vez que é formada por atores:

Neste caso, não falamos da Escola enquanto instituição global, mas sim de cada escola em particular. O que está em causa nesta abordagem é a “cultura” produzida pelos atores organizacionais, nas relações uns com os outros, nas relações com o espaço e nas relações com os saberes. (BARROSO, 2004, p. 182).

Carvalho (2006) também acredita na existência de uma cultura própria. Segundo ele, ela reflete os valores, crenças e práticas que são partilhados por aqueles que interagem na escola.

Seguindo essa mesma linha, assim como nenhuma cultura é igual a outra, Silva (2006) afirma que há muitas semelhanças e diferenças entre as escolas, mas cada uma tem sua cultura própria, que a diferencia de todas as demais. Podemos dizer que essa diferenciação é gerada principalmente pelos “atores” já citados, uma vez que, enquanto possuidores de suas culturas, irão dar o norte da instituição. Assim sendo, a autora apresenta os principais elementos que determinam essa cultura:

Os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo). (SILVA, 2006, p. 202).

Dominique Julia (2001) também avalia os atores e discorre sobre a importância de levar em conta não somente as normas e práticas existentes numa instituição escolar, mas também o corpo de professores que devem segui-las. Além disso, ele atenta que se deve olhar além dos muros da escola, identificando “modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização” (JULIA, 2001, p. 11).

Segundo Pol et al. (2007, p. 64), cultura escolar é um conceito bastante moderno, que cada vez mais vem sendo motivo de discussão nas temáticas das escolas. De acordo com os autores, a cultura escolar vai além do próprio conceito, uma vez que “ênfatisa as deficiências da actual situação. Abrange os nossos desejos (como desejaríamos que fosse a escola), expectativas (como deveria ser a escola) e a normatividade do processo de educação (o que a escola tem e consegue)”.

O conceito de cultura escolar é bastante belo no papel: normas, práticas, linguagens e discursos desenhados pelo sistema político, mas principalmente pelos “atores” da instituição. No entanto, Barroso (2004) instiga para a discussão da homogeneidade “das normas, dos espaços, dos tempos, dos alunos, dos professores, dos saberes e dos processos de inculcação” enquanto marcas distintas da definição que se defende de cultura escolar. Ora,

como podemos lidar com diferentes culturas interagindo em uma instituição homogênea e engessada?

Carvalho também aborda a homogeneização. Para ele, a cultura escolar reflete um conjunto de práticas, valores e crenças que são partilhados pelos sujeitos que fazem parte da instituição: “trata-se, porém, de uma cultura que pode não ser assumida por todos, já que tende a uma homogeneização, contemplando e referindo-se ao todo e não às realidades locais específicas” (CARVALHO, 2006, p. 4).

Barroso também discorre sobre a homogeneidade cultural:

[...] tornou claro o paradoxo que atualmente existe entre as estruturas que regulam o trabalho do professor e dos alunos na escola e a necessidade de diversificar o ensino e as práticas pedagógicas, em função da diversidade dos alunos. Ou, por outras palavras, o paradoxo que existe entre a “homogeneidade cultural” imposta pela escola e a heterogeneidade das “culturas” dos alunos. (BARROSO, 2004, p. 189).

Voltando os olhares para nossa investigação, é possível identificar os elementos da cultura escolar nas duas instituições pesquisadas. Conforme definição adotada por Barroso (2004), Carvalho (2006) e Silva (2006), a cultura escolar é resumidamente única em cada instituição, formada pela cultura do local onde está inserida e também por seus atores.

Assim como veremos mais adiante, as duas escolas pesquisadas, apresentam logo de início suas diferenças culturais escolares, quer seja em sua localização geográfica, uma no Centro e outra às margens da BR-101, quer seja em seus atores, alunos com maior e menor ligação com a cultura pesqueira do município, quer seja nos objetivos, uma instituição voltada claramente para a preparação para o vestibular, e outra que trabalha de forma mais abrangente.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE LAGUNA

O século XV foi marcado pela disputa entre os Reinos da Espanha e de Portugal em busca de novos territórios além-mar. Após muitas disputas, ambos os reinos decidiram, em 1494, assinar um tratado que dividiria as terras descobertas em uma linha imaginária a 370 léguas de Cabo Verde. As terras a oeste dessa linha ficaram para a Espanha, enquanto as terras a leste eram de Portugal. No Brasil, essa linha imaginária iniciou-se ao norte na cidade de Belém e terminou ao sul no município de Laguna.

Com esse tratado, Laguna começa a surgir no cenário do Brasil colonial. Em 1530, para garantir definitivamente a posse das terras brasileiras, Portugal, comandado por D. João III, envia Martim Afonso de Souza para organizar as “capitanias hereditárias”, resultado da divisão do território em extensas faixas de terra. Entre as quinze capitanias criadas, as pertencentes a Pero Lopes de Souza dividiram-se em três partes, uma das quais se estendeu do litoral de Paranaguá até Laguna (PIAZZA, 1989).

Os acordos entre Portugal e Espanha se encerraram junto com o fim da União Ibérica (1580-1640), e os bandeirantes vicentistas, vindos da Capitania de São Vicente, no intuito de ampliar o território português, percorreram todo o Estado de Santa Catarina, principalmente o litoral, que passa a ser visto com bons olhos pelos bandeirantes (PIAZZA, 1989).

Como município, Laguna foi fundada com o nome de Santo Antônio dos Anjos. Antes, a antiga vila se chamava Lagoa dos Patos, nome que, segundo Cabral (1976, p. 61), se devia à grande quantidade de patos existentes na região:

Atualmente, a maioria dos estudiosos e pesquisadores da nossa História não se arreceia de afirmar que a região dos Patos (Ilha dos Patos, rio dos Patos, Lagoa dos Patos, etc...) tinha a sua localização na costa catarinense – e que a Lagoa dos Patos era a Lagoa do Imaruí dos nossos dias, sobre cujo sangradouro, ou melhor, às margens de cujo sangradouro se fundou Laguna – tal como deu “**Notícia da povoação e fundação da Vila de Laguna**” o seu co-fundador Francisco de Brito Peixoto: – “chegaram à dita paragem chamada Lagoa dos Patos, hoje Vila de Laguna de Santo Antônio dos Anjos, onde estabeleceram e principiaram a dita povoação”. (CABRAL, 1976, p. 61).

Santo Antônio dos Anjos de Laguna se deve a uma homenagem ao santo do qual o fundador Domingos de Brito Peixoto era devoto (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016a).

Segundo dados históricos, o bandeirante vicentista chegou com sua família ao município em 1676 e, segundo Piazza (1982), teria investido toda a sua fortuna na viagem para Laguna e na subsistência de sua família no local, tendo custeado, inclusive, a construção da Igreja Matriz, que inicialmente teria sido feita de pau a pique.

A data de fundação da antiga vila é motivo de contestação entre os pesquisadores Piazza e Cabral. Segundo Cabral, a data exata do acontecimento é incerta:

[...] não se conhece com exatidão a data de fundação da póvoa de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, o dia em que seu fundador, com sua gente – familiares, agregados, escravos, indígenas e homens de armas – pisou pela primeira vez, com propósito de nele se fixar [...]. (CABRAL, 1976, p. 57).

Já Piazza (1982, p. 39) atribui uma data para a chegada do fundador vicentista a Laguna. Segundo ele, Domingos de Brito Peixoto tentou explorar o extremo sul do Brasil em 1682, embarcando de Santos em um navio, porém não obteve sucesso, por se deparar com mau tempo. Ao tentar novamente, dois anos depois, ele embarca com a família, chega a Laguna e funda Santo Antônio dos Anjos da Laguna, como era chamada na época.

Dall'Alba apresenta em sua obra uma passagem sobre a primeira tentativa sem sucesso de Domingos de Brito Peixoto chegar a Laguna:

Por ser muito do gosto do Rei D. Pedro II, de gloriosa memória, a povoação da Vila de Laguna entrou o capitão Domingos de Brito Peixoto para dar princípio, mandando por mar um patacho seu, carregado com ferramentas, e gente, e muitos escravos, para irem dar fundo na parte onde lhe ensinaram, e desembarcar para a dita paragem, que era uma enseada chamada Mampituba, e aí procurarem a Lagoa dos Patos, e principalmente a dita povoação, teve a infelicidade de dar à costa, na altura de Abrolhos, donde se perdeu o dito Patacho e tudo o mais que nele ia. (DALL'ALBA, 1979, p. 15).

Ainda segundo o autor, a segunda tentativa foi bem-sucedida, e o bandeirante vicentista fundou Laguna e, juntamente com seus filhos e esposa, iniciou o processo de povoamento.

Não desanimando o dito Domingos de Brito Peixoto desta perda e infelicidade, por dar gosto a seu Rei e Senhor, entrou com dois filhos seus, o Tenente Sebastião de Brito Guerra e Francisco de Brito Peixoto, a fazer esta conquista e povoação, por terra, levando muitos escravos e administrados seus e mais pessoas de sua obrigação que o acompanhavam, e depois de muitos trabalhos percas e despesas, chegaram à dita paragem chamada Lagoa dos Patos, hoje Vila de Santo Antônio dos Anjos, donde estabeleceram e principiaram a dita povoação afugentando muitos gentios, onças, tigres, de que estava mui povoada aquela paragem, com perca de muitos escravos. (DALL'ALBA, 1979, p. 15).

Como tudo o que acontecia no Brasil naquela época, a ocupação do território pertencente a Laguna fazia parte de um jogo de interesses de Portugal:

A fundação da vila de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, como povoamento do litoral do Rio Grande do Sul ocorrem em virtude da necessidade de apoio à Colônia do Sacramento e de estabelecer ligação entre a costa e as estâncias do interior. (PIAZZA, 1989, p. 30).

Nesse sentido, Cittadin também reforça que a opção de Domingos de Brito Peixoto pela região foi feita a partir da localização geográfica e das características naturais do município de Laguna:

A escolha para implantação de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, baseou-se na existência de um porto natural abrigado dos ventos fortes e águas turbulentas, circundado por uma faixa de terra plana, com solo firme que permitisse a edificação de uma vila, além do abastecimento de água de boa qualidade, e por sua estratégica posição geográfica, sobre a imaginária linha do Tratado de Tordesilhas garantindo os limites ao sul do território português. (CITTADIN, 2010, p. 82).

Um pouco mais tarde, a antiga vila mais uma vez é vítima dos interesses da Colônia, que em 1722 determina por Carta Régia a abertura do “Caminho do Sul”, que visava ligar o extremo sul do Brasil até São Paulo e Rio de Janeiro. O novo caminho tinha dois objetivos: abastecer as regiões de mineração com alimento e animais para transporte e defender a Colônia do Sacramento, pertencente a Portugal (PIAZZA, 1989).

Segundo Piazza (1982), em setembro de 1727 o governo da Capitania de São Paulo enviou o Sargento-mor de cavalaria Francisco de Souza e Faria juntamente com o piloto José Inácio e o companheiro Manoel Correia rumo ao sul para buscar apoio para a empreitada de definição da nova rota.

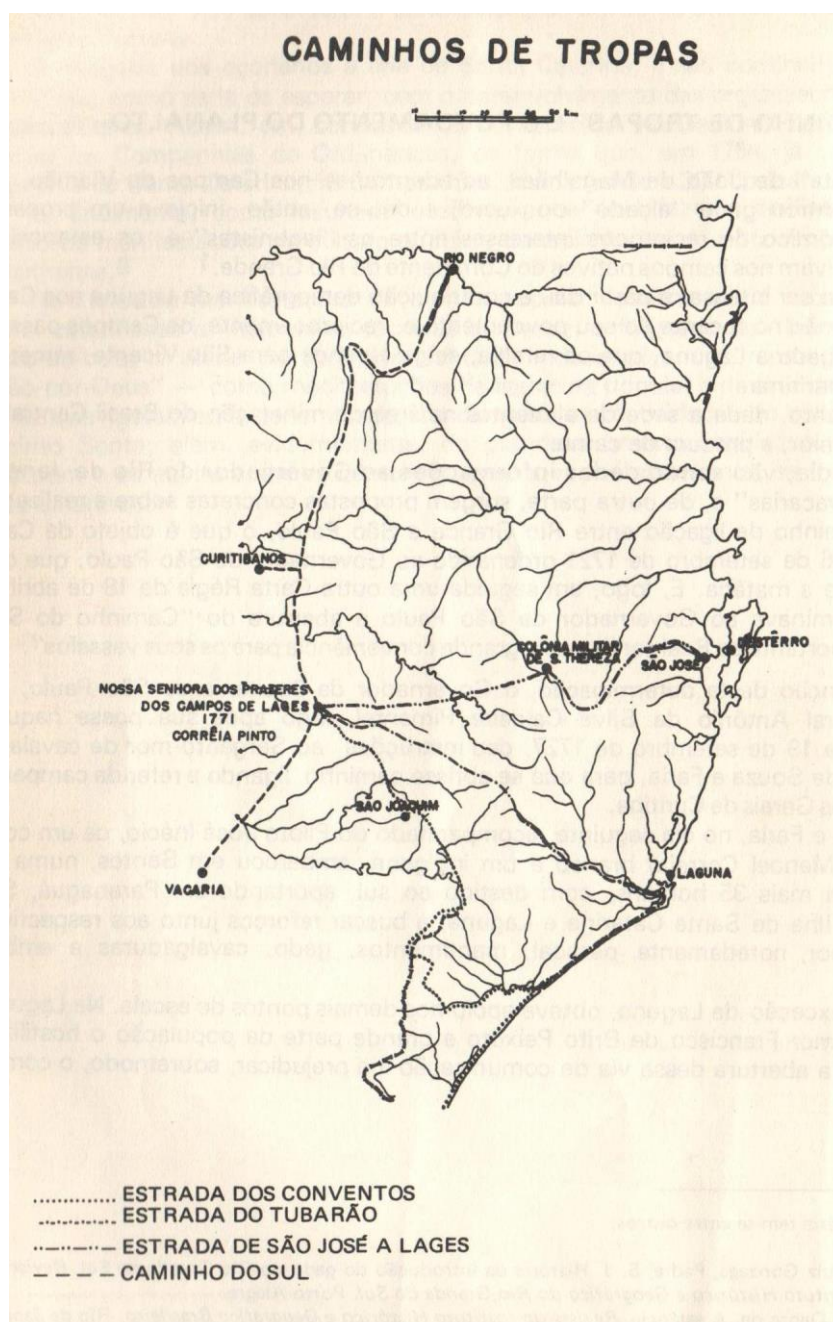
No entanto, a rota do Caminho do Sul, também conhecido como Caminho de Tropas, passaria pelo interior, e não pelo litoral, o que logo provocou desagrado dos comerciantes de Laguna e também da Ilha de Santa Catarina, os quais seriam prejudicados com a futura baixa da atividade comercial nos portos.

Na Laguna, o Capitão-mor Francisco de Brito Peixoto e grande parte da população o hostilizou porquanto a abertura dessa via de comunicação iria prejudicar, sobretudo, o comércio local. (PIAZZA, 1982, p. 65).

As primeiras aberturas feitas na mata para o novo caminho aconteceram em 11 de fevereiro de 1728, comandadas por Francisco de Souza e Faria. Em 1771, com o caminho já pronto, Laguna começa a sentir o esvaziamento da cidade, devido ao fato de muitos moradores terem migrado para terras do Rio Grande do Sul, atraídos pela criação de gado. Nesse ano, a Câmara de Laguna, buscando tomar uma providência para o problema, decide abrir por conta própria um caminho acompanhando o curso do Rio Tubarão (PIAZZA, 1982, 1989).

Um mapa que Piazza (1982) traz em sua obra ilustra o caminho aberto pela Estrada de Tubarão.

Figura 1 – Caminho de tropas



Fonte: Piazza (1982, p. 66)

3.1 A COLONIZAÇÃO AÇORIANA

Como podemos observar, o povoamento vicentista foi de grande importância para a criação não somente do núcleo de Laguna, mas também de São Francisco e Desterro. O despovoamento deste último, que aconteceu devido à morte de seu fundador e à fuga dos

parentes e acompanhantes, deixou a ocupação do sul do Brasil bastante enfraquecida (PIAZZA, 1989).

A Coroa portuguesa passou a ficar bastante temerosa com a desocupação dos territórios de fronteira e com uma possível reclamação futura das terras por parte da Espanha.

Ao mesmo tempo, o arquipélago dos Açores (formado por nove ilhas) e a ilha de Madeira vinham sofrendo com vários problemas que motivavam a vinda para território brasileiro e coincidiam com os interesses da Coroa portuguesa:

Estas ilhas, sofrendo constantes abalos sísmicos terrestres ou submarinos, estimularam a saída de parte de sua população. Aliado a este fator estaria o precário desenvolvimento econômico da região, o desejo de lançar-se ao mar, mas principalmente o excesso populacional que em decorrência, provocava a escassez de alimentos em determinadas ocasiões. (PIAZZA, 1989, p. 35).

Sendo assim, por sugestão do Brigadeiro Silva Paes e também pelo interesse de açorianos e madeirenses, foi criada em 1746 uma determinação régia para que se iniciasse o alistamento e o envio de interessados dessas ilhas para o Pará, Maranhão e Santa Catarina (PIAZZA, 1989).

De acordo com Piazza (1989, p. 36), “o alistamento dos açorianos ficou em torno de 7.000 pessoas. Já na Ilha da Madeira, registraram-se cerca de 2.000 pessoas para o transporte em direção à ilha de Santa Catarina”. Entretanto, não há um número exato de quantos habitantes de Açores e Madeira vieram para o território de Santa Catarina. Piazza (1989, p. 60) faz um levantamento de vários dados e sugere que, no mínimo, 6.000 pessoas vieram daquelas ilhas entre os anos de 1748 e 1756.

De acordo com Cittadin (2010, p. 83), a chegada dos açorianos à antiga vila foi muito positiva:

Entre os anos de 1749 e 1756, vieram os imigrantes açorianos provocando uma grande modificação nos usos e costumes da Vila, a situação econômica de Laguna é impulsionada pela introdução de novos produtos agrícolas como trigo, linho e cânhamo, pelas técnicas do manejo com os engenhos de açúcar e de farinha movidos à tração animal, pelo cultivo de açúcar, feijão, amendoim, café, mandioca, pelo comércio de peixe seco e a navegação. Algumas casas de comércio tecem panos de uso doméstico, sendo que em Vila Nova, atual Imbituba, cultivava-se cochonilla, para produção do pigmento utilizado na tintura dos fios e tecidos. As mulheres açorianas trazem para região a renda artesanal, presente até os dias atuais.

Assim como para a cidade a chegada de imigrantes foi favorável, para estes havia a perspectiva de melhora de vida diante da gama de problemas que vinham sofrendo em seu

país de origem. No entanto, em terras catarinenses alguns problemas logo tiveram de ser enfrentados:

Por determinação do Rei de Portugal, como já vimos, seria concedida, aos “casais”, uma porção de terra. Pelos registros efetuados em Santa Catarina os açorianos não receberam a metragem prometida, nem solo próprio para cultivo daqueles produtos tradicionais existentes em Açores e Madeira. Enquanto na Ilha de Açores o solo era de origem vulcânica, altamente fértil, na Ilha de Santa Catarina e no continente fronteiriço encontraram terrenos de areais e mangues. (PIAZZA, 1989, p. 38).

No que diz respeito à ocupação do território lagunense por açorianos, Cittadin apresenta um mapa com os dados obtidos em sua pesquisa:

Os primeiros casais de açorianos ocuparam freguesias ao redor de Laguna: Vila Nova (Imbituba), Santana do Mirim (Rio D’já), Senhor Bom Jesus da Pescaria Brava e São João Batista do Imaruí, impulsionando assim o desenvolvimento das vilas litorâneas do Sul do Brasil. Estas novas atividades fazem com que inicie a ocupação dos locais mais afastados do núcleo urbano original. Oliveira (2010) afirma que os açorianos emigraram para onde hoje é o distrito de Ribeirão, nas comunidades de Ribeirão Pequeno, Parobé, Figueira, Ribeirão Grande e Morro Grande. (PIAZZA, 1989, p. 38-39).

Figura 2 – Freguesias surgidas a partir de 1749



Figura 21: Freguesias próximas a Laguna, ocupadas por açorianos a partir de 1749.

Fonte: Modificado pela autora a partir de IBGE, 1983, Escala 1.250.000.

Fonte: Cittadin (2010, p. 84)

Vale lembrar que, apesar das dificuldades encontradas, os povos açoriano e madeirense se destacaram na tradição pesqueira, tendo chegado junto com a implantação das “armações” de baleia e, conseqüentemente, participado da construção naval. Outro ponto que merece destaque é a tecelagem manual, que permanece viva ainda nos dias atuais em algumas comunidades de origem açoriana (PIAZZA, 1989).

3.2 CIDADE JULIANA DA LAGUNA

O município de Laguna também se destaca por ter sido palco de um cenário revolucionário, a Revolução Farroupilha, que se iniciou no Rio Grande do Sul, mas que se estendeu ao território catarinense, mais precisamente a Laguna, por seu fácil acesso ao mar.

A República Rio Grandense (1835 a 1845) aconteceu no Período Regencial, caracterizado por uma série de ações de ordem social e política. Conforme explica Piazza, a causa maior era movida por ideias de autonomia e liberdade:

Suas causas estavam relacionadas com o desejo de maior autonomia política para as Províncias, chegando a uma República federativa, contra a política reacionária dos governos provinciais e com desejo de mais atenção, por parte do governo central, aos seus interesses econômicos voltados para a pecuária. (PIAZZA, 1989, p. 62).

A República dos Farroupilhas precisava prosperar, e Laguna era um bom local para isso. De acordo com Piazza (1989, p. 64), Laguna possuía “valor como centro abastecedor das tropas e por ser um porto de mar à disposição, no momento em que estavam sem saída para o mar, no Rio Grande do Sul”.

Ainda segundo o autor, os revolucionários Giuseppe Garibaldi e Davi Canabarro tomaram Laguna em uma ação conjunta por terra e por mar (PIAZZA, 1989).

Conforme Dall’Alba (1979, p. 170), a ação de Garibaldi e Canabarro teve sucesso, e “em 29 de julho de 1839, aderindo aos Farroupilhas, a Câmara Municipal proclamou a República Catarinense. Laguna é elevada à categoria de cidade: Cidade Juliana da Laguna, Capital provisória da nação catarinense”.

No entanto, os farroupilhas não encontraram o cenário que procuravam em Laguna. Sem pessoal preparado para assumir as responsabilidades da República e sem apoio do exterior, ela foi se enfraquecendo (DALL’ALBA, 1979).

Diante da situação, ainda no mesmo ano da tomada de Laguna, os farroupilhas são obrigados a se retirar da cidade: “só restou, como alternativa, marchar por terra em direção ao planalto sob o comando do Coronel Joaquim Teixeira Nunes e de Garibaldi” (PIAZZA, 1989, p. 65).

De acordo com Dall’Alba (1979), Laguna levaria anos para se recompor de toda a destruição causada pelo conflito. No entanto, durante os poucos meses de paz existentes na tomada da cidade, ela foi cenário para o famoso romance de Giuseppe e Anita Garibaldi.

Anita Garibaldi, também conhecida como Ana Maria de Jesus Ribeiro, ficou famosa como a “Heroína de Dois Mundos” por participar de lutas liberais no Brasil e na Itália (PIAZZA, 1989).

Após Laguna sofrer com os conflitos dos republicanos e imperialistas, em 1880 passa a ter maior movimento, por conta dos imigrantes recém-chegados e dos tropeiros de Lages:

A colônia Italiana de Azambuja e Urussanga, a Colônia Grão Pará, da Princesa Isabel, a Colônia Alemã do Braço do Norte, mais os tropeiros de Lages fazem da Laguna o grande porto de abastecimento da praça do Rio de Janeiro. [...] Assim mesmo, até os idos de 1910, carne, banha, madeira, açúcar, farinha e aguardente movimentavam o pequeno porto. A estrada de Ferro Tereza Cristina, se não lhe trazia carvão, trazia-lhe a clientela de todo um rico interior, com seus produtos agrícolas. (DALL'ALBA, 1979, p. 170).

Cittadin também discorre sobre a movimentação ocasionada pela chegada de imigrantes através porto da cidade, vindos para a grande ocupação italiana e alemã da região:

Na metade século XIX inicia a vinda dos imigrantes europeus, italianos e alemães que chegavam pelo porto de Laguna, ficavam na beira da praia, nos trapiches, esperando embarcações e seguiam para as colônias do estado de Santa Catarina. No começo o deslocamento era realizado pelas lagoas e rios, mais tarde através da estrada de ferro D. Tereza Cristina que iniciou sua construção em 1880 e foi aberta ao tráfego em 1884. (CITTADIN, 2010, p. 86).

A chegada de imigrantes italianos e alemães na região, além de enriquecer a cultura, foi de grande importância para o desenvolvimento do porto de Laguna, conforme cita a autora:

Com o desenvolvimento das colônias italianas e alemãs, os produtos por elas produzidos eram trazidos de trem e escoados através do porto de Laguna. Este fato juntamente com a exploração do carvão, fez com que, na segunda metade do século XIX, Laguna assumisse a 4ª posição no estado quanto à movimentação portuária. (CITTADIN, 2010, p. 86).

Neu também comenta a relação entre os imigrantes e o Porto:

O Porto de Laguna, mais especificamente, beneficiou-se do desenvolvimento da pequena produção agrícola que se desenvolveu nas colônias alemãs a parti do final do século XIX. Estes produtos vinham pela Bacia do Rio Tubarão até Laguna e, de lá, eram escoados para Rio de Janeiro e São Paulo, onde abasteciam o mercado metropolitano. (NEU, 2009, p. 34).

Talvez possamos destacar o porto de Laguna como o principal responsável pelos melhores momentos que a economia do município já viveu, e os resultados dessa época estão estampados nas construções que se destacam até hoje.

O comércio de representações aliado às indústrias da região enriquece ainda mais as companhias de navegação, lucrando também no transporte. Isto fez com que desfrutassem de uma situação econômica invejável possibilitando com isso, melhores condições de vida a toda a população. Este período constituiu a época áurea de Laguna. Algumas construções do Centro Histórico testemunham ainda hoje a riqueza vivida nestes anos. (CITTADIN, 2010, p. 86).

Cittadin (2010) apresenta uma imagem da década de 1890 que mostra a ascensão do município gerada pelo bom funcionamento do porto. Na imagem, reproduzida abaixo, é possível ver alguns prédios importantes, construídos nessa época, além da inauguração da iluminação pública a petróleo.

Figura 3 – Vista parcial de Laguna, com destaque para edificações construídas na década de 1890



Figura 23: Vista parcial de Laguna.
Destaque para o mercado público, hospital e igreja na década de 1890.
Fonte: ETEC Laguna/IPHAN-SC, 2010.

Fonte: Cittadin (2010, p. 87)

Ainda no século XIX o município, assim como outros da região, se beneficiou com a extração de carvão, passando a transportá-lo pelo porto. A Ponte de Cabeçuda é um resultado desse ciclo, com sua estrada de ferro, por onde chegava o minério (CITTADIN, 2010).

No entanto, o século XX trouxe muitos avanços na indústria e talvez, por Laguna não conseguir acompanhá-los, após a Segunda Guerra Mundial, o porto entrou em declínio.

Guedes (1994) ressaltou que o carvão também era transportado pelo Porto de Laguna e, depois de 1945, com a produção de navios de grande porte, iniciou-se o declínio muito acentuado na movimentação de cargas. Além disso, a existência de outro sítio portuário próximo, o Porto de Imbituba, que apresentava melhores condições e que, com poucos investimentos, poderia movimentar o minério em grande quantidade, seja por possuir retro-área maior, seja por apresentar um calado também maior. (GUEDES, 1994 *apud* NEU, 2009, p. 34).

Cittadin ainda cita a queda na movimentação portuária de Laguna e atribui a concorrência do município vizinho de Imbituba como um dos motivos para a perda de mercado.

Após a segunda Guerra Mundial o porto de Laguna, que na segunda metade do século XIX assumiu a 4ª posição no estado quanto à movimentação portuária, perde espaço para o porto de Imbituba que era mais bem localizado para receber navios maiores e de maior cabotagem. (CITTADIN, 2010, p. 90).

Buscando reverter a situação e não permitir que a queda do porto afetasse a economia do município de maneira drástica, o governo optou por mudar o foco do porto, passando a prestar serviços de pesca a partir de 1969:

Segundo o Ministério do Transporte, a transformação deste Porto em um porto pesqueiro poderia ser a solução para salvar a economia de Laguna, profundamente abalada pela inatividade do seu porto, que foi, por duas décadas, a sua força motriz. Em 1969, o Decreto-Lei nº 525 de 08/04/1969 autorizou a constituição de sociedade mista destinada à exploração dos serviços do porto de pesca. Em 1980, após as devidas modificações, é inaugurado o Porto pesqueiro de Laguna. (NEU, 2009, p. 34).

A autora afirma que Laguna consegue se colocar novamente no mercado portuário, destacando-se entre as áreas de maior produtividade de pescados no sul do Brasil (NEU, 2009).

Mesmo diante de todo esse cenário, atualmente Laguna é marcada pelo turismo de verão, que, com a recente construção da Ponte Anita Garibaldi, trouxe de volta ao município os visitantes que haviam se evadido por conta das longas filas, geradas pela falta de duplicação no trecho de acesso à região. O turismo sazonal possibilita grande circulação de turistas, atraídos principalmente pelas belas praias do Mar Grosso e Farol de Santa Marta, além da festa de Carnaval.

4 O ENSINO MÉDIO INOVADOR EM LAGUNA

4.1 PROEMI

O Programa Ensino Médio Inovador (ProEmi) foi instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, cujo objetivo é “apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas do Ensino Médio não profissional” (BRASIL, 2009, p. 52).

A necessidade de aplicação desse programa nas escolas estaduais de todo o Brasil se baseia em avaliações oficiais que apontam que o sistema de educação atual não possibilita a garantia de aprendizagem e a permanência da maioria dos jovens no ensino médio (PROEMI, 2011).

Ainda com base no Documento Orientador do ProEmi, apesar de 85,2% de jovens e adolescentes frequentarem a escola, apenas 50,9% estão frequentando a série adequada a sua idade, ou seja, há milhões de jovens na faixa de idade de 15 a 17 anos que estão fora da escola ou estão fora da série adequada (PROEMI, 2011).

O fato de jovens estarem atrasados em relação a sua série é um problema social e se reflete claramente na renda familiar. Duas pesquisas mostram claramente isso: o SIS¹⁰ de 2010 mostra que entre os 20% mais pobres da população apenas 32% dos adolescentes na faixa de 15 a 17 estavam frequentando o ensino médio; em contrapartida, entre os 20% mais ricos, o número de jovens dessa faixa etária que frequentam o ensino médio é de 77,9%. Outra pesquisa é o Censo¹¹ 2010, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep), que relevou que a renda familiar *per capita* dos adolescentes de idade de 15 a 17 anos que frequentam o ensino médio é inferior a um salário mínimo (PROEMI, 2011).

Assim, o Programa, por meio de apoio das Secretarias Estaduais de Educação, se propõe a promover o

desenvolvimento de ações de melhoria da qualidade do Ensino Médio não profissionalizante, com ênfase nos projetos pedagógicos que promovam a educação científica e humanística, a valorização da leitura, da cultura, o aprimoramento da

¹⁰ IBGE. SIS: Síntese dos Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Faz uma análise das condições de vida da população brasileira 2010 e tem como objetivo possibilitar um conhecimento mais amplo da realidade social do país. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 20 abr. 2016.

¹¹ IBGE. Os censos demográficos são pesquisas estatísticas cujo levantamento consiste na visita a todos os domicílios de um país e constituem a única fonte de referência para o conhecimento das condições de vida da população em todos os municípios e em seus recortes territoriais internos – distritos, bairros e localidades, rurais ou urbanos. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 20 abr. 2016.

relação teoria e prática, da utilização de novas tecnologias e o desenvolvimento de metodologias criativas e emancipadoras. (BRASIL, 2009, p. 52).

Foram estabelecidos dez objetivos para o ProEmi. Entre eles está incentivar o retorno e/ou a permanência de jovens no ensino médio e, para isso, melhorar a qualidade do ensino, possibilitando a autonomia intelectual do jovem e aumentando o diálogo entre o aluno e a escola:

- I – expandir o atendimento e melhorar a qualidade do Ensino Médio;
- II – desenvolver e reestruturar o Ensino Médio não profissionalizante, de forma a combinar formação geral, científica, tecnológica, cultural e conhecimentos técnicos-experimentais;
- III – promover e estimular a inovação curricular no Ensino Médio;
- IV – incentivar o retorno de adolescentes e jovens ao sistema escolar e proporcionar a elevação da escolaridade;
- V – fomentar o diálogo entre a escola e os sujeitos adolescentes e jovens;
- VI – promover uma escola média onde os saberes e conhecimentos tenham significado para os estudantes e desenvolvem sua autonomia intelectual;
- VII – desenvolver a autonomia do estudante por meio do oferecimento de uma aprendizagem significativa;
- VIII – criar uma rede nacional de escolas de Ensino Médio públicas e privadas que possibilite o intercâmbio de projetos pedagógicos inovadores;
- IX – promover o intercâmbio dos Colégios de Aplicação das IFES, dos Institutos Federais e do Colégio Pedro II com as redes públicas estaduais de Ensino Médio;
- X – incentivar a articulação, por meio de parcerias, do Sistema S¹² com as redes públicas de Ensino Médio estaduais. (BRASIL, 2009, p. 52).

Além disso, o Programa Ensino Médio Inovador possibilita apoio para garantir que os objetivos sejam alcançados. São eles: “apoio técnico e financeiro a ações de desenvolvimento e estruturação do Ensino Médio” (BRASIL, 2009, p. 52). Esses apoios são feitos “mediante análise, seleção e aprovação de propostas, na forma de plano de trabalho, e posterior celebração de convênio, execução direta ou descentralização de recursos, na forma da legislação aplicável” (BRASIL, 2009, p. 52).

A seleção das escolas a serem beneficiadas com o programa é feita a partir das Secretarias Estaduais de Educação, as quais, juntamente com as escolas, devem formular um Projeto de Reestruturação Curricular (PRC), que, de acordo com o documento orientador do ProEmi (2011), deve atender a suas necessidades, focando na melhoria da aprendizagem do

¹² PORTAL BRASIL. O Sistema S é formado por uma rede de escolas, laboratórios e centros tecnológicos espalhados por todo o território nacional, que oferecem cursos gratuitos ou com valores mais acessíveis em áreas importantes da indústria e comércio. O objetivo do sistema é qualificar e promover o bem-estar social e disponibilizar uma boa educação profissional. Formado pelas instituições: SEBRAE, SENAI, SENI, IEL, SENAC, SESC, SENAR, SENAT, SEST e SESCOOP. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/02/sistema-s-e-estrutura-educacional-mantida-pela-industria>. Acesso em: 15 ago. 2015.

estudante e aplicando as concepções curriculares já impostas, sem deixar de reconhecer as especificidades regionais.

Alguns itens devem compor o projeto de reestruturação curricular para receber o Ensino Médio Inovador e seu apoio financeiro nas escolas:

- a) Carga horária mínima de 3.000 (três mil horas), entendendo-se 2.400 horas obrigatórias, acrescidas de 600 horas a serem implantadas de forma gradativa;
- b) Foco na leitura como elemento de interpretação e de ampliação da visão de mundo, basilar para todas as áreas do conhecimento;
- c) Atividades teórico-práticas apoiadas em laboratórios de ciências, matemática e outros espaços ou atividades que potencializem aprendizagens nas diferentes áreas do conhecimento;
- d) Fomento às atividades de produção artística que promovam a ampliação do universo cultural do estudante;
- e) Fomento as atividades esportivas e corporais que promovam o desenvolvimento dos estudantes;
- f) Fomento às atividades que envolvam comunicação e uso de mídias e cultura digital, em todas as áreas do conhecimento;
- g) Oferta de atividades optativas (de acordo com os macrocampos), que poderão estar estruturadas em disciplinas, ou em outras práticas pedagógicas multi ou interdisciplinares;
- h) Estímulo à atividade docente em dedicação integral à escola, com tempo efetivo para atividades de planejamento pedagógico, individuais e coletivas;
- i) Incorporação das ações ao Projeto Político-Pedagógico implementado com participação efetiva da Comunidade Escolar;
- j) As escolas integrantes do Programa deverão promover a participação dos estudantes no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); e
- k) Elaboração de plano de metas para melhoria do índice escolar. (PROEMI, 2011, p. 8).

Além disso, o conjunto de ações propostas pelas escolas deve contemplar dois macrocampos obrigatórios: o acompanhamento pedagógico e a iniciação científica e pesquisa. Ademais, outros macrocampos são indicados e devem ser escolhidos de acordo com as necessidades e interesses da equipe pedagógica, dos professores e da comunidade escolar: cultura corporal; cultura e artes; comunicação e uso de mídias; cultura digital; participação estudantil; e leitura e letramento (PROEMI, 2011).

No que diz respeito ao critério de seleção das escolas utilizado pelas Secretarias Estaduais de Educação para participar do programa, as escolas deverão:

- a) Estabelecer ações conjuntas para melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem e consequente reestruturação curricular das escolas que apresentem dificuldades no alcance do sucesso da aprendizagem;
- b) Contemplar as escolas de forma regionalizada, como fator de articulação e disseminação das experiências curriculares desenvolvidas;
- c) Considerar a estrutura curricular e a estrutura física das escolas, visando à ampliação do tempo do estudante na escola, e, gradativamente, à educação em tempo integral;

- d) Capacidade de articulação com outras instituições e políticas públicas, como forma de ampliação dos espaços educativos e de aperfeiçoamento dos docentes; e
- e) Capacidade de aprimoramento no atendimento escolar as especificidades do estudante do turno noturno. (PROEMI, 2011, p. 12).

Para a organização e reestruturação do currículo e para acompanhar todo o desenvolvimento do programa, a coordenação da instituição deverá escolher um ou mais professores para ocupar o cargo de Professor Articulador, o qual deve fazer parte do quadro permanente e ter dedicação de 40 horas semanais para a escola (PROEMI, 2011).

Para a aplicação do programa nas escolas, os recursos são disponibilizados de acordo com a carga horária destinada às atividades (no mínimo 5 horas diárias) e também de acordo com o número de alunos que a instituição atende. Os valores devem ser destinados a material de consumo, locação de serviços e infraestrutura, locação de serviços e utilização de equipamentos, aquisição de materiais e bens e/ou contratação de serviços necessários à adequação dos ambientes, contratação de serviços de consultoria de instituições de ensino superior, aquisição de materiais didático-pedagógicos, aquisição de equipamentos e mobiliário, e aquisição de material e tecnologias (disponíveis no Guia de Tecnologia presente no portal do MEC) (PROEMI, 2011).

Conforme citamos anteriormente, esta dissertação originou-se do interesse de um grupo de pesquisadores a participar do Observatório da Educação (Obeduc), com o projeto intitulado “As práticas cotidianas do Ensino Médio Inovador na rede pública estadual da microrregião de Tubarão/SC: a cultura escolar e a formação cidadã”.

Como explicita o título, a pesquisa maior está focada em discutir as práticas do Ensino Médio Inovador, inserido em seis escolas – localizadas na macrorregião de Tubarão –, e investigar a cultura escolar e a formação cidadã dos alunos participantes do programa. Entre as escolas selecionadas para aplicar a pesquisa, esta dissertação foca em apenas duas, Escola de Educação Básica Saul Ulysséa e Escola de Ensino Médio Almirante Lamago, ambas localizadas no município de Laguna.

Diante disso, nossa pesquisa está baseada em diversos questionamentos. O primeiro que abordamos aqui é: ao falarmos sobre Ensino Médio Inovador, o que há de inovador nessa proposta de ensino? Para obter uma resposta, começamos verificando quais as mudanças que ocorrem nos projetos políticos pedagógicos das duas instituições de ensino pesquisadas.

4.2 AS ESCOLAS PESQUISADAS – HISTÓRIA E FORMAÇÃO¹³

4.2.1 Histórico da Escola Saul Ulysséa

Figura 4 – Escola de Educação Básica Saul Ulysséa



Fonte: Projeto Político-Pedagógico E.E.B. Saul Ulysséa – anos de 2011 e 2014

A Escola de Educação Básica Saul Ulysséa começou suas atividades em 6 de abril de 1925, com base na Resolução nº 4.396, de 1º de abril de 1925, em uma das dependências da residência do Sr. Antônio Paulo da Silva, inicialmente com o nome de Escola Mista Estadual de Cabeçuda, localizada no bairro de Cabeçuda, Laguna.

O funcionamento das quatro séries iniciais na instituição foi autorizado pelo Decreto nº 10.566, de 2 de março de 1971. Mais tarde, com o Parecer nº 87/80 do Conselho Estadual de Educação e através da Portaria P/189/80, foi autorizado o funcionamento de 5ª a 8ª série do então chamado 1º Grau. A partir daí, mais exatamente no dia 5 de maio de 1980, a instituição passou a funcionar com o nome Escola Básica Saul Ulysséa.

No ano de 2000, a Secretaria de Estado da Educação e do Desporto, no uso de suas atribuições legais, através da Portaria P/017/SED, de 28 de março de 2000, e atendendo ao disposto no art. 21 da LDB, Lei nº 9.394/1996, que dispõe sobre a nomenclatura dos níveis de ensino na educação nacional, resolveu alterar a identificação dos estabelecimentos de

¹³O histórico das escolas foi elaborado conforme o projeto político-pedagógico.

ensino da rede pública estadual, e a escola passou a ser denominada Escola de Educação Básica Saul Ulysséa, por atender alunos de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

A instituição de ensino funciona atualmente nos três turnos e atende aproximadamente 782 alunos, que estão distribuídos entre as 12 turmas do período matutino referentes ao ensino fundamental e regular, as 2 turmas de ensino médio inovador, sendo este em período integral, as 13 turmas do ensino fundamental do período vespertino e as 3 turmas do ensino médio regular no período noturno.

4.2.2 Histórico da Escola Almirante Lamego

Figura 5 – Escola de Ensino Médio Almirante Lamego



Fonte: Projeto Político-Pedagógico E.E.M. Almirante Lamego – anos de 2011 e 2013

A Escola de Ensino Médio Almirante Lamego iniciou suas atividades no antigo “Ginásio Lagunense”, instituição de ensino que durante 38 anos funcionou instalada no antigo prédio situado na Rua Voluntário Fermiano, no Centro de Laguna.

O prédio onde a instituição funcionava foi inaugurado solenemente em 16 de abril de 1932, no entanto começou a receber seus alunos somente no ano seguinte, quando recebeu o reconhecimento do Ministério da Educação.

O Ginásio Lagunense foi a primeira instituição de ensino fundada no sul do Estado, tendo recebido alunos dos municípios vizinhos e também da região serrana, de forma a possibilitar aos estudantes o acesso à informação.

Em 1949 criou-se a “Escola Técnica de Comércio Lagunense” e em 1950 a “Escola Normal Brito Peixoto”, por iniciativa do Professor Ruben Ulysséa.

Em 1964 o governo do Estado de Santa Catarina encampa o “Ginásio Lagunense” com todos os cursos, que passa a se chamar “Conjunto Educacional Almirante Lamego”, pela Lei nº 3.408, de 17 de março de 1964. Seu prédio atual foi inaugurado em 20 de setembro do mesmo ano, com a presença de Celso Ramos, então governador do Estado.

Com a reforma do ensino médio, pelo Parecer nº 15/98 da Câmara de Educação Básica (CEB), do Conselho Nacional de Educação (CNE), aprovado em 1º de junho de 1998, através da Portaria E/0017 SED, de 28 de março de 2000, iniciou-se o reordenamento da instituição de ensino.

A escola então passou a atender somente alunos do ensino médio, com os cursos de Educação Geral e a reabertura do curso de Magistério, no ano de 2004 (Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais).

Com esse reordenamento, o Conjunto Educacional Almirante Lamego altera sua identificação, passando a ser denominado “Escola de Ensino Médio Almirante Lamego”, e recebe em 2012 o ensino médio inovador.

Figura 6 – Área externa da Escola Almirante Lamego



Fonte: Projeto Político-Pedagógico E.E.M. Almirante Lamego – anos de 2011 e 2013

Figura 7 – Biblioteca da Escola Almirante Lamego



Fonte: Projeto Político-Pedagógico E.E.M. Saul Ulysséa – anos de 2011 e 2013

Figura 8 – Laboratório de Química e Biologia da Escola Almirante Lamego



Fonte: Projeto Político-Pedagógico E.E.M. Saul Ulysséa – anos de 2011 e 2013

4.3 ANÁLISE DOS PROJETOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Apresentamos a seguir a análise dos Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) das duas instituições pesquisadas: Escola de Educação Básica Saul Ulysséa e Escola de Ensino Médio Almirante Lamego.

Primeiramente, convém explanarmos um pouco sobre a finalidade de um PPP em uma instituição de ensino. Como o próprio nome pressupõe, um projeto objetiva externar as ideias do que se pretende fazer. No entanto, Veiga (2002) afirma que um PPP de uma escola deve ir além de agrupar planos e cumprir exigências burocráticas:

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. E político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. “A dimensão política se cumpre na medida em que ela se realiza enquanto prática especificamente pedagógica” (Saviani 1983, p. 93). Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. É pedagógico no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas para cumprir seus propósitos e sua intencionalidade. (VEIGA, 2002, p. 13).

O PPP permite então que a instituição de ensino tenha autonomia ao organizar seu trabalho pedagógico em dois níveis, na sala de aula e da escola como um todo, incluindo sua relação com o contexto social e delineando, assim, a identidade da escola (VEIGA, 2002).

Conforme já discutimos sobre cultura escolar, cada escola tem sua própria cultura, que é construída a partir dos elementos identitários da comunidade escolar e da sociedade em que está inserida. Por esse motivo, ela é única. Uma instituição de ensino pode se assemelhar em alguns ou vários aspectos a outras instituições, mas sua identidade é única (CARVALHO, 2006; SILVA, 2006; BARROSO, 2004; JULIA, 2001).

De forma a compreendermos melhor o que deve constar em um PPP, Veiga (2002) aponta sete elementos (Quadro 2).

Quadro 2 – Elementos que devem constar no PPP de uma escola

Elemento	O que deve constar
Finalidades da escola	Efeitos intencionalmente pretendidos e almejados (ALVES 1992, p. 19 <i>apud</i> VEIGA, 2002, p. 25)
Estrutura organizacional	- Administrativa: tratará das questões de locação e gestão de recursos humanos, físicos (e tudo o que tem forma material – ex. material didático, estrutura física, limpeza, etc.) e financeiros

	- Pedagógica: relacionada ao trabalho pedagógico, interações políticas, questões de ensino e aprendizagem e de currículo (VEIGA, 2002)
Currículo	Currículo implica necessariamente a interação entre sujeitos que têm um mesmo objetivo e a opção por um referencial teórico que o sustente [...] o currículo refere-se à organização do conhecimento escolar (VEIGA, 2002, p. 26)
Tempo escolar	Organização do calendário escolar, determinando o início e o fim do ano. Disposição de quais serão os dias letivos, férias, os períodos escolares, os feriados (cívicos e religiosos), as datas de avaliação, agendamento de reuniões técnicas, cursos, etc. (VEIGA, 2002)
Processo de decisão	Instalação de mecanismos que visem à participação política de todos (comunidade escolar) no processo de decisão. A instalação de colegiados com representação de alunos, pais, associação de pais e professores, grêmio estudantil, etc. (PARO, 1993, p. 34, <i>apud</i> VEIGA, 2002)
Relações de trabalho	“[...] as relações de trabalho, no interior da escola, deverão estar calcadas nas atitudes de solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva, em contraposição à organização regida pelos princípios da divisão do trabalho, da fragmentação e do controle hierárquico” (VEIGA, 2002, p. 28)
Avaliação	Consiste em acompanhar e avaliar os resultados da própria organização do trabalho pedagógico desenvolvido pela escola. “Parte da necessidade de conhecer a realidade escolar, busca explicar e compreender criticamente as causas da existência de problemas, bem como suas relações, suas mudanças e se esforça para propor ações alternativas” (VEIGA, 2002, p. 28)

Fonte: Veiga (2002)

Diante disso, o PPP das duas instituições foi analisado, no sentido de identificar as mudanças ocorridas após a inserção do ensino médio inovador. Foram analisados os dois PPPs de cada escola: antes de adotar o EMI – PPP Escola Almirante Lamego 2011 e PPP Escola Saul Ulysséa 2011; e após implantar o EMI – PPP Escola Almirante Lamego 2013 e PPP Escola Saul Ulysséa 2014.

Devido a cada escola, e também cada gestor, optar por uma forma de organização do PPP diferenciada, optamos por utilizar como norteadores alguns elementos propostos por Veiga (2002), incluindo o contexto socioeconômico. Assim, seguimos um roteiro dos itens analisados, cuja avaliação foi feita observando-se as mudanças ocorridas em contexto socioeconômico, finalidades da escola, estrutura organizacional (administrativa e pedagógica), processo de decisão, avaliação, currículo e tempo escolar.

4.3.1 O PPP da Escola de Educação Básica Saul Ulysséa Antes do EMI – Ano de 2011

Para a instituição, o PPP “é um documento que se destina a nortear as ações administrativas e pedagógicas para o ano letivo em curso. Sua construção coletiva reflete as necessidades da comunidade Escolar, estabelece as metas e prioridade, bem como a aplicação de recursos” (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011, p. 1).

- Contexto socioeconômico

Após sua definição de PPP, o documento apresentou o contexto socioeconômico da comunidade onde a escola está inserida. A Escola Saul Ulysséa está localizada no bairro Cabeçuda, dentro do complexo lagunar do município, entre as Lagoas de Santo Antônio dos Anjos e do Imaruí. O bairro tem sua economia voltada principalmente para a pesca artesanal e a comercialização do pescado, e os praticantes da pesca artesanal presentes no bairro são ligados tanto a órgãos públicos quanto ao mercado informal. O bairro está em constante desenvolvimento, pois se localiza em uma área com grande circulação de veículos, às margens da BR-101, que possui muitos estabelecimentos comerciais (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011).

De acordo com o PPP da escola, os alunos eram oriundos de vários bairros, “Barranceira, Mato Alto, Bananal, Vila Cohab, Laranjeiras, Km 37, Ponta das Laranjeiras e do próprio bairro de Cabeçuda” (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011, p. 25), os quais chegavam à instituição por meio de linhas municipais de ônibus.

- Finalidades da escola

O PPP da Escola Saul Ulysséa do ano de 2011 baseou sua concepção filosófica na concepção histórico-cultural de aprendizagem. A instituição afirmou prezar pela relação entre escola e família e destacou a importância da participação efetiva desta na escola:

A educação atingirá seus objetivos através de uma constante e permanente relação entre escola e família, onde esta última participará efetivamente nos diversos momentos: da construção do conhecimento, do lazer, dos estudos, das decisões que colaborarão na definição dos rumos da escola. (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011, p. 7).

Além disso, a proposta pedagógica da escola era fundamentada em concepções educacionais baseadas na visão dialética como forma de entender o processo de desenvolvimento cognitivo dos indivíduos (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011).

O PPP da escola exaltou o ato do aluno de interagir e refletir sobre o mundo cultural, histórico e científico em que vive, uma vez que é por meio dessa troca que a aprendizagem acontece, como uma consequência das interações vividas pelos indivíduos. A instituição mostrou acreditar na importância do papel da educação em articular valores culturais, preparando o homem para o exercício de sua cidadania (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011).

A escola apresentou também seu conceito de comunidade escolar, o qual englobava “alunos, professores, diretores, especialistas, funcionários, colaboradores e pais” (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011, p. 10), onde deve haver uma articulação permanente por parte de todos com vistas a buscar novas propostas e soluções para a educação.

Diante disso, a escola se propôs a ser “uma escola de qualidade, democrática, participativa e comunitária, com espaço cultural de socialização, formação e desenvolvimento do educando, preparando-o para o exercício dos direitos e o cumprimento dos deveres, sinônimo de cidadania” (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011, p. 11).

A instituição disse acreditar na inclusão e zelar que todos tivessem acesso ao conhecimento, uma vez que este é entendido como um patrimônio coletivo. Por esse motivo, deve ser socializado (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011).

O PPP também apresentou os objetivos da proposta curricular da instituição, que eram:

- Consolidar o currículo para a Educação Básica;
 - Criar oportunidade para que todos tenham acesso aos bens historicamente produzidos;
 - Trabalhar os conteúdos, relacionando-os, permanentemente, ao contexto histórico;
 - Conceber o conhecimento como instrumento de transformação social, oportunizando aos homens possibilidades concretas de compreensão e intervenção na realidade;
 - Entender que a compreensão do todo leva à compreensão das partes e vice-versa;
 - Trabalhar os fundamentos inerentes ao conhecimento;
 - Fortalecer a dimensão política da educação;
 - Valorizar experiências e concepções que as práticas sociais anunciem como necessárias e viáveis. (PPP Escola Saul Ulysséa, 2014, p. 16).
-
- Estrutura organizacional – Administrativa

No que tange à dimensão financeira da escola, a instituição contou com o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE),¹⁴ que disponibilizou recurso financeiro à instituição: “melhoramos o aspecto físico e administrativo da escola, providenciamos reparos, reposição de materiais, aquisição de bens permanentes contratamos serviços urgentes e gerimos a organização de materiais de consumo” (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011, p. 39).

A estrutura física da escola também foi apresentada e estava distribuída da forma conforme se observa no Quadro 3.

Quadro 3 – Estrutura física da Escola Saul Ulysséa

Estrutura física – Escola Saul Ulysséa/2011	
Quantidade	Descrição
14	Salas de aula padrão
01	Biblioteca
01	Sala de vídeo
01	Sala informatizada
01	Laboratório de Química e Biologia
01	Sala de Arte
01	Sala de Educação Física
01	Sala de Professores
01	Sala de Orientação
01	Sala de Administração
01	Sala de Direção
01	Secretaria
01	Cozinha, com dispensa
01	Almoxarifado
01	Quadra de Esportes
01	Pista de Atletismo
02	Banheiro para professores (1 masculino e 1 feminino)
01	Banheiro para pessoas com necessidades especiais
06	Banheiros para alunos (3 femininos e 3 masculinos)
02	Bebedouros
01	Pátio Coberto

Fonte: PPP Escola Saul Ulysséa (2011)

- Estrutura organizacional – Pedagógica

¹⁴ O PDDE consiste na assistência financeira às escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal, e às escolas privadas de educação especial mantidas por entidades sem fins lucrativos. O objetivo desses recursos é a melhoria da infraestrutura física e pedagógica, o reforço da autogestão escolar e a elevação dos índices de desempenho da educação básica. Os recursos do programa são transferidos de acordo com o número de alunos, de acordo com o censo escolar do ano anterior ao do repasse. Fonte: Portal Mec. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

No que diz respeito à metodologia de ensino adotada pela instituição, o PPP destacou a importância da aprendizagem como um processo contínuo de construção do conhecimento, e os instrumentos de avaliação deveriam acontecer a todo o momento e das formas mais variadas possíveis, possibilitando maior aproveitamento do aluno. O rendimento escolar de ensino aprendizagem do aluno era avaliado de forma cumulativa e contínua, e os aspectos qualitativos deveriam superar os quantitativos (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011).

Desta forma se possibilita expressar o seu aprendizado através de pesquisas, participação de projetos, auto-avaliação, seminários, mostras, provas entre outros a serem selecionados de acordo com os objetivos do professor e de acordo com os conteúdos e baseado na troca de experiências e na mediação de ensino aprendizagem. (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011, p. 18).

Entre as formas de avaliação citadas, a instituição trabalhou com o desenvolvimento de projetos pedagógicos. Em 2011 foi o “Saul Ulysséa na Rede”, tendo como justificativa “o uso necessário, urgente e correto dos meios de comunicação, mídia e tecnologia como instrumento de aprendizagem” (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011, p. 21). O projeto foi executado durante todo o ano letivo de 2011, com alunos de ensino fundamental e médio, sendo os resultados avaliados pelos professores, com os seguintes objetivos:

- Trabalhar com a notícia;
 - Utilizar recursos tecnológicos disponíveis na Unidade de Ensino;
 - Proporcionar a interação entre as turmas através do trabalho desenvolvido no ambiente escolar;
- Desenvolver o pensamento crítico a partir dos conteúdos de batidos na elaboração da notícia. (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011, p. 22).

O PPP apresentou também as metas e ações previstas para 2011, que partiram de ações administrativas, indicando melhoras a serem feitas na estrutura física existente (aquisição de bens e reparos), e também de metas pedagógicas, das quais selecionamos algumas:

- Desenvolvimento de projetos pedagógicos voltados para o aprimoramento do processo de construção do conhecimento e valorização do ambiente escolar, tais como a valorização da Merenda, Conservação do Patrimônio Escolar, Inclusão, Formação Profissional, Educação Ambiental e Sexualidade. O projeto deste ano tem como tema central “Saul Ulysséa na Rede”;
- Buscar integração com a comunidade o coletivo escolar;
- Viabilização a discussão sobre o papel social da escola, integrando-a a comunidade em que se situa e à sociedade em que vivemos;
- Enfatizar a necessidade de incluir no projeto político-pedagógico a discussão em torno do conhecimento e do desenvolvimento das múltiplas dimensões humanas;
- Criar espaços para participação dos diferentes segmentos da escola em eventos demonstrativos;

- Contribuir para tornar o ambiente da escola agradável, prazeroso e convidativo ao processo de ensino-aprendizagem e a convivência entre os sujeitos;
- Orientar estudos e pesquisas sob o ponto de vista teórico-metodológico;
- Buscar permanente atualização e capacitação profissional (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011).

- Processo de decisão

O PPP disponibilizou ainda as informações referente às agremiações escolares, onde constam a Associação de Pais e Professores (APP), o Conselho Deliberativo e o Grêmio Estudantil, promovendo a participação de toda a comunidade escolar no processo de tomada de decisão da instituição (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011).

- Avaliação

Conforme consta no PPP, a escola tinha em 2011 um total de 771 alunos, cursando o ensino fundamental (569) ou o ensino médio (202). O quadro abaixo mostra a evolução das matrículas de 2008 a 2011 na instituição, com destaque para o pré-escolar, que parou de ser atendido em 2009 – por isso houve queda no número de alunos, se comparado aos outros anos.

Quadro 4 – Evolução das matrículas de 2008 a 2011 da Escola Saul Ulysséa

	2008	2009	2010	2011
Pré-escolar	51	-	-	-
Ensino fundamental	558	566	561	570
Ensino médio	277	197	199	202
Total	886 alunos	763 alunos	760 alunos	772 alunos

Fonte: PPP Escola Saul Ulysséa (2011)

Percebe-se também que houve queda no número de alunos matriculados no ensino médio de 2008 para 2009, em 80 alunos. Esse dado reflete o número de reprovações em 2008, que chegou a 98 e que pode ter contribuído para a evasão de 37 alunos, maior número no quadro de comparação dos anos. O número de alunos com dependência também cresceu nesse ano, atingindo 104 alunos.

Conforme o Quadro 5, é possível observar o número de aprovados, reprovados, dependentes e evadidos da instituição.

Quadro 5 – Dados de aprovação, reprovação, dependência e evasão dos alunos da Escola Saul Ulysséa dos anos 2007 a 2010

	2007	2008	2009	2010
Aprovados	643	685	695	733
Reprovados	68	98	60	24
Dependência	68	104	38	-
Evadidos	18	37	16	11

Fonte: PPP Escola Saul Ulysséa (2011)

Diante desses dados, o PPP expôs as estratégias de recuperação de alunos com baixo rendimento. De acordo com o documento, essa recuperação aconteceu de forma paralela e contínua durante todo o ano letivo, à medida que as dificuldades eram percebidas, trabalhando sempre em parceria com as famílias (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011). As estratégias aplicadas foram:

- Atendimento intensificado e individualizado em sala de aula objetivando sanar as dúvidas e atender a necessidades dos estudantes;
- Incentivo e formação de grupos de estudos extraclasse de forma que aprenda junto com os colegas e socialize os seus conhecimentos;
- Reunião com os pais ou responsáveis para solicitar acompanhamento nas tarefas e trabalhos escolares;
- Incentivo a formação de hábitos de estudos e de leitura como forma de obter autonomia na aprendizagem;
- Interferências junto aos estudantes que são encaminhados por dificuldades de aprendizagem ou de comprometimento nos estudos causado por postura inadequada;
- Aplicação de provas individuais e atividades avaliativas, também em grupo;
- Nova elaboração de trabalhos e produções;
- Encaminhamentos a especialista: na área da saúde, Conselho Tutelar, Assistência Social, Promotoria Pública e em casos específicos de infrequência e desvio de conduta a aplicação do ECA / APOMT / APOIA. (PPP Escola Saul Ulysséa, 2011, p. 9).

• Currículo

O documento apresentou também a grade curricular adotada no ensino médio, que era formada por 12 disciplinas, conforme se observa no quadro abaixo.

Quadro 6 – Grade curricular do ensino médio da Escola Saul Ulysséa – 2011

Disciplina	1 ^a	2 ^a	3 ^a
Educação Física	02	02	02
Língua Estrangeira	02	02	02
Língua Portuguesa	03	03	03
Arte	01	01	02
Biologia	02	02	02
Matemática	03	03	03

Física	02	02	02
Química	02	02	02
Geografia	02	02	02
História	02	02	02
Sociologia	02	02	01
Filosofia	01	02	02
Total	24h	25h	25h

Fonte: PPP Escola Saul Ulysséa (2011)

O currículo construído para o ensino médio apresentou no PPP as disciplinas acima expostas, demonstrando os conteúdos a serem trabalhados pelos professores em cada um dos anos (1º, 2º e 3º). Dessas disciplinas destacamos as que possuíam conteúdos que de alguma forma abrangem a cultura local e/ou regional, como forma de verificar a inserção cultural na instituição de ensino. É importante ressaltar que os temas abordados em cada tópico não constam no currículo.

Quadro 7 – Currículo das turmas do ensino médio regular da Escola Saul Ulysséa – 2011

Língua e Literatura Portuguesa		
1º ano	2º ano	3º ano
Literatura brasileira: principais autores e obras catarinenses	Literatura Romantismo: Romance catarinense	Literatura Modernismo: Modernismo catarinense
	Simbolismo: Simbolismo catarinense	
História		
1º ano	2º ano	3º ano
Pré-História de Santa Catarina e Laguna	A importância dos portos no Brasil	Anita Garibaldi – Memória Lagunense
	O Tratado de Tordesilhas	Brasil contemporâneo – Laguna atual
	Indústrias e Santa Catarina	
	A chegada dos imigrantes	
Geografia		
1º ano	2º ano	3º ano
		Geografia de Santa Catarina

Fonte: PPP Escola Saul Ulysséa (2011)

Diante dos tópicos apresentados, podemos concluir que apenas três disciplinas trazem os conteúdos abordados para um contexto regional e local. Vale salientar que nosso objeto principal de pesquisa é o ensino médio inovador e que, por esse motivo, esta tabela serve como forma de comparação dos dados apresentados na próxima seção (4.3.2).

- Tempo escolar

O calendário escolar é o último item apresentado no PPP. Nele, além de toda a organização mensal, referente ao planejamento de atividades, aulas, reuniões, também constavam os eventos que a instituição realizou e as atividades alusivas a sua comemoração.

Trabalhar com eventos comemorativos permite a abertura para a discussão sobre os mais variados temas, assim como a difusão de informações entre toda a comunidade escolar. Os eventos propostos pela instituição em 2011 estão apresentados abaixo (Quadro 8), onde se destacaram apenas aqueles em que os alunos do ensino médio estavam envolvidos.

Quadro 8 – Calendário escolar – Escola Saul Ulysséa 2011

Data (ano 2011)	Comemoração	Pessoal envolvido	Atividades propostas
05/03 Realizado dia 08/03	Dia da Merendeira	Todas as turmas e direção	Murais, poesias, histórico sobre a data
13/05 Realizado dia 17/05	Abolição da Escravatura	1º e 2º ano do EM	Histórico sobre a data e murais
31/05	Dia Mundial sem Tabaco	2º e 3º ano do EM	Cartazes, pesquisas e panfletos
05/06 Realizado dia 07/06	Dia Mundial do Meio Ambiente	3º ano do EM	Cartazes, pesquisas e panfletos
04/06	Festa Junina	Todas as turmas	Orientação para a festa junina
12/06 Realizado dia 14/06	Dia dos Namorados	1º ano do EM	Murais e música
11/08 Realizado dia 09/08	Dia do Estudante	Todas as turmas, direção, professores	Show de talentos, lanche especial, murais, aluno destaque
07/09 Realizado dia 06/09	Dia da Pátria	Todas as turmas, direção, professores	Murais, varal literário com o tema “Pátria Minha”, poesias sobre o tema, trabalhos com musicais que falam do nosso país
11/11	Dia Internacional da	2º ano do EM	Mural, pesquisa,

Realizado dia 08/11	Consciência Negra		teatro, pesquisa estatística, palestra
01/12 Realizado dia 29/11	Dia Mundial da Luta Contra a AIDS	3º ano do EM	Pesquisa estatística, palestra, teatro e murais

Fonte: PPP Escola Saul Ulysséa (2011)

Não havia no PPP maior descrição apresentando as atividades realizadas com os alunos alusivas às datas acima apresentadas. No entanto, relacionamos a seguir as mudanças ocorridas após a inserção do ensino médio inovador.

4.3.2 O PPP da Escola de Educação Básica Saul Ulysséa Após a Implantação do EMI – Ano de 2014

Com o intuito de não nos tornarmos repetitivos, destacamos na análise do PPP de 2014 da Escola Saul Ulysséa apenas o que se diferenciou em comparação ao PPP de 2011. Percebemos que a maior parte do documento é mantida idêntica, não havendo mudanças quanto a itens como concepção filosófica e papel da escola.

- Contexto socioeconômico

De acordo com o PPP de 2011, os alunos frequentadores da escola eram provenientes em sua maioria de bairros da periferia do município, no entanto uma nova realidade foi inserida na instituição, a qual passou a receber alunos vindos também de outros estados.¹⁵ Esses alunos chegaram até a instituição por intermédio dos pais, funcionários da empresa Camargo Corrêa, que trabalharam na construção da Ponte Anita Garibaldi,¹⁶ finalizada e inaugurada em julho de 2015.

- Finalidades da escola

¹⁵A empresa Camargo Correa necessitou contratar mão de obra de outros estados brasileiros, uma vez que o município não possuía pessoas suficientemente qualificadas para trabalhar na obra.

¹⁶PONTE DE LAGUNA. A Ponte Anita Garibaldi faz parte das obras de duplicação da BR-101, sendo fundamental para resolver os problemas de congestionamento que estavam ocorrendo na Ponte Henrique Lage, inaugurada em 1º de setembro de 1934. A licitação aconteceu em 2010 e foi vencida pelo consórcio formado pelas empresas Camargo Correa, M Martins e Construbase, obras que se iniciaram em 2011 e foram finalizadas em 2015. Recebeu o nome de Anita Garibaldi para “homenagear nossa heroína brasileira e lagunense, de fato uma heroína de dois mundos, América Latina e da Europa”. Disponível em: <<http://www.pontedelaguna.com.br/site/historico.html>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

Ao analisar o PPP observou-se que os objetivos da proposta curricular mantiveram-se os mesmos, incluindo dois novos: “melhorar qualitativamente o Ensino e a Aprendizagem (dos Conteúdos Programáticos e das Atitudes); e construir coletivamente e/ou fortalecer a identidade da escola” (PPP Escola Saul Ulysséa, 2014, p. 16).

Estes dois novos objetivos expostos no PPP 2014 vêm ao encontro dos objetivos propostos no ProEmi. Conforme podemos observar, o objetivo I é expandir o atendimento e melhorar a qualidade do ensino médio, e os objetivos IV e V propõem respectivamente incentivar o retorno de adolescentes e jovens ao sistema escolar e proporcionar a elevação da escolaridade, e fomentar o diálogo entre a escola e os sujeitos adolescentes e jovens, com a proposta de construir e fortalecer a identidade da escola (BRASIL, 2009).

- Estrutura organizacional – Administrativa

No que tange à dimensão financeira da instituição, em 2014 captaram-se recursos com a Festa Junina, Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), Projeto Redesenho Curricular (PRC) – projeto para arrecadar recursos para o EMI –, Programa Mais Educação e Projeto Família e Escola (PPP Escola Saul Ulysséa, 2014).

Já no que diz respeito à estrutura física da escola, incluíram-se mais 2 bebedouros (totalizando 4) e 1 sala multifuncional (Saede),¹⁷ e excluiu-se a pista de atletismo da lista (PPP Escola Saul Ulysséa, 2014).

- Estrutura organizacional – Pedagógica

Na metodologia de ensino, a única mudança incluída no PPP de 2014 foi referente à educação especial, que passou a acontecer da seguinte forma:

A Educação Especial atendida na escola busca por um sistema educacional mais abrangente e menos excludente, inserindo o educando no processo regular de ensino e aprendizagem numa concepção em que o processo de aprendizagem implica numa relação entre o sujeito e o objeto a ser conhecido, sempre mediada por outro sujeito, demonstrando aí a necessidade do trabalho do segundo professor que compreende a deficiência não como um defeito que torna o sujeito inferior ao outro, mas de um ser com um desenvolvimento diferente do outro. Esse entendimento leva a concepção de que é na relação com o outro, através de atividades práticas que o indivíduo aprende, constituindo a todos como sujeitos do processo. (PPP Escola Saul Ulysséa, 2014, p. 22).

¹⁷ Saede – Serviço de Atendimento Educacional Especializado. Disponível em: <<http://www.fcee.sc.gov.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

Os projetos pedagógicos desenvolvidos pela instituição merecem destaque, os quais já eram expostos no PPP de 2011 e se repetem no ano de 2014, desta vez incluindo alunos do EMI.

Para turmas do EMI, no PPP constou que foram desenvolvidos projetos de “Adolescência”, para o 1º ano, “A Ponte de Laguna”, para o 2º ano, e “Profissões”, para o 3º ano. Trataremos deles mais adiante.

Mais uma vez, esses projetos vêm ao encontro dos objetivos propostos pelo ProEmi:

IV – incentivar o retorno de adolescentes e jovens ao sistema escolar e proporcionar a elevação da escolaridade; V – fomentar o diálogo entre a escola e os sujeitos adolescentes e jovens; VI – promover uma escola média onde os saberes e conhecimentos tenham significado para os estudantes e desenvolvem sua autonomia intelectual; e, VII – desenvolver a autonomia do estudante por meio do oferecimento de uma aprendizagem significativa. (BRASIL, 2009, p. 52).

Apresentar temas atuais aos jovens, envolvendo discussões sobre temas recentes e instigadores como adolescência, ponte de Laguna e profissões, permite aproximá-los de sua realidade, fomentando o diálogo e desenvolvendo a autonomia e o senso crítico sobre os assuntos abordados.

As metas presentes no PPP de 2014 foram muitas, principalmente as físicas, que foram feitas com base nos recursos financeiros adquiridos. São elas:

- Revitalização do Laboratório de Ciências.
- Revitalização da sala de artesanato.
- Reparos e manutenção dos bens patrimoniais
- Conclusão do fechamento do refeitório com vidro.
- Revitalização da quadra de esportes
- Reparo na rede elétrica
- Arborização e jardinagem do pátio interno
- Manutenção do o espaço físico adequado e organizado para o trabalho
- Ampliação da estrutura física com a construção de 8 salas de aula.
- Construção de auditório.
- Fechamento de acesso ao segundo piso com grades. (PPP Escola Saul Ulysséa, 2014, p. 41).

Entendemos que a autonomia financeira da escola é de extrema importância, pois permite direcionar os recursos no que entende como prioridade para a comunidade escolar, suprimindo as necessidades da estrutura física e pedagógica da instituição.

Entre as metas pedagógicas, destacamos apenas duas, que se diferenciam das apresentadas no PPP de 2011: “abertura de espaço para desenvolvimento de projetos que

envolvam a participação de familiares; e ativação do Grêmio Estudantil” (PPP Escola Saul Ulysséa, 2014, p. 42).

- Processo de decisão

No que se refere às agremiações escolares, o PPP 2014 mantêm-se o mesmo. Apenas se destacou a diretoria do Grêmio Estudantil, empossada naquele ano (PPP Escola Saul Ulysséa, 2014).

- Avaliação

De acordo com o PPP 2014, o número de alunos matriculados totalizou 903, sendo destes 290 no ensino médio, dado bastante positivo, porque mostra aumento da procura pela instituição. No entanto, o documento não apresentou o número de alunos matriculados no EMI, iniciado naquele ano. Diante disso, o aumento de 31 alunos no ensino médio no ano de 2014 pode se referir ao número de matriculados no EMI, todavia não podemos afirmar com certeza.

Quadro 9 – Evolução das matrículas de 2011 a 2014 da Escola Saul Ulysséa

	2011	2012	2013	2014
Ensino fundamental	570	642	658	613
Ensino médio	202	242	259	290
Total alunos	772	884	917	903

Fonte: PPP Escola Saul Ulysséa (2014)

O quadro de aprovação, reprovação e evasão apresentou dados um pouco preocupantes, devido ao aumento de reprovações ocorridas em 2013. Esses números foram apresentados de maneira geral, não especificando entre turmas de ensino fundamental e médio. Já no que se refere ao EMI, por ser o primeiro ano de projeto, o PPP de 2014 ainda não apresentava os respectivos dados.

Quadro 10 – Dados de aprovação, reprovação e evasão dos alunos da Escola Saul Ulysséa dos anos 2011 a 2013

	2011	2012	2013
Aprovados	848	703	641
Reprovados	30	34	121
Evadidos	31	30	39

Fonte: PPP Escola Saul Ulysséa (2011)

As estratégias de recuperação, neste caso, mantiveram-se as mesmas apresentadas no PPP de 2011.

- Currículo

Também de acordo com o PPP 2014, o ProEmi iniciado naquele ano ampliaria o tempo na escola e possibilitaria a diversificação das práticas pedagógicas, “atendendo as necessidades e expectativas dos estudantes do Ensino Médio” (PPP Escola Saul Ulysséa, 2014, p. 21).

No entanto, no que se refere às grades curriculares, percebemos que elas se mantiveram iguais às do ensino médio regular, diferenciando-se apenas no tempo e na quantidade de aulas, de 40 aulas de 40 minutos para o ensino médio regular para 25 aulas de 48 minutos para o ensino médio inovador (PPP Escola Saul Ulysséa, 2014).

Para analisar se a cultura local estava inserida na escola, utilizamos o plano curricular anual das disciplinas, fornecido pela instituição. Os resultados desta análise veremos mais adiante.

- Tempo escolar

O PPP de 2014 apresentou o calendário escolar separado por atividades e turmas participantes. Diante disso, destacamos apenas as celebrações que tiveram a participação dos alunos do ensino médio inovador.

Quadro 11 – Calendário escolar – Escola Saul Ulysséa 2011

Data (ano 2011)	Comemoração	Pessoal envolvido	Atividades propostas
27/03	Dia do Teatro	Coordenador de leitura e convivência; Ensino médio inovador e professor de artes	Apresentação de peça infantil para anos iniciais e na creche da comunidade
05/05 a 09/05	Dia do Trabalho (01/05) Semana das Profissões	Direção; Coordenador de leitura e convivência; Ensino médio inovador; professores de Sociologia, Filosofia, Geografia, História e Empreendedorismo	Murais de diversas profissões; entrevistas com a comunidade; palestras de diferentes áreas
12/06	Dia dos Namorados	Ensino médio	Rádio correio do

		Inovador	amor (no intervalo)
17/11 a 21/11	Semana da Consciência Negra (dia 20/11)	Direção; ensino médio inovador; professores de Artes, História, Sociologia, Filosofia e Coordenador de leitura e convivência	Assistência a vídeos, entrevistas, reportagens; Apresentações de capoeira, roda de samba; Confeção de murais
01/12	Dia Mundial da Luta Contra a AIDS	Ensino médio inovador	Distribuição de pôlderes na comunidade

Fonte: PPP Escola Saul Ulysséa (2014)

Ao comparar o calendário acima apresentado com o do ano de 2011, antes da inclusão do EMI (Quadro 8), percebe-se que os alunos de ensino médio regular participavam de mais celebrações, como, por exemplo, Dia da Pátria, Abolição da Escravatura, Meio Ambiente, entre outros. Além disso, outra diferença em relação ao calendário escolar de 2011 é a existência de duas semanas voltadas para duas temáticas específicas, Semana da Consciência Negra e Semana das Profissões, as quais permitiram maior exploração do assunto.

Da mesma forma que no PPP 2011, não havia descrição apresentando as atividades realizadas com os alunos do EMI alusivas às celebrações.

4.3.3 O PPP da Escola de Ensino Médio Almirante Lamego Antes do EMI – Ano de 2011

“A escola sozinha não muda a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade muda”, diz Paulo Freire. É com esta frase que se iniciou o PPP da Escola Almirante Lamego, citando as bases de fundamentação do documento, além de este ser sustentado por quatro pilares: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver; e aprender a ser:

O presente documento é fundamentado num diagnóstico sócio-econômico e cultural da comunidade escolar, na avaliação institucional e apresenta os princípios norteadores, assim como os objetivos e metas a serem alcançadas, ações a serem desenvolvidas por todos os setores, a organização disciplinar, pedagógica e propostas de trabalho e atividades a serem desenvolvidas no decorrer de todo o ano letivo. (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 6).

- Contexto socioeconômico

A escola está localizada no centro da cidade e recebe alunos vindos em sua maioria da zona urbana, que utilizam transporte coletivo para chegar até ela. Uma parcela de alunos era trabalhadora, 19%, e de acordo com o documento eram “oriundos do comércio, indústria de confecção e pescado, rede hoteleira, restaurantes e construção civil”. Estes optavam por estudar no período noturno e conciliar as duas atividades (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 11).

- Finalidades da escola

O PPP desta instituição começa apresentando suas concepções filosófico-pedagógicas, pelas quais o ser humano é entendido como um ser social e histórico, que faz sua história, mas também é determinado por ela. O documento inferia que o conhecimento produzido é um patrimônio coletivo e, por este motivo, deve ser socializado. Ao falar em socialização, percebeu-se uma preocupação com os conhecimentos trazidos pelos alunos, os quais são construídos com base em suas relações além da escola: “trata-se de lidar com esses saberes como ponto de partida, provocando a evolução humana, numa dialética constante entre o senso comum e o conhecimento científico garantindo assim, a apropriação do mesmo” (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 6).

Além disso, a escola optou pela concepção histórico-cultural de aprendizagem, considerando todos capazes de aprender, destacando ainda que as relações e interações estabelecidas entre os jovens também são “fatores de apropriação do conhecimento” (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 7).

Diante disso, a escola tinha como objetivo:

desenvolver uma educação escolar de qualidade, através da socialização do conhecimento historicamente construído, elaborando e aplicando estratégias de aprendizagem através das quais os educandos desenvolvam competências, compreendam ideias, assimilem valores e formem bons hábitos de convivência pautados no respeito à diversidade e no exercício da cidadania de forma a reconhecerem seus direitos e cumprirem seus deveres, como condições essenciais para tornar a sociedade mais justa. (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 7).

No que diz respeito ao conceito de comunidade escolar tido pela instituição, observamos que estão incluídos professores, funcionários, direção, especialistas, técnicos pedagógicos, assistente de educação, pais e alunos. Além disso, o PPP aponta como uma competência do diretor “ouvir a Comunidade Escolar, fazendo-se o principal ‘ELO’ entre escola e comunidade” (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 62).

- Estrutura organizacional – Administrativa

A dimensão financeira da instituição também foi apresentada no PPP. De acordo com o documento, a escola era mantida com recursos financeiros do Estado de Santa Catarina, através da Associação de Pais e Professores (APP), que recebia os recursos do PDDE e outros recursos como contribuição espontânea dos associados da APP, e também de parcerias com empresas (PPP Escola Almirante Lamego, 2011).

Além da APP, a escola contava com um Conselho Deliberativo e com Grêmio Estudantil Escolar, que em consonância com o documento “fazem o máximo para tornar a escola com o Ensino de Qualidade, Prazerosa e Atraente” (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 10).

Além de todos os dados já expostos, a escola possuía uma estrutura física, a qual não é descrita em sua totalidade, em que se destacam alguns ambientes (Quadro 12).

Quadro 12 – Estrutura física da Escola Almirante Lamego

Estrutura física – Escola Almirante Lamego/2011	
Quantidade	Descrição
01	Biblioteca escolar com 9.481 exemplares
02	Salas informatizadas (laboratório de informática) com 30 computadores
01	Laboratório de línguas (atualmente desativado)
01	Laboratório de Química e Física
01	Ginásio de esportes

Fonte: PPP Escola Almirante Lamego (2011)

- Estrutura organizacional – Pedagógica

No que diz respeito à metodologia de trabalho da instituição, o PPP 2011 apresentou que ela se propôs a adotar uma linha interdisciplinar, com projetos de aprendizagem que têm o objetivo de “superar o modelo tradicional fragmentado” (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 94).

Esses projetos têm como objetivo construir práticas pedagógicas com maior envolvimento, cooperação e solidariedade entre alunos e professores no processo educativo, através da contextualização dos temas trabalhados.

Construindo coletivamente os alunos se defrontam com várias interpretações e com pontos de vista diversos acerca da mesma questão.

Eles refletem uma visão da Educação Escolar, na qual a experiência vivida e a cultura sistematizada interagem na medida em que os alunos vão estabelecendo relações entre os conhecimentos construídos em sua experiência escolar e na vida extraescolar. (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 94).

Da mesma forma, o processo de avaliação acontecia na relação entre aluno e professor, num processo de construção do conhecimento.

Nesse sentido, a avaliação, como parte integrante do processo de aprendizagem, busca investigar os conhecimentos que o aluno traz para a sala de aula, com o compromisso da sua ampliação, identificando os sucessos e as dificuldades, visando a imediata ação do professor, como mediador, nas dificuldades dos alunos, buscando a melhor forma de superá-las, reconstruindo a sua aprendizagem. (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 138).

Ainda de acordo com o documento, é através da avaliação que os agentes escolares possuem um retorno e estabelecem possíveis intervenções. Nesse sentido, o PPP da escola estabeleceu metas e ações para 2011, as quais pretendiam melhorar a estrutura física, pedagógica, discussões com a comunidade escolar e com a família dos alunos. Selecionamos alguns desses objetivos a serem alcançados em 2011, que vêm ao encontro da situação atual, apresentada pelo PPP:

- Incentivar a participação e integração dos pais na escola buscando o seu comprometimento na melhoria da relação família-escola / comunidade, bem como, assumindo suas responsabilidades no processo de aprendizagem de seus filhos através de projetos e atividades que propiciem esta integração.
- Reduzir a evasão escolar, através do acompanhamento dos alunos, procurando resolver com a família, Conselho Tutelar e Promotoria Publica.
- Efetuar levantamento dos alunos transferidos, buscando compreender os motivos da mudança.
- Incentivar, acompanhar, divulgar e discutir os resultados obtidos pelos alunos da unidade escolar em relação ao ENEM.
- Estudar as questões metodológicas e avaliativas da escola.
- Resgatar através da comunidade escolar a identidade da escola.
- Estabelecer forma de recuperação aos alunos com dificuldade na aprendizagem, oportunizando o mesmo, atendimento extraclasse.
- Sensibilizar os professores quanto a importância de uma maior integração dos conteúdos entre as disciplinas.
- Visitação a residência dos alunos por motivo de infrequência, ato indisciplinar e atos infracionais.
- Levantamento in loco quanto a situação social e econômica dos alunos.
- Visitação nas salas de aulas pelos assistentes técnicos pedagógicos e especialistas educacionais, diretor e assessores de direção para averiguação dos conteúdos, e comportamento dos alunos e professores. (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 57-58)

Metas e ações como a integração das disciplinas, visitação de residência de alunos, discussão de resultados no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), redução da evasão escolar e levantamento dos motivos de transferência são primordiais para conhecer os estudantes e aplicar estratégias de melhora dos quadros de rendimento e aproveitamento dos estudos.

- Processo de decisão

A instituição também apresentou o Conselho Deliberativo Escolar, que, de acordo com o documento, possuía representantes de toda a comunidade escolar e atuava no processo de gestão pedagógica, administrativa e financeira. Além disso, o PPP também cita o Grêmio Estudantil, que teve como objetivo defender os interesses do corpo discente.

A Associação de Pais e Professores também fazia parte do processo de decisão da instituição, que teve como finalidade integrar a escola e a comunidade, cooperando e atuando junto a ela (PPP Escola Almirante Lamego, 2011).

- Avaliação

Em 2010, a escola atendia uma média anual de 1.109 alunos, e apesar de se chamar Escola de Ensino Médio a instituição atende adolescentes, que frequentam o ensino médio, curso técnico, magistério e ensino fundamental, conforme observamos no Quadro 13.

Quadro 13 – Distribuição das turmas – Escola de Ensino Médio Almirante Lamego

Nível de ensino	Matutino	Vespertino	Noturno
Fundamental	09	10	-
Médio	09	05	03
Técnico informática	02	01	01
Técnico comércio	-	01	01
Magistérios	-	-	02
Total turmas	20	17	07

Fonte: PPP Escola Almirante Lamego (2011)

Anteriormente à implantação do EMI, a instituição atendia 456 alunos no ensino médio regular. Destes, 91 são estudantes do período noturno. Conforme citamos anteriormente no contexto socioeconômico, esses estudantes são em sua maioria alunos que optaram por entrar no mercado de trabalho e conciliam as duas atividades: estudo e trabalho.

Ao questionar os alunos a respeito do que pretendiam com o ensino médio, o documento apresentou que apenas 40% dos alunos visavam à continuidade dos estudos e desejavam prestar vestibular, seguidos dos 30% que tinham a intenção de iniciar-se no mercado de trabalho; 22% demonstraram interesse em concursos públicos e outras formas de buscar conhecimento; e 8% pretendiam frequentar um curso técnico (PPP Escola Almirante Lamego, 2011).

De acordo com o documento, os alunos relataram que a procura por trabalho se devia à necessidade de contribuir com a renda familiar, no entanto os dados mencionados indicavam que o município de Laguna não possuía mercado de trabalho para absorver tal demanda, bem como as vagas para cursar o ensino superior na região estavam em maior número nas instituições privadas, havendo a necessidade de o aluno trabalhar para custear seus estudos.

Esses dados também se refletem no quadro de desistências e transferências, que, de acordo com o PPP, eram motivados por oportunidade de trabalho e contribuição com a renda familiar (PPP Escola Almirante Lamego, 2011).

Desta forma, se estabelece o ciclo vicioso: o aluno que mais necessita fica refém da falta de condições financeiras e de vagas para ingressar no mercado de trabalho, com isso, não consegue continuar sua formação acadêmica e não encontram perspectivas para sair desta situação. Esta realidade vem desmotivando muitos destes jovens que não conseguem atingir seus objetivos e dos que estão atualmente cursando o Ensino Médio, por conviverem diariamente com esta realidade. (PPP Escola Almirante Lamego, 2011, p. 16).

Nos anos de 2006 a 2010 houve queda no rendimento escolar dos alunos, diminuindo o número de aprovações, de 862 em 2006 para 410 em 2010 (PPP Escola Almirante Lamego, 2011).

- Currículo

A grade curricular do ensino médio regular era composta de 12 disciplinas, totalizando 25 horas/aula, para 1º, 2º e 3º ano, feita com base na grade curricular da Secretaria de Estado da Educação.

Quadro 14 – Grade curricular do ensino médio regular

Disciplinas	1ª	2ª	3ª
Língua Portuguesa e Lit. Brasileira	03	03	03
Matemática	03	03	03
Biologia	02	02	02
História	02	02	02
Geografia	02	02	02
Educação Física	02	02	02
Arte	02	01	02
Inglês	02	02	02
Química	02	02	02

Física	02	02	02
Sociologia	02	02	01
Filosofia	01	02	02
Total:	25 h	25 h	25 h

Fonte: PPP Almirante Lamego (2011)

A matriz curricular do ensino médio, conforme o PPP da instituição, possuía uma oferta de disciplinas organizada por séries e subdividida por três áreas de conhecimento:

a) Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Disciplinas: Língua Portuguesa; Língua Estrangeira Moderna; Educação Física; Arte e Informática.

b) Área de Matemática, Ciências da Natureza e Suas Tecnologias

Disciplinas: Biologia; Física; Química e Matemática.

c) Ciências Humanas e Suas Tecnologias (parte diversificada)

Disciplinas: História; Geografia; Sociologia, Antropologia e Política; e Filosofia.

Vale salientar que, apesar de a disciplina de Informática estar incluída na área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias, ela não aparecia na grade curricular do PPP (Quadro 14).

Destacamos aqui a área de Ciências Humanas e Suas Tecnologias, que apresentou uma parte diversificada, o que, segundo o PPP, não é diferente quanto aos princípios teóricos e metodológicos do restante do currículo escolar, mas possui um caráter diferenciado porque se destina “a atender as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. Para tanto, a escola se propõe a trabalhar, Turismo e Estudos Regionais” (PPP Almirante Lamego, 2011, p. 100). No entanto, nenhuma informação de conteúdo, temas, objetivos, entre outros, sobre essa disciplina foi encontrada no referido documento.

O currículo do ensino médio disposto no PPP de 2011 é bastante amplo e apresenta as três áreas acima expostas, bem como suas disciplinas. Para cada disciplina, foram descritos apenas os objetivos específicos para representação e comunicação, investigação e compreensão, e contextualização sociocultural, não apresentando os conteúdos a serem trabalhados em cada ano do ensino médio.

- Tempo escolar

No que se refere ao calendário escolar, nele constava a organização mensal referente ao planejamento de atividades, aulas, reuniões, feriados e também os eventos que a instituição realizou.

Os eventos trabalhados pela escola naquele ano estão apresentados abaixo (Quadro 15), no entanto não há distinção das atividades em que as turmas participaram.

Quadro 15 – Calendário escolar – Escola Almirante Lamego 2011

Data (ano 2011)	Comemoração	Pessoal envolvido	Atividades propostas
11/08	Dia dos Pais	-	Homenagem aos pais e estudantes
12/08	Dia dos Pais	-	Homenagem aos pais
07/09	Dia da Independência	-	Desfile cívico
10/09 e 12/09	Feira de Ciências	-	Feira de ciências da escola
13/09	Feira Regional de Ciências	-	Feira regional de ciências
08/10	Dia das Crianças	-	Atividade extracurricular Homenagem às crianças
19/11	Projeto Étnico Racial	-	Projeto étnico racial
23/12	Formatura	-	Formatura ensino fundamental, médio e magistério

Fonte: PPP Almirante Lamego (2011)

É importante salientar que não havia no documento uma descrição mais completa sobre as atividades realizadas com os alunos. No entanto, relacionamos em seguida as mudanças ocorridas após a inserção do ensino médio inovador.

4.3.4 O PPP da Escola de Ensino Médio Almirante Lamego Após a Implantação do EMI – Ano 2013

Destacamos aqui os itens que se diferenciam no PPP 2013 da Escola Almirante Lamego em relação ao de 2011 no intuito de verificar as mudanças ocorridas no documento após a implantação do ProEmi.

O projeto político-pedagógico de 2013 da instituição iniciou falando da importância do documento para a definição de sua identidade e estabelecimento de normas: “entendemos que a escola deve ter definida, para si mesma e para sua comunidade escolar,

uma identidade e um conjunto orientador de princípios e de normas que definam a ação pedagógica cotidiana” (PPP Escola Almirante Lamego, 2013, p. 5).

- Contexto socioeconômico

No que diz respeito à origem dos alunos, o PPP apresentou que eram oriundos de 28 comunidades do município, sendo a grande maioria do meio urbano. Após a implantação do EMI, a instituição realizou um diagnóstico socioeconômico com os alunos e seus familiares e apresentou em seu PPP alguns resultados, entre eles que a maioria dos alunos do EMI residia em área urbana, totalizando 85% (PPP Escola Almirante Lamego, 2013).

- Finalidades da escola

As concepções filosófico-pedagógicas e os objetivos mantiveram-se os mesmos do PPP de 2011.

- Estrutura organizacional – Administrativa

No que diz respeito à estrutura física, o documento de 2013 apresentou uma lista dos espaços físicos disponíveis, conforme podemos observar no Quadro 15.

Quadro 16 – Estrutura física da Escola Almirante Lamego – 2013

Estrutura física – Escola Almirante Lamego – 2013	
Quantidade	Descrição
01	Biblioteca
25	Salas de aula
01	Laboratório de Química/ Biologia e Física (funcionamento parcial)
01	Laboratório de Línguas (não está em funcionamento)
03	Laboratórios de Informática (funcionamento parcial)
01	Laboratório de Manutenção de Computadores
01	Sala de dança
01	Sala de convivência
01	Sala de artes
-	Banheiros masculinos (usados por alunos e professores)
-	Banheiros femininos (usado por alunas)
01	Cozinha
01	Refeitório
01	Ginásio de esportes
	Quadras
01	Sala de professores
01	Auditório
02	Salas de vídeo (parcialmente funcionando)

01	Espaço para aulas de tênis de mesa (parcialmente funcionando)
----	---

Fonte: PPP Escola Almirante Lamego (2013)

O cenário da dimensão financeira da escola mudou com a adoção do EMI. A escola passou a fazer parte do Plano de Reestruturação Curricular (PRC), tendo recebido recursos para a implantação do ensino médio inovador. No entanto, o documento apontou problemas financeiros graves, devido ao atraso do repasse dos recursos (PPP Escola Almirante Lamego, 2013).

- Estrutura organizacional – Pedagógica

A escola apresentou o ensino médio inovador em seu PPP de 2013, ano em que foi implantado o programa, sendo este encarado como um desafio a reconhecer novos saberes, além dos já trabalhados pela instituição:

A escola de hoje é desafiada a reconhecer outros saberes além daqueles trabalhados nos seus currículos e, com eles, desenvolver diálogos capazes de promover uma constante e fértil transformação, tanto dos conteúdos escolares quanto da vida social. Seu papel é fundamental no processo do conhecimento. Situa-se em espaços de diálogo entre os diferentes saberes, aliando as experiências comunitárias e os saberes sistematizados pela sociedade; e, nesta posição, deve elaborar novas abordagens de educação. (PPP Escola Almirante Lamego, 2013, p. 22).

De acordo com o PPP, o EMI rompe com o modelo tradicional e fragmentado de educação. Nesta nova perspectiva, o conhecimento precisa ser significativo ao jovem e, para isso, ele deve se dar da forma mais dinâmica e contextualizada possível à realidade local e global em que o aluno está inserido (PPP Escola Almirante Lamego, 2013).

Nesse sentido, o aluno entra como protagonista no processo e deve participar ativamente de todas as etapas do conhecimento: “para tanto, propõe um contexto de pesquisa e intervenção com atividades empreendedoras e socioambientais, que exigirão o protagonismo dos jovens na construção e no desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagem” (PPP Escola Almirante Lamego, 2013, p. 23).

Para isso, o PPP destacou a importância do planejamento coletivo no EMI, em que juntos os professores poderiam ter uma visão interdisciplinar, de forma a permitir que o aluno construísse seu conhecimento a partir de várias visões de um mesmo tema. Também de acordo com o documento, a matriz determinada para o EMI desenvolvia o trabalho em eixos. No primeiro ano seria voltado para o eixo “Escola e Moradia”, e no segundo ano, para o eixo

“Comunidade”, buscando a contextualização dos temas e a posição do aluno como protagonista (PPP Escola Almirante Lamego, 2013).

Para o ano de 2013 algumas metas foram estabelecidas em busca de melhorias da estrutura física e pedagógica, e de discussões com a comunidade escolar e com a família dos alunos. De acordo com o próprio documento, o objetivo principal da escola era “oferecer uma escola de qualidade que atenda aos compromissos assumidos com a comunidade lagunense” (PPP Escola Almirante Lamego, 2013, p. 124).

- Resgatar junto a comunidade escolar a identidade e o valor da escola;
- Implantar o Ensino Médio Inovador e Profissionalizante inovador na Unidade Escolar;
- Estudar e aprimorar as questões metodológicas e avaliativas da escola buscando a interdisciplinaridade;
- Elevar os resultados obtidos e os índices de participação dos alunos da unidade escolar no ENEM e SAEB;
- Elaborar projetos direcionados à Paz, cidadania, relações humanas, valores e prevenção;
- Estabelecer forma de recuperação aos alunos com dificuldade na aprendizagem, oportunizando;
- Levantamento quanto à situação social e econômica dos alunos.
- Reduzir a evasão escolar, infrequência e indisciplina, através do acompanhamento dos alunos, procurando resolver as dificuldades com a família, Conselho Tutelar e Promotoria Pública;
- Incentivar a participação e integração dos pais na escola buscando o seu comprometimento na melhoria da relação família-escola / comunidade, bem como, assumindo suas responsabilidades no processo de aprendizagem de seus filhos através de projetos e atividades que propiciem esta integração.
- Incentivar as práticas esportivas e culturais como forma de socializar os alunos evitando os conflitos e as brigas.
- Estabelecer reuniões de planejamentos para os professores do Ensino Médio inovador e profissionalizante inovador. (PPP Escola Almirante Lamego, 2013, p. 124-125).

As metodologias de ensino e avaliação mantiveram-se as mesmas do PPP de 2011.

- Processo de decisão

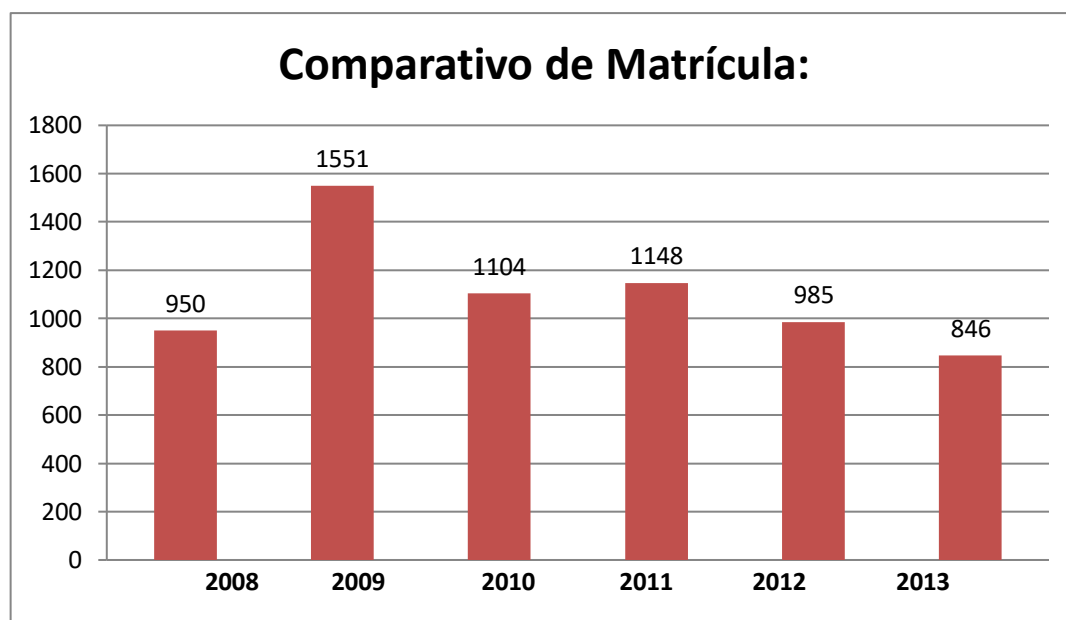
As informações sobre Conselho Deliberativo Escolar, Grêmio Estudantil e Associação de Pais e Professores mantiveram-se as mesmas. Todos trabalharam juntos com a direção na democratização das decisões, buscando contribuir para a melhora da qualidade de ensino.

- Avaliação

Sobre esse tema, o PPP de 2013 demonstrou um cenário diferenciado: a implantação do ensino médio inovador. Conforme o Gráfico 1, houve crescimento seguido de

queda no número de alunos matriculados na instituição. O aumento de matrículas ocorreu nos anos de 2009 e 2010, seguido de uma queda em 2012, com 985 alunos, e outra queda em 2013, com 846 alunos.

Gráfico 1– Comparativo de matrícula na Escola Almirante Lamego



Fonte: PPP Almirante Lamego (2013, p. 6)

Conforme o Quadro 16, o número de alunos frequentadores de ensino médio da instituição aumentou, o ensino médio regular, que possuía 456 alunos em 2010, em 2013 aumentou para 538 alunos, divididos em 308 para ensino médio regular e em 230 para ensino médio inovador.

Quadro 17 – Distribuição de alunos no ensino médio regular e ensino médio inovador em 2010 e 2013

Turma	2010	2013
Ensino Médio Regular	456	308
Ensino Médio Inovador	-	230
Total	456 alunos	538 alunos

Fonte: PPP Escola Almirante Lamego (2011, 2014)

Na pesquisa exposta no PPP 2013, verificou-se o aumento do interesse pelo Enem e também pelo vestibular, porta de entrada para muitas universidades públicas e privadas. “Esta é uma informação importante pois demonstra uma transformação na postura do aluno quanto as suas metas e projetos de futuro, deixando claro maior motivação para a

continuidade dos estudos” (PPP Escola Almirante Lamego, 2013, p. 32). A pesquisa também demonstrou o crescimento do interesse por concursos públicos e a diminuição da preocupação com o trabalho (PPP Escola Almirante Lamego, 2013).

A respeito da queda no número de matrículas, o PPP apresentou uma possível justificativa para a migração de alunos para outras instituições:

Infelizmente, em 2013 observou-se uma migração de alunos oriundos do Ensino Médio Integral, agora Inovador, para outras unidades escolares, mesmo contrariando o compromisso assumido pela Gerência de Educação, de não abertura de turmas de segundos anos nas demais unidades de ensino, haja vista que a proposta da SED é de atendimento de todo o Ensino Médio em nossa escola. Tal fato, prejudica a implantação do Projeto do Ensino Médio Inovador, e cria uma situação de insatisfação e insegurança na unidade escolar quanto a continuidade das políticas públicas adotadas e dos projetos ora em andamento. (PPP Escola Almirante Lamego, 2013, p. 32).

- Currículo

O currículo do EMI tinha com eixos norteadores a sustentabilidade e o empreendedorismo; e como base metodológica o protagonismo, no qual o jovem deixava de ser mero expectador em sala de aula e passava a ter participação ativa no processo de construção de seu próprio conhecimento:

O currículo se desprenderá do modelo de aulas totalmente livrescas e sem sentido, para aulas contextualizadas, práticas, nas quais o jovem, ativo e participativo, desenvolverá ações de inserção social, e construirá o conhecimento de forma coletiva, com visão interdisciplinar, relacionando com sua vida, sua moradia, sua escola, seu bairro, sua cidade, seu planeta, permitindo, desta forma, colocar-se efetivamente como cidadão com direitos e deveres, porém, com participação ativa como agente de transformação da sociedade onde vive, exercendo efetivamente sua cidadania. (PPP Escola Almirante Lamego, 2013, p. 23).

A estrutura curricular do EMI, de acordo com o PPP, era resultado da junção de três mecanismos de integração (PPP Escola Almirante Lamego, 2013):

- a) núcleo articulador;
- b) áreas de conhecimento; e
- c) dimensões articuladoras.

O currículo era então organizado de forma a atingir objetivos de aprendizagem relacionados à preparação básica para o trabalho e demais práticas sociais, sendo elas (PPP Escola Almirante Lamego, 2013):

- a) elaboração de planos e projetos;
- b) trabalhos em equipe;

- c) ações de desenvolvimento cultural, social e econômico da comunidade/empreendedorismo e sustentabilidade;
- d) práticas e eventos esportivos;
- e) produções artísticas; e
- f) outras.

A proposta era apresentar uma nova forma de organização das disciplinas, integrando as áreas de conhecimento, conforme explicou o PPP:

A proposta apresenta uma nova forma de organização das disciplinas articuladas com atividades integradoras, por meio do desenvolvimento de atividades de ensino/aprendizagem integrados entre as áreas do conhecimento e as disciplinas constantes na matriz curricular, a partir das interfaces entre a ciência, cultura, tecnologia, e trabalho, tendo este último como princípio educativo. (PPP Escola Almirante Lamego, 2013, p. 23).

A matriz curricular proposta após a implantação do EMI manteve-se bastante parecida com a do ano de 2011, apresentando uma oferta de disciplinas organizada por séries e subdividida em três áreas de conhecimento:

- a) Área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias

Disciplinas: Língua Portuguesa; Língua Estrangeira Moderna; Educação Física; Arte e Informática

- b) Área de Matemática, Ciências da Natureza e Suas Tecnologias

Disciplinas: Biologia; Física; Química e Matemática

- c) Ciências Humanas e Suas Tecnologias (parte diversificada)

Disciplinas: História; Geografia; Sociologia, Antropologia e Política; e Filosofia.

O que diferencia o ensino médio regular do ensino médio inovador é o aumento da carga horária das disciplinas e também a oferta de quatro novas disciplinas: Informática; Empreendedorismo; Atividades de Cultura; e Atividades de Esporte.

Essas mudanças contabilizaram 12 horas a mais da carga horária do ensino médio inovador, comparado ao ensino médio regular, sendo este com 25 horas e o EMI com 37 horas, conforme se observa-se no Quadro 18.

Quadro 18 – Matriz curricular dos ensino médio regular e ensino médio inovador da Escola Almirante Lamego.

Matriz Curricular – Escola Almirante Lamego							
Ensino Médio Regular	1º	2º	3º	Ensino Médio Inovador	1º	2º	3º
Biologia	02	02	02	Biologia	02	03	03
Matemática	03	03	03	Matemática	04	04	03
Geografia	02	02	02	Geografia	03	02	02

História	02	02	02	História	03	02	02
Educação Física	02	02	02	Educação Física	01	01	01
Inglês	02	02	02	Inglês	05	05	05
LPL – Língua Portuguesa e Literatura	03	03	03	LPL – Língua Portuguesa e Literatura	04	03	03
Sociologia	02	02	01	Sociologia	02	02	02
Física	02	02	02	Física	02	03	03
Química	02	02	02	Química	02	03	03
Filosofia	01	02	02	Filosofia	02	02	02
Artes	02	01	02	Artes	01	01	01
-				Informática	01	01	01
-				Empreendedorismo	01	01	01
-				Atividades de Cultura	02	02	02
-				Atividades de Esporte	02	02	02
Carga horária total: 25 horas				Carga horária total: 37 horas			

Fonte: Projeto Político-Pedagógico 2013

O aluno de ensino médio regular possui dedicação periódica na escola, matutino ou vespertino ou noturno; já o aluno de ensino médio inovador tem dedicação integral e, além da implantação das quatro novas disciplinas, o aumento da carga horária possibilitaria um aprofundamento e melhor aproveitamento dos conteúdos.

A disciplina de Língua Estrangeira Inglês, por exemplo, teve sua carga horária ampliada, sendo de grande importância para alunos de ensino médio, não só para o mercado de trabalho, mas também para o cotidiano, uma vez que expressões e palavras em inglês estão cada vez mais presentes em nossa cultura.

Um fato importante a destacar mais uma vez é a “parte diversificada”, citada na terceira área do conhecimento, a qual “possui um caráter mais flexível e destina-se a atender as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (PPP, E.E.M. Almirante Lamago, 2011, p. 36).

Da mesma forma que no documento de 2011, o PPP de 2013 também não apresentou os assuntos abordados na parte diversificada, assim como as disciplinas de Empreendedorismo, Atividades de Cultura, e Atividades de Esporte, que não constavam na organização curricular do documento de 2013.

Para analisar se a cultura local está ou não inserida nesta escola, realizou-se a análise dos planos curriculares anuais das disciplinas, fornecidos pela instituição. Os resultados dessa análise veremos mais adiante.

- Calendário escolar

No PPP do ano de 2013 poucas mudanças foram observadas em relação às atividades celebradas pela instituição. Da mesma forma que no PPP 2011, o calendário não especificou quais alunos participaram das celebrações, tampouco descreveu as atividades envolvidas, conforme podemos observar no Quadro 19.

Quadro 19 – Calendário escolar – Escola Almirante Lamego, 2013

Data (ano 2013)	Comemoração	Pessoal envolvido	Atividades propostas
12/04	Dia do Jovem	-	Comemoração do dia do jovem
10/05	Dia das Mães	-	Comemoração do dia das mães
11/08	Dia dos Pais	-	Homenagem aos pais e estudantes
22 a 26/05	Festival de Dança	-	-
29/06	Festa Junina	-	-
09/08	Dia dos Pais	-	Homenagem aos pais
12/08	Dia do Estudantes	-	Atividades comemorativas ao dia do estudante
07/09	Dia da Independência	-	Desfile
9/09 e 10/09	Feira de Ciências Etapa Escolar	-	Feira de ciências etapa escolar
12/09	Feira Regional de Ciências	-	Feira regional de ciências
20/09	Aniversário da Escola	-	Atividades comemorativas ao aniversário da escola
23 a 27/09	Jogos Interséries		-
20 a 23/12	Formaturas	-	-

Fonte: PPP Escola Almirante Lamego (2013)

4.4 ANÁLISE DO PLANEJAMENTO CURRICULAR ANUAL

Um dos objetivos desta dissertação é identificar se a cultura de Laguna está inserida na escola e, além disso, analisar de que forma esses elementos culturais locais estão inseridos na estrutura curricular do ensino médio inovador das duas instituições pesquisadas.

A partir dessa análise foi possível traçar um panorama do que vem sendo preconizado como cultura lagunense nas escolas, apontando quais elementos estão sendo destacados e como isso tem contribuído para a construção da cultura e da identidade escolar.

Para tanto, além da análise já feita dos projetos políticos pedagógicos das duas instituições, antes e depois da implantação do ensino médio inovador, analisamos agora,

também de forma qualitativa, os planos curriculares anuais fornecidos pelas instituições, bem como os projetos interdisciplinares realizados.

Vale salientar que no plano anual das disciplinas estão descritos os conteúdos por unidades ou bimestres, em forma de tópicos que descrevem o assunto a ser abordado. Nesses planos não há uma descrição completa do que foi abordado em classe, mas apenas uma peça de um grande quebra-cabeças que é montado em sala de aula, ao expor o conteúdo, para apresentar novas teorias, novas referências, debater com o aluno, fazer relações, entre outros.

Conforme citamos anteriormente, um dos diferenciais do EMI em relação ao ensino regular foram os projetos interdisciplinares desenvolvidos, o que vai ao encontro dos objetivos do Programa Ensino Médio Inovador, como, por exemplo, o objetivo II: “desenvolver e reestruturar o Ensino Médio não profissionalizante, de forma a combinar formação geral, científica, tecnológica, cultural e conhecimentos técnicos-experimentais” (BRASIL, 2009, p. 52), o que permite ao aluno significar o conteúdo aprendido com o meio em que está inserido.

Diante disso, a análise foi feita buscando-se nos tópicos dos conteúdos curriculares elementos da cultura local e/ou regional que permitissem ao professor explorar a riqueza cultural lagunense.

4.4.1 Análise dos Planejamentos Curriculares Anuais e Projetos Interdisciplinares – Saul Ulysséa

Os planejamentos anuais das disciplinas de ensino médio inovador da escola Saul Ulysséa fornecidos pela instituição foram os de 2014, exceto de História, que foi apenas encontrado no do ano 2015, os quais estão organizados da seguinte forma:

- Objetivos – Competências e habilidades a serem desenvolvidas;
- Organização e sistematização dos conceitos científicos essenciais por série
 - 1º, 2º e 3º ano; e
- Metodologia e avaliação.

Para que a pesquisa ocorresse de forma sistemática, optamos por analisar nas disciplinas cada item acima descrito, buscando neles elementos da cultura do município de Laguna. A escolha das disciplinas em que se realizou a análise do planejamento foram: Língua Portuguesa e Literatura; História; Arte, Música e Artesanato; Biologia; e Sociologia.

1) Planejamento de Língua Portuguesa e Literatura

Neste planejamento identificamos um objetivo que se referia ao imaginário relacionado ao patrimônio que representa a cultura catarinense.

Apenas o segundo ano apresentou um tópico relacionado à cultura regional. Trata-se do “Simbolismo catarinense” e “Cruz e Souza”.

Quadro 20 – Análise do Planejamento Língua Portuguesa e Literatura

Objetivos – Competências e habilidades a serem desenvolvidas	Organização e sistematização dos conceitos científicos essenciais por série
Recuperar pelo estudo do texto literário as formas instituídas de construção do imaginário coletivo e o patrimônio representativo da cultura, inclusive a catarinense	1º ano: ausência
	2º ano: Literatura portuguesa e brasileira, apresentam-se os tópicos de Simbolismo catarinense e Cruz e Souza
	3º ano: ausência

Fonte: Planejamento Língua Portuguesa e Literatura (2014)

2) Planejamento de História

A disciplina de história não apresentou nenhum objetivo relacionado à cultura local ou regional; apenas um tópico geral, “Ciência e Cultura no século XX”, na turma de 3º ano.

Quadro 21 – Análise do Planejamento História

Objetivos – Competências e habilidades a serem desenvolvidas	Organização e sistematização dos conceitos científicos essenciais por série
Ausência	1º ano: ausência
	2º ano: ausência
	3º ano: Ciência e Cultura no século XX

Fonte: Planejamento História (2015)

3) Planejamento de Arte, Música e Artesanato

No que se refere ao planejamento desta disciplina, ela não apresentou objetivos que dariam conta de trabalhar com a cultural local e regional. Nos tópicos de cada ano do EMI, destacamos apenas os que se referiam a “Patrimônio Cultural” e “Museus”, pois, apesar de não especificar o assunto abordado, possibilitariam fazer um elo com o patrimônio cultural local.

Ao apresentar a metodologia de trabalho, a professora utilizou alguns itens relevantes a esta pesquisa: “saída de campo a museus, centros históricos para explorar a

arquitetura das casas locais” e “contato direto com autores e escritores (entrevistas) locais e regionais”.

Quadro 22 – Análise do Planejamento Arte, Música e Artesanato

Objetivos – Competências e habilidades a serem desenvolvidas	Organização e sistematização dos conceitos científicos essenciais por série
Ausência	1º ano: Patrimônio Cultural; Museus
	2º ano: Patrimônio Cultural; Museus
	3º ano: Patrimônio Cultural; Museus

Fonte: Planejamento Arte, Música e Artesanato (2014)

4) Planejamento Biologia

O planejamento desta disciplina apresentou tópicos relacionados à cultural local e regional no 2º e 3º ano do EMI. Ecossistemas catarinenses, turismo sustentável e comunidades tradicionais são temas que se relacionam com os patrimônios naturais existentes em nossa região e com o sujeito histórico que interage nesse ambiente nos vários períodos da história. Essa reflexão possibilita o entendimento da necessidade de preservação e valorização não apenas desses espaços físicos, mas da paisagem cultural formada ao longo dos anos (IPHAN, 2016).

Além disso, as comunidades tradicionais ainda são bem presentes em Laguna, e seu resgate em sala de aula possibilita a valorização de seu papel para a cultura local.

Quadro 23 – Análise do Planejamento Biologia

Objetivos – Competências e habilidades a serem desenvolvidas	Organização e sistematização dos conceitos científicos essenciais por série
Ausência	1º ano: ausência
	2º ano: Poluição do ambiente: Ecossistemas catarinenses
	3º ano: Turismo sustentável: alternativa para o desenvolvimento local e regional; Comunidades tradicionais e a conservação de ambientes

Fonte: Planejamento Biologia (2014)

5) Planejamento de Sociologia

O planejamento de sociologia citou em seus objetivos a importância de o aluno compreender as diferentes manifestações culturais existentes. Entre os tópicos trabalhados naquele ano, o conteúdo do 1º ano foi o único que apresentou temas relacionados com a cultura local e regional, sendo eles imigrantes e etnias que compõem a cultura catarinense; negros em Santa Catarina; e folclore (Quadro 24).

Quadro 24 – Análise do Planejamento Sociologia

Objetivos – Competências e habilidades a serem desenvolvidas	Organização e sistematização dos conceitos científicos essenciais por série
Compreender as diferentes manifestações culturais e segmentos sociais, agindo de modo a preservar o direito à diversidade enquanto princípio estético, político e ético que supera conflitos e tensões no mundo atual	1º ano: Os imigrantes das diversas etnias que compõem a sociedade catarinense; Negros no Brasil e em Santa Catarina; Folclore: tradição e transformação
	2º ano: ausência
	3º ano: ausência

Fonte: Planejamento Sociologia (2014)

Projetos Interdisciplinares

Os projetos realizados pela Escola Saul Ulysséa em 2014 tiveram como tema “Adolescência” para 1º ano, “A Ponte de Laguna” para 2º ano e “Profissões” para o 3º ano.

Adolescência, construindo sua identidade: projeto interdisciplinar realizado com turmas do 1º ano do EMI, fazia parte do eixo escola/moradia e teve como problema entender de que forma o meio pode interferir na formação da identidade do aluno. O objetivo do projeto era conhecer as interferências do meio na construção da identidade do adolescente.

Trabalharam neste projeto os professores das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura; Língua Inglesa; Geografia; Química; Física; Matemática; Arte, Música e Artesanato; Sociologia; Biologia; História; e Filosofia.

Destacamos aqui a disciplina de Geografia, que trabalhou a formação da identidade do adolescente usando como foco a festa de São Pedro, realizada no bairro onde está localizada a instituição:

Voltado para o eixo formação social do adolescente e sua visão como agente social a disciplina de geografia irá se posicionar no fato de criar uma visão do bairro e por meio dele o estudante irá desenvolver sua identidade. Usando como foco a festa de São Pedro como uma transformação social e como ela modifica o conceito de lugar e paisagem no espaço geográfico. (Projeto adolescência construindo sua identidade, 2014).

A atividade proposta neste projeto foi realizar o mapeamento completo do bairro de Cabeçuda, desenvolvendo uma planta de construção do bairro e pesquisa acerca da festa de São Pedro.

Outra disciplina que merece destaque é a de Matemática, em que o professor propôs aos alunos analisar o grau de escolaridade de seus parentes, avós, pais, tios, irmãos, com o objetivo de observar as profissões escolhidas nas gerações e analisar se elas influenciariam o futuro deles.

Na disciplina de Artes, o professor levou os alunos à Praia do Gravatá, localizada em Laguna, onde eles recolheram folhas do butiazeiro para utilizar na produção de desenhos que expressassem as inquietações vividas na adolescência.

Uma ponte: dois lados – A construção socioambiental do sujeito/agente: projeto interdisciplinar realizado com turmas do 2º ano do EMI, faz parte do eixo escola/comunidade e teve como problemática a Ponte Anita Garibaldi e os benefícios e contraposições de sua construção para a comunidade.

Fizeram parte deste projeto as disciplinas de Geografia; Arte/Artesanato/Música; Química; História; Informática; Sociologia; Língua Portuguesa e Literatura; Língua Inglesa; Biologia; Empreendedorismo; Matemática; e Filosofia.

Na disciplina de Geografia, o professor propôs aos alunos um estudo dos laudos de impacto social e ambiental da obra, a construção de uma carta legendada e uma pesquisa com os moradores da região acerca de sua visão do empreendimento.

Já na disciplina de Química, o professor sugeriu estudar a corrosão dos materiais utilizados na construção da ponte, em especial o ferro, além de analisar a composição química dos tipos de cimento usados. A água da Lagoa Santo Antônio dos Anjos também foi analisada e comparado seu pH com água mineral, água fornecida pela cidade e também água de poço artesiano.

Em História, o professor da disciplina optou pelo contexto do empreendimento, problematizando os fatos que levaram à construção da ponte. A pesquisa possibilitou aos alunos realizar um levantamento sobre a história do Canal da Laranjeiras, a construção das primeiras pontes e os fatores que levaram à construção da Ponte Anita Garibaldi, tratando também dos benefícios dela para a região.

Na disciplina de Biologia, o professor se deteve em analisar juntamente com os alunos a qualidade da água coletada nas proximidades da construção da Ponte e em identificar as espécies de peixes existentes na lagoa, a partir de contato com os pescadores da região, os

quais também contribuíram informando sobre sua percepção nas variações no número de pescados.

Formação acadêmica: Profissão e perspectivas: projeto interdisciplinar realizado com turmas do 3º ano do EMI, faz parte do eixo escola/sociedade e teve como problemática o desconhecimento por parte dos alunos que gera dúvidas acerca da área de conhecimento da profissão que almejam. O objetivo deste projeto era preparar o educando para o ensino superior, apresentando as formas de ingresso nas universidades e ainda orientando para a clareza na escolha da profissão, como garantia de futuro melhor.

As disciplinas integradoras deste projeto foram Língua Portuguesa e Literatura; Língua Inglesa; Geografia; Química; Matemática; Arte/Artesanato/Música; Filosofia; Sociologia; Biologia; História; Educação Física; Empreendedorismo; Orientador de Leitura; e Laboratório de Química.

A disciplina de Artes propôs observar e analisar obras de artistas brasileiros que utilizaram a temática “trabalho”, além de realizar uma pesquisa sobre as licenciaturas e bacharelados em Artes oferecidos pela Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc). O professor de Artes, juntamente com o professor de História, levou os alunos a uma saída de campo na Prainha da Cabeçada, onde estes fizeram desenhos baseados nos registros arqueológicos encontrados no local.

A disciplina de História trabalhou a importância da profissão do arqueólogo para o resgate do patrimônio histórico material, e o professor levou os alunos a visitas a sítios arqueológicos da região e ao Grupep-Arqueologia, laboratório de Arqueologia da Unisul. Além disso, os alunos deveriam criar um sítio arqueológico nas dependências da escola.

Em Língua Portuguesa e Literatura, os alunos foram orientados a pesquisar sobre profissões de seu interesse, refletir sobre a escolha de sua profissão futura, além de realizar saídas de campo para entrevistar profissionais de diversas áreas. Nesta disciplina os alunos também foram norteados em como produzir seu currículo.

Na disciplina de Sociologia os alunos foram orientados sobre a maneira de se portar diante de uma entrevista de emprego, participar de teste de orientação profissional para auxiliar na escolha da profissão e também visitar locais que permitissem despertar o interesse por uma profissão, como Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

4.4.2 Análise dos Planejamentos Curriculares Anuais e Projetos Interdisciplinares – Escola Almirante Lamego

Os planejamentos anuais do ensino médio inovador da escola Almirante Lamego foram organizados por três áreas de conhecimento, e dentro delas as disciplinas correspondentes:

d) Área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias

Disciplinas: Língua portuguesa; Língua estrangeira moderna; Educação Física; Arte; e Informática

e) Área de Matemática, Ciências da Natureza e Suas Tecnologias

Disciplinas: Biologia; Física; Química; e Matemática

f) Ciências Humanas e Suas Tecnologias (parte diversificada)

Disciplinas: História; Geografia; Sociologia, Antropologia e Política; e Filosofia

Os planejamentos anuais pesquisados foram aplicados no ano de 2014 e estavam organizados da seguinte forma:

- Conceitos;
- Objetivos – Gerais e específicos;
- Conteúdos organizados em tópicos por série
 - 1º, 2º e 3º ano; e
- Metodologia e avaliação.

Para que a análise acontecesse de forma clara e sistemática, optamos por analisar nas disciplinas cada item acima descrito, buscando identificar elementos da cultura do município de Laguna. A escolha das disciplinas ao realizar a análise do planejamento foram Língua Portuguesa, Artes e Educação Física.

Vale salientar que não tivemos acesso ao documento em que constavam as informações da área de conhecimento Ciências Humanas e Suas Tecnologias, o que impossibilitou a análise das disciplinas nela incluídas, bem como seus projetos interdisciplinares.

1) Planejamento de Língua Portuguesa e Literatura

Conforme podemos observar no Quadro 24, no planejamento de LPL identificamos um objetivo que tende a aproximar a oralidade popular da literatura, de forma a dar voz à cultura popular.

No que se refere aos tópicos relacionados à cultural local ou regional, identificou-se um tópico no 1º ano, o qual abordou os principais dramaturgos catarinenses, e no 3º ano, a literatura catarinense.

Quadro 25 – Análise do Planejamento Língua Portuguesa e Literatura

Objetivos	Organização dos conteúdos por série
Aproximar a oralidade popular da literatura, bem como observar na produção literária do passado, oportunidades de estudar a variação diacrônica (tempo)	1º ano: estrutura teatral – principais dramaturgos catarinenses
	2º ano: ausência
	3º ano: Literatura catarinense

Fonte: Planejamento Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, 2014 – Almirante Lamego

2) Planejamento de Artes

Neste planejamento, identificamos um objetivo amplo, mas que vem ao encontro desta pesquisa, que trata da compreensão da criação da arte em todas as culturas.

Nos tópicos, identificaram-se no 1º ano dois temas relacionados à produção cultural indígena, que, apesar de não especificar a região, permite ao professor focar o potencial do patrimônio arqueológico lagunense. Além disso, também selecionamos os tópicos de Patrimônio Cultural e Museus, que possibilitaram fazer relação com a cultura local e regional, material e imaterial.

Para o 2º ano, repetiram-se tópicos já trabalhados no 1º ano relacionados aos Povos Indígenas, Patrimônio Cultural e Museus. Já no 3º ano do EMI, identificamos um tópico de conteúdo “Música e Cultura do Índio”, o qual desenvolveu o conhecimento sobre a cultura indígena e a valorização do patrimônio arqueológico da região.

Quadro 26 – Análise do Planejamento de Artes

Objetivos	Organização dos conteúdos por série
Promover o desenvolvimento da compreensão e apreciação do trabalho criador em todas as culturas, despertando no aluno a consciência de universalidade da arte	1º ano: Comunicação visual: objetos utilitários dos povos primitivos; A arte na pré-história brasileira; Patrimônio Cultural; Museus
	2º ano: Comunicação visual: objetos utilitários dos povos primitivos; Patrimônio Cultural; Museus

	3º ano: Música e a cultura do índio
--	-------------------------------------

Fonte: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, 2014 – Almirante Lamego

3) Planejamento de Educação Física

A disciplina de Educação Física apresentou logo em seus objetivos a importância de vivenciar a cultura corporal e conhecer a cultura de movimento produzida pela humanidade, ambas intimamente ligadas com a cultura do povo que a pratica.

Entre os tópicos, destacamos para o 1º e 3º ano os aspectos culturais das danças como as folclóricas, as populares e as regionais, que, apesar de não especificarem, estão presentes, por exemplo, na cultura açoriana. Além disso, o professor também propôs trabalhar com esportes regionais nos três anos de ensino médio.

Quadro 27 – Análise do Planejamento de Educação Física

Objetivos	Organização dos conteúdos por série
Vivenciar a cultura corporal, interagir com o outro, desenvolver as manifestações; Compreender o conhecimento da cultura de movimento produzido historicamente pela humanidade	1º ano: Aspectos culturais da dança: danças folclóricas, danças populares e danças regionais; Esportes regionais: fundamentação teórica e fundamentação prática
	2º ano: Esportes regionais: fundamentação teórica e fundamentação prática
	3º ano: Aspectos culturais da dança: danças folclóricas, danças populares e danças regionais; Esportes regionais: fundamentação teórica e fundamentação prática

Fonte: Planejamento Ciências da Natureza, Matemática e Suas Tecnologias, 2014 – Almirante Lamego

Projetos Interdisciplinares

Os projetos interdisciplinares realizados pela Escola Almirante Lamego em 2014 foram divididos por áreas do conhecimento. Na área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias foram aplicados simultaneamente nas turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio inovador, em cada bimestre do ano letivo:

- 1º Bimestre: Colhemos o que plantamos (Valores e sustentabilidade);
- 2º Bimestre: Feira de Ciências (“Rap como manifestação da linguagem dos jovens”) Seminário de Literatura;
- 3º Bimestre: Luta-livre (Artes e Educação Física) Lançamento do livro “Poemas da Vó Maria”; e

- d) 4º Bimestre: Viagem de estudos (“As diversas linguagem manifestadas na cultura lagunense”);

Na área de Ciências da Natureza, Matemática e Suas Tecnologias, os projetos também foram realizados com turmas de 1º, 2º e 3º ano do EMI simultaneamente, no entanto não foi possível averiguar se foram divididos por bimestre:

- a) Tema Gerador: Radiação; e
- b) Inventário florístico do Morro da Glória;
- c) Dilatação térmica;
- d) Sambaquis;
- e) Engenharia genética; e
- f) Ponte Anita Garibaldi energias alternativas.

Além disso, na área de Ciências da Natureza, as disciplinas de Matemática, Biologia e Química desenvolveram seus próprios projetos, conforme podemos observar no Quadro 28.

Quadro 28 – Projetos desenvolvidos pelas disciplinas de Matemática, Biologia e Química

Ano	Matemática	Ano	Biologia	Ano	Química
1º	Relações étnico-raciais e culturais: Negros em Santa Catarina	1º, 2º e 3º	Riscos e prejuízos que o uso de substâncias psicoativas causa ao indivíduo e à sociedade	1	Educando para o trânsito: Tipos de acidentes e equipamentos de prevenção; Acidentes mecânicos domésticos e na escola; Acidentes de trânsito
1º	Segurança alimentar: fome e desnutrição	1º, 2º e 3º	Redução de danos no trânsito		
2º	Relações étnico-raciais e culturais; Mercado de trabalho	1º, 2º e 3º	Bullying e cyberbullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz?		
2º	Educação Financeira; Sistema Tributário Nacional; Instrumento para distribuição de renda	1º, 2º e 3º	Protagonismo juvenil: cuidando da vida		
2º	Segurança	2º	Poluição do ambiente:		

	Alimentar nutricional: Desperdício de alimentos		ecossistemas catarinenses.		
3º	Educação financeira: Turismo como fonte de receita	3º	Empreendedorismo juvenil Turismo sustentável: alternativa para o desenvolvimento local e regional		
3º	Segurança alimentar nutricional: Alimentação alternativa	3º	Saúde ética e justiça social		
		3º	Comunidades tradicionais e a conservação de ambientes; Agricultura e meio ambiente		

Fonte: Planejamento Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, 2014 – Almirante Lamego

Nos planos anuais da Escola Almirante Lamego não consta de forma descritiva o papel de cada disciplina no desenvolvimento das atividades dos projetos interdisciplinares, o que dificulta o aprofundamento dos temas investigados.

No entanto, mesmo assim, destacamos os projetos As diversas linguagens manifestadas na cultura lagunense; Inventário florístico do Morro da Glória; Sambaquis; Ponte Anita Garibaldi e Energias alternativas, por exemplo, que são importantes ferramentas para trabalhar variados elementos da cultura lagunense.

4.5 DISCUSSÃO DOS DADOS

Após a análise dos Projetos Políticos Pedagógicos das duas instituições, podemos traçar as principais diferenças entre elas para entender de que forma cada uma se relaciona com a cultura lagunense.

A Escola Saul Ulysséa está localizada no bairro Cabeçuda, em uma comunidade tradicionalmente pesqueira, que ainda se mantém com forte ligação com as Lagoas e forte na comercialização de pescado. Essa relação intrínseca com a comunidade tradicional da cidade explica a preocupação efetiva da participação da família na escola, o que ficou bastante claro nos dois documentos analisados.

Os alunos eram em sua maioria moradores do bairro de Cabeçadas e bairros vizinhos, no entanto, após o início da construção da Ponte Anita Garibaldi, passou a receber estudantes de outros estados, após seus pais serem contratados pela construtora do empreendimento. Além disso, por estar localizado às margens da BR-101, o bairro sempre presenciou o desenvolvimento da cidade, especialmente pela construção de três pontes e pela duplicação recente daquele trecho da rodovia.

Já a Escola Almirante Lamego está localizada no centro da cidade, de onde vem a grande maioria de seus alunos. Está inserida no centro comercial de Laguna, onde muitos alunos do período noturno trabalham e outros possuem interesse em ingressar no mercado.

O documento analisado da Escola Almirante Lamego demonstrou preocupação pelo resgate da identidade da escola e também pela melhoria da relação entre escola e família. A preocupação com o vestibular também é recorrente, ainda mais porque, com a inserção precoce no mercado de trabalho, muitos alunos não dão continuidade a seus estudos.

Ambas as escolas apresentaram aumento de matrículas após a inserção do Programa Ensino Médio Inovador, o que indica que um novo perfil de aluno esteja interessado na proposta. Concluímos isso porque o fato de o EMI ocorrer integralmente impossibilita tempo para atividade laboral, trazendo ao programa alunos que estão interessados em não somente concluir o ensino médio, mas também em prosseguir seus estudos com afinco. Essa conclusão está baseada nos dados da Escola Almirante Lamego, que mostraram que, com a inserção do EMI, aumentou o interesse por continuidade dos estudos (Enem), pela realização de concursos, e, por outro lado, diminuiu o interesse em entrar no mercado de trabalho precocemente.

Nas duas instituições também não houve grandes mudanças na grade curricular do EMI se comparada ao ensino regular, aumentando apenas a carga horária, com destaque para a inclusão de quatro novas disciplinas na Escola Almirante Lamego. A inclusão dessas novas disciplinas no currículo permite o desenvolvimento de atividades pedagógicas totalmente diferenciadas do que o aluno está acostumado a vivenciar em sala de aula. Atividades de cultura, de esporte, empreendedorismo são uma inovação curricular, se comparadas ao atual currículo do ensino médio regular.

Ambas as instituições mantiveram o ensino médio regular após a inserção do EMI, e então abrimos um parêntese para um questionamento: se o EMI promove oportunidade de mudança nos modelos de educação, com aulas que vão além das “livrescas e

sem sentido”¹⁸ do modelo de educação tradicional, qual o sentido de manter o ensino médio regular em atividade, se há a consciência de que este é um modelo ultrapassado e que não possibilita ao jovem compreender e contextualizar o conhecimento reproduzido pela escola?

O fator que mais se destacou no EMI foi o desenvolvimento de projetos interdisciplinares. Podemos afirmar que foram efetivamente trazidos os elementos da cultura de Laguna para a escola. Citamos como exemplos projetos que trabalharam a cultura material do Centro Histórico, já bastante consolidado no município, a Ponte de Laguna, que apesar de recente já parece ser vista como patrimônio coletivo, os sambaquis, que têm sido bastante visitados, o meio ambiente, com projetos de sustentabilidade que auxiliam a preservação do patrimônio natural e até celebrações, como a Festa de São Pedro, padroeiro do bairro Cabeçuda.

Apesar disso, não identificamos no calendário escolar nenhuma comemoração alusiva à história de Laguna. Os feriados municipais como Nossa Senhora dos Navegantes e do Padroeiro Santo Antônio parecem passar despercebidos.

Os projetos interdisciplinares são exemplos claros de que os elementos da cultura, apesar de não estarem inseridos todos na escola – uma vez que são muitos –, vêm sendo implantados na sala de aula, mesmo que modestamente. Podemos com isso inferir que muitos professores elaboraram seus planos somente com base no que é orientado pela Secretaria do Estado da Educação (com fonte em diversos planos de ensino), o que contribui para os elementos da cultura não estarem em maior número na escola. De maneira oposta, acreditamos ser papel do professor adequar o conteúdo trabalhado à realidade regional e local onde escola está inserida.

Nesse sentido, conforme já discutimos, a identidade da escola reflete a cultura da comunidade em que está inserida, a qual não pode ser ignorada. Identificar e valorizar essa cultura na escola permite aproximá-la do aluno e fazê-lo se sentir parte da comunidade escolar (BARROSO, 2004; CARVALHO, 2006; JULIA, 2001).

Por derradeiro, após a análise dos projetos políticos pedagógicos, planos anuais de ensino e projetos interdisciplinares, concluímos que há elementos da cultura material e imaterial inseridos nas duas instituições de ensino pesquisadas e que eles estão claros, principalmente nos planos de ensino e projetos.

¹⁸ Termo utilizado no PPP da Escola Almirante Lamego, 2013, p. 23.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

5.1 A PESQUISA QUALI-QUANTITATIVA

Para a realização de uma pesquisa científica, é necessária a utilização de um método, o qual deve ser escolhido pelo pesquisador, de acordo com os resultados que deseja alcançar. A escolha de métodos possibilita resultados com maior credibilidade enquanto produção de conhecimento científico.

Diante disso, Soriano (2004, p. 64) contribui ao dizer que “métodos e técnicas são ferramentas metodológicas da pesquisa, pois permitem instrumentar seus diversos processos específicos, fazendo com que as atividades intelectuais e práticas visem à consecução os objetivos formulados”.

Neste momento, abrimos um parêntese para distinguir métodos de técnicas. Método é a maneira de se atingir um objetivo, o qual resultará numa teoria. A técnica é um conjunto de regras que são criadas para o uso correto de instrumentos, os quais serão utilizados na aplicação do método (SORIANO, 2004).

O método se faz necessário, pois todo pesquisador necessita de parâmetros para orientá-lo na caminhada do conhecimento (MINAYO, 1994). Além disso, é preciso que o pesquisador determine o método que o fez chegar a seus resultados, para que fique claro o processo utilizado (GIL, 2002).

A metodologia escolhida para nortear esta pesquisa foi a quali-quantitativa, a qual, como qualquer outra metodologia de pesquisa, pressupõe métodos. A pesquisa quantitativa, como o próprio nome sugere, baseia-se em índices quantitativos. É o que explica Baptista:

As pesquisas orientadas sob esse paradigma utilizam a experimentação, que é uma criação artificial cuja operacionalização faz uso de uma lógica hipotético-dedutiva. [...] Os resultados são expressos em número, intensidade e ordenação; a realidade é exterior ao sujeito, com interdependência entre o sujeito e o objeto; as ações são lineares, ou seja, o processo é unilateral entre pesquisa e pesquisador. Buscam-se o consenso, conhecimentos operacionais, índices quantitativos. (BAPTISTA, 1999, p. 32).

Já a pesquisa qualitativa, faz uma análise mais subjetiva e segundo Minayo (1994, p. 21) “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”.

Baptista apresenta que a pesquisa qualitativa possui pressupostos diferentes da pesquisa quantitativa:

A realidade é uma construção social da qual o investigador participa. Os fenômenos são compreendidos dentro de uma perspectiva histórico e holística – componentes de uma dada situação estão inter-relacionados e influenciados reciprocamente, e se procura compreender essas inter-relações em um determinado contexto. O pesquisador e o pesquisado estão em interação em um processo multidirecionado no qual há ampla interação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Os valores estão presentes do processo de investigação. (BAPTISTA, 1999, p. 35).

Assim podemos perceber que as duas metodologias de pesquisas possuem pressupostos diferentes que possibilitam ao pesquisador resultados também diferentes, mas isso não significa que ambas não possam trabalhar juntas. Baptista (1999, p. 35) afirma que “a abordagem quantitativa, quando não exclusiva, serve de fundamento ao conhecimento produzido pela pesquisa qualitativa”. Articulando as duas metodologias pode-se fazer uma análise qualitativa dos dados quantitativos ou os resultados qualitativos podem ser analisados de forma quantitativa (CHIZZOTTI, 1991:34 *apud* BAPTISTA, 1999, p. 34). Minayo (1994) também contribui neste sentido quando afirma que os dados qualitativos e quantitativos não se opõem, mas sim se completam.

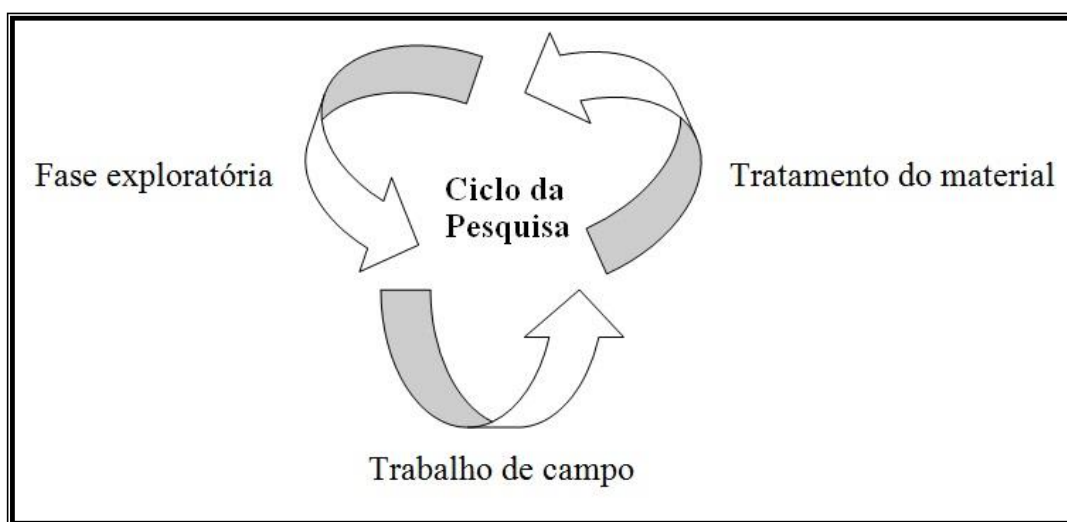
Trabalhar com pesquisa na área de Ciências Sociais é ter uma relação direta com seu objeto de estudo, já que nesta área se lida com seres humanos que por variadas razões de cultura, idade ou classe social pode tem algo comum com o investigador (MINAYO, 1994). No entanto, é preciso ter cautela na relação entre o sujeito e o objeto de estudo, uma vez que a imparcialidade do pesquisador talvez seja um dos principais pontos a ser levados em conta numa investigação: “a pesquisa é uma atividade neutra e objetiva, que busca descobrir regularidades ou leis, em que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (GOLDENBERG, 2009, p. 17).

Assim, um dado muito importante é que a pesquisa qualitativa nunca é feita apenas para o pesquisador, seu sentido é social, portanto deve retornar ao sujeito. Quantas vezes produzimos pesquisas em que o sujeito não sabe o que foi feito da informação que ele trouxe? Ou, o que é mais grave ainda, quantas vezes a pessoa não se reconhece na pesquisa pronta, finalizada? A pesquisa qualitativa, exatamente porque é um exercício político, porque trabalha com significados de vivências, precisa ser devolvida aos sujeitos que dela participaram. (MARTINELLI, 1999, p. 26).

Minayo (1994, p. 25) afirma que a pesquisa acontece num ciclo que se inicia com um problema e se encerra com um produto provisório: “a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada de conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular”.

Ainda, segundo o autor, o ciclo começa com a *fase exploratória da pesquisa*, momento em que se define a forma que será feita a investigação, em seguida há o *trabalho de campo*, no qual é realizado todo o levantamento de material bibliográfico, documental, entrevistas, etc. Por fim, deve-se fazer o *tratamento do material* que foi recolhido em campo, onde será feita uma teorização sobre o que foi levantado. Segundo o autor, o ciclo da pesquisa é assim chamado porque nunca se encerra e sempre produz novos questionamentos que levam a novas pesquisas (MINAYO, 1994).

Figura 9 – Esquema do Ciclo da Pesquisa



Fonte: adaptado de Minayo (1994)

Além da metodologia quali-quantitativa, também contamos com a pesquisa bibliográfica e documental.

A pesquisa bibliográfica é a base desta dissertação, pois foi a partir dela que se fez toda a revisão teórica. Segundo Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Já a pesquisa documental envolve a busca de outras fontes, em que se vale “de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa” (GIL, 2002, p. 45).

5.2 A METODOLOGIA DE PRODUÇÃO DE INVENTÁRIO CULTURAL

O ato de inventariar se refere a catalogar e registrar uma lista de bens deixados por alguém¹⁹, ou seja, um patrimônio material. O inventário proposto nesta dissertação lista o maior número possível de bens culturais do município de Laguna, que estão ligados à identidade de seu povo e que, por esse motivo, são o patrimônio deste.

Vindo ao encontro disso, nossa discussão inicia-se com a abordagem sobre as escolhas feitas para esse inventário. Conforme Bauman (2005), as identidades “flutuam no ar” e por nós são escolhidas as que serão destacadas e as que serão apagadas. Sabendo que as referências culturais estão intimamente ligadas à identidade dos sujeitos, as mesmas também flutuam e são escolhidas conforme convém serem apresentadas.

Mas convém por quem e a quem? Neste caso, podemos dizer que geralmente são destacadas as referências culturais das elites, e apagadas ou desfocadas as pertencentes aos menos favorecidos. Ao andar por uma cidade turística, por exemplo, e visitar casarões antigos, imponentes e de bela decoração, há de se pensar que os mesmos pertenceram à famílias de alto poder aquisitivo. Esse fato se deve também à histórica ligação de patrimônio com bens materiais. Por essa razão, as referências culturais escolhidas não são livres e estão condicionadas a fatores, entre eles a cultura local, regional ou nacional a qual pertencemos (MATHEWS, 2002).

Também de acordo com Bauman (2012) a cultura “permanece pela mudança”, ou seja, se mantém em constante movimento, da mesma forma que a sociedade líquida atual. Nesse sentido, as referências culturais estão em constante movimento, diante de uma sociedade globalizada onde as mesmas são consumidas nos “supermercados culturais globais” (MATHEWS, 2002). Diante desse consumo, as identidades nacionais, por exemplo, estão em declínio, por não serem valorizadas ou serem simplesmente esquecidas. Uma das consequências da globalização, que vejo de forma positiva, é o reforço das identidades locais como forma de resistência a todo esse movimento global (HALL, 2011). Identificar e destacar as referências culturais locais permite reforçar as identidades culturais locais e enseja que o sujeito se sinta parte de sua cultura.

Diante disso, propomos nesta pesquisa a produção de um Inventário de Referências Culturais, dos bens materiais e imateriais, presentes no município de Laguna, que foi feito com o objetivo de “dar voz” aos mais variados aspectos da cultura do município e

¹⁹ MICHAELIS. Dicionário online. DISPONÍVEL em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=invent%E1rio>> Acesso em: 20 mar. 2016.

não somente os que são impostos oficialmente²⁰, já que muitas vezes não há um consenso por parte da comunidade quanto à identificação com os bens culturais hierarquicamente impostos.

Quando se fala em “referências culturais”, se pressupõem sujeitos para os quais essas referências façam sentido (referências para quem?). Essa perspectiva veio deslocar o foco dos bens – que em geral se impõem por sua monumentalidade, por sua riqueza, por seu “peso” material e simbólico – para a dinâmica de atribuição de sentidos e valores. Ou seja, para o fato de que os bens culturais não valem por si mesmos, não tem um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados. Levada às últimas consequências, essa perspectiva afirma a relatividade de qualquer processo de atribuição de valor – seja valor histórico, artístico, nacional, etc. – a bens, e põe em questão os critérios até então adotados para a constituição de “patrimônios culturais”, legitimados por disciplinas como a história, a história da arte, a arqueologia, a etnografia, etc. Relativizando o critério do saber, chamava-se a atenção para o papel do poder. (IPHAN, 2000, p. 11).

Devido à necessidade de identificação de bens culturais expressivos existentes na diversidade cultural brasileira, o Iphan criou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), em 1999, depois de muitos encontros de pesquisadores e trocas de experiências na produção de inventários no Brasil. O INRC apresenta um manual com metodologia utilizada para produção de inventário que possibilita identificar, documentar e registrar os bens culturais (IPHAN, 2000).

Na produção de um inventário é necessário que se escolha as ocorrências que são consideradas pertinentes à pesquisa, no nosso caso, as referências culturais do município de Laguna. Segundo o Manual, no caso da cultura material, o trabalho de inventariar se torna mais simplificado, de certa forma “serão estruturas arquitetônicas ou objetos bem delimitados que se encontram em determinado sítio” (IPHAN, 2000, p. 29). Já quando se trata de bens imateriais, a escolha se torna mais complexa, uma vez que se trata de valores e significações, os quais são intangíveis e subjetivos. Diante disso, o Manual sugere que, em se tratando de bens materiais ou imateriais, a primeira etapa deve ser o levantamento de documentação que justifique o inventário do bem (IPHAN, 2000).

[...] um ponto de partida do inventário é focalizar dimensões concretamente apreensíveis da cultura: documentos escritos, audiovisuais, objetos, bem como depoimentos e narrativas orais que explicitem aspectos do que, para determinado grupo social, sejam as suas referências em relação aos temas selecionados por este trabalho. Este é um primeiro nível da realidade a ser inventariada. (IPHAN, 2000, p. 30).

²⁰ Órgãos oficiais como Ministério da Cultura, Iphan, Prefeitura Municipal.

Nesse caso, o INRC destaca que seu objeto “são atividades, lugares e bens materiais que constituam marcos e referências de identidade para determinado grupo social” (IPHAN, 2000, p. 30) e propõe cinco categorias de bens culturais que serão a estrutura do inventário, baseadas nas categorias criadas pelo Ministério da Cultura e são as seguintes:

1. **Celebrações.** Nesta categoria incluem-se os principais ritos e festividades associados à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário, etc. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade, envolvendo práticas complexas com suas regras específicas de distribuição de papéis, a preparação e o consumo de comidas, bebidas, a produção de um vestuário específico, a ornamentação de determinados lugares, o uso de objetos especiais, a execução de música, orações, danças, etc. São atividades que participam fortemente da produção de sentidos específicos de lugar e de território. São exemplos festas como as de São Sebastião, do Divino Espírito Santo, de Iemanjá, de São João e o carnaval, que se realizam com variações em inúmeras regiões do Brasil; ou outras mais localizadas como o Círio de Nazaré em Belém (PA), a Lavagem do Bonfim e a Romaria de Bom Jesus da Lapa na Bahia ou, no estado de Goiás, a Cavalhada (Pirenópolis) e a Procissão do Fogaréu (Goiás).
2. **Formas de expressão.** Formas não linguísticas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região, desenvolvidas por atores sociais (individuais ou grupos) reconhecidos pela comunidade e em relação às quais o costume define normas, expectativas, padrões de qualidade, etc. Incluem-se nesta categoria o cordel, a cantoria e a xilogravura no Nordeste, diversas variantes do Boi (o boi Bumbá, o boi duro, o bumba meu boi, etc.) em várias regiões do Brasil, a moda de viola e a catira no centro-sul, a ciranda no litoral pernambucano, a cerâmica figurativa no vale do Jequitinhonha, etc. Neste caso, serão inventariadas não as linguagens em abstrato, mas o modo como elas são postas em prática por determinados executantes.
3. **Ofícios e modos de fazer,** ou seja, as atividades desenvolvidas por atores sociais (especialistas) reconhecidos como conhecedores de técnicas e de matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Este item refere-se à produção de objetos e à prestação de serviços que tenham sentidos práticos ou rituais, indistintamente. Entre estes encontram-se a carpintaria no sul da Bahia, a confecção de panelas de barro no Espírito Santo, a manipulação de plantas medicinais na Amazônia, a culinária em Goiás Velho, o benzimento nas várias regiões do país, as variantes regionais de técnicas construtivas, do processamento da mandioca ou da destilação da cana, entre muitos outros. Tal como no caso anterior, os modos de fazer não serão inventariados em abstrato, mas através da prática de determinados executantes.
4. **Edificações.** Em diversos casos, estruturas de pedra e cal estão associadas a determinados usos, a significações históricas e de memória ou às imagens que se tem de certos lugares. Essas representações as tornam bens de interesse diferenciado para determinado grupo social, muitas vezes independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística. Nesses casos, além dos aspectos físico-arquitetônicos, são relevantes do ponto de vista do patrimônio as representações sociais a eles associadas, as narrativas que se conservam a seu respeito, eventualmente os bens móveis que eles abrigam, determinados usos que neles se desenvolvem. Esta categoria integra tanto edifícios emblemáticos do porte das igrejas de Nossa Senhora Aparecida (SP) e de Nosso Senhor do Bonfim ou do Terreiro da Casa Branca em Salvador (BA), como outros de significação mais localizada como são a casa de Cora Coralina em Goiás (GO), as sedes da Lira Popular de Belmonte (BA) ou da Banda Carlos Gomes em Campinas (SP).
5. **Lugares.** Toda atividade humana produz sentidos de lugar. Neste inventário serão incluídos especificamente aqueles que possuem sentido cultural diferenciado para a população local. São espaços apropriados por práticas e atividades de naturezas variadas (exemplo: trabalho, comércio, lazer, religião,

política, etc.), tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais. Essa densidade diferenciada quanto a atividades e sentidos abrigados por esses lugares constitui a sua centralidade ou excepcionalidade para a cultura local, atributos que são reconhecidos e tematizados em representações simbólicas e narrativas. Do ponto de vista físico, arquitetônico e urbanístico, esses lugares podem ser identificados e delimitados pelos marcos e trajetos desenvolvidos pela população nas atividades que lhes são próprias. Eles podem ser conceituados como lugares focais da vida social de uma localidade. (IPHAN, 2000, p. 32).

Para produção do inventário dos bens culturais, o Iphan (2000) sugere três etapas: a) levantamento preliminar; b) identificação; e c) documentação. A partir dos dados obtidos será montado um Banco de Dados.

A primeira etapa, o levantamento preliminar, como o próprio nome sugere, prevê um levantamento inicial da área a ser pesquisada e a reunião das mais variadas informações disponíveis sobre ela. Nesse levantamento também é feita a pesquisa em fontes secundárias e oficiais, além de entrevistas com pessoas que conheçam a história local (IPHAN, 2000).

É no levantamento preliminar que os bens culturais devem ser incluídos em uma das cinco categorias anteriormente expostas (celebrações, edificações, formas de expressão, lugares, ofícios e modos de fazer). Segundo o Iphan (2000, p. 37), essa inclusão “deve ser feita independentemente de ele estar em plena vigência ou em desuso na localidade considerada. Sua efetiva identificação dependerá de decisão posterior a ser tomada pelos responsáveis pelo inventário”.

A etapa seguinte ao levantamento seria a triagem dos bens escolhidos pelo pesquisador, de acordo com a representatividade do bem para a comunidade com base nas pesquisas feitas no levantamento preliminar. O INRC sugere nesta etapa quatro critérios a serem observados para fazer a escolha dos bens que serão inventariados. São eles:

1. O que a comunidade destaca de forma reiterada como bem de significação diferenciada enquanto marca de sua identidade;
2. O que o conhecimento acumulado sobre o sítio permite destacar;
3. O que se verifica ser relevante comparativamente, por semelhança ou contraste com o que ocorre na região de entorno da área inventariada;
4. A vigência da referência nas práticas sociais atuais ou na memória. (IPHAN, 2000, p. 37).

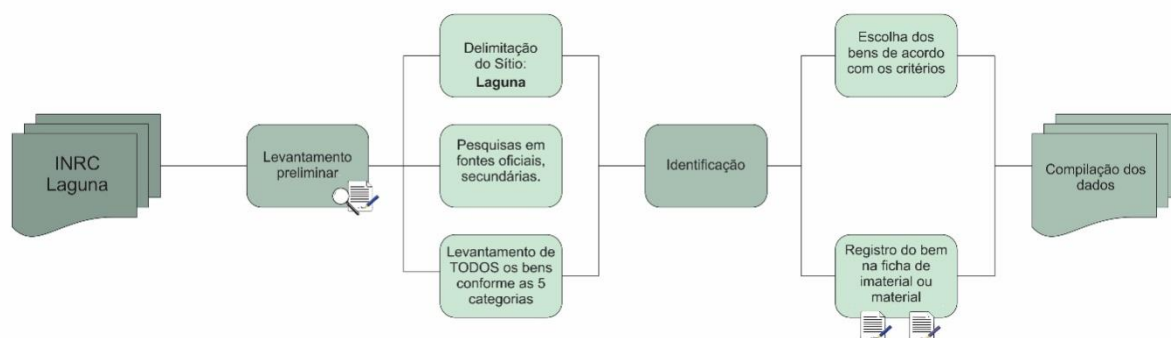
Pautados nesse pressuposto do Iphan, produzimos duas fichas de Inventário de Bem Cultural, uma para bens materiais e outra para imateriais, que propõem um registro simples dos bens culturais do município, na intenção de categorizar, identificar e quantificar o patrimônio histórico e cultural do município de Laguna. As fichas de inventários foram feitas a partir do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e também do Termo de

Referência do Programa: Caminhos e Parques de Santa Catarina, Elaboração de Dossiê de Tombamento do Parque Arqueológico do Sul, ambos produzidos pelo Iphan (2000, 2007) (Apêndice A).

A última etapa do Inventário será a apresentação do banco de dados obtido através da pesquisa realizada, ou seja, nele estão contido os bens materiais e imateriais do município de Laguna inventariados com base das categorias acima expostas.

No fluxograma abaixo é possível observar de maneira mais resumida de que forma aconteceram as etapas de produção do Inventário de Bens Culturais do município de Laguna.

Figura 10 – Fluxograma apresentando as etapas da produção do Inventário



5.3 LEVANTAMENTO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE LAGUNA

Entre as cinco categorias propostas pelo Iphan e o Ministério da Cultura – celebrações, formas de expressão, ofícios e modo de fazer, edificações e lugares –, descrevemos a seguir o levantamento dos bens materiais e imateriais presentes no município de Laguna, com base em pesquisa bibliográfica em fontes oficiais e secundárias, conforme já exposto na metodologia.

Diante disso, utilizamos como critério de escolha os bens materiais e imateriais expostos pelo Iphan (IPHAN, 2016) e pela Prefeitura Municipal de Laguna em seus respectivos sites (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016) Como base para a escolha das instituições escolares, utilizamos o plano político-pedagógico (item 4.3), o qual apresenta o calendário escolar contendo as atividades culturais eleitas e celebradas de alguma forma no ambiente de ensino.

Procuraremos aqui, apresentar o maior número de bens possíveis, com o intuito de abranger toda a diversidade cultural existente no município. É sabido por toda a população, se não por grande parte dela, que Laguna possui seu Centro Histórico tombado pelo Iphan. Esse tombamento aconteceu no ano de 1985 e é formado a partir do porto original, tendo contabilizado um conjunto arquitetônico com aproximadamente 600 imóveis (IPHAN, 2016d). No entanto, diante da pouca difusão dos mais variados elementos da cultura da cidade juliana, achamos importante apresentar que não somente de edificações ele é feito, mas também de elementos materiais e intangíveis que estão presentes na história e no dia a dia de seu povo.

Para isso, dentre as várias bibliografias utilizadas e já conhecidas por contar a história de Laguna, como por exemplo, Ruben Ulysséa, João Leonir Dall’Alba e Laercio de Oliveira, tendo este último contribuído muito com os aspectos imateriais da cultura açoriana. Destacamos também Lucena (1998), que fez uma discussão sobre a evolução dos espaços públicos da cidade em sua dissertação, e Tavares et al. (1983), que fizeram um levantamento arquitetônico e bibliográfico da cidade, que pode ter-se tornado, inclusive, de grande importância para o tombamento do Centro Histórico, realizado três anos mais tarde.

5.3.1 As Celebrações

Nesta categoria, o INRC propõe incluir “ritos e festividades associados à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário, etc.” (IPHAN, 2000, p. 32).

Município de cultura açoriana e religião católica, suas festas refletem essa cultura, marcada principalmente por celebrações de santos, costume desse povo.

Nos Jornais da cidade eram anunciadas as “Festividades” de – Nossa Senhora dos Navegantes, Senhor dos Passos, Senhor Morto, Santo Antônio dos Anjos, São Pedro, São João, Nossa Senhora do Parto, da Conceição, [...] além da Festa do Divino Espírito Santo e de Corpus Christi. (LUCENA, 1998, p. 79).

Consoante Lucena (1998), as festas transformam os espaços públicos e dão um novo significado e uma identidade a eles, conforme veremos a seguir.

- **Festa de Nossa Senhora dos Navegantes**

Muitas pessoas que viajavam e ainda viajam pelo mar pedem proteção de Nossa Senhora para retornar a seus lares com segurança, e o município de Laguna, por ter possuído

uma atividade portuária intensa e receber comerciantes exportadores, pescadores, marinheiros e armadores de fora da cidade, reflete essa cultura (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2015).

Conforme publicação do Iphan, esse tipo de celebração está ligada também à cultura lusitana:

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes é uma celebração religiosa que materializa a devoção católica dos catarinenses em diversas localidades do estado. Os imigrantes lusitanos trouxeram a devoção à Nossa Senhora dos Navegantes para Santa Catarina. (IPHAN, 2008, p. 10).

Segundo Lucena (1998), em 1880 a Festa da Nossa Senhora dos Navegantes era a festa mais “concorrida” e acontecia no centro histórico da cidade, com procissões e transladação da imagem da Santa, e também uma procissão de barcos decorados para a ocasião.

Uma notícia de 1979, destacada do Jornal “O Município” por Lucena (1998), apresenta um pedido aos capitães de navios que participassem com seus barcos da procissão:

Pede-se aos Senhores Capitães de navios que façam uma regata na segunda-feira, dia subsequente à festa, para maior brilhantismo, aproveitando assim a permanência nesta cidade das muitas pessoas do interior e sítios desta Comarca. (O MUNICÍPIO, 12/01/79 *apud* LUCENA, 1998, p. 80).

A festa mudou de espaço quando a primeira estátua da Santa foi trazida ao município pelos portugueses e a Capela Nossa Senhora dos Navegantes foi erguida no final de 1911, no bairro de Magalhães. No ano seguinte foi realizada a primeira festa, que reuniu muitos fiéis. Em 1966 foi criada a Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes, em 1968 foi realizada a primeira festa com esse título, e a nova matriz foi inaugurada em 1979 (LUCENA, 1998; PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2015).

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes mantém-se viva em Laguna, acontecendo sempre próximo a 2 de fevereiro, data de celebração ao dia da Santa e feriado no município. No data ocorrem celebrações de missa e procissão marítima, sempre acompanhadas da imagem sacra (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2015).

Figura 11 – Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes em sua matriz



Fonte: Prefeitura Municipal de Laguna (2015)

- **Festa de Santo Antônio**

Santo de devoção de Domingos de Brito Peixoto, veio a se tornar padroeiro e chegou a emprestar o nome para o município antes de se chamar Laguna, Santo Antônio tem destaque no município de Laguna, e sua festa também.

De acordo com Siqueira et al. (2012), a festa acontece anualmente de 1º a 13 de junho e atrai milhares de devotos à cidade. As trezenas (como são chamadas os treze dias consecutivos de celebração) contam com missas em latim, realizadas na Matriz, novenas, procissões, carreatas, transladação da imagem do Santo Antônio pelas comunidades, show pirotécnico, apresentações artístico-culturais (as quais valorizam artistas locais) e barraquinhas com quitutes (SIQUEIRA et al., 2012; LUCENA, 1998).

As carreatas inauguram a festa e partem da igreja matriz, percorrendo a cidade com a imagem do Santo Antônio em um automóvel à frente, “acompanhada de fogos e rojões que anunciam o início da comemoração” (LUCENA, 1998, p. 152).

Siqueira et al. (2012) afirmam que a festa do padroeiro de Laguna “é seguramente a maior manifestação religiosa do sul do Brasil”. Segundo ele, os organizadores da festa são pessoas que se destacam na sociedade – os chamados festeiros –, e são escolhidos no último dia da trezena para organizar a festa do ano seguinte. No entanto, de acordo com Lucena (1998), nem sempre foi assim; por volta do ano de 1880, a festa não tinha a mesma intensidade que a de Nossa Senhora dos Navegantes, pois acontecia em âmbito local.

Outro fato interessante destacado por Lucena é a procissão do último dia, no caso, dia 14 de junho de 1997, ano em que realizou sua pesquisa. Segundo a autora,

Algumas casas do bairro estavam enfeitadas, uma com balões em todo o muro, outras com flores na janela, talvez agradecendo à uma graça alcançada... Do fundo dos quintais de várias casas, seus moradores soltavam fogos, à medida em que a imagem ia passando. A procissão parava e a imagem era virada em direção àquela casa, como que se estivesse a agradecer a homenagem que lhe fora feita. O evento termina com muitos fogos na entrada da Igreja, e com uma missa de encerramento. (LUCENA, 1998, p. 153).

Considerada pelo site oficial como a maior evento religioso realizado atualmente pelo município, neste ano foi realizada a festa de número 339, que aconteceu de 1º a 14 de junho, contando com diversas atividades artístico-culturais. Fez dessa vez um resgate histórico mediante uma exposição de fotos das edições anteriores da celebração festiva (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014). A festa tem, inclusive, um site para facilitar a divulgação de informações sobre a festividade (FESTA DE SANTO ANTÔNIO, 2015).

Figura 12 – Festa de Santo Antônio



Foto: Elvis Palma. Fonte: Festa de Santo Antônio, 2015.

- **Festa do Divino Espírito Santo**

A Festa do Divino Espírito Santo celebra o nascimento da Igreja, marcado pela descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e a Virgem Maria. As celebrações são realizadas no dia de Pentecostes, contado 50 dias após o Domingo de Páscoa.

A festa tradicional em Laguna é de origem açoriana e consiste numa peregrinação religiosa marcada por cantoria pelas ruas da cidade, em que se carrega a chamada “bandeira do Divino” – bandeira vermelha com a imagem de uma pomba, representação do Espírito Santo – pelas casas da comunidade, pedindo prendas para a festa (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b; LUCENA, 1998).

A publicação do Iphan discorre detalhadamente sobre a Bandeira do Divino:

A Bandeira do Divino é confeccionada com um retângulo de pano vermelho em cujo centro se retrata com desenho ou bordado a figura de uma pomba, prendendo-se o pano a um mastro encimado por uma pomba, rodeada por um arco de flores artificiais e enfeitado com muitas fitas coloridas. Nas Bandeiras, os fiéis recolhem antecipadamente oferendas que serão utilizadas no dia de Pentecostes. (IPHAN, 2008, p. 3).

Sugere-se que a Festa do Divino teve origem no século XIV, em Portugal, mais especificamente na cidade Alenquer, e que teria sido estabelecida pela então Rainha Isabel (1271-1336) por conta da construção da Igreja do Espírito Santo (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b).

Com grande prestígio, a solenidade chegou a ser acompanhada pelo Imperador por volta dos anos 1880, conforme destaca Lucena (1998, p. 80): “No edifício do ‘Império’, próximo à Matriz, era organizada a solenidade do ‘Ritual’, com acompanhamento do Imperador. Também eram promovidos bazares e leilão de prêmios”.

Na comunidade da Figueira, o pesquisador Oliveira (2010) tomou o depoimento de Seu Braz, o qual explica que na celebração havia duas bandeiras; na Bandeira Surda apenas era batido o tambor, e na Bandeira da Cantoria ocorriam as canções pelas comunidades.

Sobre a Bandeira Surda ele diz:

A Bandeira Surda era um senhor que levava uma bandeira do divino na mão. Essa bandeira tinha um mastro, tinha uma pombinha e era cercada de fitas que era oferecida nas casas onde a bandeira entrava. Outro senhor trazia uma sacola da cor da bandeira, toda vermelha e moldurada em amarelo. Outro senhor trazia o tambor, para chamar atenção do povo nas casas onde entravam. Recebiam ofertas como galinhas, ovos, dinheiro, ou outro tipo de oferta para ajudar na festa. Eles não cantavam, apenas batiam o tambor [sic]. (OLIVEIRA, 2010, p. 121).

E sobre a Bandeira de Cantoria ele cita:

A bandeira era a mesma da surda, só mudava os personagens, que era o fineiro, que alguns chamavam de tripa, o tamboreiro, que fazia a segunda voz e o tirador de verso. E entravam a segunda voz, e o fineiro, acompanhado pelo violino pelo violão e pelo tambor. Era muito bonito e arrastava muito seguidores. Quando existia duas bandeiras que se cruzava numa comunidade, elas se encontravam em frente à Igreja e as duas bandeiras se cruzavam e entravam na igreja em forma de cruz e cada

cantor tirava seu verso em frente do altar e as pessoas davam suas ofertas. Quando mais eles ofertavam, mais o cantor agradecia cantando. As pessoas levavam para sua casa um pedaço de fita que iam usando conforme necessidade. Em dias de temporais, sobre um prato com brasas, queimavam pedacinhos [sic] de fita para acalmar a tempestade. (OLIVEIRA, 2010, p. 121).

Figura 13 – Festa do Divino Espírito Santo



Fonte: Site Prefeitura Laguna, 2016b

- **Festa de São Pedro**

Padroeiro do bairro de Cabeçuda, São Pedro é considerado o protetor de pescadores. Anualmente acontece uma celebração em sua homenagem no bairro. Geralmente a festa ocorre entre o final de junho e início de julho, podendo variar de acordo com o calendário cristão (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014b).

A festividade inclui missa e novenas com transladação da imagem do Santo na Igreja Matriz ou no Centro de Convivência, além de procissão, shows, apresentações culturais e gastronomia. Além do bairro de Cabeçuda, as comunidades de Farol de Santa Marta e Ponta das Pedras também prestam homenagem ao Santo (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014b).

- **Carnaval**

Um dos maiores destaques turísticos do município, o Carnaval também faz parte da cultura do município, que, segundo site oficial, teve origem no século XVIII, com “Zé Pereira”, um grupo que saía pelas ruas de Laguna tocando bumbo, uma caixa de rufo e um par de pratos (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014c, Oliveira (2010) afirma que o carnaval era muito aguardado pelos jovens:

A mocidade aguardava com ansiedade a chegada do carnaval, pois era época dos blocos de carnaval à noite, da brincadeira do pereira e dos banhos d’água durante o dia. Lembramos que na linguagem do povo se pronunciava “perera” e não Zé Pereira, como é conhecido nacionalmente. (OLIVEIRA, 2010, p. 110).

Conforme explica o autor, “os foliões do Pereira”, como eram conhecidos, se reuniam em uma casa e se arrumavam com pinturas e máscaras, geralmente vestidos de mulher, e iam para a praça, onde eram aguardados por todos. A brincadeira consistia em adivinhar quem era o Pereira entre os foliões, e para adivinhar era preciso observar todos os detalhes (OLIVEIRA, 2010).

Sobre a brincadeira dos banhos d’água, Oliveira (2010) informa que consistia em jogar um balde ou lata de água em alguém que estava passando na rua durante os dias festivos. Os preferidos dos foliões eram os namorados, mas realmente não importava quem fosse e o que estava vestindo: se estivesse na rua, virava vítima da brincadeira.

Já no ano de 1880, havia os famosos desfiles dos carros alegóricos:

O Carnaval de 1880 descrito por ULYSSEA (1943), era constituído pelas brincadeiras de rua, com blocos de foliões e desfiles de carros alegóricos; e pelos bailes. Eram sociedades que formavam os Clubes de bairro, no Magalhães, no Campos e Fora e no Centro. Os Clubes organizavam as festas que aconteciam nas ruas, ou seja os desfiles com os carros alegóricos, além dos bailes. (LUCENA, 1998, p. 81).

De acordo com o site oficial da Prefeitura de Laguna, antes de os blocos tomarem as ruas da cidade, eles se apresentavam em salões, durante os bailes de carnaval. Os mais tradicionais eram: Pavão Branco, Toureiros, Damas Antigas e Bambo. Na década de 30 do século XX, os blocos tomaram as ruas e iniciou-se uma disputa pelas melhores fantasias, entrando em cena os blocos Bola Branca e Bola Preta (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014c).

Segundo Lucena (1998), foi na década de 1980 que os órgãos oficiais começaram a observar que a festa estava trazendo turistas e veranistas, e junto com eles muitos benefícios para a cidade. Inicialmente a festa era feita apenas no Centro Histórico e começava 15 dias

antes da data oficial de carnaval; na ocasião se reuniam escolas de samba para ensaiar, além do Bloco dos Sujos e Boi de Mamão.

Naquela época, a festa iniciava-se com um baile, realizado em um clube do Centro; nas noites seguintes, aconteciam os desfiles das Escolas de Samba, Boi de Mamão e Blocos Carnavalescos, nas ruas Gustavo Richard e Rua da Praia. Em seguida, aconteciam shows musicais no jardim e a festa terminava com mais bailes nos clubes (LUCENA, 1998).

Foi no início década de 1990 que a festa ganhou grandes proporções e passou a ser realizada na praia de Mar Grosso, ocasionando o enfraquecimento das festas realizadas no centro histórico:

Os bailes começaram a enfraquecer, “perder sua freguesia” para a festa de Carnaval que acontecia no Jardim, nas ruas e na praia. [...] e um fato curioso aconteceu: os moradores da cidade, que participavam e assistiam os desfiles, permaneciam em grande parte, com suas famílias na praça da Matriz, assistindo os shows. E na praia do Mar Grosso, a população “festeira” era predominantemente de turistas, veranistas, em número muito maior. [...] E a cada ano, a população inclusive de moradores do Centro, Progresso, Campo de Fora e demais bairros, aderem para a festa do Mar Grosso. O centro tornou-se uma área secundária. (LUCENA, 1998, p. 149).

Lucena (1998) também informa que em 1997 já não houve mais Carnaval na Praça, tendo sido realizado apenas um baile, à noite, por um clube.

A respeito da atualidade do Carnaval de Laguna, o Iphan completa:

Atualmente, cerca de 250 mil turistas brincam o carnaval em Laguna, e assistem ao desfile oficial das escolas de samba, realizado no centro histórico. Trios elétricos e blocos carnavalescos animam os foliões. Nas tardes de domingos, o “Bloco da Pracinha” sai do bairro de Magalhães arrastando gente na brincadeira até a praia do Mar Grosso. (IPHAN, 2008, p. 34).

No entanto, o carnaval não conta mais com desfiles de escolas de samba, por conta de falta de arrecadação de recursos para custear as apresentações. As escolas em atividade no município atualmente são Vila Isabel, Xavante, Democratas, Brinca quem Pode e Mocidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014c).

Figura 14 – Solenidade de abertura do Carnaval 2016, com a escola do Rei Momo e musas.



Fonte: Site Prefeitura de Laguna (2014c).

- **Terno de Reis**

Outra celebração realizada pelos açorianos, os quais eram católicos, é o Terno de Reis, baseado numa passagem da Bíblia, que conta que Jesus, em seu nascimento, foi visitado pelos três reis magos, chamados Melchior, Baltazar e Gaspar. A celebração acontece entre 24 de dezembro e 6 de janeiro e consiste em visitar a casa de amigos e parentes, e realizar cantorias de Terno de Reis acompanhadas de instrumentos musicais, levando a mensagem divina (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b). “Em todo o estado catarinense, principalmente nas áreas litorâneas sob influência cultural luso-açoriana, a época é festejada com música e dança.” (IPHAN, 2008, p. 17).

Oliveira (2010) traz os depoimentos de alguns moradores de comunidades do distrito de Laguna para explicar como acontecia a celebração. Seu Nizo do Ribeirão Pequeno contribuiu com vários detalhes:

[...] Foram os açorianos que trouxeram o Reis Cantado nas casas. Era um grupo de cantores com viola, violão, violino, gaita, tambor. Faziam suas cantorias no dia vinte e quatro de dezembro e terminavam lá pelo dia quinze de janeiro, dia de Santo Amaro. Esses grupos visitavam as casas à noite para comemorar o nascimento de Cristo, cantando versos. Normalmente era cantado somente por homens. Também era costume o dono da casa, que recebia a cantoria de Reis, oferecer bebida, café, bolo, rosca [sic]. (OLIVEIRA, 2010, p. 120).

Outro morador, desta vez da comunidade da Figueira, conta mais detalhes:

A Folia de Rei eram as famílias que se organizavam para cantar na casa dos compadres amigos. Toda casa tinha um clima de harmonia e felicidade. Então, o povo chegava geralmente pela meia-noite ou uma hora da madrugada. O essencial é que o dono da casa estivesse dormindo. Pois bem, eles chegavam devagar, sem fazer barulho. Cantavam versos para acordar o dono da casa que acordava e abria a porta. Então os cantores entravam e continuavam a cantar dentro da casa [sic]. (OLIVEIRA, 2010, p. 120).

Conforme expressado na pesquisa de Oliveira (2010), as celebrações açorianas parecem ser uma forma de unir a comunidade.

5.3.2 Formas de Expressão

Nesta categoria estão inclusas as “Formas não linguísticas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região, desenvolvidas por atores sociais (individuais ou grupos) reconhecidos pela comunidade e em relação às quais o costume define normas, expectativas, padrões de qualidade, etc.” (IPHAN, 2000, p. 32), entre elas o Boi de Mamão, citado a seguir.

- **Boi de Mamão**

De acordo com o site oficial do município de Laguna, o primeiro registro do Boi de Mamão remonta o ano de 1840 e tem sua origem no arquipélago de Açores e nas brincadeiras feitas pelos açorianos com o boi. Por conta da ocupação açoriana em nosso estado, o folguedo é bastante comum nas cidades litorâneas onde há descendência açoriana (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b).

Oliveira afirma que a explicação mais simples para o surgimento do Boi de Mamão é que as crianças faziam careta de boi em mamões verdes, abrindo dois furos para os olhos e colocando dois paus fincados para representar os chifres, e assim brincavam (OLIVEIRA, 2010).

De acordo com o site da prefeitura do município, o principal elemento do boi é a ressurreição, uma vez que o folguedo consiste na dança e na cantoria em torno da morte e ressurreição da representação do boi (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b).

Por meio de pesquisas orais, o pesquisador Oliveira descobriu que anteriormente ao Boi de Mamão chamavam a brincadeira de Terno de Boi, que se tratava de um reza em forma de brincadeira, como forma de desejar boas-vindas. O Terno de Boi era feito toda a vez

que alguém se mudava de casa. O grupo ia até a nova casa e fazia a cantoria do boi; em troca, ganhava bebida e comida do anfitrião (OLIVEIRA, 2010).

Sobre o folguedo, o site da prefeitura apresenta que a brincadeira é geralmente composta das seguintes figuras: o boi, o proprietário do boi, a Bernúncia e seu filhote, a Maricota, o doutor, a viúva, o cavalinho, outros bois e os corvos, e dá detalhes sobre o enredo:

O enredo envolve o boi de estimação de Mateus, no qual come algo que lhe faz mal e acaba morrendo. Desesperado, Mateus busca ajuda do médico e curandeiro para ressuscitá-lo. O boi ressuscita, e toda a freguesia festeja. Na representação desta manifestação folclórica, que habita a imaginação infantil, a personagem bernúncia engole crianças. Os personagens são confeccionados com pano, esponja, papel machê, arame, madeira e materiais diversos. (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b).

Uma publicação do Iphan também discorre sobre a organização do Boi de Mamão:

A estrutura do boi utilizada nessa manifestação lúdica popular é confeccionada por integrantes da comunidade, que utilizam bambu e retalhos de tecidos para representar o corpo. Nessa brincadeira, são confeccionadas também outras figuras tradicionais (personagens) que compõem a festa do boi-de-mamão, como a Maricota, o Mateus, a Bernúncia, o Vaqueiro e o Cavalo-do-Meirinho. A assustadora Bernúncia é um bicho que não é “nem jacaré, nem dragão, nem hipopótamo, sendo todos os três ao mesmo tempo”. A Maricota, muito alta, dança de braços abertos e com eles vai distribuindo afagos e tapas, mantendo a roda da brincadeira sempre aberta. (IPHAN, 2008, p. 30).

Oliveira (2010), em sua pesquisa oral, coletou uma descrição da brincadeira feita por morador da comunidade de Ribeirão Pequeno, localizada no município de Laguna. Seu Nizo, como é conhecido, descreveu a brincadeira e detalhes de sua confecção, realizada na comunidade:

Antigamente os homens faziam o Boi arqueando uma vara de bambu, confeccionando o corpo do boi. Na frente do corpo, muitas vezes colocavam uma cabeça de boi de verdade. Depois podiam cobrir o corpo com uma esteira. Na hora da cantoria, o grupo de cantores tirava os versos e cantava, enquanto o boi dançava e atropelava o vaqueiro, dando suas aspadadas na esperança de pegá-lo. Depois matavam o boi e chamavam o médico, que era outro vaqueiro caracterizado, dava cachaça e o boi levantava e começava a brincar de novo. Em seguida, chamavam o cavalinho, que com um laço, laçava o boi e levava para o seu destino. Depois eram chamados outros bichos, como a cabra, o urso, o sarandi, o macaco e eles dançavam um por vez. Depois, os cantores com seus tambores cantavam a despedida e terminava a brincadeira [sic]. (OLIVEIRA, 2010, p. 119).

As brincadeiras não acontecem com a mesma frequência como antigamente. Segundo Oliveira:

A brincadeira do Boi de Mamão poderia acontecer em qualquer tempo, mas o mais comum era entre os meses de maio, junho e julho, principalmente no tempo das

festas de São João, Santo Antônio e São Pedro. Também na época da colheita do café e até perto do carnaval. Hoje, o Boi de Mamão se restringe mais às festas juninas e festas culturais folclóricas – como resgate cultural-, perdendo o caráter familiar de boas vindas. (OLIVEIRA, 2010, p. 118)

A brincadeira do boi ainda é bastante forte nas comunidades de descendentes de açorianos e, apesar de haver atualmente tantos outros atrativos tecnológicos no dia a dia das crianças e jovens, essa forma de expressão, quando celebrada nos dias atuais, ainda diverte o público de todas as idades.

Figura 15 – Boi de Mamão



Fonte: Site Prefeitura de Laguna (2016).

• Etnia afro-brasileira

A etnia afro-brasileira compõe não somente a formação sociocultural e econômica do Brasil, mas também do Estado de Santa Catarina e do município de Laguna.

De acordo com publicação do Iphan (2008, p. 39), “afora a contribuição gastronômica, linguística e religiosa, os negros, com seus costumes, afazeres, ofícios e artesanato, ajudaram a dar ao estado a sua configuração multiétnica”.

Há no município três comunidades quilombolas,²¹ localizadas nos bairros de Carreira, Barranca do Siqueiro e Ribeirão da Pescaria Brava, distantes cerca de 25

²¹ “Quilombo - O artigo 68 da Constituição Federal de 1988 deu um novo significado ao termo quilombo, não mais atrelado ao conceito histórico de grupos formados por escravos fugitivos. Atualmente, o termo é usado para designar a situação dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do país, fazendo referência a

quilômetros do centro. De acordo com o site de Laguna (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2010) essas comunidades vivem da agricultura e da economia de subsistência, e ali estão desde a proibição da escravidão, em 1888.

Até pouco tempo atrás, seu Artur Custódio, 80 anos, fazia o sabão, preparava o açúcar, desfiava algodão, misturava o colorau, fervia o melado, secava o café, cuidava do gado, arrumava a cerca, plantava hortaliças, cortava o carvão e colhia frutas. Mercado e lojas eram raros. Ele cultivava aquilo que precisava e fabricava o necessário. Seu pequeno sítio chegou a ser modelo de agricultura familiar três anos consecutivos, na década de 80. Ganhou medalhas do Ministério da Agricultura. Não sabe ler, nem escrever (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2010).

Atualmente, a agricultura não é mais a principal atividade das comunidades, conforme explica matéria do site de Laguna (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2010): “Engenho deu lugar às máquinas de costura, chão batido ao cimento e a força animal a energia elétrica. Assim dez mulheres da comunidade negra de Carreira do Siqueiro montaram uma pequena fábrica de confecção, onde recebem peças de fábricas da região para costurar”.

Figura 16 – Antigo engenho da comunidade quilombola.



Fonte: Prefeitura Municipal de Laguna, 2010.

5.3.3 Ofícios e Modo de Fazer

Conforme INRC, entende-se por ofícios e modos de fazer “as atividades desenvolvidas por atores sociais (especialistas) reconhecidos como conhecedores de técnicas e de matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Este item refere-se

à produção de objetos e à prestação de serviços que tenham sentidos práticos ou rituais, indistintamente” (IPHAN, 2000, p. 32).

- **Mestre artífices**

Laguna, por possuir uma grande quantidade de bens materiais tombados, impulsionou o crescimento do mercado de restauradores, tendo inclusive um curso sido oferecido pelo Iphan em 2006 para formar conservadores e restauradores para trabalharem na preservação do patrimônio material do município (PIMENTA, 2012).

No entanto, isso não desmerece o conhecimento trazido e aprendido ao longo da vida pelos quatro mestres artífices lagunenses, como são chamados, que aprenderam o ofício de carpinteiro e pedreiro, sendo sua profissão e modo de fazer extremamente importantes para a conservação e restauração do patrimônio material de Laguna.

Alcides Bosa (Mestre Artífice – Pedreiro e Carpinteiro)

Natural de Nova Veneza e descendente de imigrantes italianos, tem grande importância na conservação e restauração do Centro Histórico de Laguna, uma vez foi mestre responsável por restaurações importantes realizadas na Casa Pinto D’Ulisséa, Casa Condemil e Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos (PIMENTA, 2012). Em depoimento ao livro feito pelo Iphan, seu Alcides Bosa conta um pouco de sua trajetória:

Toda a vida foi em construção (o seu trabalho)... (comecei com) 12 anos. Trabalhei um ano sem ganhar um centavo, para aprender, que, naquela época, na nossa região lá, os pai colocava os filho, se era para motorista ele colocava para trabalhar com uma pessoa que tivesse um caminhão, trabalhava um período sem ganhar, pedreiro era a mesma coisa... Eu fui para pedreiro,... eu gostava, gostava da construção. E o meu tio, eu tinha um tio que era casado com uma minha tia, irmã do falecido meu pai, ele era um grande oficial e o pai dele também, já era um senhor de idade, mexia só com obras assim, naquele estilo de antigamente, estilo que nós dizia que era estilo, assim, econômico, que não tinha cimento, não tinha nada, então era feito na base do cal e o barro, não é? E aí eu comecei, a primeira obra foi numa igrejazinha que se chama... numa localidade ali entre Nova Veneza e Siderópolis, chama São Martinho. Mas a comunidade era muito pobre, então foi feito reboco, um emboço de barro primeiro, para depois passar uma camada tipo uma fina só com cal e areia. Aí, o primeiro dia que o meu tio me colocou a trabalhar com uma colher, um dia de chuva assim, numa cimalha dessa, eu chegava a chorar, porque eu batia a massa lá, mas tava tudo molhado, puf, caia, não é? Já não sabia bater direito, que tava começando, e com tempo úmido... chegava a chorar, e ele era daqueles italiano bem durão, não é? Gritava, tem que aprender, e assim eu fui aprendendo. Com doze anos de idade eu comecei. Aí, já com quatorze anos eu já era... aí, meu tio diz, não, agora tu já é pedreiro. Aí, quando ele pegava uma obra, eu ia e já ganhava como pedreiro. Naquela época o salário mínimo era dois conto e quatrocentos. Então eu tirava média de quase dois salários. Dava quase cinco mil contos. Era dinheiro que barbaridade. (BOSA, 2010 *apud* PIMENTA, 2012, p. 60-61).

Por conta de todo o conhecimento e experiência do Mestre Alcides Bosa, ele foi convidado para ministrar aulas práticas do curso de Técnicas de Restauro organizado pelo Iphan, em convênio com a Unisul, em 2006 (PIMENTA, 2012).

Figura 17 – Mestre Alcides Bosa



Fonte: Pimenta (2012)

Fábio da Silva (Mestre artífice – Pedreiro e Carpinteiro)

Com experiência em carpintaria e construção, participou de vários trabalhos de restauração em Laguna, fiscalizado por arquitetos, levando-o até o curso de restauração oferecido pelo Iphan. Fábio auxiliou no restauro do Centro Histórico de Laguna e conta um pouco de sua história na profissão:

Como a maioria dos profissionais de construção comecei de servente. Trabalhei um ano de servente... aqui em Laguna. Comecei a trabalhar, assim, em prédio, construção moderna. Aí, de lá saí, passei a trabalhar com acabamento, colocando cerâmica, forro, essas coisas assim. Até chegar no centro histórico... não trabalhei muito assim fora... de doze anos, faz uns oito anos que estou trabalhando só aqui no centro histórico. Aí, me convidaram para restaurar uma casa...essa mulher que mora aqui no centro me convidou... só para ela eu restaurei umas quatro casas... ela começou a gostar... foi assim uma coincidência...ela estava precisando de um pedreiro para arrumar o telhado... fui para ali, comecei [...] Quando eu pego uma obra eu contrato um pedreiro, ou dois, o resto do pessoal ajudante...e na parte de madeira eu nunca deixo ninguém fazer... não é que eu não deixo ninguém fazer, é porque eu gosto de fazer...não adianta botar um carpinteiro... numa coisa que eu gosto de fazer. Eu também faço esta parte aqui, tipo construção nova, faço tudo... mas o que eu gosto de fazer é isso aqui... é essas coisas antigas assim. (SILVA, 2010 *apud* PIMENTA, 2012, p. 62).

Figura 18 – Mestre Fábio da Silva



Fonte: Pimenta (2012)

Alberto Loristan da Silva (Mestre artífice – Pedreiro)

Pedreiro estabelecido no município de Laguna há 28 anos, sua formação no ofício aconteceu em Porto Alegre, trabalhando com um mestre português chamado Domingos. Além de pedreiro, também possui habilidade no trabalho com vidros:

Afirma possuir grande habilidade no trabalho com vidro. Em 1998 vieram a Laguna, por convênio cultural, dois italianos de Murano ministrar um curso de arte em vidro, com a técnica de maçarico. Schmidt fez o curso e se saiu muito bem. Tornou-se professor de arte em vidro em uma escola que se formou em Laguna e que funcionou por oito anos e formou mais de 800 alunos. (PIMENTA, 2012, p. 63).

É formado pelo curso de Restauro do Iphan, e seu principal trabalho em Laguna foi no restauro da casa em que nasceu Anita Garibaldi (PIMENTA, 2012).

Figura 19 – Mestre Alberto Loristan da Silva



Fonte: Pimenta (2012)

Sr. Salvador (Carpinteiro Naval)

Em recente pesquisa de mestrado sobre naufrágios do litoral sul de Santa Catarina, Demathé (2014) realizou pesquisa oral com pescadores, moradores e mergulhadores que pudessem contribuir com sua dissertação.

Salvador João Peixoto, carpinteiro naval de profissão e também pescador desde os 3 anos de idade, nasceu em 1925 na Passagem da Barra, em Laguna, onde vive atualmente, considerado o primeiro núcleo colonial açoriano da região (DEMATHÉ, 2014).

“A construção de embarcações permanece ainda um ofício a merecer reconhecimento em Santa Catarina. Os artesãos têm noção de engenharia e carpintaria e o ofício é passado de pai para filho, reproduzindo-se por gerações afora” (IPHAN, 2008, p. 102).

Neto de Sr. Elizardo, com quem aprendeu o ofício da pesca, foi quem fundou a comunidade de Farol de Santa Marta. Demathé conta um pouco sobre a trajetória do carpinteiro naval:

Aos treze anos, Salvador foi aprender um ofício junto à oficina “Co.Brasil” de carpintaria naval, em Laguna, onde se dedicou até sua formação. Ele aposentou como Carpinteiro Naval na mesma empresa que entrou como aprendiz e hoje seu filho continua o ofício em um pequeno estaleiro em sua casa.

Sr. Salvador, aos 89 anos, é um profundo conhecedor das embarcações que transitavam por essa região, prestou serviço também à Marinha e ajudou a desenvolver vários projetos de novas embarcações. (DEMATHÉ, 2014, p. 117).

Na trecho, detalhes do conhecimento adquirido durante décadas no ofício de carpintaria naval, conforme exposto por Demathé em entrevista:

No galpão, havia um bote em construção com mais de sete metros, faltando ainda algumas partes, entre elas, algumas cavernas e todo o costado. Salvador fez questão de mostrar todas as partes do bote, a forma de se construir, as madeiras empregadas, os detalhes de construção e um conhecimento que, segundo ele, não existe em planta nenhuma. Ainda no galpão, mostrou as antigas ferramentas utilizadas na construção e manutenção das baleeiras, como o alefriz, a plaina e as diversas serras utilizadas em sua vida de dedicação à carpintaria naval. (DEMATHE, 2014, p. 118).

Na foto abaixo, a imagem de Sr. Salvador ao lado de sua obra: um bote de madeira em construção.

Figura 20 – Galpão de carpintaria naval do Sr. Salvador. Bote em madeira em fase de construção.



Foto: Alexandro Demathé. Fonte: DEMATHE, 2014.

Artesanato Doméstico

A forte ligação dos moradores lagunenses com o mar, além de ser vista nos costumes, também é estampada no artesanato. “Do mar e das praias também vêm matérias-primas utilizadas pelas mulheres no artesanato doméstico, influenciado por tradições indígenas e europeias” (IPHAN, 2009, p. 38).

De acordo com livreto “Artes do Mar”, elaborado pelo Iphan, em 2004 foi criada em Laguna a Associação de Artesãs Artes do Mar (AAAM), por meio da Prefeitura Municipal e do Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) de Santa Catarina.

Até aquele ano, o grupo de fundadoras fazia tricô, crochê e alguns objetos de decoração com seixos, areia, conchas e outros produtos. Então aprenderam a utilizar escamas de peixe, ao natural e tingidas, para a confecção de flores e de bijuterias,

assim como para enfeitar vasos, caixas e outros objetos, a exemplo do que se faz no arquipélago português dos Açores. (IPHAN, 2009, p. 38).

Anteriormente à implantação do projeto, o grupo de artesãs produzia bijuterias como colares, anéis e brincos com escamas selecionadas dos peixes tainha, corvina e miraguaia, atividade bastante trabalhosa. Logo a ideia de produzir joias em vez de bijuterias partiu das artesãs, com o intuito de melhorar a renda e valorizar o trabalho. Mariza Therezinha Preichardt, presidente da Associação na época, juntou-se à arte-educadora Gizely Cesconetto e à arquiteta do Iphan Ana Paula Cittadin, oportunidade em que elaboraram o projeto e o enviaram ao programa Monumenta²² para arrecadar recursos (IPHAN, 2009).

O grupo de artesãs que faziam parte da AAAM, após ter seu projeto aprovado, iniciou um curso com o ourives Juan Alvez; “cada artesã aprendeu todas as operações de uma cadeia que vai da fundição da prata ao acabamento das peças” (IPHAN, 2009, p. 43). Também contribuiu com as atividades a designer Maria Cláudia Gomes, desenhando um total de 14 joias com a aprovação das artesãs, que, após ficarem prontas, foram comercializadas na loja delas, que estava localizada no Mercado Público anteriormente à restauração (IPHAN, 2009).

Atualmente o grupo de artesãs está, juntamente com a associação Nossa Terra, representando o artesanato regional e comercializando seus produtos na Casa das Artes de Laguna, localizada no Centro Histórico, no prédio da antiga estação de energia. O local iniciou suas atividades no final do ano de 2013, a partir do projeto Consórcio das Artes.²³ O prédio da Casa das Artes passou por reforma e atualmente recebe turistas, que têm à disposição mais de mil itens confeccionados por 16 mulheres artesãs (PRFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014d).

²²IPAC. O Monumenta é um programa estratégico do Ministério da Cultura. Seu conceito é inovador e procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social. Disponível em: <http://www.ipac.ba.gov.br/preservacao/monumenta>. Acesso em: 23 mar. 2016.

²³LAGUNA. Projeto que reuniu uma parceria entre o Instituto Camargo Corrêa, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Governo Federal, Consórcio Ponte de Laguna, composto pela Construtora Camargo Corrêa, Aterpa M. Martins e Construbase. Disponível em: http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8565. Acesso em: 23 mar. 2016.

Figura 21 – Grupo de artesãos da Casa das Artes



Fonte: Site da Prefeitura de Laguna (2014d).

- **Pesca com auxílio de botos**

A pesca artesanal com auxílio de botos acontece em Laguna há muito tempo, no entanto recentemente tem atraído o olhar de pesquisadores e da mídia, o que deu mais visibilidade à prática e atraiu a atividade turística.

Para saber há quanto tempo a pesca artesanal com auxílio de botos acontece em Laguna, Lino (2014) realizou entrevistas com pescadores, os quais afirmaram que seus avós já realizavam tal prática, a qual é passada de geração a geração. Peterson (2005) também informa em seu trabalho que a prática ocorre há muitas décadas e tem sido repassada por várias gerações.

Ainda de acordo com Lino (2014), os pescadores percebem a preferência dos botos pelo consumo da tainha, peixe que tem sua pesca permitida nos meses de maio a meados de agosto:

Os botos acompanham os cardumes em direção ao canal que liga a Lagoa de Santo Antônio ao mar aberto, onde os pescadores estão enfileirados, o cardume é encurralado entre os pescadores e os botos, e quando isso acontece os botos fazem alguns movimentos para avisar o momento de jogar a tarrafa. Porém é necessário, obviamente, um conhecimento prévio e específico, pois os botos fazem inúmeros movimentos e cabe ao pescador, a tarefa de decifrar quando o cetáceo está auxiliando a pesca, e quando não está. (LINO, 2014, p. 92).

Peterson (2005, p. 2) afirma que os botos filhotes aprendem a pescar com as fêmeas adultas através de “imitação, instrução direta ou ensino”. Afirma ainda que a participação cooperativa dos botos na atividade se deve aos “fortes padrões de fidelidade ao

local e à participação de grande parte dos membros da população, ao longo das gerações” (PETERSON, 2005, p. 2).

Os pescadores valorizam muito a presença e o auxílio dos botos na atividade pesqueira e devido a essa relação atribuem nome aos cetáceos e também identificam parentesco entre eles (PETERSON, 2005).

Consoante Lino (2014, p. 94), “os botos que auxiliam na pesca são chamados de ‘botos bons’ e os botos que não auxiliam são chamados de ‘botos ruins’”, e o peixe consumido por eles é o que fica embaixo da tarrafa, perdido do cardume. Ainda de acordo com a autora, os cetáceos são reconhecidos por marcas e cicatrizes. Durante as entrevistas com pescadores alguns nomes de botos foram citados: “Caroba, Mandala, Cabide, Botinha do Rio, Figueiredo, Avalanche, Scooby, Chega-mais, Juscelino, Eletrônico, entre outros” (LINO, 2014, p. 94).

Lino defende que a prática configura um patrimônio cultural, argumentando que:

o patrimônio cultural deve, inexoravelmente, estar diretamente ligado à dinâmica e significado de certo grupo ou sociedade como bem simbólico. De forma a evocar uma memória, uma identidade, um sentimento de pertencimento. No caso dos pescadores, a comunicação com os botos, faz parte da dinâmica e vivências desse grupo. (LINO, 2014, p. 95).

Ainda de acordo com a autora, a relação que o boto tem com o pescador diferencia os pescadores artesanais dos não artesanais:

Outro elemento importante nessa análise é o quanto a relação com o boto, forma e identifica o pescador artesanal com auxílio dos botos, a comunicação interespecie, o faz diferente dos demais pescadores artesanais e não artesanais. (LINO, 2014, p. 97).

A prática de pesca artesanal com auxílio de botos no município é um fato que a diferencia de qualquer outra cidade do Brasil, uma vez que essa prática é realizada somente em Laguna e na Maurîtânia, na África (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016c). Portanto, devido à importância da pesca e do turismo para a economia do município, a pesca artesanal com auxílio de botos atrai diversos olhares, tornando-a um fato que identifica a cidade e seu povo.

Além disso, foi criada a Lei nº 521, de 10 de novembro de 1997. Nela passam os botos a serem considerados patrimônio natural do município de Laguna, conforme se observa no artigo 1º: “Art. 1º – São declarados como Patrimônio Natural do Município de Laguna, os

Botos (Golfinhos) da espécie *Tursiops Truncatus (gephyreus)*, que fazem da lagoa Santo Antônio dos Anjos seu habitat natural”.²⁴

A lei prevê a proteção dos botos, a divulgação do seu *status* de patrimônio natural no turismo, o incentivo a estudos científicos sobre a espécie, bem como a conscientização da população sobre a preservação do animal, e ainda o monitoramento de possíveis poluições da água da lagoa onde eles vivem.⁵⁴

Figura 22 – Pesca com o auxílio de botos



Fonte: Site Prefeitura de Laguna (2016).

- **Butiá**

De acordo com site do município, a planta é *butiá capitata var. adorata*, da família *Palmae*, popularmente conhecida como “butiá da praia, butiá-miúdo e butiá pequeno”. O bituazeiro é originário do Uruguai e foi implantado em Laguna por índios e tropeiros, adaptando-se muito bem ao clima lagunar, tendo como fruto o butiá, de cor amarela, utilizado na produção de sorvetes, sucos e licores. A planta tem duração média de 100 anos, e os frutos costumam aparecer no verão (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2008).

O potencial econômico do butiá já foi percebido há bastante tempo e tem contribuído como fonte complementar de renda de muitas famílias. As famílias vendem os frutos às margens da BR-101. Além de produzirem artesanalmente suco e “cachaça de butiá”,

²⁴Lei 521/97. JusBrasil. Disponível em: <http://camara-municipal-da-laguna.jusbrasil.com.br/legislacao/1019502/lei-521-97>. Acesso em: 23 mar. 2016.

revendem o fruto para fábricas de sorvetes. Anteriormente à exploração do fruto, as folhas eram utilizadas na fabricação de colchões, gerando fonte de renda (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2008).

Inicialmente, a planta se espalhou por todo o território de Laguna, no entanto atualmente está presente apenas em poucas regiões. Devido a essa diminuição da frequência da planta, ambientalistas e organizações não governamentais passaram a tomar providências a fim de evitar a extinção do butiazeiro (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2008).

Entre as medidas de preservação estão a inclusão da planta nos projetos paisagísticos das obras, feitos pela Secretaria de Planejamento Urbano e Habitação. O incentivo do plantio dá-se através da educação ambiental feito pela Fundação Lagunense do Meio Ambiente (Flama). Talvez a mais importante das medidas seja a declaração do butiazeiro como planta símbolo do município, através da Lei Municipal nº 1.121, de 30 de novembro de 2005, que também protege a planta, proibindo sua queimada ou corte, práticas estas bastante comuns antes da promulgação da lei. Além disso, o Governo Federal determinou a preservação da planta durante as obras de duplicação da BR-101 (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2008).

Figura 23 – Butiazeiro na paisagem de Laguna



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

5.3.4 Edificações

Incluem-se nesta categoria “estruturas de pedra e cal [porque] estão associadas a determinados usos, a significações históricas e de memória ou às imagens que se tem de certos lugares” (IPHAN, 2000, p. 32).

O Centro Histórico de Laguna é composto de cerca de 600 imóveis, abrangendo uma área de 1,2 km, que foi tombada pelo Iphan em 1985 (IPHAN, 2009). Além desse tombamento federal, Laguna também possui bens materiais protegidos em escala municipal e estadual:

Municipais: Decreto nº 17/78, tomba as fachadas de edificações da Praça República Juliana e Largo do Rosário. Protege integralmente também, o Palacete Polidoro Santiago, as Ruínas do Forte do Camacho, e mais dez edificações isoladas. Decreto nº 26/81, tomba quatro edificações isoladas. Decreto nº 28/82, tomba uma edificação de moradia e as ruínas do Forte Garibaldi na Ponta da Barra. Decreto nº 34/88 considera como tombada, para efeito da lei nº 34/77, a “Ponte de Ferro da Cabeçuda”.

Estadual: Decreto nº 1290/29 de 1996, tomba a Igreja do Senhor Bom Jesus do Socorro da Pescaria Brava. (CAMPOS, 2007, p. 44).

No entanto, ele representa algo além dos imóveis tombados; é a área mais antiga da cidade, o primeiro núcleo urbano construído e reflete os costumes e valores culturais dos primeiros colonizadores. É a partir dele que a cidade se expande, formando novos bairros.

Durante muito tempo, o centro de Laguna foi espaço de moradia, poder político, festas, comércio, lazer e manifestações da cultura em geral, tornando-se um espaço simbólico (LUCENA, 1998). “Suas manifestações, quer sejam políticas, religiosas ou culturais foram historicamente “desenhadas” neste espaço e a tradicionalidade de uso dos espaços do centro, constitui a Memória urbana desta cidade” (LUCENA, 1998, p. 61).

Nesse sentido, o tombamento do Centro Histórico contribui para frear o desenvolvimento urbano, que acontece naturalmente em todas as cidades. No entanto, sem a devida cautela aos bens ali existentes, poderia ocasionar uma perda de muitos prédios ou até a descaracterização original deles. Protegido pelo tombamento em escala federal, o desenvolvimento foi direcionado para a praia do Mar Grosso, que recebeu muitos investimentos imobiliários, comerciais e turísticos, acarretando uma grande valorização imobiliária (LUCENA, 1998).

Diante disso, Lucena faz uma reflexão acerca da importância do Centro Histórico para a construção da identidade cultural do município:

O Centro histórico de uma cidade é o núcleo gerador do espaço urbano e da vida urbana. Nele estão registrados, através dos seus espaços públicos, edifícios, monumentos, dos usos do cotidiano e suas festas, toda sua história e as ideologias desta sociedade, enfim, o que se tem de mais valioso numa cidade: sua identidade cultural. (LUCENA, 1998, p. 62).

Conforme já mencionamos, o Centro Histórico reflete a história de Laguna, a qual foi rapidamente ocupada. Sendo fundada em 1676, apenas 20 anos depois já havia aproximadamente 180 casas construídas e mais de 1.200 habitantes. As construções eram feitas com recursos naturais, que logo foram descobertos, sendo a cal extraída das conchas dos sambaquis, o barro das primeiras camadas dos solos dos morros, e as pedras, soltas à beira-mar (TAVARES et al., 1983).

Ainda de acordo com Tavares et al. (1983), o uso dessas matérias-primas nas construções se dava de acordo com a situação financeira de cada família:

Esses novos materiais foram então introduzidos na arquitetura de modo gradativo e de acordo com as posses de cada habitante. Posse esta que na maioria das vezes se traduzia em possuir escravos – escravo para arrancar a pedra, para triturar as conchas, para amassar o barro e fazer o tijolo de adobe ou para moldar a telha tipo capa canal. (TAVARES, et al, 1983, p. 46).

Dos imóveis que fazem parte do conjunto edificado do Centro Histórico de Laguna, destacamos aqui alguns deles, determinantes no desenvolvimento do traçado do Centro: “sem dúvida, os pontos fortes, geradores do traçado foram a pequena fonte d’água, denominada hoje de Lardo do Carioca, o movimento portuário ao longo da rua da Praia, o morro do Rosário e a praça da Matriz” (TAVARES et al., 1983, p. 47).

Figura 24 – Centro Histórico de Laguna



Foto: Ronaldo Amboni.

- **Casa de Câmara e Cadeia**

O prédio que abrigou a antiga Casa de Câmara e Cadeia do município é reconhecido como a primeira edificação construída, em 1735.²⁵ No entanto, uma década antes disso, em 1724, já havia registro de que existia algum edifício para abrigar prisioneiros da cidade: “documento de 13 de julho de 1724, pelo qual Brito Peixoto ordenava que todo aquele que vendesse armas aos espanhóis, em todo o município fosse preso por vinte dias, na cadeia pública e condenado a pagar 6\$00 de multa, para as obras da matriz” (TAVARES et al., 1983; IPHAN, 2016d).

Sobre o edifício que abrigaria a Casa de Câmara e Cadeia antes do atual, Tavares et al. (1983) acreditam que a atual Casa de Anita pode ser uma possível, pois, além de esta localizar-se na praça da Matriz, onde eram dispostas as primeiras construções da vila, a casa também foge dos padrões residenciais da época, indicando uma função militar ou judicial (TAVARES et al., 1983).

O prédio da Casa da Câmara e Cadeia funcionava como cadeia pública na parte inferior e Câmara de Vereadores na parte superior. Dall’Alba apresenta um pouco de como era a estrutura antes de 1880:

O pavimento superior, ou primeiro andar, serve para o paço da Câmara Municipal, sala de audiências e do Júri. Tem dois grandes salões forrados a papel, bem mobiliados, sendo a única municipalidade da Província que possui tão importante edifício. O pavimento térreo, que é o que serve de cadeia, divide-se em 4 prisões para o recolhimento de criminosos, deixando lateralmente um saguão para quartel da polícia, com uma pequena sala, onde mora o carcereiro. (DALL’ALBA, 1979, p. 50).

O prédio foi palco da proclamação da República catarinense, no ano de 1839, durante a Revolução Farroupilha. Atualmente abriga o Museu Anita Garibaldi, tendo inclusive na praça em frente ao edifício uma estátua em homenagem a ela, inaugurada em 1964. Ao analisar a representação do espaço dedicado ao Museu, Reitz e Yunes (2014, p. 14) dão a seguinte contribuição:

Já o Museu Anita Garibaldi, a antiga Casa de Câmara e Cadeia, é dedicado à Guerra dos Farrapos e a República Juliana, instaurada na mesma praça onde se situa o museu. Ao carregar o nome de Anita, o espaço de limita a atribuir os acontecimentos

²⁵ Data disponibilizada no site do Iphan, no entanto Tavares et al. (1983) atribuem a data de 1747 como de sua construção.

a uma única personagem, valorizando-a em prol de um evento com variados protagonistas.

O Museu Anita Garibaldi foi inaugurado em 31 de julho de 1949, onde há um acervo de peças valiosas que fazem parte da história de Laguna, com peças arqueológicas produzidas pelos grupos indígenas pré-históricos e objetos pertencentes aos colonizadores (IPHAN, 2016d, PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016d).

Figura 25 – Antiga Casa de Câmara e Cadeia



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

- **Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos**

Uma das primeiras edificações da cidade, em 1696, foi construída de pau a pique (trama de varas de madeira preenchida com barro) e coberta de palha a pedido de Domingos de Brito Peixoto, fundador da cidade e devoto do Santo, tendo trazido consigo uma pequena imagem do santo considerado “casamenteiro”. Em frente à igreja já havia sido reservado um grande campo, para futuramente construir uma praça, a praça da Matriz (TAVARES et al., 1983; IPHAN, 2016d; LUCENA, 1998).

É da igreja que parte o núcleo inicial da cidade e é também a partir dela que as ruas são traçadas, seguindo em direção à lagoa (TAVARES et al., 1983).

A capela e o “Campo de Manejo” (futura praça) formavam um dos pontos geradores do traçado urbano. Os demais pontos de expansão do traçado urbano foram: a fonte d’água e o movimento portuário ao longo da praia (atual Rua Gustavo Richard). A interligação destes pontos constituíram as primeiras ruas. (LUCENA, 1998, p. 11).

Somente mais tarde a construção de pau a pique foi substituída por uma construção feita de pedra e cal, com rejunte de óleo de baleia (TAVARES et al., 1983).

Na Matriz lagunense são realizadas as festividades em honra ao padroeiro e nela estão enterrados os restos mortais de Anita Garibaldi. Foi ali que a heroína da cidade casou-se com seu primeiro marido, “Manoel dos Cachorros” (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e).

Figura 26 – Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016)

- **Casa Pinto D’Ulysséa**

Construção datada de 1866, destaca-se por ser um edifício feito com base nos padrões portugueses da época, demonstrando a forte influência da imigração açoriana na cidade. A casa é réplica de uma “Quinta de Portugal”, que é o tipo de construção a que os portugueses se referiam como propriedade rural. A edificação está localizada ao largo da Fonte da Carioca e é conhecida como “Casa dos Azulejos”, por ser toda revestida com azulejos trazidos de Portugal. Passou por uma restauração em 1982, mantendo suas características originais. Atualmente é sede da Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo da cidade e da Fundação Lagunense de Cultura (IPHAN, 2016d, PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e).

De acordo com Tavares et al. (1983), o estilo de habitação da Casa Pinto D’Ulysséa também é conhecido como casa-chácara, bastante comum no período colonial, no

entanto em Laguna esse tipo de construção era menos frequente, “talvez por se tratar de um núcleo mais pobre, onde a abundância só chegará no final do século XIX e início do século XX” (TAVARES et al., 1983, p. 51).

Figura 27 – Casa Pinto D’Ulysséa



Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

- **Casa de Anita**

Infelizmente não identificamos a data de sua construção nas bibliografias. Foi restaurada na década de 70 e é hoje uma das edificações que mais atraem os olhares dos turistas ao visitar o Centro Histórico (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016d).

Conforme citamos anteriormente, Tavares et al. (1983) especulam em sua obra sobre a possibilidade de a Casa de Anita ter sediado a primeira cadeia da cidade, antes de 1747, e afirmam que o fato de ela não ser de dois pisos, como era costume em construções com esse fim, se deve à escassez de recursos, conforme podemos observar:

Se assim tivesse sido, o fato desta casa não ser de dois pavimentos, como era comum nas construções para tais fins, se deve a escassez inicial de mão-de-obra e de materiais adequados estruturalmente. A solução, portanto, seria desenvolver o programa arquitetônico em um único plano, separando a casa do ouvidor da casa da cadeia, tal qual hoje se apresenta a referida casa. (TAVARES et al., 1983, p. 47).

Reitz e Yunes (2014) atribuem a Casa de Anita a um uso do patrimônio aliado ao apelo turístico, uma vez que, apesar de carregar o nome dela, não foi onde Anita morou, esta conhecida como a Casa da Rua do Rincão. Segundo pesquisadores, o nome “desmonta a

historicidade de seu verdadeiro lar, localizado algumas ruas dali” (REITZ; YUNES, 2014, p. 14).

O Museu Casa de Anita foi onde ela se vestiu para seu primeiro casamento, antes de participar das batalhas entre farroupilhas e imperialistas, e se propõe a contar sua história, contendo no local, inclusive, uma urna com terra de sua sepultura, localizada no cemitério de Ravena, na Itália (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016d).

Figura 28 – Casa de Anita



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

- **Teatro Cine Mussi**

Teatro construído em 1947 e inaugurado em 1950 com a exibição do filme “A Valsa do Imperador”, foi projetado pelo arquiteto suíço Wolfgang Ludwig Rau a pedido do Sr. João Mussi. Construído no estilo “deco”, que seria o último estilo arquitetônico de Laguna, foi marcado pela transição entre a progresso do porto carbonífero da cidade e a decadência ocasionada pela instalação do porto de Imbituba, no ano de 1920 (TAVARES et al., 1983).

Esse local foi considerado um dos maiores espaços de entretenimento de nosso Estado, mas ficou por muitos anos parado, até, em 2011, ser adquirido pelo Iphan e passar por uma grande restauração, financiada pelo Governo Federal, sendo reinaugurado no final de 2014 (IPHAN, 2014; PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014e).

Além disso, o Serviço Social do Comércio (SESC)²⁶ é que está fazendo a gestão do Teatro, desde sua reforma e reinauguração em novembro de 2014. A partir de então, o Sesc faz a gestão do local, planeja as ações, contrata equipe de trabalho e desenvolve o cronograma das atividades a serem realizadas (IPHAN, 2014).

Figura 29 – Teatro Cine Mussi



Foto: Geraldo Gê. Fonte: Site Prefeitura de Laguna (2014e)

- **Ponte Anita Garibaldi**

Ao falarmos sobre a Ponte Anita Garibaldi, precisamos fazer um retorno aos dados históricos para compreender os motivos de sua construção.

A descoberta de jazidas de carvão no sul do estado impulsionou o desenvolvimento econômico e atraiu investimentos estrangeiros, o que culminou na construção da Ferrovia Tereza Cristina (ZAMPARETTI, 2014; IPHAN, 2008).

De acordo com Zamparetti (2014, p. 36), “o início das construções da ferrovia datam janeiro de 1881, e término, com transporte efetivo, em setembro de 1884. Além do transporte carbonífero, mais efetivo a partir de 1919, a ferrovia era fundamental no transporte de pessoas e mercadorias de consumo”.

A publicação do Iphan também fala um pouco sobre as linhas da Ferrovia Tereza Cristina, explicando a ligação entre elas:

²⁶ SESC. Disponível em: <http://www.sesc-sc.com.br/blog/sesc-assina-termo-de-cessao-de-uso-cine-teatro-mussi-em-laguna/>. Acesso em: 23 mar. 2016

A linha tronco ligava o porto de Imbituba às minas. Um outro ramal conectava as estações de Bifurcação e Laguna. Ao todo, eram sete estações: Imbituba, Bifurcação, Laguna, Piedade, Pedras Grandes, Orleans e Minas. Em 1917, foi inaugurado o ramal Tubarão-Araranguá. (IPHAN, 2008, p. 26).

Na mesma época, mais precisamente em 1883, houve a construção de um terminal no bairro de Cabeçuda, e também a Ponte Ferroviária de Laranjeira (ZAMPARETTI, 2014).

De acordo com Cittadin (2010), com o aumento do escoamento de diversos produtos pela ferrovia, surgem novos investimentos, desta vez a construção da Ponte de Cabeçuda:

Já no final do século XIX a cidade experimenta o ciclo econômico do carvão, usado em abundância na região. O minério vem diretamente das minas de carvão, existentes nas cidades de Urussanga, Criciúma e Lauro Muller, por transporte ferroviário para ser embarcado no porto de Laguna. O escoamento desse produto faz surgir novas obras na região, como a Ponte da Cabeçuda, por onde passava a estrada de ferro Teresa Cristina e a construção dos molhes da barra em 1901. (CITTADIN, 2010, p. 89).

Zamparetti (2014, p. 43) também discorre sobre a construção da Ponte Henrique Lage, ou a Ponte de Cabeçuda, como é conhecida: “a obra da ponte Henrique Lage inicia-se em 1936 e termina em 1946. Com a construção da nova linha férrea, que culmina na construção do aterro na lagoa e da nova ponte, sendo abandonada a antiga ponte férrea”.

Na década de 1970, iniciam-se as obras da Rodovia BR-101, a qual aproveitou o aterro da Ponte de Cabeçuda, apenas ampliando-o para permitir a passagem de veículos, além da construção de uma ponte de concreto (ZAMPARETTI, 2014).

A construção da rodovia BR 101 e abertura ao tráfego da ponte rodoviária da Cabeçuda, deslocou o polo econômico da região sul de Laguna, para outros municípios, como por exemplo Tubarão. Permaneceram aqui somente produtos pesqueiros, pequenas indústrias, como confecções e o processamento da fécula de mandioca e arroz. (CITTADIN, 2010, p. 91).

A necessidade da construção de uma nova ponte surge com as obras de duplicação da BR-101, a qual já não dava conta do fluxo intenso de veículos que circulavam diariamente no local, com picos de congestionamento principalmente no verão, ocasionados pela vinda de turistas para as praias do sul e do norte. O nome da ponte homenageia Anita Garibaldi, considerada uma heroína lagunense. A Ponte Anita Garibaldi possui 2,8 quilômetros de extensão e quatro pistas, o que favorece o tráfego em todo o trecho.

A beleza que envolve a passagem pela cidade e o atravessamento da ponte tem atraído muitos olhares. A ponte se impõe na paisagem e vem se transformando num ponto turístico.

Figura 30 – Ponte Anita Garibaldi

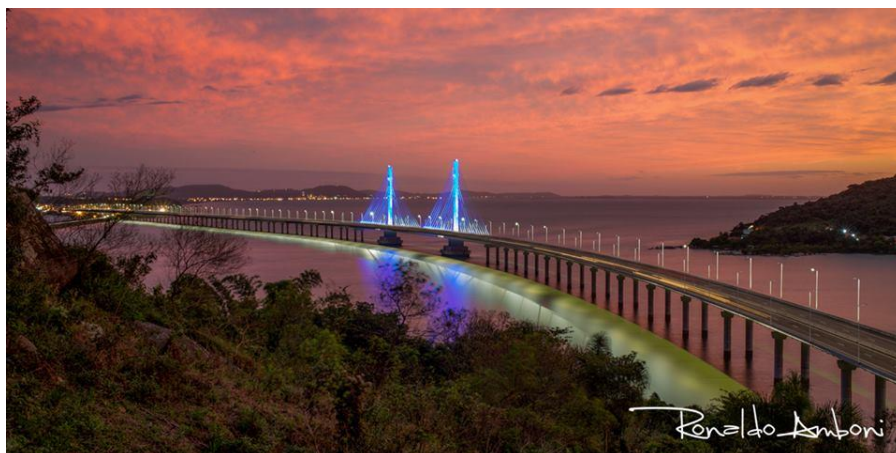


Foto: Ronaldo Amboni

5.3.5 Lugares

De acordo com o Inventário Nacional de Referências Culturais, “toda atividade humana produz sentidos de lugar. Neste inventário serão incluídos especificamente aqueles que possuem sentido cultural diferenciado para a população local” (IPHAN, 2000, p. 32).

Nessa categoria descrevemos alguns lugares que são espaços públicos de Laguna, que produzem significado para a população e que são apropriados por esta.

Os Espaços Públicos de uma cidade podem ser caracterizados como um “ponto de interseção” entre a cidade e a sociedade. Se a cidade é o “habitat” do homem urbano, a forma de apropriação e o uso dos seus espaços públicos, representam a maneira como a sociedade se relaciona com a cidade. (LUCENA, 1998, p. 67).

No entanto, há uma tendência de que, com a comercialização do centro da cidade, os espaços percam o sentido que antes possuíam. De acordo com Lucena (1998), os espaços públicos do centro vêm perdendo sua característica principal, que é proporcionar convívio e encontros. De acordo com ela, desde a década de 60 os espaços vêm se fragmentando e sua função tem sido essencialmente político-comercial (LUCENA, 1998).

Apresentamos a seguir alguns espaços públicos de Laguna, que, além de serem espaços físicos, edificados, estão postos nesta categoria por produzirem diversos sentidos como lugar.

- **Praça República Juliana ou Anita Garibaldi**

É um local que atrai muitos turistas e também moradores do município. Nela se encontra o Museu Anita Garibaldi, no prédio onde já esteve sediada a Casa de Câmara e Cadeia, além de uma estátua em homenagem a Anita.

Sua importância como lugar se deve ao fato de ter sediado importantes fatos históricos, como a Proclamação da República Juliana, em 1839. Nesse espaço, além de estar localizado o prédio da Prefeitura Municipal, são realizadas a Semana Cultural de Laguna, em comemoração ao aniversário de Anita Garibaldi, e a Semana da Pátria, 7 de Setembro, quando se comemora a independência do Brasil. Por todos esses fatores, o local é considerado por Lucena (1998) como um “espaço político” da cidade (LUCENA, 1998).

Figura 31 – Praça República Juliana



Fonte: Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

- **Praça Vidal Ramos “Jardim”**

Localizada no coração do Centro Histórico, essa praça é a maior da cidade e possui melhor estrutura, arborizada, com bancos e um chafariz construído na década de 30 (LUCENA, 1998). No entanto, de acordo com Tavares et al. (1983), em 1915 iniciou-se um redesenho da praça da Matriz, que recebeu na época um chafariz e palmeiras imperiais vindas de Petrópolis; no ano seguinte, a praça recebeu iluminação elétrica.

A praça possui em seu entorno, além de várias residências, importantes construções (LUCENA, 1998):

[...] a Igreja Matriz de Santo Antônio, o Banco do Brasil, o Conservatório de música, o Centro Cultural (construído na década de 80) e dois clubes recreativos (centenários) para eventos como festas de casamentos, bailes e boates – o Clube Congresso Lagunense e o Clube Blondim. (LUCENA, 1998, p. 139).

No espaço também acontece a convivência, visto que é um espaço de lazer para os moradores, onde crianças brincam e idosos conversam (LUCENA, 1998).

Figura 32 – Praça Vidal Ramos



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

- **Largo da Carioca**

De acordo com o site oficial da cidade, alguns historiadores afirmam que a fonte de água natural foi a motivação da localização de Laguna por Domingo de Brito Peixoto. A estrutura da fonte foi construída em 1863, com arquitetura portuguesa e nas cores azul e branco, passando por ampliação em 1906 e uma restauração em 1990. A estrutura física apresenta tanques, que são revestidos de mármore do tipo carrara, os quais mantêm a água sempre renovada e gelada (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e).

No ano de 1820, antes da construção da atual estrutura, a água jorrava de uma pequena bica e sua qualidade já era apreciada, conforme relato de viagens de Augusto de Saint-Hillaire: “a água que se bebe na cidade é muito boa, vinda do morro e chegando até um chafariz através de um aqueduto feito de pedra [...]” (TAVARES et al., 1983, p. 47; PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e).

Com fonte natural, cuja qualidade é constantemente fiscalizada, o Largo é frequentado tanto por turistas quanto por moradores, sendo estes os grandes consumidores da água, que a consideram mais pura do que a encanada (LUCENA, 1998). Ainda segundo Lucena (1998), a palavra “carioca” significa “casa do homem branco”.

O site oficial da prefeitura (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e) apresenta um fato curioso que envolve o local: “é a conhecida fonte dos namorados e da juventude, que segundo os moradores enfeitiça com o poder cristalino de suas águas quem dela bebe, trazendo o poder da juventude eterna e a certeza de volta à histórica Laguna”.

De acordo com site do Iphan (IPHAN, 2016d), a fonte da Carioca não teria sido a única em Laguna. Na época da colonização, havia outras duas, que também abasteciam a cidade com água potável: Figueirinha, onde se acredita que Anita e Guiseppe Garibaldi teriam se conhecido, e a de Campo de Fora.

Figura 33 – Largo da Carioca



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016)

- **Praça Dr. Paulo Carneiro**

Localizada em frente ao Mercado Público, esta praça também apresenta diferentes usos por parte da população. Lucena (1998) afirma que ela é uma extensão das atividades de comércio do Centro, onde há ponto de táxi, feira de hortifrúti, pescadores vendendo seus peixes frescos, além de barracas de todo o tipo.

Além disso, a praça é um ponto de convívio de moradores que se encontram no local para conversar e também observar o movimento do centro (LUCENA, 1998).

Figura 34 – Praça Dr. Paulo Carneiro (círculo vermelho)



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016)

- **Molhes da Barra**

O Molhes da Barra está localizado na praia do Mar Grosso e possui 1 km de extensão. Nele acontece o encontro entre as águas das lagoas e do rio Tubarão com o mar (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014f).

Palco da pesca artesanal com auxílio de botos, atrai o olhar principalmente dos turistas que visitam o local para apreciar a atividade. O Molhes da Barra possui diversos usos: pelos pescadores, que o frequentam diariamente para realizar a pesca, garantir o sustento de suas famílias e também da pesca recreativa; pelos turistas, que se encantam com a beleza e com a pesca e visitam e acampam constantemente no local, com destaque para o verão; pelos próprios moradores, que caminham pela área; e pelos surfistas, que utilizam o Molhes como conexão com o mar (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014f).

Além disso, há um farol de pequeno porte na ponta do Molhes, o qual orienta navegadores que passam pela região (CITTADIN, 2010).

As obras de construção do Molhes da Barra, de acordo com o site oficial da Prefeitura, iniciaram-se em 1936, por conta de problemas de navegabilidade na área. A maior importância do Molhes foi após a Segunda Guerra Mundial, quando a entrada e saída de

navios no Porto de Laguna era intensa, ocasião em que os navios de guerra tinham suas caldeiras abastecidas de carvão. Além disso, do canal também escoavam os produtos da agricultura e pesca da região, que eram enviados para diversos locais (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014f).

De acordo com Cittadin (2010), o escoamento do carvão foi um dos principais responsáveis por obras como o Molhes e a Ponte da Cabeçuda.

Quase 10 anos depois, em 1945, a circulação de embarcações pela barra começa a diminuir, o que é movido por um “estrangulamento da barra”, que acabou por prejudicar a navegação e gerou alguns anos mais tarde, em 1958, o desenvolvimento de projetos voltados para a melhoria do Molhes. A trágica enchente do rio Tubarão, que aconteceu em 1974, teve como consequência muitas mortes, feridos e destruição. Suas consequências em Laguna culminaram na destruição da extremidade do Molhe Sul, ocasionando a obstrução do acesso ao porto feita por embarcações de grande porte. Somente em 2001 houve a reconstrução dessa área destruída. Atualmente está em andamento um projeto que prevê diversas melhorias na estrutura física do Molhes, objetivando receber melhor os turistas e moradores (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014f).

Figura 35 – Molhes da Barra



Fonte: Site Prefeitura de Laguna (2014f).

- **Farol de Santa Marta**

Localizado no Cabo do Santa Marta, a cerca de 17 km do centro de Laguna, o Farol de Santa Marta começou a ser planejado em 1880, mas sua construção se iniciou apenas dez anos depois, em 1890 (DEMATHE, 2014). Ainda de acordo com Demathé, a construção

do Farol se deu com o objetivo de sinalizar melhor os mais de 8 mil quilômetros de orla, onde os acidentes eram constantes:

O final do século XIX e início do século XX foram marcados pelo incremento da navegação no oceano Atlântico, e os sinistros marítimos não eram raros. O acidente geográfico do Cabo de Santa Marta Grande era muito temido pelos navegadores, tido como uma espécie de esquina, onde afunilava o trânsito de embarcações de várias bandeiras. (MARTINS, 1997 *apud* DEMATHÉ, 2014, p. 100).

A construção do Farol foi feita com matéria-prima disponível na região: pedras, areia e barro, óleo de baleia e conchas dos sambaquis (que na época eram utilizadas em construções). O Farol mede 40 metros de altura e está localizado a 50 metros acima do nível do mar; a luz transmitida por ele alcança aproximadamente 23 milhas, o que equivale a cerca de 37 km. O alcance do Farol possibilita sinalizar aos navegadores das embarcações a proximidade com a costa e os riscos nela existentes, entre eles a famosa Lage da Jaguaruna. Atualmente o Farol também emite uma luz vermelha, que tem um alcance um pouco maior, 46 milhas (DEMATHÉ, 2014).

De acordo com o site oficial da prefeitura do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014f), o Farol é considerado o maior das Américas e o terceiro no mundo em capacidade de alcance. Além disso, está entre as maiores atrações turísticas, se não a maior, uma vez que atrai muitos visitantes, por conta da beleza natural local, que é possível ser vista em seu entorno, com destaque para as praias, com ondas consideradas as melhores do país, as quais atraem praticantes de diversas modalidades de surf.

Figura 36 – Farol de Santa Marta



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

• Sítios Arqueológicos

A arqueologia é a ciência que estuda o homem através dos vestígios materiais deixados por ele no ambiente. Os sítios arqueológicos são os locais onde encontramos esses vestígios, e em Laguna há registro de 56 sítios²⁷ ligados à ocupação humana pré-histórica, ou seja, antes da chegada dos colonizadores ao município (FARIAS; KNEIP, 2010).

Classificamos os sítios arqueológicos como lugares, pois são espaços com presença de testemunhos de como o homem se relacionava com seu ambiente na pré-história e aproveitava os recursos naturais para subsistência. A relação do homem com o mar, por exemplo, é bastante antiga em Laguna, e a maioria dos sítios arqueológicos são sambaquis – se destacam no ambiente por ter formato monticular de variados tamanhos, formados de conchas, remanescentes faunísticos, artefatos líticos, fogueiras e sepultamentos cerimoniais –, e eram produzidos pelos pescadores e coletores, que se alimentavam principalmente de recursos marinhos (FARIAS; KNEIP, 2010).

Apresentamos no Quadro 29 os nomes, local e tipos²⁸ de sítios arqueológicos existentes no município de Laguna.

Quadro 29 – Sítios arqueológicos em Laguna

Nome	Tipo	Local
Barreiros	Sambaqui	Ponta da Laranjeira
Cabeçuda I	Sambaqui	Cabeçuda
Santa Marta I	Sambaqui	Farol de Santa Marta
Santa Marta II	Sambaqui	Farol de Santa Marta
Santa Marta III	Sambaqui	Farol de Santa Marta
Caieira	Sambaqui	Morro da Glória
Caputera I	Sambaqui	Bairro Caputera
Caputera II	Sambaqui	Bairro Caputera

²⁷ O site de Laguna e o do Iphan apresentam dados desatualizados, por afirmar haver 43 sítios arqueológicos na cidade, com a presença de vestígios de sambaquieiros e guaranis (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016a; IPHAN, 2016d).

²⁸ De acordo com Farias e Kneip (2010, p. 33) “podemos dividir os sítios arqueológicos em alguns tipos básicos, considerando seus indicadores culturais, isto é, conteúdo, padrão construtivo e função. A classificação é feita de acordo com a presença ou ausência de alguns elementos considerados chave: cerâmica, conchas, forma, alguns artefatos líticos (pontas de flecha, bumerangoides etc.), tipo de tratamento que se dá aos mortos, entre outros”.

Carnaça I	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça II	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça III	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça IV	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça V	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Estreito	Sambaqui	-
Estreito II	Sambaqui	-
Estreito III	Sambaqui	-
Galheta I	Sambaqui	Praia da Galheta
Galheta II	Sambaqui	Praia da Galheta
Galheta III ou do Padre	Sambaqui	Praia da Galheta
Galheta IV	Jê-Taquara/Itararé	Praia da Galheta
Km 308	Tupi-guarani	Barranceira
Magalhães	Sambaqui	Bairro de Magalhães
Passagem da Barra	Sambaqui	Passagem da Barra
Peixaria	Sambaqui	Ponta da Laranjeira
Ponta da Laranjeira	Sambaqui	Ponta da Laranjeira
Ponta de Perrechil I	Sambaqui	Perrechil
Ponta de Perrechil II	Sambaqui	Perrechil
Porteira	Sambaqui	-
Ribeirão Pequeno	Sambaqui	Ribeirão Pequeno
Roçado	Sambaqui	Ponta da Laranjeira
Canto da Lagoa I	Sambaqui	Campos Verdes
Canto da Lagoa II	Sambaqui	Campos Verdes
Canto da Lagoa III	Sambaqui	Campos Verdes
Cabeçuda II	Sambaqui	Bairro Cabeçuda
Carnaça IV	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça VII	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça IX	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça X	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Costão do Ilhote de Santa Marta	Tupi-guarani	Farol de Santa Marta
Lítico do Ipoã III	Oficina lítica	Praia do Ipoã
Lagoa dos Bixos	Sambaqui	Galheta
Madre	Sambaqui	Ribeirão Grande
Roseta (Ilhote de Ipoã)	Sambaqui	Ipoã

Santa Marta IV	Sambaqui	Farol de Santa Marta
Santa Marta V	Sambaqui	Farol de Santa Marta
Ilhote do Ipoã II	Sambaqui	Ipoã
Ilhote do Ipoã III	Sambaqui	Ipoã
Canto da Lagoa IV	Sambaqui	Campos Verdes
Lagoa dos Bixos II	Sambaqui	Galheta
Lagoa dos Bixos III	Sambaqui	Galheta
Lagoa dos Bixos IV	Sambaqui	Galheta
Lagoa dos Bixos V	Sambaqui	Galheta
Morro do Céu	Estação lítica	Farol de Santa Marta
Laguna – Morro do Peralta	Sambaqui	Centro
Bentos I	Tupi-guarani	Bentos
Bentos II		Bentos

Fonte: Farias e Kneip (2010)

Figura 37 – Sambaquis de Laguna



Fonte: Site de Laguna (2016).

5.3.6 Cruzamento e Discussão dos Dados

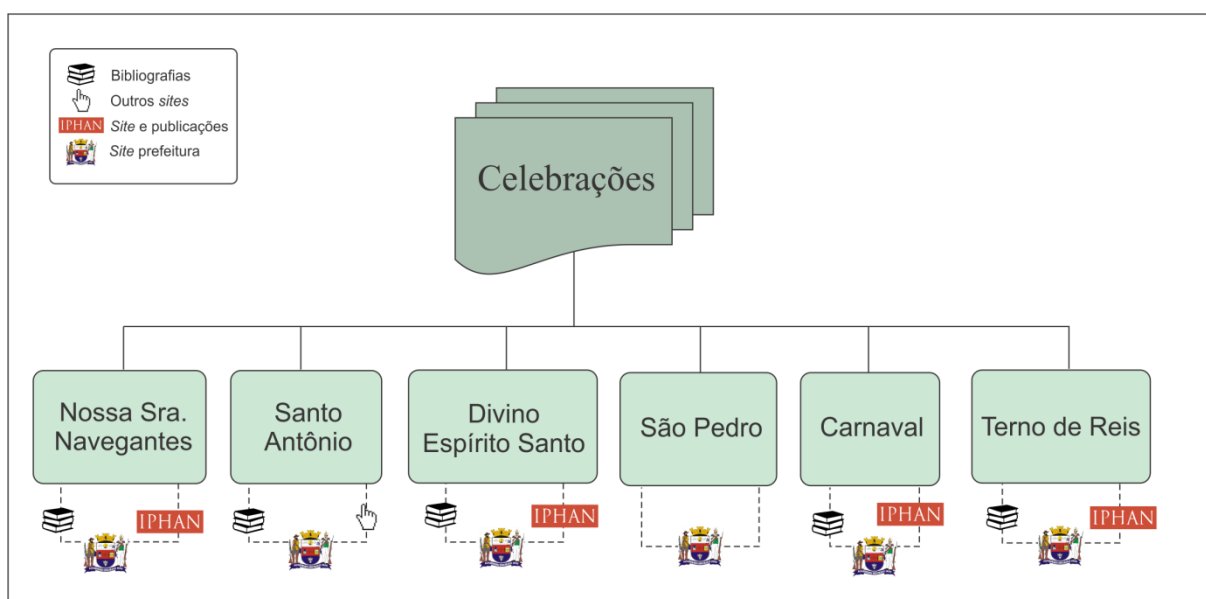
A respeito dos dados acima expostos, demonstramos a seguir de que forma eles se inter cruzam, ou seja, em quais fontes eles são apresentados, seja oficiais, bibliográficas ou secundárias. Além disso, expomos os elementos da cultura material e imaterial de Laguna,

que estavam inseridos dos planos de ensino e projetos interdisciplinares (Capítulo 4) das instituições de ensino pesquisadas, que também se inter cruzam ou transpassam pelos elementos culturais aqui expostos. Por fim, após cada categoria de bem cultural apresentada, um fluxograma é exposto, com o intuito de tornar mais fácil o entendimento.

Celebrações: entre as celebrações apontadas, as informações sobre a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes foram encontradas em bibliografias, no site do município e em publicação do Iphan. A Festa de Santo Antônio foi facilmente encontrada no site do município, em bibliografias e há inclusive um site próprio para divulgar as informações acerca da festividade. A celebração ao Divino Espírito Santo foi localizada facilmente no site da cidade, em bibliografias e em publicação do Iphan. Já a Festa de São Pedro foi encontrada no site de Laguna e havia bibliografia que apenas citava a celebração, sem discorrer a respeito. O Carnaval foi encontrado em bibliografias, em site da cidade e em publicação do Iphan, bem como a Festa de Terno de Reis, que também foi obtida no site do município, em bibliografias e no Iphan.

Entre as instituições pesquisadas, identificamos somente uma celebração, na Escola Saul Ulysséa, a Festa de São Pedro, a qual fazia parte do Projeto “Adolescência, construindo sua identidade”. A referida celebração foi abordada pela disciplina de Geografia, que sugeria no projeto a produção de um mapeamento do bairro Cabeçuda e pesquisa acerca da Festa de São Pedro, realizada anualmente no bairro.

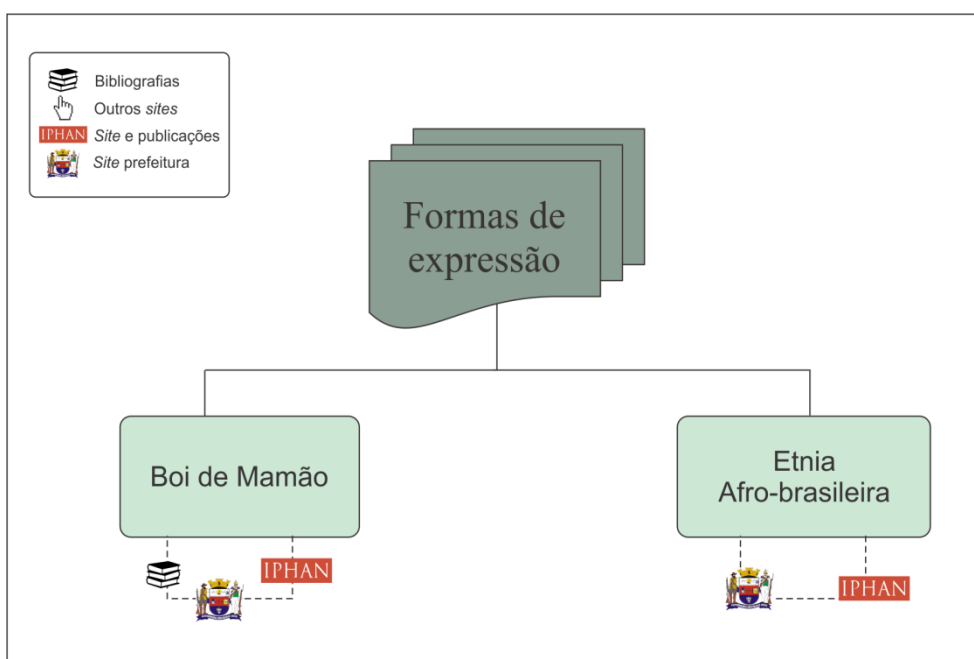
Figura 38 – Fluxograma das celebrações e suas fontes de pesquisa



Formas de expressão: as informações sobre o Boi de Mamão foram encontradas em bibliografias, no site da cidade e em publicação do Iphan. Já a Etnia Afro-brasileira localizamos no site do município e em publicação do Iphan.

Na escola Saul Ulysséa identificamos um elemento que vem ao encontro dessa categoria. A disciplina de Sociologia abordou o tema “Negros no Brasil e em Santa Catarina”, que permite trabalhar a história e os elementos da etnia afro-brasileira inseridos na cultura de Laguna. Da mesma forma, na escola Almirante Lamego, a disciplina de Matemática abordou a temática “Relações Étnico-Raciais e Culturais: Negros em Santa Catarina”.

Figura 39 – Fluxograma das formas de expressão e suas fontes de pesquisa



Ofícios e modos de fazer: as informações sobre os Mestres Artífices foram encontradas em publicação do Iphan e em outras bibliografias. O artesanato doméstico foi localizado em publicação do Iphan e no site da cidade. Já a pesca com auxílio de botos foi encontrada em bibliografias e no site da cidade. E, por fim, as informações relativas ao butiá foram obtidas no site do município.

Desta categoria identificamos na instituição Saul Ulysséa, mais precisamente no Projeto “Adolescência, construindo sua identidade”, uma atividade sugerida pela disciplina de Matemática que consistia em analisar o grau de escolaridade dos pais, tios e avós, bem como a profissão exercida por eles, analisando se elas influenciam no futuro deles. Acreditamos que esse tipo de atividade permita o resgate dos ofícios dos pais e principalmente dos avós, os

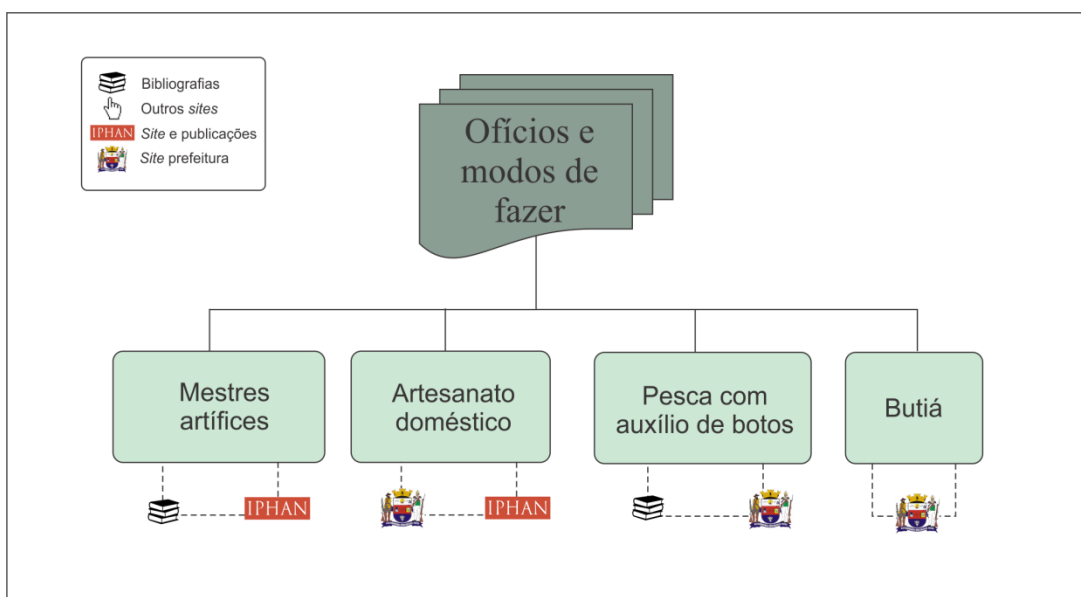
quais podem estar ligados com os elementos culturais de Laguna, como, por exemplo, os ofícios citados nesta categoria.

No mesmo projeto, na disciplina de Artes, identificamos o uso das folhas de butiazeiro em uma atividade para expressar as inquietações da adolescência, mas paralelamente permitindo trabalhar com a planta símbolo da cidade. Sabendo que o butiazeiro faz parte da rica biodiversidade da restinga lagunense, além da economia e paisagem, é de grande importância sua conservação para nosso uso e das futuras gerações.

Outro projeto realizado pela instituição Saul Ulysséa foi “Uma ponte: dois lados – a construção socioambiental do sujeito/agente”. A disciplina de Biologia realizou a análise da qualidade da água da Lagoa, a identificação das espécies de peixes presentes no local, bem como uma pesquisa com os pescadores tradicionais sobre os impactos da construção da ponte na obtenção dos pescados. Além disso, no plano anual de Biologia também identificamos o tópico “Comunidades tradicionais e a conservação do meio ambiente”, permitindo o entendimento e diálogo com as comunidades tradicionais a fim de compreender a sua relação com o meio ambiente. Como exemplo, pode-se citar a relação entre os pescadores artesanais e os botos; as artesãs e a pesca, uma vez que utilizam as escamas na produção de suas joias.

Na Escola Almirante Lamego trabalhou-se também na disciplina de Biologia o tópico “Comunidades tradicionais e a conservação de ambientes, agricultura e meio ambiente”, o que permitiu verificar outros ofícios que não estão inclusos em nosso inventário, mas que fazem parte dos elementos culturais da cidade, como, por exemplo, a agricultura.

Figura 40 – Fluxograma dos ofícios e modos de fazer e suas fontes de pesquisa



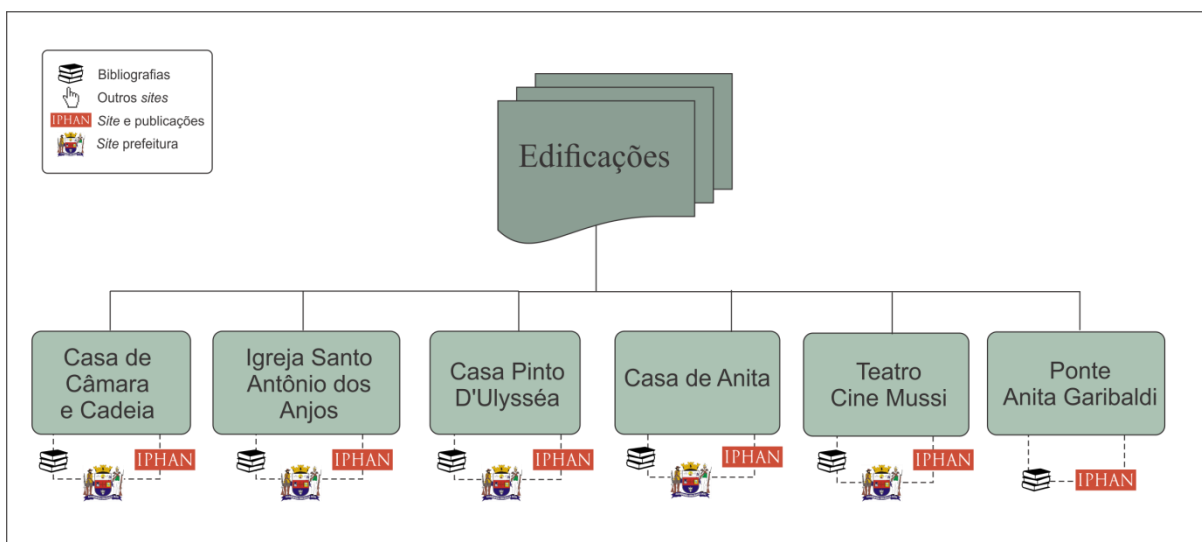
Edificações: no que se refere às edificações selecionadas, Casa de Câmara e Cadeia, Igreja Santo Antônio dos Anjos, Casa Pinto D’Ulysséa, Casa de Anita e Teatro Cine Mussi, todas foram encontradas no site da cidade, no site do Iphan e em outras bibliografias. As informações sobre a Ponte Anita Garibaldi foram obtidas em bibliografias e publicação do Iphan.

Nas escolas Saul Ulysséa e Almirante Lamego identificamos o tópico “Patrimônio cultural e museus”, trabalhado na disciplina de Artes, Música e Artesanato. Ainda que o tópico não especifique, trabalhar essa temática permite fazer diversas relações com o patrimônio cultural material e museus localizados na cidade, bem como sua relação com a história local.

Na Escola Saul Ulysséa, o projeto “Uma ponte: dois lados – a construção socioambiental do sujeito/agente” trabalhou por meio da disciplina de História um contexto do empreendimento através do levantamento histórico do Canal das Laranjeiras e da construção das duas primeiras pontes, além dos fatores que levaram à construção da Ponte Anita Garibaldi.

A Escola Almirante Lamego também desenvolveu um projeto relacionado com a Ponte, intitulado “Ponte Anita Garibaldi – energias alternativas”, com um resgate da história que envolveu sua construção.

Figura 41 – Fluxograma das edificações e suas fontes de pesquisa



Lugares: as informações sobre as Praças Juliana/Anita Garibaldi, Praça Vidal Ramos e Praça Dr. Paulo Carneiro foram obtidas em bibliografias, no site da cidade obtivemos apenas a foto. Já sobre o Largo da Carioca havia informações em bibliografias, site

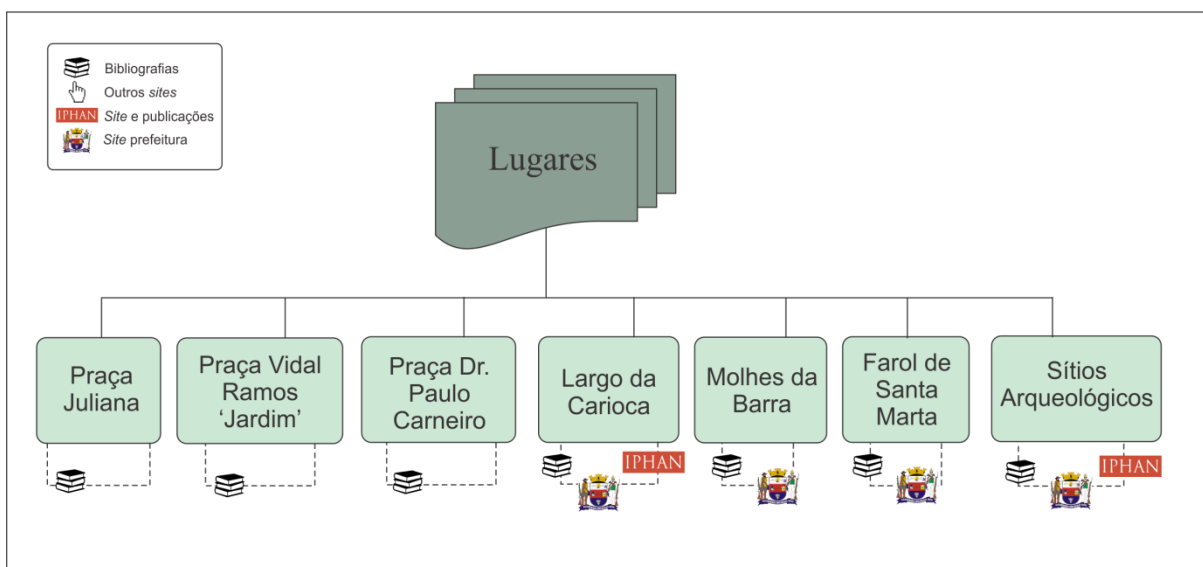
da cidade e site do Iphan. As informações sobre o Molhes da Barra e o Farol de Santa Marta foram obtidas em bibliografias e no site da cidade. Já os sítios arqueológicos foram pesquisados no site da cidade, no site do Iphan e em outras bibliografias.

Na Escola Saul Ulysséa, identificamos a abordagem com sítios arqueológicos no projeto “Formação acadêmica: profissão e perspectiva”, em que as disciplinas de Arte e História em conjunto sugeriram uma visita à Prainha de Cabeçuda, além de elaborar desenhos baseados nos registros arqueológicos encontrados no local. Individualmente, a disciplina de História sugeriu visita aos sítios arqueológicos e ao GRUPEP-Arqueologia na Unisul, além da confecção de um sítio na escola.

A Escola Almirante Lamego apresentou no plano anual da disciplina de Artes os tópicos “Objetos utilitários dos povos primitivos” e “Arte pré-histórica”, ambos permitindo relação com os diversos sítios arqueológicos existentes em Laguna. Na mesma instituição, um projeto intitulado “Sambaquis” foi desenvolvido.

Consideramos que levar os alunos aos sítios arqueológicos é apresentar a importância deles para entender nossa própria história e a relação de nossos antepassados como meio. Além disso, munir os estudantes de informações acerca dos vestígios arqueológicos pode possibilitar uma sensibilização e a apropriação e consequente preservação do bem cultural.

Figura 42 – Fluxograma dos lugares de expressão e suas fontes de pesquisa



Por fim, a Escola Almirante Lamego também desenvolveu um projeto com o tema “Viagem de estudos: as diversas linguagens manifestadas na cultura lagunense”, o qual permite trabalhar as mais variadas faces da cultura do município.

Com base no levantamento dos elementos da cultura material e imaterial do município de Laguna, podemos concluir que muitos deles estão disponíveis e acessíveis a todos, inclusive às instituições de ensino, de forma a permitir que sejam transmitidos aos alunos e explorados dentro e fora de sala de aula, através de atividades que despertem uma visão crítica dos fatores que compõem a cultura e a história da região.

Por fim, a partir da produção deste levantamento dos bens culturais de Laguna, realizamos o preenchimento das Fichas de Inventário de Bem Cultural Material e Imaterial, para compor o inventário aqui proposto e possibilitar sua utilização nas escolas investigadas e em pesquisas futuras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção dessa pesquisa possibilitou estabelecer um amplo diálogo entre cultura escolar e formação cidadã. Para isso, realizou-se revisão bibliográfica, onde se discutiu conceitos primordiais sobre cultura, identidade, patrimônio, cultura escolar, entre outros conceitos pertinentes a essa pesquisa. O conceito de identidade relaciona-se com a consciência que cada sujeito tem de si, mas também forma-se pelas relações com o outro, uma vez que ele é construído em universos micro, que perpassam pela sua individualidade e macro que envolvem pertencimentos étnicos e regionais, relações familiares e extrafamiliares, com as quais convivemos ao longo de nossas vidas (HALL, 2011; AGIER, 2001; MATHEWS, 2002).

A formação da identidade é afetada por mudanças com as quais a sociedade globalizada atualmente convive, o que acarreta a crise e falta de identidades enrijecidas, uma vez que possuímos não uma, mas uma série de identidades que flutuam a nossa volta, as quais são escolhidas e assumidas por nós em determinados momentos de nossas vidas (HALL, 2011; GEERTZ, 2001; BAUMAN, 2005).

Também vimos que a escola é uma instituição de ensino que possui cultura própria, refletindo os valores, crenças e práticas, únicos e integrados à comunidade na qual cada instituição está inserida. Apesar de ter semelhanças na estrutura física e nos roteiros educativos impostos pelo MEC e secretarias de ensino, a escola se constitui no amálgama produzido pelos atores que a compõe na perspectiva regional. São professores, corpo gestor, alunos e familiares que constroem a identidade e a cultura escolar, permeadas por influências de comportamento regionais e globais (CARVALHO, 2006; SILVA, 2006, POL et al., 2007; JULIA, 2001).

Esta cultura da instituição é chamada de cultura escolar, que é formada não apenas pelas normas e práticas, mas também por desejos e expectativas produzidos pelo modo de agir e de pensar da comunidade escolar (professores, alunos, familiares, gestores, etc.). Diante disso, entende-se a escola como um agente de transformação social, não existindo apenas para transmitir conhecimento, mas também para transformar a realidade, olhando além de seus muros e observando a dimensão cultural da qual faz parte. Por meio disso se aproxima do aluno e produz formas dialógicas de construção da identidade cidadã integrada a cultura local (SILVA, 2006; BARROSO, 2004; JULIA, 2001).

A revisão nos deu subsídios para desenvolver os objetivos propostos para esta dissertação. Conseguimos “identificar e caracterizar a cultura material e imaterial do município de Laguna”, o que foi realizado por meio de pesquisas bibliografias, documentos fornecidos pelas instituições pesquisadas e fontes oficiais, como o site do município e o site do Iphan, tendo seus resultados expostos na seção 5.3.

O objetivo que envolvia “avaliar o projeto pedagógico das escolas pesquisadas, verificando a inserção do patrimônio cultural local na sua base epistemológica” e ainda “sistematizar as categorias de patrimônio cultural material e imaterial, verificadas nos PPPs” foi realizado, no entanto ao analisar os PPPs das instituições, constatamos que não havia a inserção do patrimônio cultural no documento.

Conforme análise exposta no item 4.3, os referidos documentos davam conta apenas da organização administrativa e pedagógica da instituição, levando-nos a responder o objetivo, que buscava “verificar a cultura escolar produzida pelo corpo dirigente, docente por meio da análise dos planos anuais das disciplinas e projetos interdisciplinares”. Nesse item constatamos diversos elementos da cultura material e imaterial local inseridos na escola, expostos na seção 4.4.

Com base no levantamento cultural realizado, conseguimos alcançar o objetivo que intentava “produzir um inventário de bens culturais materiais e imateriais do município de Laguna”, sistematizando-os em cinco categorias, seguido do preenchimento das Fichas de Inventário de Bem Material e Imaterial que constam no Apêndice B.

Dessa maneira, na seção 5.3.6 alcançamos o último objetivo, que previa “realizar uma análise comparativa entre a cultura escolar preconizada pelo PPP, a cultura produzida pela comunidade envolvida e a difundida na cidade de Laguna, SC”, em que realizamos o cruzamento do levantamento cultural do município e os elementos da cultura inseridos nos planos anuais e projetos interdisciplinares, demonstrando a inserção da cultura lagunense nas instituições pesquisadas.

Assim, com base nos objetivos específicos alcançados, concluímos que cultura, identidade e patrimônio material e imaterial estão inseridos na cultura escolar das escolas de Ensino Médio Inovador Saul Ulysséa e Almirante Lamago, em Laguna, conforme os planos curriculares e os projetos interdisciplinares analisados.

Por derradeiro, ao comparar o currículo do Ensino Médio Inovador com o currículo do Ensino Médio Regular, podemos compreender o motivo da inserção da palavra “inovador” no programa, que, com base nesta pesquisa, parece começar a olhar para além dos muros da escola e quebrar as barreiras que a separavam do bairro, da cidade e,

consequentemente, da cultura onde está inserida. O Ensino Médio Inovador permite não só ao aluno ter acesso a atividades diferenciadas, estimular uma visão crítica e sair da sala de aula, mas também permite aos professores maior flexibilidade e dedicação no planejamento das aulas, de forma que a escola se torne um local de produção de conhecimento, e não apenas reprodução. Com a inserção da cultura local na cultura escolar, a escola deixa de ser um receptáculo de pessoas e reprodutora de conhecimento e passa a construir, junto com os alunos uma instituição onde o conhecimento é produzido em parceria com a comunidade e a ciência se desenvolve a partir dos interesses locais, promovendo o desenvolvimento de uma forte identidade regional, sem perder de vista a global, produzindo alunos conscientes do seu papel social em âmbito local e global. Cresce o cidadão, cresce a comunidade, cresce o país, cresce o mundo.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de Globalização**. MANA 7(2):7-33, 2001.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidade Imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 23 mar. 2016.
- BAPTISTA, Dulce Maria Tourino. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.
- BARROSO João. Cultura, Cultura Escolar, Cultura de Escola. Políticas educativas e organização escolar. Lisboa, Universidade Aberta (2004). In.: (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – **Revista da UNESP**. http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65262/1/u1_d26_v1_t06.pdf
- BAUMAM, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL. Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009. Disponível em: http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/port_971_09102009.pdf. Acesso em: 18 maio 2015.
- BURITY, Joanildo (Org.). **Cultura e identidade**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Santo Antônio dos Anjos da Laguna**. Florianópolis: IOESC, 1976.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio histórico e cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.
- CAMPOS, Gizely Cesconetto de. **Patrimônio edificado de Laguna**: conhecer, interpretar e preservar. 2007. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Unisul, Tubarão, 2007.
- CARVALHO, Renato G. G. 2006. Cultura global e contextos locais: A escola como organização possuidora de cultura própria, In: **Revista Iberoamericana de Educacion** 39, 2: 1 – 9.

CASTRO, Ana Lucia (org). **Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades**: Olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 213p.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. 103 p.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação da Liberdade: Editora UNESP, 2001, 282p.

CITTADIN, Ana Paula. **Laguna, paisagem e preservação**: o patrimônio cultural e natural do município. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. 199p.

COUCEIRO, Sylvia. Os desafios da história cultural. In: **Cultura e Identidade**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.11-28.

DALL'ALBA, João Leonir. Laguna antes de 1880: documentário. Florianópolis: Lunardelli: UDESC, 1979. 175 p.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural in: **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. p. 137-161. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2001.

DEMATHÉ, Alexandro. **ENTRE SAMBAQUIS, REDES E NAUFRÁGIOS**: Arqueologia Costeira no Parque Arqueológico do Sul – SC. Dissertação de Mestrado – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014. 201 p.

EAGLETON, Terry. A idéia de cultura. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. 204 p.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de, KNEIP, Andreas. **Panorama Arqueológico de Santa Catarina**. Palhoça: Editora Unisul, 2010. 306 p.

FESTA DE SANTO ANTÔNIO. Disponível em:
<<http://festadesantoantonio.wix.com/laguna>>. Acessado em: 20 mar. 2016.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, 208p.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. **Cultura Contemporânea**: a fronteira entre o digital e o popular. Universidade Federal de Sergipe. 2001. 14p. Disponível em:
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/franca-lilian-cultura.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2015. GARCÍA

CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. 385 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, 323p.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 247p.

GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. 323 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Termo de referência**. Programa: Caminhos e Parques de Santa Catarina, Elaboração de Dossiê de Tombamento do Parque Arqueológico do Sul. Brasília: Iphan, 2007.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Referências culturais**. Projeto Diagnóstico Documental do Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina. Convênio 51/2006. Associação Educacional Luterana de Santa Catarina Bom Jesus (IELUSC) Faculdade de Turismo. Joinville, 2008.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Artes do mar – Laguna – SC**. Brasília, DF: Iphan; Programa Monumenta, 2009. (Preservação e Desenvolvimento, 15).

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Laguna (SC) inaugura Cine Mussi totalmente restaurado**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/43/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário nacional de referências culturais**: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Iphan, 2000. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685>>. Acesso em: 7 abr. 2016.

IPHAN. **Portaria 127/2009**. “Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf> . Acesso em: 4 abr. 2016.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **O Iphan**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 12 mar. 2016a.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Livros do tombo**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/608>>. Acesso em: 7 abr. 2016b.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.Iphan.gov.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2016c.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Laguna (SC)**. Disponível em: <<http://portal.Iphan.gov.br/pagina/detalhes/397/>>. Acesso em: 20 mar. 2016d.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História e Educação**, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LINO, Fátima Satsuki de Araujo. A comunicação entre pescadores artesanais e os botos de Laguna como patrimônio cultural. **Cadernos NAUI**, v. 3, n. 5, p. 91-99, jul./dez. 2014.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes. **Laguna**: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Dissertação de mestrado para obtenção de grau de mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975. 206 p.

MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.). **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999. 143 p.

MATHEWS, Gordon. **Cultura global e identidade individual**: à procura de um lar no supermercado cultural. Bauru, SP: Edusc, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NEU, Márcia Fernandes Rosa. **Os portos do sul do Brasil**: da formação ao século XXI. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: SP. 2009.

OLIVEIRA, Laércio Vitorino de Jesus. **Memória**: um patrimônio irrenunciável, comunidades do distrito de Ribeirão Pequeno da Laguna . Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

PETERSON, Débora. **Etnobiologia dos botos (*Tursiops truncatus*) e a pesca cooperativa em Laguna, Santa Catarina**. Monografia de Bacharel em Ciências Biológicas. UFSC, 2005.

PIAZZA, Walter F. **A colonização de Santa Catarina**. Porto Alegre: BRDE, 1982. 311 p.

PIAZZA, Walter F.; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina história da gente**: 2º grau e pré-vestibular. 3. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Lunardelli, 1989. 167 p.

PIMENTA, de Margareth de Castro Afeche (coord.). **Mestres artífices de Santa Catarina** – Brasília, DF : Iphan, 2012. 196 p. (Cadernos de Memória ; 2).

POL, Milan et.al. Em busca do conceito de cultura escolar: uma contribuição para as discussões actuais. **Revista Lusófona de Educação**, n. 10, p. 63-79, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Resgate da planta símbolo do município para a sua preservação**. Disponível em: < Resgate da planta símbolo do município para a sua preservação>. Acesso em: 06 jun. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Quilombos em Laguna. Comunidades negras resistem ao tempo e a miscigenação**. Disponível em: < <http://www.laguna.sc.gov.br/noticias/quilombos-em-laguna-comunidades-negras-resistem-ao-tempo-e-a-miscigenacao-4276>>. Acesso em: 28 outubro. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **338ª Festa de Santo Antônio**. Disponível em: < http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=7896>. Acesso em: 23 mar. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Comunidades prestam homenagem ao São Pedro**. Disponível em: < http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8009>. Acesso em: 26 jun. 2014b.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Antigos foliões guardam na memória os primeiros carnavais**. Disponível em: < http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=7587>. Acesso em: 20 fev. 2014c.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Casa das Artes é referência do artesanato de Laguna**. Disponível em: < http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8565>. Acesso em: 20 fev. 2014d.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **O espetáculo vai começar. Cine Mussi será inaugurado dia 9**. Disponível em: < http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8460>. Acesso em: 14 nov. 2014e.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Projeto para melhorias dos Molhes da Barra**. Disponível em: < http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8460>. Acesso em: 04 set. 2014f.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Festa de Nossa Senhora dos Navegantes**. 28 jan. 2015. Disponível em: <http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8656>. Acesso em: 20 mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. Disponível em: <<http://www.laguna.sc.gov.br>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **História**. Disponível em: <<http://www.laguna.sc.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016a.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Cultura**. Disponível em: <<http://www.laguna.sc.gov.br/cultura.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016b.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Pesca**. Disponível em: <<http://www.laguna.sc.gov.br/pesca.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016c.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Museus**. Disponível em: < <http://www.laguna.sc.gov.br/museus.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016d.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Pontos Turísticos**. Disponível em: < <http://www.laguna.sc.gov.br/museus.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016e.

PROEMI, Programa Ensino Médio Inovador. **Documento orientador**. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica Diretoria de Currículos e Educação Integral Coordenação geral do Ensino Médio. 2011, 23p.

Projeto Político Pedagógico. Escola Ensino Médio Almirante Lamego, 2011. Fornecido pela instituição.

Projeto Político Pedagógico. Escola de Educação Básica Saul Ulysséa, 2011. Fornecido pela instituição.

Projeto Político Pedagógico. Escola Ensino Médio Almirante Lamego, 2013. Fornecido pela instituição.

Projeto Político Pedagógico. Escola de Educação Básica Saul Ulysséa, 2014. Fornecido pela instituição.

REDFIELD, Robert (Org.). **Conceitos no estudo da organização social:** leituras de sociologia e antropologia social. São Paulo: Martins Fontes, 1949. (Coletânea de leituras).

REITZ, Lucas; YUNES, Gilberto S. O avesso da paisagem cultural em Laguna. 3º Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto – desafios e perspectivas. O Avesso da Paisagem Cultural em Laguna. 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/trabalho/150/o-avesso-da-paisagem-cultural-em-laguna>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

ROJAS SORIANO, Raúl. **Manual de pesquisa social.** Petrópolis: Vozes, 2004.

SCHWARTZMAN, Simon. **A redescoberta da cultura.** São Paulo: Edusp; Fapesp, 1997.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares Silva. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, Heleno Florindo da; FABRIZ, Daury César. **“O gigante acordou”:** uma análise da democracia à luz do novo constitucionalismo latinoamericano. *Derecho y Cambio Social*. Fecha de publicación: 1º out. 2013. Disponível em: <http://www.derechoycambiosocial.com/revista035/o_gigante_acordou_novo_constitucionalismo.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2016.

SIQUEIRA, Nelson José Gomes et al. **Santo Antônio dos Anjos e Laguna:** três séculos de fé. Laguna, 2012.

TAVARES, Jeanine Mara et al. Valorização do sítio histórico da Laguna, 1983. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

UNESCO. Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. CONFERENCIA GERAL da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972.

UNESCO. **Patrimônio mundial no Brasil:** *patrimonio mundial en Brasil = World heritage in Brazil*. Brasília, DF: Unesco, 2002.

UNESCO. **Patrimônio mundial no Brasil.** Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/#c1048555>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola:** uma construção possível. 14. ed. Papirus, 2002. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=uQw--3o9ruUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 23 mar. 2016.

WHITE, Leslie A. **O conceito de sistemas culturais**: como compreender tribos e nações. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

ZAMPARETTI, Bruna Cataneo. **Sambaqui Cabeçuda**: 01 um Território resiliente. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - Modelos de Fichas de Inventário de Bem Cultural do
Patrimônio Material e Imaterial**



Ficha de Inventário de Bem Cultural – Material

Município (área - urbana/rural):	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a):	Data:

1- Nome do bem: _____

2- Localização: _____

3- Proprietário e ou autoridade responsável: _____

4- Mapas e plantas apresentando os limites do bem e seu entorno:

5- Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural material:

Alto ()

Médio ()

Baixo ()

Tombamento – Sim () * Não () *Dados do registro no IPHAN: _____

6- Categoria do patrimônio cultural material:

Edificações ()

Sítios Arqueológicos ()

4 - Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio material:

Nome: _____

CPF/CNPJ: _____

Telefone/Fax: _____

Email: _____

Nome: _____

CPF/CNPJ: _____

Telefone/Fax: _____

Email: _____

Nome: _____

[illegible]

7. Documentação (fotográfica, textos, bibliografias, e outras documentações que citem o bem)

8. Ficha técnica:

Fornecedor da informação:_____

Data:_____.

Responsável pelo Levantamento:_____

Data:_____.

Responsável pela Revisão: _____

Data:_____.



Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial

Município (área - urbana/rural):	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a):	Data:

1- Identificação: _____

2- Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ()

Médio ()

Baixo ()

Tombamento – Sim () Não ()

3- Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer()

Celebrações ()

Formas de expressão ()

Lugares ()

4 - Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Nome: _____

CPF/CNPJ: _____

Telefone/Fax: _____

Email: _____

Nome: _____

CPF/CNPJ: _____

Telefone/Fax: _____

Email: _____

Nome: _____

CPF/CNPJ: _____

Telefone/Fax: _____

Email: _____

5 – Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

- () Desenvolvimento desordenado
- () Pressões turísticas e/ou de visitantes
- () Desinteresse da comunidade local
- () Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

6 - Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

[illegible]

9. Documentação Fotográfica:**10. Ficha técnica:**

Fornecedor da informação: _____

Data: _____.

Responsável pelo Levantamento: _____

Data: _____.

Responsável pela Revisão: _____

Data: _____.

APÊNDICE B - Fichas de Inventário de Bem Cultural - Celebrações

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna / Área Urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Festa Nossa Senhora do Navegantes

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☐ ()
 Celebrações ☒ (X)
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☐ ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☐ () Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Muitas pessoas que viajavam e ainda viajam pelo mar pedem proteção de Nossa Senhora para retornar a seus lares com segurança, e o município de Laguna, por ter possuído uma atividade portuária intensa e receber comerciantes exportadores, pescadores, marinheiros

e armadores de fora da cidade, reflete essa cultura (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2015).

Conforme publicação do Iphan, esse tipo de celebração está ligada também à cultura lusitana:

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes é uma celebração religiosa que materializa a devoção católica dos catarinenses em diversas localidades do estado. Os imigrantes lusitanos trouxeram a devoção à Nossa Senhora dos Navegantes para Santa Catarina. (IPHAN, 2008, p. 10).

Segundo Lucena (1998), em 1880 a Festa da Nossa Senhora dos Navegantes era a festa mais “concorrida” e acontecia no centro histórico da cidade, com procissões e transladação da imagem da Santa, e também uma procissão de barcos decorados para a ocasião.

Uma notícia de 1979, destacada do Jornal “O Município” por Lucena (1998), apresenta um pedido aos capitães de navios que participassem com seus barcos da procissão:

Pede-se aos Senhores Capitães de navios que façam uma regata na segunda-feira, dia subsequente à festa, para maior brilhantismo, aproveitando assim a permanência nesta cidade das muitas pessoas do interior e sítios desta Comarca. (O MUNICÍPIO, 12/01/79 *apud* LUCENA, 1998, p. 80).

A festa mudou de espaço quando a primeira estátua da Santa foi trazida ao município pelos portugueses e a Capela Nossa Senhora dos Navegantes foi erguida no final de 1911, no bairro de Magalhães. No ano seguinte foi realizada a primeira festa, que reuniu muitos fiéis. Em 1966 foi criada a Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes, em 1968 foi realizada a primeira festa com esse título, e a nova matriz foi inaugurada em 1979 (LUCENA, 1998; PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2015).

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes mantém-se viva em Laguna, acontecendo sempre próximo a 2 de fevereiro, data de celebração ao dia da Santa e feriado no município. No data ocorrem celebrações de missa e procissão marítima, sempre acompanhadas da imagem sacra (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2015).

Documentação Fotográfica:

Figura 01 – Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes em sua matriz



Fonte: Prefeitura Municipal de Laguna (2015)

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN. **Referências Culturais**. Projeto Diagnóstico Documental do Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina. Convênio 51/2006. Associação Educacional Luterana de Santa Catarina Bom Jesus (IELUSC) Faculdade de Turismo. Joinville, 2008.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes. **Laguna**: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Dissertação de mestrado para obtenção de grau de mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Festa de Nossa Senhora dos Navegantes**. 28 jan. 2015. Disponível em: <http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8656>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.



Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial

Município (área - urbana/rural): Laguna / Área Urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Festa Santo Antônio

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto (x)
 Médio ()
 Baixo ()
 Tombamento – Sim () Não ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ()
 Celebrações (X)
 Formas de expressão ()
 Lugares ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

() Desenvolvimento desordenado
 () Pressões turísticas e/ou de visitantes
 (x) Desinteresse da comunidade local
 (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Santo de devoção de Domingos de Brito Peixoto, veio a se tornar padroeiro e chegou a emprestar o nome para o município antes de se chamar Laguna, Santo Antônio tem destaque no município de Laguna, e sua festa também.

De acordo com Siqueira et al. (2012), a festa acontece anualmente de 1º a 13 de junho e atrai milhares de devotos à cidade. As trezenas (como são chamadas os treze dias

consecutivos de celebração) contam com missas em latim, realizadas na Matriz, novenas, procissões, carreatas, transladação da imagem do Santo Antônio pelas comunidades, show pirotécnico, apresentações artístico-culturais (as quais valorizam artistas locais) e barraquinhas com quitutes (SIQUEIRA et al., 2012; LUCENA, 1998).

As carreatas inauguram a festa e partem da igreja matriz, percorrendo a cidade com a imagem do Santo Antônio em um automóvel à frente, “acompanhada de fogos e rojões que anunciam o início da comemoração” (LUCENA, 1998, p. 152).

Siqueira et al. (2012) afirmam que a festa do padroeiro de Laguna “é seguramente a maior manifestação religiosa do sul do Brasil”. Segundo ele, os organizadores da festa são pessoas que se destacam na sociedade – os chamados festeiros –, e são escolhidos no último dia da trezena para organizar a festa do ano seguinte. No entanto, de acordo com Lucena (1998), nem sempre foi assim; por volta do ano de 1880, a festa não tinha a mesma intensidade que a de Nossa Senhora dos Navegantes, pois acontecia em âmbito local.

Outro fato interessante destacado por Lucena é a procissão do último dia, no caso, dia 14 de junho de 1997, ano em que realizou sua pesquisa. Segundo a autora,

Algumas casas do bairro estavam enfeitadas, uma com balões em todo o muro, outras com flores na janela, talvez agradecendo à uma graça alcançada... Do fundo dos quintais de várias casas, seus moradores soltavam fogos, à medida em que a imagem ia passando. A procissão parava e a imagem era virada em direção àquela casa, como que se estivesse a agradecer a homenagem que lhe fora feita. O evento termina com muitos fogos na entrada da Igreja, e com uma missa de encerramento. (LUCENA, 1998, p. 153).

Considerada pelo site oficial como a maior evento religioso realizado atualmente pelo município, neste ano foi realizada a festa de número 339, que aconteceu de 1º a 14 de junho, contando com diversas atividades artístico-culturais. Fez dessa vez um resgate histórico mediante uma exposição de fotos das edições anteriores da celebração festiva (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014). A festa tem, inclusive, um site para facilitar a divulgação de informações sobre a festividade (FESTA DE SANTO ANTÔNIO, 2015).

Documentação Fotográfica:

Figura 01 – Festa de Santo Antônio



Foto: Elvis Palma. Fonte: Festa de Santo Antônio, 2015.

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

FESTA DE SANTO ANTÔNIO. Disponível em:
<<http://festadesantoantonio.wix.com/laguna>>. Acessado em: 20 mar. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **338ª Festa de Santo Antônio**. Disponível em:
<http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=7896>. Acesso em: 23 mar. 2014.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes. **Laguna**: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Dissertação de mestrado para obtenção de grau de mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

SIQUEIRA, Nelson José Gomes et al. Santo Antônio dos Anjos e Laguna: três séculos de fé. Laguna, 2012.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna / Área Urbana e Rural	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Festa Divino Espírito Santo

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto (x)
 Médio ()
 Baixo ()
 Tombamento – Sim () Não ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ()
 Celebrações (X)
 Formas de expressão ()
 Lugares ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

() Desenvolvimento desordenado
 () Pressões turísticas e/ou de visitantes
 (x) Desinteresse da comunidade local
 (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

A Festa do Divino Espírito Santo celebra o nascimento da Igreja, marcado pela descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e a Virgem Maria. As celebrações são realizadas no dia de Pentecostes, contado 50 dias após o Domingo de Páscoa.

A festa tradicional em Laguna é de origem açoriana e consiste numa peregrinação religiosa marcada por cantoria pelas ruas da cidade, em que se carrega a chamada “bandeira do Divino” – bandeira vermelha com a imagem de uma pomba, representação do Espírito Santo – pelas casas da comunidade, pedindo prendas para a festa (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b; LUCENA, 1998).

A publicação do Iphan discorre detalhadamente sobre a Bandeira do Divino:

A Bandeira do Divino é confeccionada com um retângulo de pano vermelho em cujo centro se retrata com desenho ou bordado a figura de uma pomba, prendendo-se o pano a um mastro encimado por uma pomba, rodeada por um arco de flores artificiais e enfeitado com muitas fitas coloridas. Nas Bandeiras, os fiéis recolhem antecipadamente oferendas que serão utilizadas no dia de Pentecostes. (IPHAN, 2008, p. 3).

Sugere-se que a Festa do Divino teve origem no século XIV, em Portugal, mais especificamente na cidade Alenquer, e que teria sido estabelecida pela então Rainha Isabel (1271-1336) por conta da construção da Igreja do Espírito Santo (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b).

Com grande prestígio, a solenidade chegou a ser acompanhada pelo Imperador por volta dos anos 1880, conforme destaca Lucena (1998, p. 80): “No edifício do ‘Império’, próximo à Matriz, era organizada a solenidade do ‘Ritual’, com acompanhamento do Imperador. Também eram promovidos bazares e leilão de prêmios”.

Na comunidade da Figueira, o pesquisador Oliveira (2010) tomou o depoimento de Seu Braz, o qual explica que na celebração havia duas bandeiras; na Bandeira Surda apenas era batido o tambor, e na Bandeira da Cantoria ocorriam as canções pelas comunidades.

Sobre a Bandeira Surda ele diz:

A Bandeira Surda era um senhor que levava uma bandeira do divino na mão. Essa bandeira tinha um mastro, tinha uma pombinha e era cercada de fitas que era oferecida nas casas onde a bandeira entrava. Outro senhor trazia uma sacola da cor da bandeira, toda vermelha e moldurada em amarelo. Outro senhor trazia o tambor, para chamar atenção do povo nas casas onde entravam. Recebiam ofertas como galinhas, ovos, dinheiro, ou outro tipo de oferta para ajudar na festa. Eles não cantavam, apenas batiam o tambor [sic]. (OLIVEIRA, 2010, p. 121).

E sobre a Bandeira de Cantoria ele cita:

A bandeira era a mesma da surda, só mudava os personagens, que era o fineiro, que alguns chamavam de tripa, o tamboreiro, que fazia a segunda voz e o tirador de verso. E entravam a segunda voz, e o fineiro, acompanhado pelo violino pelo violão e pelo tambor. Era muito bonito e arrastava muito seguidores. Quando existia duas bandeiras que se cruzava numa comunidade, elas se encontravam em frente à Igreja e as duas bandeiras se cruzavam e entravam na igreja em forma de cruz e cada

cantor tirava seu verso em frente do altar e as pessoas davam suas ofertas. Quando mais eles ofertavam, mais o cantor agradecia cantando. As pessoas levavam para sua casa um pedaço de fita que iam usando conforme necessidade. Em dias de temporais, sobre um prato com brasas, queimavam pedacinhos [sic] de fita para acalmar a tempestade. (OLIVEIRA, 2010, p. 121).

Documentação Fotográfica:

Figura 43 – Festa do Divino Espírito Santo



Fonte: Site Prefeitura Laguna, 2016b

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN. **Referências Culturais**. Projeto Diagnóstico Documental do Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina. Convênio 51/2006. Associação Educacional Luterana de Santa Catarina Bom Jesus (IELUSC) Faculdade de Turismo. Joinville, 2008.

LUCENA, Liliâne Monfardini Fernandes. **Laguna**: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Dissertação de mestrado para obtenção de grau de mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

OLIVEIRA, Laércio Vitorino de Jesus. Memória: um patrimônio irrenunciável, comunidades do distrito de Ribeirão Pequeno da Laguna . Palhoça: Ed. Unisul, 2010. 209 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Cultura**. Disponível em: <<http://www.laguna.sc.gov.br/cultura.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016b.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna / Cabeçuda	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Festa de São Pedro

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto (x)
 Médio ()
 Baixo ()
 Tombamento – Sim () Não ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ()
 Celebrações (X)
 Formas de expressão ()
 Lugares ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

() Desenvolvimento desordenado
 () Pressões turísticas e/ou de visitantes
 (x) Desinteresse da comunidade local
 (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Padroeiro do bairro de Cabeçuda, São Pedro é considerado o protetor de pescadores. Anualmente acontece uma celebração em sua homenagem no bairro. Geralmente

a festa ocorre entre o final de junho e início de julho, podendo variar de acordo com o calendário cristão (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA,2014b).

A festividade inclui missa e novenas com transladação da imagem do Santo na Igreja Matriz ou no Centro de Convivência, além de procissão, shows, apresentações culturais e gastronomia. Além do bairro de Cabeçuda, as comunidades de Farol de Santa Marta e Ponta das Pedras também prestam homenagem ao Santo (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA,2014b).

Documentação Fotográfica:

Não há.

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Comunidades prestam homenagem ao São Pedro**. Disponível em: < http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8009>. Acesso em: 26 jun. 2014b.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna / Centro e Mar Grosso	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Carnaval

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto (☒)
 Médio (☐)
 Baixo (☐)
 Tombamento – Sim (☐) Não (☐)

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer (☐)
 Celebrações (☒)
 Formas de expressão (☐)
 Lugares (☐)

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

(☐) Desenvolvimento desordenado
 (☐) Pressões turísticas e/ou de visitantes
 (☒) Desinteresse da comunidade local
 (☒) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Um dos maiores destaques turísticos do município, o Carnaval também faz parte da cultura do município, que, segundo site oficial, teve origem no século XVIII, com “Zé Pereira”, um grupo que saía pelas ruas de Laguna tocando bumbo, uma caixa de rufo e um par

de pratos (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA,2014c, Oliveira (2010) afirma que o carnaval era muito aguardado pelos jovens:

A mocidade aguardava com ansiedade a chegada do carnaval, pois era época dos blocos de carnaval à noite, da brincadeira do pereira e dos banhos d'água durante o dia. Lembramos que na linguagem do povo se pronunciava “perera” e não Zé Pereira, como é conhecido nacionalmente. (OLIVEIRA, 2010, p. 110).

Conforme explica o autor, “os foliões do Pereira”, como eram conhecidos, se reuniam em uma casa e se arrumavam com pinturas e máscaras, geralmente vestidos de mulher, e iam para a praça, onde eram aguardados por todos. A brincadeira consistia em adivinhar quem era o Pereira entre os foliões, e para adivinhar era preciso observar todos os detalhes (OLIVEIRA, 2010).

Sobre a brincadeira dos banhos d'água, Oliveira (2010) informa que consistia em jogar um balde ou lata de água em alguém que estava passando na rua durante os dias festivos. Os preferidos dos foliões eram os namorados, mas realmente não importava quem fosse e o que estava vestindo: se estivesse na rua, virava vítima da brincadeira.

Já no ano de 1880, havia os famosos desfiles dos carros alegóricos:

O Carnaval de 1880 descrito por ULYSSEA (1943), era constituído pelas brincadeiras de rua, com blocos de foliões e desfiles de carros alegóricos; e pelos bailes. Eram sociedades que formavam os Clubes de bairro, no Magalhães, no Campos e Fora e no Centro. Os Clubes organizavam as festas que aconteciam nas ruas, ou seja os desfiles com os carros alegóricos, além dos bailes. (LUCENA, 1998, p. 81).

De acordo com o site oficial da Prefeitura de Laguna, antes de os blocos tomarem as ruas da cidade, eles se apresentavam em salões, durante os bailes de carnaval. Os mais tradicionais eram: Pavão Branco, Toureiros, Damas Antigas e Bambo. Na década de 30 do século XX, os blocos tomaram as ruas e iniciou-se uma disputa pelas melhores fantasias, entrando em cena os blocos Bola Branca e Bola Preta (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA,2014c).

Segundo Lucena (1998), foi na década de 1980 que os órgãos oficiais começaram a observar que a festa estava trazendo turistas e veranistas, e junto com eles muitos benefícios para a cidade. Inicialmente a festa era feita apenas no Centro Histórico e começava 15 dias antes da data oficial de carnaval; na ocasião se reuniam escolas de samba para ensaiar, além do Bloco dos Sujos e Boi de Mamão.

Naquela época, a festa iniciava-se com um baile, realizado em um clube do Centro; nas noites seguintes, aconteciam os desfiles das Escolas de Samba, Boi de Mamão e Blocos Carnavalescos, nas ruas Gustavo Richard e Rua da Praia. Em seguida, aconteciam shows musicais no jardim e a festa terminava com mais bailes nos clubes (LUCENA, 1998).

Foi no início década de 1990 que a festa ganhou grandes proporções e passou a ser realizada na praia de Mar Grosso, ocasionando o enfraquecimento das festas realizadas no centro histórico:

Os bailes começaram a enfraquecer, “perder sua freguesia” para a festa de Carnaval que acontecia no Jardim, nas ruas e na praia. [...] e um fato curioso aconteceu: os moradores da cidade, que participavam e assistiam os desfiles, permaneciam em grande parte, com suas famílias na praça da Matriz, assistindo os shows. E na praia do Mar Grosso, a população “festeira” era predominantemente de turistas, veranistas, em número muito maior. [...] E a cada ano, a população inclusive de moradores do Centro, Progresso, Campo de Fora e demais bairros, aderem para a festa do Mar Grosso. O centro tornou-se uma área secundária. (LUCENA, 1998, p. 149).

Lucena (1998) também informa que em 1997 já não houve mais Carnaval na Praça, tendo sido realizado apenas um baile, à noite, por um clube.

A respeito da atualidade do Carnaval de Laguna, o Iphan completa:

Atualmente, cerca de 250 mil turistas brincam o carnaval em Laguna, e assistem ao desfile oficial das escolas de samba, realizado no centro histórico. Trios elétricos e blocos carnavalescos animam os foliões. Nas tardes de domingos, o “Bloco da Pracinha” sai do bairro de Magalhães arrastando gente na brincadeira até a praia do Mar Grosso. (IPHAN, 2008, p. 34).

No entanto, o carnaval não conta mais com desfiles de escolas de samba, por conta de falta de arrecadação de recursos para custear as apresentações. As escolas em atividade no município atualmente são Vila Isabel, Xavante, Democratas, Brinca quem Pode e Mocidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014c).

Documentação Fotográfica:

Figura 01 – Solenidade de abertura do Carnaval 2016, com a escola do Rei Momo e musas.



Fonte: Site Prefeitura de Laguna (2014c).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN. **Referências Culturais**. Projeto Diagnóstico Documental do Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina. Convênio 51/2006. Associação Educacional Luterana de Santa Catarina Bom Jesus (IELUSC) Faculdade de Turismo. Joinville, 2008.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes. **Laguna**: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Dissertação de mestrado para obtenção de grau de mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

OLIVEIRA, Laércio Vitorino de Jesus. **Memória**: um patrimônio irrenunciável, comunidades do distrito de Ribeirão Pequeno da Laguna . Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Antigos foliões guardam na memória os primeiros carnavais**. Disponível em: <
http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=7587>. Acesso em: 20 fev. 2014c.
 Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
 Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
 Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Terno de Reis

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☐ ()
 Celebrações ☒ (X)
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☐ ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☐ () Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Outra celebração realizada pelos açorianos, os quais eram católicos, é o Terno de Reis, baseado numa passagem da Bíblia, que conta que Jesus, em seu nascimento, foi visitado pelos três reis magos, chamados Melchior, Baltazar e Gaspar. A celebração acontece entre 24 de dezembro e 6 de janeiro e consiste em visitar a casa de amigos e parentes, e realizar

cantorias de Terno de Reis acompanhadas de instrumentos musicais, levando a mensagem divina (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b). “Em todo o estado catarinense, principalmente nas áreas litorâneas sob influência cultural luso-açoriana, a época é festejada com música e dança.” (IPHAN, 2008, p. 17).

Oliveira (2010) traz os depoimentos de alguns moradores de comunidades do distrito de Laguna para explicar como acontecia a celebração. Seu Nizo do Ribeirão Pequeno contribuiu com vários detalhes:

[...] Foram os açorianos que trouxeram o Reis Cantado nas casas. Era um grupo de cantores com viola, violão, violino, gaita, tambor. Faziam suas cantorias no dia vinte e quatro de dezembro e terminavam lá pelo dia quinze de janeiro, dia de Santo Amaro. Esses grupos visitavam as casas à noite para comemorar o nascimento de Cristo, cantando versos. Normalmente era cantado somente por homens. Também era costume o dono da casa, que recebia a cantoria de Reis, oferecer bebida, café, bolo, rosca [sic]. (OLIVEIRA, 2010, p. 120).

Outro morador, desta vez da comunidade da Figueira, conta mais detalhes:

A Folia de Rei eram as famílias que se organizavam para cantar na casa dos compadres amigos. Toda casa tinha um clima de harmonia e felicidade. Então, o povo chegava geralmente pela meia-noite ou uma hora da madrugada. O essencial é que o dono da casa estivesse dormindo. Pois bem, eles chegavam devagar, sem fazer barulho. Cantavam versos para acordar o dono da casa que acordava e abria a porta. Então os cantores entravam e continuavam a cantar dentro da casa [sic]. (OLIVEIRA, 2010, p. 120).

Conforme expressado na pesquisa de Oliveira (2010), as celebrações açorianas parecem ser uma forma de unir a comunidade.

Documentação Fotográfica:

Não há.

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN. **Referências Culturais**. Projeto Diagnóstico Documental do Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina. Convênio 51/2006. Associação Educacional Luterana de Santa Catarina Bom Jesus (IELUSC) Faculdade de Turismo. Joinville, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Cultura**. Disponível em: <<http://www.laguna.sc.gov.br/cultura.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016b.
Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

OLIVEIRA, Laércio Vitorino de Jesus. **Memória:** um patrimônio irrenunciável, comunidades do distrito de Ribeirão Pequeno da Laguna . Palhoça: Ed. Unisul, 2010. 209 p

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

**APÊNDICE C - Fichas de Inventário de Bem Cultural – Formas de
Expressão**

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Boi de Mamão

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto (x)
 Médio ()
 Baixo ()
 Tombamento – Sim () Não ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ()
 Celebrações ()
 Formas de expressão (X)
 Lugares ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

() Desenvolvimento desordenado
 () Pressões turísticas e/ou de visitantes
 (x) Desinteresse da comunidade local
 (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

De acordo com o site oficial do município de Laguna, o primeiro registro do Boi de Mamão remonta o ano de 1840 e tem sua origem no arquipélago de Açores e nas brincadeiras feitas pelos açorianos com o boi. Por conta da ocupação açoriana em nosso

estado, o folguedo é bastante comum nas cidades litorâneas onde há descendência açoriana (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b).

Oliveira afirma que a explicação mais simples para o surgimento do Boi de Mamão é que as crianças faziam careta de boi em mamões verdes, abrindo dois furos para os olhos e colocando dois paus fincados para representar os chifres, e assim brincavam (OLIVEIRA, 2010).

De acordo com o site da prefeitura do município, o principal elemento do boi é a ressurreição, uma vez que o folguedo consiste na dança e na cantoria em torno da morte e ressurreição da representação do boi (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b).

Por meio de pesquisas orais, o pesquisador Oliveira descobriu que anteriormente ao Boi de Mamão chamavam a brincadeira de Terno de Boi, que se tratava de um reza em forma de brincadeira, como forma de desejar boas-vindas. O Terno de Boi era feito toda a vez que alguém se mudava de casa. O grupo ia até a nova casa e fazia a cantoria do boi; em troca, ganhava bebida e comida do anfitrião (OLIVEIRA, 2010).

Sobre o folguedo, o site da prefeitura apresenta que a brincadeira é geralmente composta das seguintes figuras: o boi, o proprietário do boi, a Bernúncia e seu filhote, a Maricota, o doutor, a viúva, o cavalinho, outros bois e os corvos, e dá detalhes sobre o enredo:

O enredo envolve o boi de estimação de Mateus, no qual come algo que lhe faz mal e acaba morrendo. Desesperado, Mateus busca ajuda do médico e curandeiro para ressuscitá-lo. O boi ressuscita, e toda a freguesia festeja. Na representação desta manifestação folclórica, que habita a imaginação infantil, a personagem bernúncia engole crianças. Os personagens são confeccionados com pano, esponja, papel machê, arame, madeira e materiais diversos. (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016b).

Uma publicação do Iphan também discorre sobre a organização do Boi de Mamão:

A estrutura do boi utilizada nessa manifestação lúdica popular é confeccionada por integrantes da comunidade, que utilizam bambu e retalhos de tecidos para representar o corpo. Nessa brincadeira, são confeccionadas também outras figuras tradicionais (personagens) que compõem a festa do boi-de-mamão, como a Maricota, o Mateus, a Bernúncia, o Vaqueiro e o Cavalo-do-Meirinho. A assustadora Bernúncia é um bicho que não é “nem jacaré, nem dragão, nem hipopótamo, sendo todos os três ao mesmo tempo”. A Maricota, muito alta, dança de braços abertos e com eles vai distribuindo afagos e tapas, mantendo a roda da brincadeira sempre aberta. (IPHAN, 2008, p. 30).

Oliveira (2010), em sua pesquisa oral, coletou uma descrição da brincadeira feita por morador da comunidade de Ribeirão Pequeno, localizada no município de Laguna. Seu

Nizo, como é conhecido, descreveu a brincadeira e detalhes de sua confecção, realizada na comunidade:

Antigamente os homens faziam o Boi arqueando uma vara de bambu, confeccionando o corpo do boi. Na frente do corpo, muitas vezes colocavam uma cabeça de boi de verdade. Depois podiam cobrir o corpo com uma esteira. Na hora da cantoria, o grupo de cantores tirava os versos e cantava, enquanto o boi dançava e atropelava o vaqueiro, dando suas aspadas na esperança de pegá-lo. Depois matavam o boi e chamavam o médico, que era outro vaqueiro caracterizado, dava cachaça e o boi levantava e começava a brincar de novo. Em seguida, chamavam o cavalezinho, que com um laço, laçava o boi e levava para o seu destino. Depois eram chamados outros bichos, como a cabra, o urso, o sarandi, o macaco e eles dançavam um por vez. Depois, os cantores com seus tambores cantavam a despedida e terminava a brincadeira [sic]. (OLIVEIRA, 2010, p. 119).

As brincadeiras não acontecem com a mesma frequência como antigamente.

Segundo Oliveira:

A brincadeira do Boi de Mamão poderia acontecer em qualquer tempo, mas o mais comum era entre os meses de maio, junho e julho, principalmente no tempo das festas de São João, Santo Antônio e São Pedro. Também na época da colheita do café e até perto do carnaval. Hoje, o Boi de Mamão se restringe mais às festas juninas e festas culturais folclóricas – como resgate cultural-, perdendo o caráter familiar de boas vindas. (OLIVEIRA, 2010, p. 118)

A brincadeira do boi ainda é bastante forte nas comunidades de descendentes de açorianos e, apesar de haver atualmente tantos outros atrativos tecnológicos no dia a dia das crianças e jovens, essa forma de expressão, quando celebrada nos dias atuais, ainda diverte o público de todas as idades.

Documentação Fotográfica:

Figura 01 – Boi de Mamão



Fonte: Site Prefeitura de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN. **Referências Culturais**. Projeto Diagnóstico Documental do Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina. Convênio 51/2006. Associação Educacional Luterana de Santa Catarina Bom Jesus (IELUSC) Faculdade de Turismo. Joinville, 2008.

OLIVEIRA, Laércio Vitorino de Jesus. **Memória**: um patrimônio irrenunciável, comunidades do distrito de Ribeirão Pequeno da Laguna . Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Cultura**. Disponível em:
<<http://www.laguna.sc.gov.br/cultura.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016b.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Etnia afro-brasileira

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☐ ()
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☒ (X)
 Lugares ☐ ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☐ () Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

A etnia afro-brasileira compõe não somente a formação sociocultural e econômica do Brasil, mas também do Estado de Santa Catarina e do município de Laguna.

De acordo com publicação do Iphan (2008, p. 39), “afora a contribuição gastronômica, linguística e religiosa, os negros, com seus costumes, afazeres, ofícios e artesanato, ajudaram a dar ao estado a sua configuração multiétnica”.

Há no município três comunidades quilombolas,²⁹ localizadas nos bairros de Carreira, Barranca do Siqueiro e Ribeirão da Pescaria Brava, distantes cerca de 25 quilômetros do centro. De acordo com o site de Laguna (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2010) essas comunidades vivem da agricultura e da economia de subsistência, e ali estão desde a proibição da escravidão, em 1888.

Até pouco tempo atrás, seu Artur Custódio, 80 anos, fazia o sabão, preparava o açúcar, desfiava algodão, misturava o colorau, fervia o melado, secava o café, cuidava do gado, arrumava a cerca, plantava hortaliças, cortava o carvão e colhia frutas. Mercado e lojas eram raros. Ele cultivava aquilo que precisava e fabricava o necessário. Seu pequeno sítio chegou a ser modelo de agricultura familiar três anos consecutivos, na década de 80. Ganhou medalhas do Ministério da Agricultura. Não sabe ler, nem escrever (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2010).

Atualmente, a agricultura não é mais a principal atividade das comunidades, conforme explica matéria do site de Laguna (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2010): “Engenho deu lugar às máquinas de costura, chão batido ao cimento e a força animal a energia elétrica. Assim dez mulheres da comunidade negra de Carreira do Siqueiro montaram uma pequena fábrica de confecção, onde recebem peças de fábricas da região para costurar”.

²⁹ “Quilombo - O artigo 68 da Constituição Federal de 1988 deu um novo significado ao termo quilombo, não mais atrelado ao conceito histórico de grupos formados por escravos fugitivos. Atualmente, o termo é usado para designar a situação dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do país, fazendo referência a terras que resultaram na compra por negros libertos.” Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2010

Documentação Fotográfica:

Figura 01 – Antigo engenho da comunidade quilombola.



Fonte: Prefeitura Municipal de Laguna, 2010.

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN. **Referências Culturais**. Projeto Diagnóstico Documental do Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina. Convênio 51/2006. Associação Educacional Luterana de Santa Catarina Bom Jesus (IELUSC) Faculdade de Turismo. Joinville, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Quilombos em Laguna. Comunidades negras resistem ao tempo e a miscigenação**. Disponível em: <
<http://www.laguna.sc.gov.br/noticias/quilombos-em-laguna-comunidades-negras-resistem-ao-tempo-e-a-miscigenacao-4276>>. Acesso em: 28 outubro. 2010.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

**APÊNDICE D - Fichas de Inventário de Bem Cultural – Ofícios e Modos de
Fazer**

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Mestres Artífices

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☒ (x)
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☐ ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☐ () Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Laguna, por possuir uma grande quantidade de bens materiais tombados, impulsionou o crescimento do mercado de restauradores, tendo inclusive um curso sido

oferecido pelo Iphan em 2006 para formar conservadores e restauradores para trabalharem na preservação do patrimônio material do município (PIMENTA, 2012).

No entanto, isso não desmerece o conhecimento trazido e aprendido ao longo da vida pelos quatro mestres artífices lagunenses, como são chamados, que aprenderam o ofício de carpinteiro e pedreiro, sendo sua profissão e modo de fazer extremamente importantes para a conservação e restauração do patrimônio material de Laguna.

- *Alcides Bosa* (Mestre Artífice – Pedreiro e Carpinteiro)

Natural de Nova Veneza e descendente de imigrantes italianos, tem grande importância na conservação e restauração do Centro Histórico de Laguna, uma vez foi mestre responsável por restaurações importantes realizadas na Casa Pinto D’Ulisséa, Casa Condemil e Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos (PIMENTA, 2012). Em depoimento ao livro feito pelo Iphan, seu Alcides Bosa conta um pouco de sua trajetória:

Toda a vida foi em construção (o seu trabalho)... (comecei com) 12 anos. Trabalhei um ano sem ganhar um centavo, para aprender, que, naquela época, na nossa região lá, os pai colocava os filho, se era para motorista ele colocava para trabalhar com uma pessoa que tivesse um caminhão, trabalhava um período sem ganhar, pedreiro era a mesma coisa... Eu fui para pedreiro,... eu gostava, gostava da construção. E o meu tio, eu tinha um tio que era casado com uma minha tia, irmã do falecido meu pai, ele era um grande oficial e o pai dele também, já era um senhor de idade, mexia só com obras assim, naquele estilo de antigamente, estilo que nós dizia que era estilo, assim, econômico, que não tinha cimento, não tinha nada, então era feito na base do cal e o barro, não é? E aí eu comecei, a primeira obra foi numa igrejazinha que se chama... numa localidade ali entre Nova Veneza e Siderópolis, chama São Martinho. Mas a comunidade era muito pobre, então foi feito reboco, um emboço de barro primeiro, para depois passar uma camada tipo uma fina só com cal e areia. Aí, o primeiro dia que o meu tio me colocou a trabalhar com uma colher, um dia de chuva assim, numa cimalha dessa, eu chegava a chorar, porque eu batia a massa lá, mas tava tudo molhado, puf, caia, não é? Já não sabia bater direito, que tava começando, e com tempo úmido... chegava a chorar, e ele era daqueles italiano bem durão, não é? Gritava, tem que aprender, e assim eu fui aprendendo. Com doze anos de idade eu comecei. Aí, já com quatorze anos eu já era... aí, meu tio diz, não, agora tu já é pedreiro. Aí, quando ele pegava uma obra, eu ia e já ganhava como pedreiro. Naquela época o salário mínimo era dois conto e quatrocentos. Então eu tirava média de quase dois salários. Dava quase cinco mil contos. Era dinheiro que barbaridade. (BOSA, 2010 *apud* PIMENTA, 2012, p. 60-61).

Por conta de todo o conhecimento e experiência do Mestre Alcides Bosa, ele foi convidado para ministrar aulas práticas do curso de Técnicas de Restauro organizado pelo Iphan, em convênio com a Unisul, em 2006 (PIMENTA, 2012).

- *Fábio da Silva* (Mestre artífice – Pedreiro e Carpinteiro)

Com experiência em carpintaria e construção, participou de vários trabalhos de restauração em Laguna, fiscalizado por arquitetos, levando-o até o curso de restauração

oferecido pelo Iphan. Fábio auxiliou no restauro do Centro Histórico de Laguna e conta um pouco de sua história na profissão:

Como a maioria dos profissionais de construção comecei de servente. Trabalhei um ano de servente... aqui em Laguna. Comecei a trabalhar, assim, em prédio, construção moderna. Aí, de lá saí, passei a trabalhar com acabamento, colocando cerâmica, forro, essas coisas assim. Até chegar no centro histórico... não trabalhei muito assim fora... de doze anos, faz uns oito anos que estou trabalhando só aqui no centro histórico. Aí, me convidaram para restaurar uma casa...essa mulher que mora aqui no centro me convidou... só para ela eu restaurei umas quatro casas... ela começou a gostar... foi assim uma coincidência...ela estava precisando de um pedreiro para arrumar o telhado... fui para ali, comecei [...] Quando eu pego uma obra eu contrato um pedreiro, ou dois, o resto do pessoal ajudante...e na parte de madeira eu nunca deixo ninguém fazer... não é que eu não deixo ninguém fazer, é porque eu gosto de fazer...não adianta botar um carpinteiro... numa coisa que eu gosto de fazer. Eu também faço esta parte aqui, tipo construção nova, faço tudo... mas o que eu gosto de fazer é isso aqui... é essas coisas antigas assim. (SILVA, 2010 *apud* PIMENTA, 2012, p. 62).

- *Alberto Loristan da Silva* (Mestre artífice – Pedreiro)

Pedreiro estabelecido no município de Laguna há 28 anos, sua formação no ofício aconteceu em Porto Alegre, trabalhando com um mestre português chamado Domingos. Além de pedreiro, também possui habilidade no trabalho com vidros:

Afirma possuir grande habilidade no trabalho com vidro. Em 1998 vieram a Laguna, por convênio cultural, dois italianos de Murano ministrar um curso de arte em vidro, com a técnica de maçarico. Schmidt fez o curso e se saiu muito bem. Tornou-se professor de arte em vidro em uma escola que se formou em Laguna e que funcionou por oito anos e formou mais de 800 alunos. (PIMENTA, 2012, p. 63).

É formado pelo curso de Restauro do Iphan, e seu principal trabalho em Laguna foi no restauro da casa em que nasceu Anita Garibaldi (PIMENTA, 2012).

- *Sr. Salvador* (Carpinteiro Naval)

Em recente pesquisa de mestrado sobre naufrágios do litoral sul de Santa Catarina, Demathé (2014) realizou pesquisa oral com pescadores, moradores e mergulhadores que pudessem contribuir com sua dissertação.

Salvador João Peixoto, carpinteiro naval de profissão e também pescador desde os 3 anos de idade, nasceu em 1925 na Passagem da Barra, em Laguna, onde vive atualmente, considerado o primeiro núcleo colonial açoriano da região (DEMATHÉ, 2014).

“A construção de embarcações permanece ainda um ofício a merecer reconhecimento em Santa Catarina. Os artesãos têm noção de engenharia e carpintaria e o ofício é passado de pai para filho, reproduzindo-se por gerações afora” (IPHAN, 2008, p. 102).

Neto de Sr. Elizardo, com quem aprendeu o ofício da pesca, foi quem fundou a comunidade de Farol de Santa Marta. Demathé conta um pouco sobre a trajetória do carpinteiro naval:

Aos treze anos, Salvador foi aprender um ofício junto à oficina “Co.Brasil” de carpintaria naval, em Laguna, onde se dedicou até sua formação. Ele aposentou como Carpinteiro Naval na mesma empresa que entrou como aprendiz e hoje seu filho continua o ofício em um pequeno estaleiro em sua casa.

Sr. Salvador, aos 89 anos, é um profundo conhecedor das embarcações que transitavam por essa região, prestou serviço também à Marinha e ajudou a desenvolver vários projetos de novas embarcações. (DEMATHÉ, 2014, p. 117).

Na trecho, detalhes do conhecimento adquirido durante décadas no ofício de carpintaria naval, conforme exposto por Demathé em entrevista:

No galpão, havia um bote em construção com mais de sete metros, faltando ainda algumas partes, entre elas, algumas cavernas e todo o costado. Salvador fez questão de mostrar todas as partes do bote, a forma de se construir, as madeiras empregadas, os detalhes de construção e um conhecimento que, segundo ele, não existe em planta nenhuma. Ainda no galpão, mostrou as antigas ferramentas utilizadas na construção e manutenção das baleeiras, como o alefriz, a plaina e as diversas serras utilizadas em sua vida de dedicação à carpintaria naval. (DEMATHÉ, 2014, p. 118).

Na foto abaixo, a imagem de Sr. Salvador ao lado de sua obra: um bote de madeira em construção.

Documentação Fotográfica:

Figura 01 - Mestre Alcides Bosa



Fonte: PIMENTA, 2012.

Figura 02 - Mestre Fábio da Silva



Fonte: PIMENTA, 2012.

Figura 03 - Mestre Alberto Loristan da Silva.



Fonte: PIMENTA, 2012.

Figura 04 - Galpão de carpintaria naval do Sr. Salvador. Bote em madeira em fase de construção.



Foto: Alexandro Demathé. Fonte: DEMATHÉ, 2014.

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Artes do mar – Laguna - SC**. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009. 72 p. (Preservação e Desenvolvimento ; 15)

PIMENTA, de Margareth de Castro Afeche (coord.). **Mestres artífices de Santa Catarina** – Brasília, DF : Iphan, 2012. 196 p. (Cadernos de Memória ; 2).

DEMATHE, Alexandre. **Entre sambaquis, redes e naufrágios: Arqueologia Costeira no Parque Arqueológico do Sul - SC**. Dissertação de Mestrado - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014. 201 p.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Artesanato Doméstico

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☒ (x)
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☐ ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☐ () Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Artesanato Doméstico

A forte ligação dos moradores lagunenses com o mar, além de ser vista nos costumes, também é estampada no artesanato. “Do mar e das praias também vêm matérias-

primas utilizadas pelas mulheres no artesanato doméstico, influenciado por tradições indígenas e europeias” (IPHAN, 2009, p. 38).

De acordo com livreto “Artes do Mar”, elaborado pelo Iphan, em 2004 foi criada em Laguna a Associação de Artesãs Artes do Mar (AAAM), por meio da Prefeitura Municipal e do Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) de Santa Catarina.

Até aquele ano, o grupo de fundadoras fazia tricô, crochê e alguns objetos de decoração com seixos, areia, conchas e outros produtos. Então aprenderam a utilizar escamas de peixe, ao natural e tingidas, para a confecção de flores e de bijuterias, assim como para enfeitar vasos, caixas e outros objetos, a exemplo do que se faz no arquipélago português dos Açores. (IPHAN, 2009, p. 38).

Anteriormente à implantação do projeto, o grupo de artesãs produzia bijuterias como colares, anéis e brincos com escamas selecionadas dos peixes tainha, corvina e miraguaia, atividade bastante trabalhosa. Logo a ideia de produzir joias em vez de bijuterias partiu das artesãs, com o intuito de melhorar a renda e valorizar o trabalho. Mariza Therezinha Preichardt, presidente da Associação na época, juntou-se à arte-educadora Gizely Cesconetto e à arquiteta do Iphan Ana Paula Cittadin, oportunidade em que elaboraram o projeto e o enviaram ao programa Monumenta³⁰ para arrecadar recursos (IPHAN, 2009).

O grupo de artesãs que faziam parte da AAAM, após ter seu projeto aprovado, iniciou um curso com o ourives Juan Alvez; “cada artesã aprendeu todas as operações de uma cadeia que vai da fundição da prata ao acabamento das peças” (IPHAN, 2009, p. 43). Também contribuiu com as atividades a designer Maria Cláudia Gomes, desenhando um total de 14 joias com a aprovação das artesãs, que, após ficarem prontas, foram comercializadas na loja delas, que estava localizada no Mercado Público anteriormente à restauração (IPHAN, 2009).

Atualmente o grupo de artesãs está, juntamente com a associação Nossa Terra, representando o artesanato regional e comercializando seus produtos na Casa das Artes de Laguna, localizada no Centro Histórico, no prédio da antiga estação de energia. O local iniciou suas atividades no final do ano de 2013, a partir do projeto Consórcio das Artes.³¹ O prédio da Casa das Artes passou por reforma e atualmente recebe turistas, que têm à

³⁰IPAC. O Monumenta é um programa estratégico do Ministério da Cultura. Seu conceito é inovador e procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social. Disponível em: <http://www.ipac.ba.gov.br/preservacao/monumenta>. Acesso em: 23 mar. 2016.

³¹LAGUNA. Projeto que reuniu uma parceria entre o Instituto Camargo Corrêa, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Governo Federal, Consórcio Ponte de Laguna, composto pela Construtora Camargo Corrêa, Aterpa M. Martins e Construbase. Disponível em: http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8565. Acesso em: 23 mar. 2016.

disposição mais de mil itens confeccionados por 16 mulheres artesãs (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014d).

Documentação Fotográfica:

Figura 01 - Grupo de Artesãs da Casa das Artes.



Fonte: Site da Prefeitura de Laguna (2014d).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Artes do mar – Laguna – SC.** Brasília, DF: Iphan; Programa Monumenta, 2009. (Preservação e Desenvolvimento, 15).

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Casa das Artes é referência do artesanato de Laguna.** Disponível em: < http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8565>. Acesso em: 20 fev. 2014d.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Pesca com auxílio de botos

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☒ (x)
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☐ ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☒ (x) Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

A pesca artesanal com auxílio de botos acontece em Laguna há muito tempo, no entanto recentemente tem atraído o olhar de pesquisadores e da mídia, o que deu mais visibilidade à prática e atraiu a atividade turística.

Para saber há quanto tempo a pesca artesanal com auxílio de botos acontece em Laguna, Lino (2014) realizou entrevistas com pescadores, os quais afirmaram que seus avós já realizavam tal prática, a qual é passada de geração a geração. Peterson (2005) também informa em seu trabalho que a prática ocorre há muitas décadas e tem sido repassada por várias gerações.

Ainda de acordo com Lino (2014), os pescadores percebem a preferência dos botos pelo consumo da tainha, peixe que tem sua pesca permitida nos meses de maio a meados de agosto:

Os botos acompanham os cardumes em direção ao canal que liga a Lagoa de Santo Antônio ao mar aberto, onde os pescadores estão enfileirados, o cardume é encurralado entre os pescadores e os botos, e quando isso acontece os botos fazem alguns movimentos para avisar o momento de jogar a tarrafa. Porém é necessário, obviamente, um conhecimento prévio e específico, pois os botos fazem inúmeros movimentos e cabe ao pescador, a tarefa de decifrar quando o cetáceo está auxiliando a pesca, e quando não está. (LINO, 2014, p. 92).

Peterson (2005, p. 2) afirma que os botos filhotes aprendem a pescar com as fêmeas adultas através de “imitação, instrução direta ou ensino”. Afirma ainda que a participação cooperativa dos botos na atividade se deve aos “fortes padrões de fidelidade ao local e à participação de grande parte dos membros da população, ao longo das gerações” (PETERSON, 2005, p. 2).

Os pescadores valorizam muito a presença e o auxílio dos botos na atividade pesqueira e devido a essa relação atribuem nome aos cetáceos e também identificam parentesco entre eles (PERTERSON, 2005).

Consoante Lino (2014, p. 94), “os botos que auxiliam na pesca são chamados de ‘botos bons’ e os botos que não auxiliam são chamados de ‘botos ruins’”, e o peixe consumido por eles é o que fica embaixo da tarrafa, perdido do cardume. Ainda de acordo com a autora, os cetáceos são reconhecidos por marcas e cicatrizes. Durante as entrevistas com pescadores alguns nomes de botos foram citados: “Caroba, Mandala, Cabide, Botinha do Rio, Figueiredo, Avalanche, Scooby, Chega-mais, Juscelino, Eletrônico, entre outros” (LINO, 2014, p. 94).

Lino defende que a prática configura um patrimônio cultural, argumentando que:

o patrimônio cultural deve, inexoravelmente, estar diretamente ligado à dinâmica e significado de certo grupo ou sociedade como bem simbólico. De forma a evocar uma memória, uma identidade, um sentimento de pertencimento. No caso dos pescadores, a comunicação com os botos, faz parte da dinâmica e vivências desse grupo. (LINO, 2014, p. 95).

Ainda de acordo com a autora, a relação que o boto tem com o pescador diferencia os pescadores artesanais dos não artesanais:

Outro elemento importante nessa análise é o quanto a relação com o boto, forma e identifica o pescador artesanal com auxílio dos botos, a comunicação interespecie, o faz diferente dos demais pescadores artesanais e não artesanais. (LINO, 2014, p. 97).

A prática de pesca artesanal com auxílio de botos no município é um fato que a diferencia de qualquer outra cidade do Brasil, uma vez que essa prática é realizada somente em Laguna e na Maurîtânia, na África (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016c). Portanto, devido à importância da pesca e do turismo para a economia do município, a pesca artesanal com auxílio de botos atrai diversos olhares, tornando-a um fato que identifica a cidade e seu povo.

Além disso, foi criada a Lei nº 521, de 10 de novembro de 1997. Nela passam os botos a serem considerados patrimônio natural do município de Laguna, conforme se observa no artigo 1º: “Art. 1º – São declarados como Patrimônio Natural do Município de Laguna, os Botos (Golfinhos) da espécie *Tursiops Truncatus (gephyreus)*, que fazem da lagoa Santo Antônio dos Anjos seu habitat natural”.³²

A lei prevê a proteção dos botos, a divulgação do seu *status* de patrimônio natural no turismo, o incentivo a estudos científicos sobre a espécie, bem como a conscientização da população sobre a preservação do animal, e ainda o monitoramento de possíveis poluições da água da lagoa onde eles vivem.⁵⁴

Documentação Fotográfica:

³²Lei 521/97. JusBrasil. Disponível em: <http://camara-municipal-da-laguna.jusbrasil.com.br/legislacao/1019502/lei-521-97>. Acesso em: 23 mar. 2016.

Figura 01 – Pesca com o auxílio de botos



Fonte: Site Prefeitura de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

LINO, Fátima Satsuki de Araujo. A comunicação entre pescadores artesanais e os botos de Laguna como patrimônio cultural. **Cadernos NAUI**, v. 3, n. 5, p. 91-99, jul./dez. 2014.

PETERSON, Débora. **Etnobiologia dos botos (*Tursiops truncatus*) e a pesca cooperativa em Laguna, Santa Catarina**. Monografia de Bacharel em Ciências Biológicas. UFSC, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Pesca**. Disponível em:
<<http://www.laguna.sc.gov.br/pesca.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016c.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Butiá

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☒ (x)
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☐ ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☒ (x) Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

De acordo com site do município, a planta é *butiá capitata* var. *adorata*, da família *Palmae*, popularmente conhecida como “butiá da praia, butiá-miúdo e butiá pequeno”. O bituazeiro é originário do Uruguai e foi implantado em Laguna por índios e tropeiros, adaptando-se muito bem ao clima lagunar, tendo como fruto o butiá, de cor amarela, utilizado

na produção de sorvetes, sucos e licores. A planta tem duração média de 100 anos, e os frutos costumam aparecer no verão (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2008).

O potencial econômico do butiá já foi percebido há bastante tempo e tem contribuído como fonte complementar de renda de muitas famílias. As famílias vendem os frutos às margens da BR-101. Além de produzirem artesanalmente suco e “cachaça de butiá”, revendem o fruto para fábricas de sorvetes. Anteriormente à exploração do fruto, as folhas eram utilizadas na fabricação de colchões, gerando fonte de renda (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2008).

Inicialmente, a planta se espalhou por todo o território de Laguna, no entanto atualmente está presente apenas em poucas regiões. Devido a essa diminuição da frequência da planta, ambientalistas e organizações não governamentais passaram a tomar providências a fim de evitar a extinção do butiazeiro (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2008).

Entre as medidas de preservação estão a inclusão da planta nos projetos paisagísticos das obras, feitos pela Secretaria de Planejamento Urbano e Habitação. O incentivo do plantio dá-se através da educação ambiental feito pela Fundação Lagunense do Meio Ambiente (Flama). Talvez a mais importante das medidas seja a declaração do butiazeiro como planta símbolo do município, através da Lei Municipal nº 1.121, de 30 de novembro de 2005, que também protege a planta, proibindo sua queimada ou corte, práticas estas bastante comuns antes da promulgação da lei. Além disso, o Governo Federal determinou a preservação da planta durante as obras de duplicação da BR-101 (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2008).

Documentação Fotográfica:

Figura 01 - Butiazeiro na paisagem de Laguna



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Resgate da planta símbolo do município para a sua preservação.** Disponível em: < Resgate da planta símbolo do município para a sua preservação>. Acesso em: 06 jun. 2008.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

APÊNDICE E - Fichas de Inventário de Bem Cultural – Edificações

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Material	
Município (área - urbana/rural): Laguna – Área Urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Nome do bem: Casa de Câmara e Cadeia

Localização: Centro, Centro Histórico.

Proprietário e ou autoridade responsável: IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

Mapas e plantas apresentando os limites do bem e seu entorno:

Não há.

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural material:

Alto (X)

Médio ()

Baixo ()

Tombamento – Sim (X) * Não () *Dados do registro no IPHAN: Tombado em 1954 através do Decreto-Lei nº 25 de 1937.

Categoria do patrimônio cultural material:

Edificações (X)

Sítios Arqueológicos ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio material:

Informação não levantada.

Estado de conservação e atual uso do bem (no caso das edificações: se está sendo ocupada como moradia, museu, sala comercial, etc.):

Atualmente abriga o Museu Anita Garibaldi, tendo inclusive na praça em frente ao edifício uma estátua em homenagem a ela, inaugurada em 1964. Ao analisar a representação do espaço dedicado ao Museu, Reitz e Yunes (2014, p. 14) dão a seguinte contribuição:

Já o Museu Anita Garibaldi, a antiga Casa de Câmara e Cadeia, é dedicado à Guerra dos Farrapos e a República Juliana, instaurada na mesma praça onde se situa o museu. Ao carregar o nome de Anita, o espaço de limita a atribuir os acontecimentos

a uma única personagem, valorizando-a em prol de um evento com variados protagonistas.

O Museu Anita Garibaldi foi inaugurado em 31 de julho de 1949, onde há um acervo de peças valiosas que fazem parte da história de Laguna, com peças arqueológicas produzidas pelos grupos indígenas pré-históricos e objetos pertencentes aos colonizadores (IPHAN, 2016d, PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016d).

Fatores que afetam o patrimônio cultural material:

- (x) Pressões do desenvolvimento
- () Pressões ambientais
- () Desastres naturais ou riscos
- () Pressão de turistas ou visitantes
- () Número do habitantes no bem ou seu entorno

Informações do patrimônio cultural material (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

O prédio que abrigou a antiga Casa de Câmara e Cadeia do município é reconhecido como a primeira edificação construída, em 1735.³³ No entanto, uma década antes disso, em 1724, já havia registro de que existia algum edifício para abrigar prisioneiros da cidade: “documento de 13 de julho de 1724, pelo qual Brito Peixoto ordenava que todo aquele que vendesse armas aos espanhóis, em todo o município fosse preso por vinte dias, na cadeia pública e condenado a pagar 6\$00 de multa, para as obras da matriz” (TAVARES et al., 1983; IPHAN, 2016d).

Sobre o edifício que abrigaria a Casa de Câmara e Cadeia antes do atual, Tavares et al. (1983) acreditam que a atual Casa de Anita pode ser uma possível, pois, além de esta localizar-se na praça da Matriz, onde eram dispostas as primeiras construções da vila, a casa também foge dos padrões residenciais da época, indicando uma função militar ou judicial (TAVARES et al., 1983).

O prédio da Casa da Câmara e Cadeia funcionava como cadeia pública na parte inferior e Câmara de Vereadores na parte superior. Dall’Alba apresenta um pouco de como era a estrutura antes de 1880:

³³ Data disponibilizada no site do Iphan, no entanto Tavares et al. (1983) atribuem a data de 1747 como de sua construção.

O pavimento superior, ou primeiro andar, serve para o paço da Câmara Municipal, sala de audiências e do Júri. Tem dois grandes salões forrados a papel, bem mobiliados, sendo a única municipalidade da Província que possui tão importante edifício. O pavimento térreo, que é o que serve de cadeia, divide-se em 4 prisões para o recolhimento de criminosos, deixando lateralmente um saguão para quartel da polícia, com uma pequena sala, onde mora o carcereiro. (DALL'ALBA, 1979, p. 50).

O prédio foi palco da proclamação da República catarinense, no ano de 1839, durante a Revolução Farroupilha.

Documentação (fotográfica, textos, bibliografias, e outras documentações que citem o bem)

Figura 01 – Antiga Casa de Câmara e Cadeia



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

DALL'ALBA, João Leonir. **Laguna antes de 1880**: documentário. Florianópolis: Lunardelli: UDESC, 1979. 175 p.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Laguna (SC)**. Disponível em: < <http://portal.Iphan.gov.br/pagina/detalhes/397/>>. Acesso em: 20 mar. 2016d.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Museus**. Disponível em: < <http://www.laguna.sc.gov.br/museus.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016d.

TAVARES, Jeanine Mara et al.. **Valorização do sítio histórico da Laguna**, 1983. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Material	
Município (área - urbana/rural): Laguna - Área urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Nome do bem: Igreja Santo Antônio dos Anjos

Localização: Centro, Centro Histórico.

Proprietário e ou autoridade responsável: IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

Mapas e plantas apresentando os limites do bem e seu entorno:

Não há.

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural material:

Alto (X)

Médio ()

Baixo ()

Tombamento – Sim (X) * Não () *Dados do registro no IPHAN: Tombado através do Decreto-Lei nº 25 de 1937.

Categoria do patrimônio cultural material:

Edificações (X)

Sítios Arqueológicos ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio material:

Informação não levantada.

Estado de conservação e atual uso do bem (no caso das edificações: se está sendo ocupada como moradia, museu, sala comercial, etc.):

Na Matriz lagunense são realizadas as festividades em honra ao padroeiro e nela estão enterrados os restos mortais de Anita Garibaldi (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e).

Fatores que afetam o patrimônio cultural material:

- (x) Pressões do desenvolvimento
- () Pressões ambientais
- () Desastres naturais ou riscos
- () Pressão de turistas ou visitantes
- () Número do habitantes no bem ou seu entorno

Informações do patrimônio cultural material (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Uma das primeiras edificações da cidade, em 1696, foi construída de pau a pique (trama de varas de madeira preenchida com barro) e coberta de palha a pedido de Domingos de Brito Peixoto, fundador da cidade e devoto do Santo, tendo trazido consigo uma pequena imagem do santo considerado “casamenteiro”. Em frente à igreja já havia sido reservado um grande campo, para futuramente construir uma praça, a praça da Matriz (TAVARES et al., 1983; IPHAN, 2016d; LUCENA, 1998).

É da igreja que parte o núcleo inicial da cidade e é também a partir dela que as ruas são traçadas, seguindo em direção à lagoa (TAVARES et al., 1983).

A capela e o “Campo de Manejo” (futura praça) formavam um dos pontos geradores do traçado urbano. Os demais pontos de expansão do traçado urbano foram: a fonte d’água e o movimento portuário ao longo da praia (atual Rua Gustavo Richard). A interligação destes pontos constituíram as primeiras ruas. (LUCENA, 1998, p. 11).

Somente mais tarde a construção de pau a pique foi substituída por uma construção feita de pedra e cal, com rejunte de óleo de baleia (TAVARES et al., 1983).

Foi na igreja que Anita Garibaldi casou-se com seu primeiro marido, “Manoel dos Cachorros” (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e).

Documentação (fotográfica, textos, bibliografias, e outras documentações que citem o bem)

Figura 44 – Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016)

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Laguna (SC)**. Disponível em: < <http://portal.Iphan.gov.br/pagina/detalhes/397/>>. Acesso em: 20 mar. 2016d.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes. **Laguna: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana**. Dissertação de mestrado para obtenção de grau de mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Pontos Turísticos**. Disponível em: < <http://www.laguna.sc.gov.br/museus.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016e.

TAVARES, Jeanine Mara et al. Valorização do sítio histórico da Laguna, 1983. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Material	
Município (área - urbana/rural): Laguna - Área urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Nome do bem: Casa Pinto D’Ulysséa

Localização: Centro, Centro Histórico.

Proprietário e ou autoridade responsável: IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

Mapas e plantas apresentando os limites do bem e seu entorno:

Não há.

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural material:

Alto (X)

Médio ()

Baixo ()

Tombamento – Sim (X) * Não () *Dados do registro no IPHAN: Tombado através do Decreto-Lei nº 25 de 1937.

Categoria do patrimônio cultural material:

Edificações (X)

Sítios Arqueológicos ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio material:

Informação não levantada.

Estado de conservação e atual uso do bem (no caso das edificações: se está sendo ocupada como moradia, museu, sala comercial, etc.):

Atualmente é sede da Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo da cidade e da Fundação Lagunense de Cultura (IPHAN, 2016d, PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e).

Fatores que afetam o patrimônio cultural material:

- (x) Pressões do desenvolvimento
- () Pressões ambientais
- () Desastres naturais ou riscos
- () Pressão de turistas ou visitantes
- () Número do habitantes no bem ou seu entorno

Informações do patrimônio cultural material (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Construção datada de 1866, destaca-se por ser um edifício feito com base nos padrões portugueses da época, demonstrando a forte influência da imigração açoriana na cidade. A casa é réplica de uma “Quinta de Portugal”, que é o tipo de construção a que os portugueses se referiam como propriedade rural. A edificação está localizada ao largo da Fonte da Carioca e é conhecida como “Casa dos Azulejos”, por ser toda revestida com azulejos trazidos de Portugal. Passou por uma restauração em 1982, mantendo suas características originais (IPHAN, 2016d, PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e).

De acordo com Tavares et al. (1983), o estilo de habitação da Casa Pinto D’Ulysséa também é conhecido como casa-chácara, bastante comum no período colonial, no entanto em Laguna esse tipo de construção era menos frequente, “talvez por se tratar de um núcleo mais pobre, onde a abundância só chegará no final do século XIX e início do século XX” (TAVARES et al., 1983, p. 51).

Documentação (fotográfica, textos, bibliografias, e outras documentações que citem o bem)

Figura 01 – Casa Pinto D’Ulysséa



Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Laguna (SC)**. Disponível em: < <http://portal.Iphan.gov.br/pagina/detalhes/397/>>. Acesso em: 20 mar. 2016d.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Pontos Turísticos**. Disponível em: < <http://www.laguna.sc.gov.br/museus.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016e.

TAVARES, Jeanine Mara et al.. Valorização do sítio histórico da Laguna, 1983. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Material	
Município (área - urbana/rural): Laguna - Área urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Nome do bem: Casa de Anita

Localização: Centro, Centro Histórico.

Proprietário e ou autoridade responsável: IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

Mapas e plantas apresentando os limites do bem e seu entorno:

Não há.

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural material:

Alto (X)

Médio ()

Baixo ()

Tombamento – Sim (X) * Não () *Dados do registro no IPHAN: Tombado através do Decreto-Lei nº 25 de 1937.

Categoria do patrimônio cultural material:

Edificações (X)

Sítios Arqueológicos ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio material:

Informação não levantada.

Estado de conservação e atual uso do bem (no caso das edificações: se está sendo ocupada como moradia, museu, sala comercial, etc.):

Atualmente a Casa de Anita funciona como museu, foi onde ela se vestiu para seu primeiro casamento, antes de participar das batalhas entre farroupilhas e imperialistas e por este motivo, contém um acervo que lembra a trajetória da heroína e seu romance com Giuseppe Garibaldi. Dentre os objetos, há móveis da época e utensílios pessoais, uma urna com a terra da sepultura da heroína e o mastro do navio “Seival”, uma das embarcações

transportadas por Giuseppe Garibaldi desde o interior do Rio Grande do Sul tomada de Laguna (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016d).

Fatores que afetam o patrimônio cultural material:

- (x) Pressões do desenvolvimento
- () Pressões ambientais
- () Desastres naturais ou riscos
- () Pressão de turistas ou visitantes
- () Número do habitantes no bem ou seu entorno

Informações do patrimônio cultural material (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Infelizmente não identificamos a data de sua construção nas bibliografias. Foi restaurada na década de 70 e é hoje uma das edificações que mais atraem os olhares dos turistas ao visitar o Centro Histórico (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016d).

Conforme citamos anteriormente, Tavares et al. (1983) especulam em sua obra sobre a possibilidade de a Casa de Anita ter sediado a primeira cadeia da cidade, antes de 1747, e afirmam que o fato de ela não ser de dois pisos, como era costume em construções com esse fim, se deve à escassez de recursos, conforme podemos observar:

Se assim tivesse sido, o fato desta casa não ser de dois pavimentos, como era comum nas construções para tais fins, se deve a escassez inicial de mão-de-obra e de materiais adequados estruturalmente. A solução, portanto, seria desenvolver o programa arquitetônico em um único plano, separando a casa do ouvidor da casa da cadeia, tal qual hoje se apresenta a referida casa. (TAVARES et al., 1983, p. 47).

Reitz e Yunes (2014) atribuem a Casa de Anita a um uso do patrimônio aliado ao apelo turístico, uma vez que, apesar de carregar o nome dela, não foi onde Anita morou, esta conhecida como a Casa da Rua do Rincão. Segundo pesquisadores, o nome “desmonta a historicidade de seu verdadeiro lar, localizado algumas ruas dali” (REITZ; YUNES, 2014, p. 14).

Documentação (fotográfica, textos, bibliografias, e outras documentações que citem o bem)

Figura 01 – Casa de Anita



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Museus**. Disponível em: <<http://www.laguna.sc.gov.br/museus.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016d.
Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

REITZ, Lucas; YUNES, Gilberto S. O avesso da paisagem cultural em Laguna. 3º Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto – desafios e perspectivas. O Averso da Paisagem Cultural em Laguna. 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/trabalho/150/o-avesso-da-paisagem-cultural-em-laguna>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

TAVARES, Jeanine Mara et al. Valorização do sítio histórico da Laguna, 1983. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Material	
Município (área - urbana/rural): Laguna - Área urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Nome do bem: Teatro Cine Mussi

Localização: Centro, Centro Histórico.

Proprietário e ou autoridade responsável: IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); Gestão do SESC.

Mapas e plantas apresentando os limites do bem e seu entorno:

Não há.

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural material:

Alto (X)

Médio ()

Baixo ()

Tombamento – Sim (X) * Não () *Dados do registro no IPHAN: Tombado através do Decreto-Lei nº 25 de 1937.

Categoria do patrimônio cultural material:

Edificações (X)

Sítios Arqueológicos ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio material:

Informação não levantada.

Estado de conservação e atual uso do bem (no caso das edificações: se está sendo ocupada como moradia, museu, sala comercial, etc.):

Além disso, o Serviço Social do Comércio (SESC)³⁴ é que está fazendo a gestão do Teatro, desde sua reforma e reinauguração em novembro de 2014. A partir de então, o Sesc faz a gestão do local, planeja as ações, contrata equipe de trabalho e desenvolve o cronograma das atividades a serem realizadas (IPHAN, 2014).

Fatores que afetam o patrimônio cultural material:

- (x) Pressões do desenvolvimento
- () Pressões ambientais
- () Desastres naturais ou riscos
- () Pressão de turistas ou visitantes
- () Número do habitantes no bem ou seu entorno

Informações do patrimônio cultural material (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Teatro construído em 1947 e inaugurado em 1950 com a exibição do filme “A Valsa do Imperador”, foi projetado pelo arquiteto suíço Wolfgang Ludwig Rau a pedido do Sr. João Mussi. Construído no estilo “deco”, que seria o último estilo arquitetônico de Laguna, foi marcado pela transição entre a progresso do porto carbonífero da cidade e a decadência ocasionada pela instalação do porto de Imbituba, no ano de 1920 (TAVARES et al., 1983).

Esse local foi considerado um dos maiores espaços de entretenimento de nosso Estado, mas ficou por muitos anos parado, até, em 2011, ser adquirido pelo Iphan e passar por uma grande restauração, financiada pelo Governo Federal, sendo reinaugurado no final de 2014 (IPHAN, 2014; PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014e).

³⁴ SESC. Disponível em: <http://www.sesc-sc.com.br/blog/sesc-assina-termo-de-cessao-de-uso-cine-teatro-mussi-em-laguna/>. Acesso em: 23 mar. 2016

Documentação (fotográfica, textos, bibliografias, e outras documentações que citem o bem)

Figura 45 – Teatro Cine Mussi



Foto: Geraldo Gê. Fonte: Site Prefeitura de Laguna (2014e)

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Laguna (SC) inaugura Cine Mussi totalmente restaurado.** Disponível em: <
<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/43/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **O espetáculo vai começar. Cine Mussi será inaugurado dia 9.** Disponível em: <
http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8460>. Acesso em: 14 nov. 2014e.

TAVARES, Jeanine Mara et al. Valorização do sítio histórico da Laguna, 1983. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
 Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
 Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Material	
Município (área - urbana/rural): Laguna - Cabeçuda	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Nome do bem: Ponte Anita Garibaldi

Localização: Cabeçuda.

Proprietário e ou autoridade responsável: União.

Mapas e plantas apresentando os limites do bem e seu entorno:

Não há.

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural material:

Alto (X)

Médio ()

Baixo ()

Tombamento – Sim () * Não (X) *Dados do registro no IPHAN: _____

Categoria do patrimônio cultural material:

Edificações (X)

Sítios Arqueológicos ()

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio material:

Informação não levantada.

Estado de conservação e atual uso do bem (no caso das edificações: se está sendo ocupada como moradia, museu, sala comercial, etc.):

Não se aplica.

Fatores que afetam o patrimônio cultural material:

() Pressões do desenvolvimento

() Pressões ambientais

() Desastres naturais ou riscos

() Pressão de turistas ou visitantes

() Número do habitantes no bem ou seu entorno

Informações do patrimônio cultural material (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Ao falarmos sobre a Ponte Anita Garibaldi, precisamos fazer um retorno aos dados históricos para compreender os motivos de sua construção.

A descoberta de jazidas de carvão no sul do estado impulsionou o desenvolvimento econômico e atraiu investimentos estrangeiros, o que culminou na construção da Ferrovia Tereza Cristina (ZAMPARETTI, 2014; IPHAN, 2008).

De acordo com Zamparetti (2014, p. 36), “o início das construções da ferrovia datam janeiro de 1881, e término, com transporte efetivo, em setembro de 1884. Além do transporte carbonífero, mais efetivo a partir de 1919, a ferrovia era fundamental no transporte de pessoas e mercadorias de consumo”.

A publicação do Iphan também fala um pouco sobre as linhas da Ferrovia Tereza Cristina, explicando a ligação entre elas:

A linha tronco ligava o porto de Imbituba às minas. Um outro ramal conectava as estações de Bifurcação e Laguna. Ao todo, eram sete estações: Imbituba, Bifurcação, Laguna, Piedade, Pedras Grandes, Orleans e Minas. Em 1917, foi inaugurado o ramal Tubarão-Araranguá. (IPHAN, 2008, p. 26).

Na mesma época, mais precisamente em 1883, houve a construção de um terminal no bairro de Cabeçuda, e também a Ponte Ferroviária de Laranjeira (ZAMPARETTI, 2014).

De acordo com Cittadin (2010), com o aumento do escoamento de diversos produtos pela ferrovia, surgem novos investimentos, desta vez a construção da Ponte de Cabeçuda:

Já no final do século XIX a cidade experimenta o ciclo econômico do carvão, usado em abundância na região. O minério vem diretamente das minas de carvão, existentes nas cidades de Urussanga, Criciúma e Lauro Muller, por transporte ferroviário para ser embarcado no porto de Laguna. O escoamento desse produto faz surgir novas obras na região, como a Ponte da Cabeçuda, por onde passava a estrada de ferro Teresa Cristina e a construção dos molhes da barra em 1901. (CITTADIN, 2010, p. 89).

Zamparetti (2014, p. 43) também discorre sobre a construção da Ponte Henrique Lage, ou a Ponte de Cabeçuda, como é conhecida: “a obra da ponte Henrique Lage inicia-se

em 1936 e termina em 1946. Com a construção da nova linha férrea, que culmina na construção do aterro na lagoa e da nova ponte, sendo abandonada a antiga ponte férrea”.

Na década de 1970, iniciam-se as obras da Rodovia BR-101, a qual aproveitou o aterro da Ponte de Cabeçuda, apenas ampliando-o para permitir a passagem de veículos, além da construção de uma ponte de concreto (ZAMPARETTI, 2014).

A construção da rodovia BR 101 e abertura ao tráfego da ponte rodoviária da Cabeçuda, deslocou o polo econômico da região sul de Laguna, para outros municípios, como por exemplo Tubarão. Permaneceram aqui somente produtos pesqueiros, pequenas indústrias, como confecções e o processamento da fécula de mandioca e arroz. (CITTADIN, 2010, p. 91).

A necessidade da construção de uma nova ponte surge com as obras de duplicação da BR-101, a qual já não dava conta do fluxo intenso de veículos que circulavam diariamente no local, com picos de congestionamento principalmente no verão, ocasionados pela vinda de turistas para as praias do sul e do norte. O nome da ponte homenageia Anita Garibaldi, considerada uma heroína lagunense. A Ponte Anita Garibaldi possui 2,8 quilômetros de extensão e quatro pistas, o que favorece o tráfego em todo o trecho.

A beleza que envolve a passagem pela cidade e o atravessamento da ponte tem atraído muitos olhares. A ponte se impôs na paisagem e vem se transformando num ponto turístico.

Documentação (fotográfica, textos, bibliografias, e outras documentações que citem o bem)

Figura 46 – Ponte Anita Garibaldi

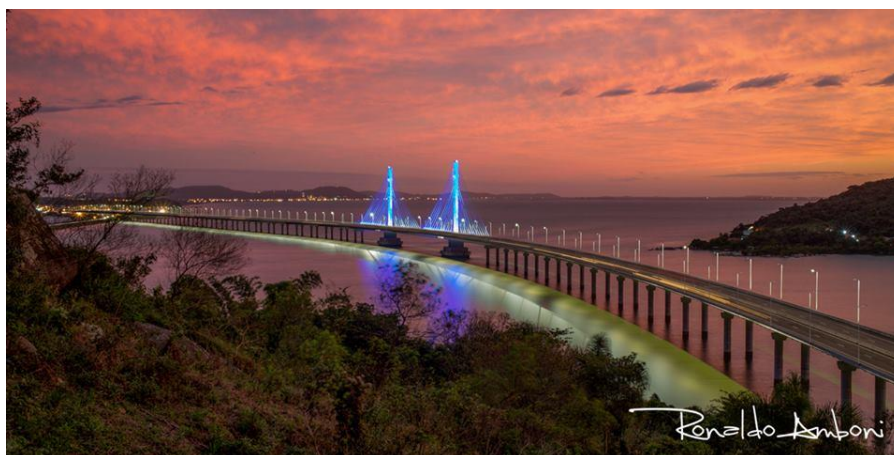


Foto: Ronaldo Amboni.

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

CITTADIN, Ana Paula. **Laguna, paisagem e preservação**: o patrimônio cultural e natural do município. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. 199p.

IPHAN. **Referências Culturais**. Projeto Diagnóstico Documental do Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina. Convênio 51/2006. Associação Educacional Luterana de Santa Catarina Bom Jesus (IELUSC) Faculdade de Turismo. Joinville, 2008.

ZAMPARETTI, Bruna Cataneo. **Sambaqui Cabeçadas 01 um Território resiliente**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014. 155p.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

APÊNDICE F - Fichas de Inventário de Bem Cultural - Lugares

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna - Área Urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Praça da República Juliana ou Anita Garibaldi

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☐ ()
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☒ (X)

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☒ (x) Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

É um local que atrai muitos turistas e também moradores do município. Nela se encontra o Museu Anita Garibaldi, no prédio onde já esteve sediada a Casa de Câmara e Cadeia, além de uma estátua em homenagem a Anita.

Sua importância como lugar se deve ao fato de ter sediado importantes fatos históricos, como a Proclamação da República Juliana, em 1839. Nesse espaço, além de estar localizado o prédio da Prefeitura Municipal, são realizadas a Semana Cultural de Laguna, em comemoração ao aniversário de Anita Garibaldi, e a Semana da Pátria, 7 de Setembro, quando se comemora a independência do Brasil. Por todos esses fatores, o local é considerado por Lucena (1998) como um “espaço político” da cidade (LUCENA, 1998).

Documentação Fotográfica:

Figura 01 – Praça República Juliana



Fonte: Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes. **Laguna:** de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Dissertação de mestrado para obtenção de grau de mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna - Área Urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Praça Vidal Ramos “Jardim”

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☐ ()
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☒ (X)

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☒ (x) Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Localizada no coração do Centro Histórico, essa praça é a maior da cidade e possui melhor estrutura, arborizada, com bancos e um chafariz construído na década de 30 (LUCENA, 1998). No entanto, de acordo com Tavares et al. (1983), em 1915 iniciou-se um

redesenho da praça da Matriz, que recebeu na época um chafariz e palmeiras imperiais vindas de Petrópolis; no ano seguinte, a praça recebeu iluminação elétrica.

A praça possui em seu entorno, além de várias residências, importantes construções (LUCENA, 1998):

[...] a Igreja Matriz de Santo Antônio, o Banco do Brasil, o Conservatório de música, o Centro Cultural (construído na década de 80) e dois clubes recreativos (centenários) para eventos como festas de casamentos, bailes e boates – o Clube Congresso Lagunense e o Clube Blondim. (LUCENA, 1998, p. 139).

No espaço também acontece a convivência, visto que é um espaço de lazer para os moradores, onde crianças brincam e idosos conversam (LUCENA, 1998).

Documentação Fotográfica:

Figura 01 – Praça Vidal Ramos



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes. **Laguna:** de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Dissertação de mestrado para obtenção de grau de mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

TAVARES, Jeanine Mara et al. Valorização do sítio histórico da Laguna, 1983. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna - Área Urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Largo da Carioca

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☐ ()
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☒ (X)

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☒ (x) Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

De acordo com o site oficial da cidade, alguns historiadores afirmam que a fonte de água natural foi a motivação da localização de Laguna por Domingo de Brito Peixoto. A estrutura da fonte foi construída em 1863, com arquitetura portuguesa e nas cores azul e branco, passando por ampliação em 1906 e uma restauração em 1990. A estrutura física

apresenta tanques, que são revestidos de mármore do tipo carrara, os quais mantêm a água sempre renovada e gelada (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e).

No ano de 1820, antes da construção da atual estrutura, a água jorrava de uma pequena bica e sua qualidade já era apreciada, conforme relato de viagens de Augusto de Saint-Hillaire: “a água que se bebe na cidade é muito boa, vinda do morro e chegando até um chafariz através de um aqueduto feito de pedra [...]” (TAVARES et al., 1983, p. 47; PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e).

Com fonte natural, cuja qualidade é constantemente fiscalizada, o Largo é frequentado tanto por turistas quanto por moradores, sendo estes os grandes consumidores da água, que a consideram mais pura do que a encanada (LUCENA, 1998). Ainda segundo Lucena (1998), a palavra “carioca” significa “casa do homem branco”.

O site oficial da prefeitura (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016e) apresenta um fato curioso que envolve o local: “é a conhecida fonte dos namorados e da juventude, que segundo os moradores enfeitiça com o poder cristalino de suas águas quem dela bebe, trazendo o poder da juventude eterna e a certeza de volta à histórica Laguna”.

De acordo com site do Iphan (IPHAN, 2016d), a fonte da Carioca não teria sido a única em Laguna. Na época da colonização, havia outras duas, que também abasteciam a cidade com água potável: Figueirinha, onde se acredita que Anita e Guisepppe Garibaldi teriam se conhecido, e a de Campo de Fora.

Documentação Fotográfica:

Figura 01 - Largo da Carioca.



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Laguna (SC)**. Disponível em: < <http://portal.Iphan.gov.br/pagina/detalhes/397/>>. Acesso em: 20 mar. 2016d.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes. **Laguna:** de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Dissertação de mestrado para obtenção de grau de mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Pontos Turísticos**. Disponível em: < <http://www.laguna.sc.gov.br/museus.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016e.

TAVARES, Jeanine Mara et al. Valorização do sítio histórico da Laguna, 1983. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna - Área Urbana	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Praça Doutor Paulo Carneiro

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☐ ()
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☒ (X)

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☒ (x) Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Localizada em frente ao Mercado Público, esta praça também apresenta diferentes usos por parte da população. Lucena (1998) afirma que ela é uma extensão das atividades de comércio do Centro, onde há ponto de táxi, feira de hortifrúti, pescadores vendendo seus peixes frescos, além de barracas de todo o tipo.

Além disso, a praça é um ponto de convívio de moradores que se encontram no local para conversar e também observar o movimento do centro (LUCENA, 1998).

Documentação Fotográfica:

Figura 01 - Praça Dr. Paulo Carneiro (círculo vermelho).



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes. **Laguna:** de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Dissertação de mestrado para obtenção de grau de mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna - Mar Grosso	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Molhes da Barra

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☐ ()
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☒ (X)

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☒ (x) Desenvolvimento desordenado
☐ () Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

O Molhes da Barra está localizado na praia do Mar Grosso e possui 1 km de extensão. Nele acontece o encontro entre as águas das lagoas e do rio Tubarão com o mar (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014f).

Palco da pesca artesanal com auxílio de botos, atrai o olhar principalmente dos turistas que visitam o local para apreciar a atividade. O Molhes da Barra possui diversos usos: pelos pescadores, que o frequentam diariamente para realizar a pesca, garantir o sustento de suas famílias e também da pesca recreativa; pelos turistas, que se encantam com a beleza e com a pesca e visitam e acampam constantemente no local, com destaque para o verão; pelos próprios moradores, que caminham pela área; e pelos surfistas, que utilizam o Molhes como conexão com o mar (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014f).

Além disso, há um farol de pequeno porte na ponta do Molhes, o qual orienta navegadores que passam pela região (CITTADIN, 2010).

As obras de construção do Molhes da Barra, de acordo com o site oficial da Prefeitura, iniciaram-se em 1936, por conta de problemas de navegabilidade na área. A maior importância do Molhes foi após a Segunda Guerra Mundial, quando a entrada e saída de navios no Porto de Laguna era intensa, ocasião em que os navios de guerra tinham suas caldeiras abastecidas de carvão. Além disso, do canal também escoavam os produtos da agricultura e pesca da região, que eram enviados para diversos locais (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014f).

De acordo com Cittadin (2010), o escoamento do carvão foi um dos principais responsáveis por obras como o Molhes e a Ponte da Cabeçada.

Quase 10 anos depois, em 1945, a circulação de embarcações pela barra começa a diminuir, o que é movido por um “estrangulamento da barra”, que acabou por prejudicar a navegação e gerou alguns anos mais tarde, em 1958, o desenvolvimento de projetos voltados para a melhoria do Molhes. A trágica enchente do rio Tubarão, que aconteceu em 1974, teve como consequência muitas mortes, feridos e destruição. Suas consequências em Laguna culminaram na destruição da extremidade do Molhe Sul, ocasionando a obstrução do acesso ao porto feita por embarcações de grande porte. Somente em 2001 houve a reconstrução dessa área destruída. Atualmente está em andamento um projeto que prevê diversas melhorias na estrutura física do Molhes, objetivando receber melhor os turistas e moradores (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014f).

Documentação Fotográfica:

Figura 01 - Molhes da Barra



Fonte: Site Prefeitura de Laguna (2014f).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

CITTADIN, Ana Paula. **Laguna, paisagem e preservação:** o patrimônio cultural e natural do município. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. 199p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Projeto para melhorias dos Molhes da Barra.** Disponível em: < http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8460>. Acesso em: 04 set. 2014f.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Farol de Santa Marta

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☐ ()
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☒ (X)

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☒ (x) Desenvolvimento desordenado
☒ (x) Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

Localizado no Cabo do Santa Marta, a cerca de 17 km do centro de Laguna, o Farol de Santa Marta começou a ser planejado em 1880, mas sua construção se iniciou apenas dez anos depois, em 1890 (DEMATHÉ, 2014). Ainda de acordo com Demathé, a construção

do Farol se deu com o objetivo de sinalizar melhor os mais de 8 mil quilômetros de orla, onde os acidentes eram constantes:

O final do século XIX e início do século XX foram marcados pelo incremento da navegação no oceano Atlântico, e os sinistros marítimos não eram raros. O acidente geográfico do Cabo de Santa Marta Grande era muito temido pelos navegadores, tido como uma espécie de esquina, onde afunilava o trânsito de embarcações de várias bandeiras. (MARTINS, 1997 *apud* DEMATHÉ, 2014, p. 100).

A construção do Farol foi feita com matéria-prima disponível na região: pedras, areia e barro, óleo de baleia e conchas dos sambaquis (que na época eram utilizadas em construções). O Farol mede 40 metros de altura e está localizado a 50 metros acima do nível do mar; a luz transmitida por ele alcança aproximadamente 23 milhas, o que equivale a cerca de 37 km. O alcance do Farol possibilita sinalizar aos navegadores das embarcações a proximidade com a costa e os riscos nela existentes, entre eles a famosa Lage da Jaguaruna. Atualmente o Farol também emite uma luz vermelha, que tem um alcance um pouco maior, 46 milhas (DEMATHÉ, 2014).

De acordo com o site oficial da prefeitura do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2014f), o Farol é considerado o maior das Américas e o terceiro no mundo em capacidade de alcance. Além disso, está entre as maiores atrações turísticas, se não a maior, uma vez que atrai muitos visitantes, por conta da beleza natural local, que é possível ser vista em seu entorno, com destaque para as praias, com ondas consideradas as melhores do país, as quais atraem praticantes de diversas modalidades de surf.

Documentação Fotográfica:

Figura 01 – Farol de Santa Marta



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

DEMATHÉ, Alexandro. **ENTRE SAMBAQUIS, REDES E NAUFRÁGIOS:** Arqueologia Costeira no Parque Arqueológico do Sul – SC. Dissertação de Mestrado – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014. 201 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Projeto para melhorias dos Molhes da Barra.** Disponível em: < http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8460>. Acesso em: 04 set. 2014f.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.
Data: 2015 e 2016.

	
Ficha de Inventário de Bem Cultural – Imaterial	
Município (área - urbana/rural): Laguna	Estado: SC
Coordenadas UTM:	
Pesquisador (a): Ketilin Keli da Silva	Data: 2016

Identificação: Sítios Arqueológicos

Grau de interesse de preservação do patrimônio cultural imaterial:

Alto ☒ (x)
 Médio ☐ ()
 Baixo ☐ ()
 Tombamento – Sim ☐ () Não ☐ ()

Categoria do patrimônio cultural imaterial:

Ofícios e modo de fazer ☐ ()
 Celebrações ☐ ()
 Formas de expressão ☐ ()
 Lugares ☒ (X)

Informações sobre organizações locais interessadas no patrimônio imaterial:

Informação não levantada.

Fatores que afetam o patrimônio cultural imaterial:

☒ (x) Desenvolvimento desordenado
☒ (x) Pressões turísticas e/ou de visitantes
☒ (x) Desinteresse da comunidade local
☒ (x) Falta de políticas públicas que promovam e preservem o patrimônio imaterial

Informações do patrimônio cultural imaterial (Descrição, história e desenvolvimento, mudanças significativas que o patrimônio imaterial sofreu incluindo questões recentes de conservação):

A arqueologia é a ciência que estuda o homem através dos vestígios materiais deixados por ele no ambiente. Os sítios arqueológicos são os locais onde encontramos esses

vestígios, e em Laguna há registro de 56 sítios³⁵ ligados à ocupação humana pré-histórica, ou seja, antes da chegada dos colonizadores ao município (FARIAS; KNEIP, 2010).

Classificamos os sítios arqueológicos como lugares, pois são espaços com presença de testemunhos de como o homem se relacionava com seu ambiente na pré-história e aproveitava os recursos naturais para subsistência. A relação do homem com o mar, por exemplo, é bastante antiga em Laguna, e a maioria dos sítios arqueológicos são sambaquis – se destacam no ambiente por ter formato monticular de variados tamanhos, formados de conchas, remanescentes faunísticos, artefatos líticos, fogueiras e sepultamentos cerimoniais –, e eram produzidos pelos pescadores e coletores, que se alimentavam principalmente de recursos marinhos (FARIAS; KNEIP, 2010).

Apresentamos no Quadro 29 os nomes, local e tipos³⁶ de sítios arqueológicos existentes no município de Laguna.

Quadro 01 – Sítios arqueológicos em Laguna

Nome	Tipo	Local
Barreiros	Sambaqui	Ponta da Laranjeira
Cabeçuda I	Sambaqui	Cabeçuda
Santa Marta I	Sambaqui	Farol de Santa Marta
Santa Marta II	Sambaqui	Farol de Santa Marta
Santa Marta III	Sambaqui	Farol de Santa Marta
Caieira	Sambaqui	Morro da Glória
Caputera I	Sambaqui	Bairro Caputera
Caputera II	Sambaqui	Bairro Caputera
Carnaça I	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça II	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça III	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça IV	Sambaqui	Bairro Campos Verdes

³⁵ O site de Laguna e o do Iphan apresentam dados desatualizados, por afirmar haver 43 sítios arqueológicos na cidade, com a presença de vestígios de sambaquieiros e guaranis (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2016a; IPHAN, 2016d).

³⁶ De acordo com Farias e Kneip (2010, p. 33) “podemos dividir os sítios arqueológicos em alguns tipos básicos, considerando seus indicadores culturais, isto é, conteúdo, padrão construtivo e função. A classificação é feita de acordo com a presença ou ausência de alguns elementos considerados chave: cerâmica, conchas, forma, alguns artefatos líticos (pontas de flecha, bumerangoides etc.), tipo de tratamento que se dá aos mortos, entre outros”.

Carnaça V	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Estreito	Sambaqui	-
Estreito II	Sambaqui	-
Estreito III	Sambaqui	-
Galheta I	Sambaqui	Praia da Galheta
Galheta II	Sambaqui	Praia da Galheta
Galheta III ou do Padre	Sambaqui	Praia da Galheta
Galheta IV	Jê-Taquara/Itararé	Praia da Galheta
Km 308	Tupi-guarani	Barranceira
Magalhães	Sambaqui	Bairro de Magalhães
Passagem da Barra	Sambaqui	Passagem da Barra
Peixaria	Sambaqui	Ponta da Laranjeira
Ponta da Laranjeira	Sambaqui	Ponta da Laranjeira
Ponta de Perrechil I	Sambaqui	Perrechil
Ponta de Perrechil II	Sambaqui	Perrechil
Porteira	Sambaqui	-
Ribeirão Pequeno	Sambaqui	Ribeirão Pequeno
Roçado	Sambaqui	Ponta da Laranjeira
Canto da Lagoa I	Sambaqui	Campos Verdes
Canto da Lagoa II	Sambaqui	Campos Verdes
Canto da Lagoa III	Sambaqui	Campos Verdes
Cabeçuda II	Sambaqui	Bairro Cabeçuda
Carnaça IV	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça VII	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça IX	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Carnaça X	Sambaqui	Bairro Campos Verdes
Costão do Ilhote de Santa Marta	Tupi-guarani	Farol de Santa Marta
Lítico do Ipoã III	Oficina lítica	Praia do Ipoã
Lagoa dos Bixos	Sambaqui	Galheta
Madre	Sambaqui	Ribeirão Grande
Roseta (Ilhote de Ipoã)	Sambaqui	Ipoã

Santa Marta IV	Sambaqui	Farol de Santa Marta
Santa Marta V	Sambaqui	Farol de Santa Marta
Ilhote do Ipoã II	Sambaqui	Ipoã
Ilhote do Ipoã III	Sambaqui	Ipoã
Canto da Lagoa IV	Sambaqui	Campos Verdes
Lagoa dos Bixos II	Sambaqui	Galheta
Lagoa dos Bixos III	Sambaqui	Galheta
Lagoa dos Bixos IV	Sambaqui	Galheta
Lagoa dos Bixos V	Sambaqui	Galheta
Morro do Céu	Estação lítica	Farol de Santa Marta
Laguna – Morro do Peralta	Sambaqui	Centro
Bentos I	Tupi-guarani	Bentos
Bentos II		Bentos

Fonte: Farias e Kneip (2010)

Documentação Fotográfica:

Figura 01– Sambaquis de Laguna



Fonte: Site de Laguna (2016).

Ficha técnica:

Fornecedor da informação:

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de, KNEIP, Andreas. **Panorama Arqueológico de Santa Catarina**. Palhoça: Editora Unisul, 2010. 306 p.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Laguna (SC)**. Disponível em: < <http://portal.Iphan.gov.br/pagina/detalhes/397/>>. Acesso em: 20 mar. 2016d.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **História**. Disponível em: <<http://www.laguna.sc.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 23 mar. 2016^a.

Responsável pelo Levantamento: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

Responsável pela Revisão: Ketilin Keli da Silva.

Data: 2015 e 2016.

ANEXOS

ANEXO A - Currículo Lattes



Ketilin Keli da Silva

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0773305750947179>

Última atualização do currículo em 02/04/2016

Resumo informado pelo autor

Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2012). É auxiliar de laboratório da Universidade do Sul de Santa Catarina desde abril de 2011. Tem experiência na área de Arqueologia Histórica e Pré-História, atuando em projetos acadêmicos e de contrato. Pesquisado Arqueologia Subaquática pela Universidade de Tomar - UAL (Universidade Autônoma de Lisboa) (2013) e Mestranda do Programa de Pós Graduação em Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina na linha de pesquisa Linguagem e Cultura.

(Texto informado pelo autor)

Dados pessoais

Nome	Ketilin Keli da Silva
Nome em citações bibliográficas	SILVA, K. K.
Sexo	Feminino
Cor ou Raça	Branca
Filiação	Jaime da Silva e Marli da Cruz da Silva
Nascimento	01/12/1988 - Urussanga/SC - Brasil
Carteira de Identidade	12 ssp - SC - 06/10/1999
CPF	064.652.169-14
Endereço residencial	Avenida Marechal Deodoro - 2177 Fábio Silva - Tubarão 88702000, SC - Brasil Telefone: 48 96647669 Celular 48 91397669
Endereço profissional	Universidade do Sul de Santa Catarina, GRUPEP Avenida José Cassio Moreira Dehon - Tubarão 88702000, SC - Brasil Telefone: 48 36213195 URL da home page: www.grupep.arq.br/
Endereço eletrônico	E-mail para contato : ketilin.arqueologia@gmail.com E-mail alternativo ketilin.silva@unisul.br

Formação acadêmica/titulação

- 2013** Mestrado em Ciências da Linguagem.
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarao, Brasil
- Orientador: Deisi Scunderlick Eloy de Farias 
Co-orientador: Marcia Fernandes Rosa Neu
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- 2012 - 2013** Especialização em Arqueologia Subaquática.
Universidade Autônoma de Lisboa, UAL, Portugal
Título: Educação Patrimonial no Projeto Barra Sul
Orientador: Deisi Scunderlick Eloy de Farias
- 2009 - 2012**

Graduação em Licenciatura em História.
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarao, Brasil
Título: OS PRIMEIROS CONTATOS ESTABELECIDOS ENTRE OS ÍNDIGENAS E OS IMIGRANTES OCORRIDOS NA CIDADE DE URUSSANGA-SC
Orientador: Deisi Scunderlick Eloy de Farias

Graduação interrompido(a) em Administração.
Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, Brasil
Ano de interrupção: 2007

Formação complementar

- 2014 - 2014** Curso de curta duração em Pesquisas arq. em Sambaquis no Sul e Sudeste do BR. (Carga horária: 6h).
Universidade da Região de Joinville, UNIVILLE, Joinville, Brasil
- 2012 - 2013** Arq. e Conservação Subaq. e Mergulho Científico. . (Carga horária: 500h).
Instituto Politécnico de Tomar, IPT, Tomar, Portugal
- 2013 - 2013** Curso de curta duração em Introdução a Arqueologia Subaquática. (Carga horária: 8h).
Universidade de São Paulo, USP, Sao Paulo, Brasil
- 2012 - 2012** Curso de curta duração em Open Water Diver. (Carga horária: 32h).
SEA Divers, PADI, Brasil
- 2012 - 2012** Curso de curta duração em Percepção de Tecnologias Pré-Históricas e Históric. (Carga horária: 20h).
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarao, Brasil
- 2012 - 2012** Curso de curta duração em Curso de Conservação de material em meio úmido. (Carga horária: 20h).
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarao, Brasil
- 2011 - 2011** Curso de curta duração em Introdução à Arqueologia e Educação Patrimonial. (Carga horária: 16h).
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarao, Brasil

Atuação profissional

1. Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

Vínculo institucional

- 2012 - Atual** Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Auxiliar de Laboratório , Carga horária: 44, Regime: Dedicção exclusiva
Outras informações:
Grupep Arqueologia
- 2011 - 2011** Vínculo: Bolsista , Enquadramento funcional: Iniciação Científica , Carga horária: 30, Regime: Parcial

Membro de corpo editorial

1. Revista Memorare

Vínculo

- 2013 - Atual** Regime: Parcial
Outras informações:
A Revista Memorare, do Grupep-Arqueologia, aberta a colaboradores do Brasil e exterior interessados em propostas vinculadas as temáticas de preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural material e imaterial. Destacamos como temas a serem discutidos em conjunto ou através de dossiês: Arqueologia Pré-histórica, Arqueologia Histórica, Arqueologia subaquática, Educação Patrimonial, Geoprocessamento, Gestão do Patrimônio Cultural, Memória, Identidade, Conservação e Restauro. Além desses temas, outros assuntos correlatos podem ser discutidos.

Áreas de atuação

1. Arqueologia Pré-Histórica

Produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. **SILVA, K. K.; FARIAS, D. S. E.**
OS PRIMEIROS CONTATOS ESTABELECIDOS ENTRE OS XOKLENG E OS IMIGRANTES ITALIANOS NA CIDADE DE URUSSANGA, SANTA CATARINA. Revista Memorare. , v.01, p.183 - 198, 2013.
Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Meio digital
Esse artigo é parte do trabalho de conclusão do curso de História e teve como objetivo principal identificar de que forma ocorreram os primeiros contatos entre o Índio Xokleng e o imigrante italiano em Urussanga e de que maneira esses conflitos gerados por diferenças culturais, levaram a muitas vítimas e consequentemente, a extinção do grupo indígena na região. Passadas muitas décadas, esse momento da história ainda está presente na memória da população de Urussanga, fato esse identificado através de entrevistas realizadas com os moradores mais antigos do município.

Artigos em jornal de notícias

1. **SILVA, K. K.**
As intervenções do Estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na Era Vargas. Jornal Vanguarda. , p.2 - 2, 2011.
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Produção técnica

Trabalhos técnicos

1. FIGUEIREDO, A.; MONTEIRO, C.; **FARIAS, D. S. E.**; DEMATHE, A.; GUIMARAES, G. M.; **SILVA, K. K.**
Investigação Arqueológica na Gruta do Bacelinho, 2013
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro
IGESPAR n° DRC/2013/10-02/132/PATA/1105 (C.S.:109944)
2. **FARIAS, D. S. E.**; ZAMPARETTI, B. C.; HORDEJUK, C.; **SILVA, K. K.**; SILVA, R. E.
Programa de Educação Patrimonial de Prospecção arqueológica pré-hostórica histórica e subaquática na área de implantação do TCP-Terminal de contêineres de Paranaguá-PR, 2013
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
3. **FARIAS, D. S. E.**; ZAMPARETTI, B. C.; **SILVA, K. K.**; SILVA, R. E.
Programa de Educação Patrimonial - Projeto Resgate Barra Sul: Baía Sul de Florianópolis - Prospecção e Pesquisa Arqueológica Subaquática, Naufragados - SC, 2012
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
4. **FARIAS, D. S. E.**; DEMATHE, A.; ALVES, L.; FIGUEIREDO, M.; NEU, M. F. R.; **SILVA, K. K.**; GOMES, R. S.
Projeto de pesquisa. Programa de salvamento arqueológico, monitoramento e difusão do patrimônio arqueológico na área de duplicação da BR-116, Curitiba, fazenda Rio Grande e Mandirituba – PR, 2012
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
5. **FARIAS, D. S. E.**; DEMATHE, A.; GUIMARAES, G. M.; ZAMPARETTI, B. C.; ALVES, L.; GOMES, R. S.; **SILVA, K. K.**
Projeto Resgate Barra Sul: Baía Sul de Florianópolis - Prospecção e Pesquisa Arqueológica Subaquática, Naufragados - SC, 2012
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro
6. **FARIAS, D. S. E.**; DEMATHE, A.; ALVES, L.; ZAMPARETTI, B. C.; BRANCO, L. S. C.; GUIMARAES, G. M.; **SILVA, K. K.**; FIDELIX, E.; FIGUEIREDO, M.
Prospecção Arqueológica e difusão do patrimônio arqueológico na área de implantação de condomínio residencial Minha Casa, Minha Vida, no município de Imituba-SC, 2012
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
7. BRANCO, L. S. C.; **SILVA, K. K.**; DEMATHE, A.; **FARIAS, D. S. E.**; FERNANDES, F. M.; FIGUEIREDO, M.; GUIMARAES, G. M.; ZAMPARETTI, B. C.
Programa de Educação Patrimonial e Salvamento Arqueológico na Área de Influência da Linha de transmissão 69 kV PCH Barra do Rio Chapéu - Subestação Braço do Norte.. 2011., 2011
Referências adicionais : Brasil/Português.
8. **SILVA, K. K.**; **FARIAS, D. S. E.**; DEMATHE, A.; GUIMARAES, G. M.; FERNANDES, F. M.; ZAMPARETTI, B. C.; FIGUEIREDO, M.; BRANCO, L. S. C.
Programa de Pesquisa Arqueológica do Sambaqui Jaguaruna IX e Educação Patrimonial na Área de Pavimentação, Retificação e Alargamento da Estrada José Alves, Itapoá/SC. 2011, 2011
Referências adicionais : Brasil/Português.
9. **FARIAS, D. S. E.**; DEMATHE, A.; BRANCO, L. S. C.; ALVES, L.; **SILVA, K. K.**; FIGUEIREDO, M.; FIDELIX, E.
Programa de Salvamento arqueológico monitoramento e difusão do Patrimônio arqueológico na área de implantação das LTs 138KV Garuva/Itapoá/Pirabeiraba nos municípios de Garuva, Itapoá e Joinville-SC, 2011
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
10. BRANCO, L. S. C.; DEMATHE, A.; **FARIAS, D. S. E.**; FERNANDES, F. M.; FIGUEIREDO, M.; ZAMPARETTI, B. C.; ALVES, L.; **SILVA, K. K.**
Programa de salvamento, monitoramento e extroversão do patrimônio Arqueológico da BR 386-RS-Trecho :Trinfo, Tabai, Taquari, Fazenda Vila Nova, Paverama, Bom Retiro do Sul e Estrela-RS.. 2011., 2011

Referências adicionais : Brasil/Português.

11. ALVES, L.; FIGUEIREDO, M.; FERNANDES, F. M.; [FARIAS, D. S. E.](#); DEMATHE, A.; [SILVA, K. K.](#). **Prospecção Arqueológica Histórica na Área de Restauração da CASA DE CÂMARA E CADEIA.**, 2011

Referências adicionais : Brasil/Português.

Redes sociais, websites, blogs

1. [SILVA, K. K.](#).
Grupep Arqueologia, 2012

Referências adicionais : Brasil/Português. . Home page: www.facebook.com/GrupepArqueologia

Demais produções técnicas

1. [SILVA, K. K.](#); ZAMPARETTI, B. C.; SILVA, R. E.
Educação Patrimonial no município de Paranaguá/PR, 2013. (Outro, Curso de curta duração ministrado)
Referências adicionais : Brasil/Português. 20 horas.
2. ROSA, P. A. C.; [SILVA, K. K.](#); [FARIAS, D. S. E.](#).
Reciclagem na comunidade de São Bento de Maragogi - AL, 2013. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
3. ROSA, P. A. C.; [SILVA, K. K.](#); [FARIAS, D. S. E.](#).
Saúde Bucal da comunidade de São Bento de Maragogi - AL, 2013. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
4. LOURENCO, A. S.; STOLLMEIER, L. A.; [FARIAS, D. S. E.](#); DEMATHE, A.; [SILVA, K. K.](#).
Arqueologia do Paraná, 2012. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
5. [FARIAS, D. S. E.](#); [SILVA, K. K.](#); DEMATHE, A.
Arqueologia e preservação na Coxíla Rica, 2012. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional)
Áreas do conhecimento : Arqueologia Histórica, Arqueologia Pré-Histórica
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
6. [FARIAS, D. S. E.](#); [SILVA, K. K.](#); DEMATHE, A.
Arqueologia: Você sabe o que é?, 2012. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
Material didático sobre Arqueologia de Santa Catarina distribuído em Florianópolis, Jaguaruna e Laguna - SC

Educação e Popularização de C&T

Redes sociais, websites e blogs

1. [SILVA, K. K.](#).
Grupep Arqueologia, 2012. (Rede Social, Mídias sociais, websites, blogs)
Referências adicionais : Brasil/Português. . Home page: www.facebook.com/GrupepArqueologia

Orientações e Supervisões

Orientações e supervisões

Orientações e supervisões concluídas

Iniciação científica

1.  Deisi Scunderlick Eloy de Farias. **Salvamento arqueológico em dois sambaquis: Sambaqui 01 localizado na estrada José Alves, Itapoá-SC; Sambaqui 02 localizado na estrada de acesso ao porto de Itapoá-SC.** 2011. Iniciação científica (História) - Universidade do Sul de Santa Catarina
Áreas do conhecimento : Arqueologia
Setores de atividade : Educação
Referências adicionais : Brasil/Português.

Eventos

Eventos

Participação em eventos

1. **9ª Primavera dos Museus**, 2015. (Outra)
Mesa redonda: Diversidade Étnica e Povos Indígenas.
2. **IV Semana Internacional de Arqueologia**, 2015. (Outra)
X Semana dos Povos Indígenas do Grupop Arqueologia - Promoção e difusão do Patrimônio Arqueológico sul-catarinense.
3. **X Semana dos Povos Indígenas**, 2015. (Outra)
Monitor.
4. **Conferência - Currículo e interculturalidade: desafios para a escola**, 2014. (Outra)
.
5. **II Congreso Internacional de Arqueología de la Cuenca del Plaa**, 2014. (Congresso)
Carta Arqueológica do sul de Santa Catarina.
6. **III Encontro Internacional sobre o patrimônio cultural, marítimo e costeiro e I Seminário Internacional de Arqueologia Subaquática**, 2014. (Encontro)
.
7. Apresentação de Poster / Paineis no(a) **III Encontro Internacional sobre o patrimônio cultural, marítimo e costeiro e I Seminário Internacional de Arqueologia Subaquática**, 2014. (Encontro)
Reconstrução 3D: uma ferramenta do arqueólogo subaquático.
8. Apresentação de Poster / Paineis no(a) **III Encontro Internacional sobre o patrimônio cultural, marítimo e costeiro e I Seminário Internacional de Arqueologia Subaquática**, 2014. (Encontro)
Processos Intrusivos (escavação) em Patrimônio Subaquático.
9. Apresentação de Poster / Paineis no(a) **III Encontro Sul Brasileiro de Educação Patrimonial e I Seminário Nacional de Educação Escolar Indígena**, 2014. (Encontro)
Oficina de Cerâmica: Uma forma de aprender na prática.
10. **III Encontro Sul Brasileiro de Educação Patrimonial e I Seminário Nacional de Educação Escolar Indígena**, 2014. (Encontro)
.
11. **III Encontro Sul Brasileiro de Educação Patrimonial e I Seminário Nacional de Educação Escolar Indígena**, 2014. (Encontro)
IX Semana dos Povos Indígenas - Memória, identidade e linguagem na terra dos mil povos.
12. **IX Reunião da SAB Sul**, 2014. (Outra)
Oficina de escavação em arqueologia simulada: teoria e prática para alunos do ensino fundamental e médio.
13. **IX Reunião da SAB Sul**, 2014. (Outra)
Educação Patrimonial e socialização do conhecimento: IX Semana dos Povos Indígenas do GRUPEP Arqueologia/UNISUL.
14. **IX Reunião da SAB Sul**, 2014. (Outra)
.
15. **IX Reunião da SAB Sul**, 2014. (Outra)
Pesquisa Arqueológica em um abrigo sob rocha da Tradição Umu - RS-TQ-140, Tabai/RS.
16. **IX Semana dos Povos Indígenas - Santa Catarina a Terra dos Mil Povos**, 2014. (Outra)
Monitoria.
17. **Seminário História e Patrimônio: diálogos e perspectivas**, 2014. (Seminário)
A memória e a oralidade como fonte de investigação dos primeiros contatos estabelecidos entre os Xokleng e os imigrantes italianos na cidade de Urussanga/SC.
18. **VI SIMFOP - Simpósio de Formação de Professores: educação, currículo e escola**, 2014. (Seminário)
.
19. **VI SIMFOP - Simpósio de Formação de Professores: educação, currículo e escola**, 2014. (Seminário)
Cultura e patrimônio material e imaterial no município de Laguna e sua inserção na cultura escolar da rede pública de ensino.
20. **Conferência "Decifrando a cultura alimentar pré-histórica no litoral sul do Brasil: uma perspectiva isotópica"**, 2013. (Outra)
.
21. **Conferência "Relações hemisféricas: a América Latina e o documentário transnacional"**, 2013. (Outra)
.
22. **Fronteiras in(visíveis): um olhar crítico sobre a comunidade étnica de origem germânica do sul do Estado de Santa Catarina.**, 2013. (Outra)
.
23. **II Encontro Sul Brasileiro de Educação Patrimonial**, 2013. (Encontro)
.
24. **IX Jornada de Arqueologia Ibero-Americana e I Jornada de Arqueologia Transatlântica**, 2013. (Outra)
O contato intercultural: os primeiros contatos estabelecidos entre os indígenas e os imigrantes ocorridos na cidade de Urussanga.
25. **IX Jornada de Arqueologia Ibero-Americana e I Jornada de Arqueologia Transatlântica**, 2013. (Outra)

Educação Patrimonial e socialização do conhecimento: VIII Semana dos Povos Indígenas do GRUPEP Arqueologia/UNISUL.

26. **Palestra de Abertura da VIII Semana dos Povos Indígenas, outras culturas, múltiplas linguagens: O patrimônio marinho e costeiro do Sul de Santa Catarina**, 2013. (Outra)
27. **Semana de qualificação de projetos de dissertação**, 2013. (Outra)
28. Apresentação Oral no(a) **Seminário Luso-Brasileiro de Arqueologia e Patrimônio**, 2013. (Seminário)
Ações educativas na área do sítio SC-Naufragados-01.
29. **Seminário Luso-Brasileiro de Arqueologia e Patrimônio**, 2013. (Seminário)
30. Apresentação (Outras Formas) no(a) **VIII Semana dos Povos Indígenas, outras culturas, múltiplas linguagens: O patrimônio marinho e costeiro do Sul de Santa Catarina**, 2013. (Outra)
Monitor.
31. **VIII Semana dos Povos Indígenas, outras culturas, múltiplas linguagens: O patrimônio marinho e costeiro do Sul de Santa Catarina**, 2013. (Outra)
32. Apresentação de Poster / Painel no(a) **1ª Seminário Nacional Discurso, Cultura e Mídia - 1ª Jornada de Pesquisas em Curso**, 2012. (Seminário)
O contato intercultural: Os primeiros contatos estabelecidos entre os indígenas e os imigrantes ocorridos na cidade de Urussanga/SC.
33. Apresentação de Poster / Painel no(a) **1ª Seminário Nacional Discurso, Cultura e Mídia - 1ª Jornada de Pesquisas em Curso**, 2012. (Seminário)
Projeto de Arqueologia Subaquática na Barra Sul de Florianópolis: O papel da mídia na difusão do patrimônio arqueológico.
34. Apresentação Oral no(a) **IV Simfop - Simpósio Nacional de Formação de Professores: Currículo, escola e conhecimento**, 2012. (Simpósio)
VII Semana dos Povos Indígenas: o ano de 1500, culturas e diversidades em contato.
35. Apresentação Oral no(a) **IV Simfop - Simpósio Nacional de Formação de Professores: Currículo, escola e conhecimento**, 2012. (Simpósio)
Discutindo o patrimônio arqueológico: atividade de educação patrimonial na Escola Municipal Coronel Ailire Carneiro, no Distrito de Pirabeiraba município de Joinville SC.
36. **Segundo Encuentro Regional sobre el Patrimonio Cultural Marítimo y Costero**, 2012. (Encontro)
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO PROJETO DE ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA NA BARRA SUL DE FLORIANÓPOLIS.
37. Apresentação Oral no(a) **Segundo Encuentro Regional sobre el Patrimonio Cultural Marítimo y Costero**, 2012. (Encontro)
ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA BAÍA SUL DE FLORIANÓPOLIS – SC.
38. **VII Semana dos Povos Indígenas - Evento de abertura**, 2012. (Outra)
39. **VII Semana dos Povos Indígenas - O ano de 1500 - Culturas e Diversidades em Contato**, 2012. (Encontro)
Monitoria.
40. **VIII Encontro da SAB Sul**, 2012. (Encontro)
Indígenas e Imigrantes italianos: contatos interculturais, extinção e guerra na cidade de Urussanga-SC, na metade do século XIX.
41. Apresentação (Outras Formas) no(a) **VI Semana dos Povos Indígenas: Arqueologia e pré-história na Mata Atlântica - caçadores-coletores.. 2011. (Oficina)**, 2011. (Oficina)
Orientação dos alunos nas oficinas e jogos.
42. **Semana dos Museus**, 2010. (Seminário)
43. **Seminário do Curso de História**, 2010. (Seminário)
44. **V Semana dos Povos Indígenas: Pré-História do homem e seus objetos**, 2010. (Encontro)
45. **VIII Maio Negro - África, Africanidades e Afrodescendência**, 2009. (Seminário)

Organização de evento

1. **FARIAS, D. S. E.**; ZAMPARETTI, B. C.; DEMATHE, A.; GUIMARAES, G. M.; **SILVA, K. K.**; SILVA, R. E. **X Semana dos Povos Indígenas**, 2015. (Outro, Organização de evento)
Referências adicionais : Brasil/Português.
2. **FARIAS, D. S. E.**; DEMATHE, A.; ZAMPARETTI, B. C.; **SILVA, K. K.**; GUIMARAES, G. M.; SILVA, R. E. **III ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL, MARÍTIMO E COSTEIRO E I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA**, 2014. (Outro, Organização de evento)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro
3. **FARIAS, D. S. E.**; **SILVA, K. K.** **III Encontro Sul Brasileiro de Educação Patrimonial e I Seminário Nacional de Educação Escolar Indígena**, 2014. (Outro, Organização de evento)
Referências adicionais : Brasil/Português.
- 4.

FARIAS, D. S. E.; DEMATHE, A.; ZAMPARETTI, B. C.; SILVA, R. E.; GUIMARAES, G. M.; **SILVA, K. K.**
IX Semana dos Povos Indígenas - Santa Catarina a Terra dos Mil Povos, 2014. (Outro, Organização de evento)
Referências adicionais : Brasil/Português.

5. **FARIAS, D. S. E.**; NEU, M. F. R.; ZAMPARETTI, B. C.; GUIMARAES, G. M.; DEMATHE, A.; **SILVA, K. K.**; SILVA, R. E.
II Encontro Sul Brasileiro de Educação Patrimonial, 2013. (Outro, Organização de evento)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

6. **FARIAS, D. S. E.**; ZAMPARETTI, B. C.; NEU, M. F. R.; GUIMARAES, G. M.; DEMATHE, A.; **SILVA, K. K.**; SILVA, R. E.
VIII Semana dos Povos Indígenas, outras culturas, múltiplas linguagens: O patrimônio marinho e costeiro do Sul de Santa Catarina, 2013. (Outro, Organização de evento)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

7. **FARIAS, D. S. E.**; **SILVA, K. K.**
Curso de Arqueologia Subaquática e restauro de material arqueológico em meio úmido, 2012. (Outro, Organização de evento)
Referências adicionais : Brasil/Português.

8. **FARIAS, D. S. E.**; NEU, M. F. R.; DEMATHE, A.; ZAMPARETTI, B. C.; **SILVA, K. K.**; FIGUEIREDO, M.; ALVES, L.; FIDELIX, E.
VII Semana dos Povos Indígenas, 2012. (Outro, Organização de evento)
Áreas do conhecimento : Arqueologia,História
Setores de atividade : Educação
Referências adicionais : Brasil/Português.
A VII Semana dos Povos Indígenas desenvolvida pelo GRUPEP – Arqueologia, promove esse ano, a temática do contato entre indígenas e europeus. Essa discussão ocorre de maneira lúdica e prazerosa para o público do Ensino Fundamental e Médio e ainda, possibilita aos acadêmicos e a comunidade de modo geral a compreensão da pré-história e história brasileira visando sensibilizar o público alvo, para a valorização da nossa cultura.

Totais de produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódico

Jornais de Notícias

Produção técnica

Trabalhos técnicos (elaboração de projeto)

Trabalhos técnicos (outra)

Curso de curta duração ministrado (outro)

Desenvolvimento de material didático ou instrucional

Rede Social

Orientações

Orientação concluída (iniciação científica)

Eventos

Participações em eventos (congresso)

Participações em eventos (seminário)

Participações em eventos (simpósio)

Participações em eventos (oficina)

Participações em eventos (encontro)

Participações em eventos (outra)

Organização de evento (outro)

